

Constantino Ferreira

© Copyright

HAJA LUZ

Exposição Bíblica Temática

ÍNDICE

Abreviaturas	4
Introdução	5
SECÇÃO I – Antigo Testamento	7
I Princípios	9
II Salmos e Provérbios	65
III Profecia	77
SECÇÃO II – Novo Testamento	97
IV Evangelhos	99
V Actos do Espírito	181
VI Epístolas Apostólicas	217
VII Revelação	289
Índice Remissivo	301

ABREVIATURAS

Antigo Testamento			
Gn	Génesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cantares
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronomio	Ez	Ezequiel
Js	Josué	Dn	Daniel
1Sm	1 Samuel	Os	Oséias
2Sm	2 Samuel	Jl	Joel
1Rs	1 Reis	Am	Amós
2Rs	2 Reis	Ob	Obadias
1Cr	1 Crónicas	Jn	Jonas
Ed	Esdras	Mq	Miqueias
Ne	Neemias	Na	Naum
Et	Ester	Sf	Sofonias
Jó	Jó	Ag	Ageu
Sl	Salmos	Zc	Zacarias
Pv	Provérbios	Ml	Malaquias
Novo Testamento			
Mt	Mateus	1Tm	1 Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2 Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Actos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1Co	1 Coríntios	1Pd	1 Pedro
2Co	2 Coríntios	2Pd	2 Pedro
Gl	Gálatas	1Jo	1 João
Ef	Efésios	2Jo	2 João
Fl	Filipenses	3Jo	3 João
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1 Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2 Tessalonicenses		

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de apontamentos para responder a algumas questões postas pelos nossos estudantes, outros resultaram da minha leitura diária, durante a qual selecionei os temas julgados importantes para juntar aqui.

É, por conseguinte, uma miscelânea de temas avulso, embora separados no índice em capítulos especiais segundo a característica dos respectivos livros bíblicos. Primeiramente, estão divididos em duas secções maiores: Antigo Testamento e Novo Testamento.

Então vem a divisão por capítulos. Por exemplo, na primeira secção, classifiquei os primeiros cinco livros da Bíblia como 'Princípios'. Depois, denominei os seguintes como 'Profecia'. A seguir 'Salmos e Provérbios'. Na segunda secção temos 'Evangelhos', seguidos por 'Actos do Espírito' e 'Epístolas Apostólicas'.

Visto que a melhor Hermenêutica é permitir que as Escrituras interpretem a si mesmas, optei por inserir os textos dos escritores bíblicos como explicação do respectivo tema. E, além disso, torna-se desnecessário consultar as referências na Bíblia. Somente adicionei breves comentários, aqui ou ali, a pretexto de ligação dos respectivos trechos bíblicos.

Embora seja uma leitura dirigida ao leitor comum, espero que a mesma seja útil a todos os estudantes das Sagradas Escrituras, sobretudo aos ministros mais novos, e recentemente graduados em Escolas Bíblicas.

Constantino Ferreira

PALAVRAS APOSTÓLICAS

Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas no pleno conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor; visto como o seu divino poder nos tem dado tudo o que diz respeito à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e virtude, pelas quais ele nos tem dado as suas preciosas e grandíssimas promessas para que por elas vos torneis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção que pela concupiscência há no mundo. E por isso mesmo vós, empregando toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência o domínio próprio, e ao domínio próprio a perseverança, e à perseverança a piedade, e à piedade a fraternidade, e à fraternidade o amor. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, elas não vos deixarão ociosos nem infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. (2 Pd 1:1-8)...

E temos ainda mais firme a palavra profética, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma candeia que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça e a estrela da alva surja em vossos corações, sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo. (2 Pd 1:19-21)

Pedro

SECÇÃO I

ANTIGO TESTAMENTO

A GLÓRIA DE DEUS

Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há fala, nem palavras, nem se lhes ouve a voz.

Por toda a terra estende-se a sua linha, e as suas palavras até aos confins do mundo. Neles pôs uma tenda para o sol, que é qual noivo que sai do seu tálamo e se alegra como um herói a correr a sua carreira. A sua saída é desde uma extremidade dos céus, e o seu curso até à outra extremidade deles, e nada se esconde ao seu calor.

A lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos simples. Os preceitos do Senhor são rectos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro e alumia os olhos.

O temor do Senhor é limpo, e permanece para sempre; os juízos do Senhor são verdadeiros e inteiramente justos. Mais desejáveis são do que o ouro, sim, do que muito ouro fino, e mais doces do que o mel e o que goteja dos favos. Também por eles o teu servo é advertido; e em os guardar há grande recompensa.

Quem pode discernir os próprios erros? Purifica-me tu dos que me são ocultos. Também de pecados de presunção guarda o teu servo para que não se assenhoreiem de mim; então serei perfeito e ficarei limpo de grande transgressão.

Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, Rocha minha e Redentor meu! (Salmo 19)

David, Rei de Israel

CAPÍTULO I

PRINCÍPIOS

O HOMEM IMAGEM DE DEUS

Gênesis 2:27

“Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”

Questão

Que imagem é essa que o homem recebeu de Deus? Imagem física não pode ser porque Deus não contém físico. Por conseguinte, só poderá ser imagem espiritual, moral, criativa e administrativa.

Contexto bíblico

Antes de tudo devemos considerar que o espírito de Deus movia-se sobre a face das águas no início da criação. (cf. Gn 1:2). O Espírito estava ali para iniciar a vida marinha antes da vida terrena. Quando o homem foi criado, recebeu de Deus o seu espírito e tornou-se um ser espiritual à semelhança do seu Criador. Como está escrito: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente” (Gn 2:7). Após receber o fôlego da vida, o homem começou a respirar e a viver. Quando deixa de respirar deixa de viver e quando deixa de viver deixa de respirar. É como se costuma dizer: entregou o espírito a

Deus. Como reconhece Jó: “O Espírito de Deus me fez e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida” (Jó 33:4).

Imagem espiritual: Foi através da dádiva do espírito que Deus transmitiu as suas características ao homem para que lhe fosse semelhante, conforme Gênesis 1:27: “Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou.” Jesus confirma a ideia com estas palavras: “Deus é Espírito e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Recorde-mos que Faraó, no Egito, reconheceu, pelo exemplo de José, ser este possuidor do espírito de Deus: “Perguntou, pois, Faraó a seus servos: Poderíamos achar um homem como este, em quem haja o espírito de Deus?” (Gn 41:38).

Também Isaías profetizou acerca do Salvador desta maneira: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura da prisão aos presos” (Is 61:1). Lucas dá testemunho de um homem assistido pelo Espírito Santo desta forma: “Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele” (Lc 2:25).

Da mesma sorte, a Igreja recebeu o Espírito Santo para cumprir a sua tarefa missionária: “E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus” (At 4:31). E Paulo aconselha os cristãos a abundar nos dons espirituais para edificação da igreja. “Assim também vós, já que estais desejosos de dons espirituais, procurai abundar neles para a edificação da igreja” (1 Co 14:12). Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal com espírito de mansidão” (Gl 6:1). E Pedro, escrevendo aos cristãos dispersos, diz: “vós também, quais pe-

dras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (1 Pd 2:5).

Imagem moral: A principal característica da imagem moral é a santidade. O Salmista David convida todos a exaltar ao Senhor desta forma: “Exaltai o Senhor nosso Deus e prostrai-vos diante do escabelo de seus pés porque ele é santo” (Sl 99:5). E Moisés instrui o povo acerca de ser santo com Deus: “Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Sereis santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19:2). Jesus, como filho de Deus, foi reconhecido como santo: “Ah! que temos nós contigo, Jesus, nazareno? vieste destruir-nos? Bem sei quem és, o Santo de Deus” (Lc 4:34).

Os apóstolos instruem a igreja a ser santa como Deus é santo: “...como também nos elegeu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor” (Ef 1:4). “mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento” (1 Pd 1:15). “Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12).

Imagem criativa: Primeiro, reconhecemos Deus como sábio e poderoso Criador. Ele, do nada trouxe todas as coisas à existência. (cf. Gn 1.1,27). O Senhor tomou o homem e o pôs no jardim do Édem para o lavrar e guardar (Gn 2:15). Ele notificou Moisés que tinha arranjado artistas para criarem obras artísticas com vista à formação do seu tabernáculo: “Eis que eu tenho chamado por nome a Bezaleel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do espírito de Deus, no tocante à sabedoria, ao entendimento, à ciência e a todo ofício, para inventar obras artísticas, e trabalhar em ouro, em prata e em bronze...” (Êx 31:2-4). E em Êxodo 31:6 diz: “E eis que eu tenho designado com ele a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo

de Dã, e tenho dado sabedoria ao coração de todos os homens hábeis para fazerem tudo o que tenho ordenado.”

Imagem administrativa: Como Grande Administrador, Deus criou e colocou no firmamento as coisas necessárias para termos dia e noite, estações e anos, calor e frio, sol e chuva. “E disse Deus: haja luminares no firmamento do céu para fazerem separação entre o dia e a noite; sejam eles para sinais e para estações, e para dias e anos” (Gn 1:14). Jesus disse acerca da actividade de seu Pai aos sábados: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5:17). A epístola aos Hebreus narra o seguinte acerca de Jesus: “Mas, agora, alcançou ele ministério tanto mais excelente como mediador de um melhor pacto, o qual está firmado sobre melhores promessas” (Hb 8:6).

Os apóstolos, tendo dificuldade na administração social, convocaram a igreja e instruíram-na a eleger homens de Deus para se ocuparem nesse cargo: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço” (At 6:3). Para haver boa administração é preciso sabedoria, a qual é assegurada pelo Senhor, conforme está escrito: “...e de Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2:3). É dele que provêm todos os dons para uma boa administração das necessidades humanas.

Paulo escreveu o seguinte a este respeito: “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1Co 12:4,5,6). “E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo (Ef 4:11,12). Os cristãos da Macedónia rogaram com muito empenho o privilégio de participarem no ministério a favor dos santos. (2 Co 8:4).

E Paulo afirma que “a administração deste serviço não só supre as necessidades dos santos, mas também transborda em muitas acções de graças a Deus” (2 Co 9:12).

Conclusão

Por conseguinte, nós herdámos a imagem espiritual, moral, criativa e administrativa de Deus. É deste modo que podemos ser, também, a morada de Deus em Espírito.

SEREIS COMO DEUS

Génesis 3:4,5

“Disse a serpente à mulher: Certamente não morrereis; porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.”

Questão

Será possível, de alguma maneira, alguém ser como Deus? De acordo com o trecho supra parece que a luz recebida pela abertura dos olhos faria deles um casal semelhante a Deus. Esta ideia, que proveio de alguém que tinha este interesse, conduziu a humanidade à queda e à ruína. O tal apresentou-se na forma de serpente, inofensiva, e desta forma enganou o primeiro casal humano. Mas jamais será possível ser como Deus, nem, tampouco, ser pequenos deuses.

Contexto bíblico

O profeta Isaías, em Is 14:12-14, assemelha o monarca de Babilónia ao principal adversário de Deus, querendo ser semelhante ao Altíssimo, quando escreve: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste

lançado por terra, tu que prostravas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte; subirei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo.”

Aquele personagem é identificado no trecho supra como ‘estrela da manhã’. Agora temos de observar o significado de três vocábulos muito importantes: O hebraico ‘heikal’ significa aquele que brilha. A Septuaginta traduziu pelo termo grego ‘eosfóros’ que quer dizer portador de luz. E a Vulgata Latina verteu para ‘lucifer’ com o mesmo significado. Por manifestar grande interesse em se colocar no lugar de Deus, transformou-se no Seu principal adversário. Por este motivo foi chamado, em hebraico ‘satan’ traduzido por Satanás, conforme narra 1 Cr 21:1 “Então Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a numerar Israel.”

Aquele que era a luz transformou-se em trevas, devido à sua ambição desmedida de ser como Deus. O livro de Jó relata que “Na verdade, a luz do ímpio se apagará, e não resplandecerá a chama do seu fogo. A luz se escurecerá na sua tenda, e a lâmpada que está sobre ele se apagará... É lançado da luz para as trevas e afugentado do mundo.” (Jó 18:5,6,18).

E um novo portador de luz foi reconhecido para alumiar este mundo de trevas. O rei David confessa que o Soberano Senhor é a sua luz, desta maneira: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?” (Sl 27:1). “O Senhor é Deus, e nos concede a luz; atai a vítima da festa com cordas às pontas do altar.” (Sl 118:27). “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para o meu caminho.” (Sl 119:105).

O trecho grego do salmo revela que aquela palavra é ‘logos’. E o evangelista João ensina que “no princípio era o Verbo, (gr. Logos) e o Logos estava com Deus, e o Lo-

gos era Deus... Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.” (Jo 1:1,4,5). E o Logos incarnou e habitou entre eles, e viram o brilho da sua glória. (Jo 1:14). Mateus relata que “o povo que estava sentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam sentados na região da sombra da morte a luz raiou.” (Mt 4:16).

O próprio Senhor Jesus confirmou ser a luz do mundo ao dizer: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andar em trevas, mas terá a luz da vida.” (Jo 8:12). “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.” (Jo 9:5). “Eu sou a luz que vim ao mundo para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.” (Jo 12:46). “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas a favor das igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã.” (Ap 22:16).

Mateus conta que quando Pedro, Tiago e João subiram a um monte com Jesus, “Ele foi transfigurado diante deles, o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.” (Mt 17:2). E Lucas, no seu livro de Actos, narra a experiência de Paulo deste modo: “Aconteceu, porém, que quando caminhava e ia chegando perto de Damasco, pelo meio-dia, de repente, do céu brilhou-me ao redor uma grande luz.” (At 22:6).

O Senhor também esclareceu que aqueles que estavam em trevas e o seguem, agora, tornam-se a luz do mundo. “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte, nem se acende uma candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e assim ilumina a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” (Mt 5:14-16).

E Paulo ensina os cristãos que “outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.” (Ef 5:8) “para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros

filhos de Deus, imaculados no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminárias no mundo.” (Fl 2:15).

O apóstolo João ensina a igreja acerca da maneira prática de ser a luz do mundo desta maneira: “Aquele que diz estar na luz, e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas. Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há tropeço. Mas aquele que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai; porque as trevas lhe cegaram os olhos. (1 Jo 2:9-11).

Conclusão

Aquele que era a luz, por causa de seu orgulho e ambição, ficou transformado em trevas. Porém, aqueles que viviam nas trevas, por causa da sua fé e submissão ao Senhor da luz, foram transformados em luz do mundo. Contudo, jamais seremos como Deus, nem pequenos deuses, pois, desta forma, teríamos politeísmo, o que transgride o mandamento de Deus, de Ele ser o único Deus.

OS FILHOS DE DEUS

Gênesis 6:2

“Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram”.

Questão

Quem são os filhos de Deus e os filhos dos homens? Onde provêm e o que os distingue dos filhos dos homens?

Contexto bíblico AT

No capítulo quatro encontra-se o relato do nascimento de Abel e Caim, os quais se distinguem pela maneira de cultuar a Deus e do seu relacionamento fraternal. Abel está em sintonia com Deus e a sua oferta é de acordo com o sentimento divino, enquanto Caim, embora queira cultuar, não consegue a mesma sintonia e não entende o coração de Deus. Por este motivo a sua oferta não foi aceite porque estava errada.

Isto provocou em Caim aversão ao seu irmão, por ser o preferido de Deus, e matou-o. Após este trágico incidente, afastou-se ainda mais de Deus e foi juntar-se a um grupo rebelde, que também tinha desprezado a companhia do Senhor. Isso é atestado pela sua violência e pelo receio de vingança manifestado por Caim.(cf. Gn 4:15-24).

Entretanto, Deus deu outro filho a Adão e Eva em lugar de Abel, a quem chamaram Sete. Note-se que, aquando do nascimento de Enos, a geração de Sete começou a invocar o nome do Senhor, conforme o verso vinte e seis. Este facto, marcado pelo interesse espiritual, manifesta esta geração de Sete como filhos de Deus, enquanto a geração de Caim, marcada pelo interesse material, é conotada como os filhos dos homens.

“Naqueles dias estavam os nefilins na terra, e também depois, quando os filhos de Deus conheceram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos. Esses nefilins eram os valentes, os homens de renome, que houve na antiguidade” (Gn 6:4). Estes nefilins, de acordo com o nome, eram lenhadores, cortadores e rachadores de madeira, portanto, gente forte, agressiva e temível.

Então, veio a apostasia da linhagem de Sete, os filhos de Deus, através da sua mistura com a linhagem de Caim, os filhos dos homens, e a violência agravou-se. Deus não gostou do estado dessa sociedade e determinou acabar com aquela raça humana para recomeçar uma nova gera-

ção a partir do seu amigo Noé, descendente de Sete, capacitado para ouvir e decifrar a mensagem divina (Gn 6:9).

Foi aquela apostasia, provocada pela mistura das famílias de Deus e dos homens, que determinou o destino da humanidade. Deus resolveu destruí-los através de um dilúvio e recomeçar uma nova família com a descendência de Noé. Ele era temente, justo e piedoso, cujas características serviam para formar uma sociedade compatível com o carácter de Deus. E “viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é chegado perante mim porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os destruirei juntamente com a terra. Faze para ti uma arca de madeira de gofer...” (Gn 6:12,13).

Contexto bíblico NT

Os que servem a Deus são chamados filhos de Deus, os que O não servem são chamados filhos dos homens. “Ora, chegado o dia em que os filhos de Deus foram apresentar-se perante o Senhor, foi também Satanás entre eles” (Jó 1:6). Jesus chama-lhes filhos do maligno: “O campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o Diabo” (Mt 13:38,39).

Os pacificadores são chamados filhos de Deus, (Mt 5:9) mas os enganadores e perversos são filhos do Diabo (At 13:10). Os que amam são chamados filhos do altíssimo, conforme Lc 6:35: “Amai, porém, a vossos inimigos, fazei bem e emprestai, nunca desanimando, e grande será a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo.” Mas os que odeiam são filhos das trevas, de acordo com 1 Jo 2:11: “Mas aquele que odeia a seu irmão está nas trevas e anda nas trevas, e não sabe para onde vai porque as trevas lhe cegaram os olhos.”

Jesus também referiu que os filhos deste mundo são mais sagazes do que os filhos da luz (Lc 16.8). Falando com os fariseus, Jesus respondeu-lhes: Se Deus fosse o vosso Pai, vós me amaríeis, porque eu saí e vim de Deus (Jo 8:42). E, em João 8:44 diz: Vós tendes por pai ao Diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele é homicida desde o princípio e nunca se firmou na verdade porque nele não há verdade; quando ele profere mentira fala do que lhe é próprio porque é mentiroso e pai da mentira.”

Paulo confirma em Romanos 8:14 que “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.” Então, os que não querem ser guiados pelo Espírito de Deus são filhos da maldição. O apóstolo requer que os filhos de Deus sejam imitadores de Deus como filhos amados (Ef 5.1). E continua: “Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto, não sejais participantes com eles; pois outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.” (Ef 5:5-8).

Pedro informa-nos que “tais homens têm prazer em deleites à luz do dia, eles são nódoas e máculas, deleitando-se em suas dissimulações quando se banqueteam convosco, tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecar; engodando as almas inconstantes, tendo um coração exercitado na ganância, filhos de maldição” (2 Pd 2:13,14).

Também João fornece a sua opinião a este respeito: “Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão” (1 Jo 3:10).

Conclusão

Pelo exposto concluímos haver duas grandes famílias na terra: a família de Deus, que se manifesta através do amor, da justiça e da paz. E a família do Diabo, que se distingue através do ódio, da injustiça e do conflito. Como ensina Paulo: “porque o reino de Deus não consiste no comer e no beber, mas na justiça, na paz, e na alegria em Espírito Santo” (Rm 14:17).

DEUS ARREPENDEU-SE

Gênesis 6:6

“Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração”

Questão

Afinal, Deus arrepende-se como o homem? Deus não tem necessidade de arrependimento pelas suas acções porque “Deus não é homem para que minta; nem filho do homem para que se arrependa. Porventura, tendo ele dito, não o fará? ou, havendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23:19). Esta é a primeira menção acerca do arrependimento de Deus, que nos traz um problema, o qual procuraremos resolver.

Contexto bíblico

O contexto anterior está nos versículos um até ao sete. Deus criou o homem livre, fê-lo com a possibilidade de decisão e escolha responsáveis. Mas, quando verificou que o homem tinha falhado no seu propósito, e a sua maldade era imensa, entristeceu-se grandemente. O vocábulo hebraico ‘nacham’, usado no trecho de Gênesis, significa “ficar triste, com dó, mesmo com dor”. A versão grega

traduz o hebraico por um vocábulo derivado de ‘thyma’ sacrifício. O Senhor ficou cheio de pena e sofrimento devido ao estado pecaminoso e maldoso da humanidade. Essa mesma dor contribuiu para a decisão de criar uma nova sociedade a partir do justo Noé.

O contexto posterior encontra-se nas passagens estudadas a seguir. Em Dt 32.36 está escrito: “Porque o Senhor julgará o seu povo e se arrependerá concernente aos seus servos, quando vir que o poder deles já se foi, e que não resta nem escravo nem livre.” Novamente, aqui diz que Deus se arrependerá. Embora o vocábulo hebraico seja o mesmo que em Génesis seis, o do grego é outro bem diferente, que significa ‘chamar a si, exortar’. **Os versículos 16 e 17 narram que os hebreus provocaram ciúmes a Deus cultuando aqueles falsos deuses:** “Com deuses estranhos o moveram a zelos; com abominações o provocaram à ira. Ofereceram sacrifícios aos demónios, não a Deus, a deuses que não haviam conhecido, deuses novos que apareceram há pouco, aos quais os vossos pais não temeram.” A apostasia de Israel era motivo para Deus sentir dor e, ao mesmo tempo, infligir a justa retribuição, conforme narrado nos versículos seguintes.

Agora observemos o trecho e o contexto de 1 Samuel 15:28,29. Este trecho diz respeito a Saul, o rei de Israel antes de David. “Então Samuel lhe disse: O Senhor rasgou de ti hoje o reino de Israel e o deu a um teu próximo, que é melhor do que tu. Também, Aquele que é a força de Israel não mente nem se arrepende, porquanto não é homem para que se arrependa.” Embora o versículo vinte e nove mantenha o mesmo vocábulo hebraico, o grego da Septuaginta está traduzido por ‘metanoia’ a palavra correcta para ‘arrependimento’, a atitude demonstrada pelos pecadores para receberem perdão. Aqui, sim, à referência ao arrependimento genuíno. O trecho diz que Deus não tem necessidade, como os homens, de arrepender-se, nem, tam-

pouco, altera o seu propósito. Ele permanece inalterável porque jamais se engana.

A contrastar com o anterior temos Jeremias 18:7-10: “Se em qualquer tempo eu falar acerca duma nação, e acerca dum reino, para arrancar, para derribar e para destruir, e se aquela nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que intentava fazer-lhe.” Neste trecho observamos Deus a dizer que se arrependerá do mal que projectava fazer. O verbo grego ‘metanoeo’ existente é derivado da mesma acima ‘metanoia’. Porém, aqui a acção de Deus está condicionada à atitude do povo: se ele se converter da sua maldade, também Deus mudará a sua atitude concernente ao castigo a infligir por causa do pecado. A conversão é sempre motivo de perdão. Também neste aspecto Deus não muda, nem se arrepende. Todavia, se continuar em rebelião perante o Senhor, Ele reterá o bem que tencionava fazer-lhe, de acordo com o versículo dez: “se ela fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que lhe intentava fazer.” A ideia permanece a mesma. Deus não tem necessidade de arrepender-se, mas tem a possibilidade de reter o bem que concederia ao povo se este se convertesse. Em ambos os casos a acção de Deus está condicionada à atitude do povo. Como está escrito: “Porque serei misericordioso para com suas iniquidades e de seus pecados não me lembrarei mais.” (Hb 8:12).

O próximo trecho a considerar é o de Ezequiel 24:13,14, que diz: “A ferrugem é a tua imundícia de luxúria, porquanto te purifiquei, e tu não te purificaste, não serás purificada nunca da tua imundícia, enquanto eu não tenha satisfeito sobre ti a minha indignação. Eu, o Senhor, o disse: será assim, e o farei; não tornarei atrás e não pouparei, nem me arrependerei; conforme os teus caminhos, e conforme os teus feitos, te julgarei, diz o Senhor Deus.” Também aqui, os tradutores gregos da Septuaginta usaram

outro verbo grego ‘eleeo’, que significa compadecer-se, para traduzir o hebraico ‘nacham’. Então, o que Deus quer dizer é que, por causa do pecado do povo, e à falta de conversão, não deixará de infligir o merecido castigo. E porque Ele é justo, não poderá evitar de cumprir a justiça. Também neste caso é sem arrependimento.

A seguir consideremos o trecho de Joel 2:12-14 que narra: “Todavia, ainda agora diz o Senhor: Convertedei-vos a mim de todo o vosso coração, e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração e não as vossas vestes; e convertei-vos ao Senhor vosso Deus porque ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em benignidade, e se arrepende do mal. Quem sabe se não se voltará e se arrependerá, e deixará após si uma bênção em oferta de cereais e libação para o Senhor vosso Deus?”. Neste caso, a tradução grega contém o verbo ‘metanoeo’ nos versículos treze e catorze. Mas, no verso doze, Deus convida os hebreus à conversão sincera, com jejum e pranto, lamentando o seu pecado, com a promessa de ser misericordioso e compassivo com eles. Se as pessoas responderem ao apelo de Deus, também o Senhor cumpre a sua promessa. Ele é sempre fiel à sua palavra, e sem arrependimento.

Finalmente, consideremos a passagem de Jonas 3.9,10, que descreve: “Quem sabe se Deus se voltará, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos? Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho, e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez.” Perante a pregação de Jonas em Nínive, o seu rei proclamou um jejum nacional, acompanhado pela conversão, na esperança que Deus mudasse de atitude em relação a eles, e desviasse a sua ira para os não castigar, conforme a pregação do profeta. Então, o Senhor, vendo que se converteram das suas más ações, também Ele converteu a sua ação punitiva em

bênção. O seu furor foi transformado em misericórdia, e sem arrependimento.

Conclusão

Assim será sempre com todas as pessoas que pecarem. Deus jamais se arrepende da promessa de perdão em virtude da conversão. Mas, também não se arrepende da promessa de castigo em virtude de permanecerem na rebelião. Todavia, “o Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; porém, é compassivo convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se.” (2 Pd 3:9).

TRÊS VARÕES COM ABRAÃO

Gênesis 18:1,2

“Depois apareceu o Senhor a Abraão junto aos carvalhos de Manre, estando ele sentado à porta da tenda, no maior calor do dia. Levantando Abraão os olhos, olhou e eis três homens de pé em frente dele. Quando os viu, correu da porta da tenda ao seu encontro e prostrou-se em terra...”

Questão

Quem eram aqueles varões que apareceram a Abraão? Seriam terrenos ou celestiais? Humanos ou espirituais? Embora não tenhamos uma pista clara, temos, contudo, alguma indicação de que Deus visitara Abraão. Então, quem seriam os acompanhantes? Mensageiros humanos de Deus? Por que precisavam descansar, de lavar os pés, e de comer? Por que somente dois foram a Sodoma, enquanto Abraão conversava com Deus?

Contexto bíblico

Começamos por examinar os vocábulos hebraicos, concernentes a Deus, existentes no referido capítulo. Logo no princípio é mencionado ‘Jehowah’ traduzido por Senhor. E ao longo do texto aparece repetido mais nove vezes. Enquanto ‘adonai’ traduzido meu Senhor, aparece cinco vezes com referência a Deus, e uma vez referente a Abraão.

Com referência aos anjos aparece a palavra hebraica ‘melek’ no plural, no grego ‘angelos’, a qual tem o significado de ‘anjos, mensageiros, embaixadores. Estes eram servos de Deus para executar as suas ordens. Mas também há mensageiros enviados pelos homens. Observemos alguns exemplos bíblicos.

Quando Agar fugiu de Sara, o anjo de Jehowah foi encontrá-la junto a uma fonte no deserto e aconselhou-a a regressar para junto de sua senhora (Gn 16:7ss). Quando Jacó regressava à sua terra, “encontraram-no os anjos de Deus. Quando Jacó os viu, disse: Este é o exército de Deus.” (Gn 32:1,2). “Então, enviou Jacó mensageiros diante de si a Esaú, seu irmão, à terra de Seir, o território de Edom... Depois os mensageiros voltaram a Jacó, dizendo: Fomos ter com teu irmão Esaú; e, em verdade, vem ele para encontrar-te, e quatrocentos homens com ele.” (Gn 32:3,6).

Agora note-se: Génesis 32.1 relata que Deus enviou mensageiros a Jacó, enquanto os versículos três e seis narrram que Jacó enviou mensageiros a Esaú e voltaram com o relato da sua observação.

Observemos também a experiência de Gideão, que recebeu um mensageiro de Deus: “E sucedeu que, clamando eles ao Senhor por causa dos midianitas, enviou-lhes o Senhor um profeta, que lhes disse: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Do Egipto eu vos fiz subir e vos tirei da casa da servidão” (Jz 6:7,8)... “Então o anjo do Senhor veio e sentou-se debaixo do carvalho que estava em Ofra e

que pertencia a Joás, abiezrita, cujo filho, Gideão, estava malhando o trigo no lagar para o esconder dos midianitas. Apareceu-lhe então o anjo do Senhor e lhe disse: O Senhor é contigo, ó homem valoroso.” (Jz 6:11,12. “Vendo Gideão que era o anjo do Senhor, disse: Ai de mim, Senhor Deus! pois eu vi o anjo do Senhor face a face.” (Jz 6:22).

Outra experiência é a da mãe de Sansão: “Mas o anjo do Senhor apareceu à mulher e lhe disse: Eis que és estéril e nunca deste à luz; porém conceberás e terás um filho... Então a mulher entrou e falou a seu marido, dizendo: Veio a mim um homem de Deus, cujo semblante era como o de um anjo de Deus, em extremo terrível; e não lhe perguntei de onde era, nem ele me disse o seu nome;” (Jz 13:3,6).

Conclusão

Estes anjos parecem ser mensageiros humanos enviados por Deus como embaixadores com uma mensagem importante. Basta recordar aqui o uso do vocábulo ‘anjo’ feito por João, nos capítulos dois e três de Apocalipse, para se referir aos líderes das sete igrejas da Ásia, a quem revela o juízo feito por Jesus acerca da sua missão.

DEUS MANDA MATAR

Génesis 22:2

“Prosseguiu Deus: Toma agora teu filho; o teu único filho, Isaque, a quem amas; vai à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te hei-de mostrar.”

Questão

Sendo Deus bom, como é possível que tenha matado e mandado matar, não somente o filho de Abraão, mas outras pessoas noutras ocasiões?

Contexto bíblico

Logo no princípio das Sagradas Escrituras encontramos o aviso do Criador ao homem que criara que, se acaso desobedecesse à sua ordenança certamente morreria. “Ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim podes comer livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás; porque no dia em que dela comeres certamente morrerás.” (Gn 2:16,17). Neste primeiro trecho tomamos conhecimento que a desobediência a Deus é a causa da morte. No tempo de Noé Deus viu que o homem havia corrompido a terra moralmente e decidiu destruir a criação para a recomeçar a partir do justo Noé. “Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é chegado perante mim porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os destruirei juntamente com a terra. (cf. Gn 6:12,13). “Assim, foram exterminadas todas as criaturas que havia sobre a face da terra, tanto o homem como o gado, o réptil e as aves do céu; todos foram exterminados da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca.” (Gn 7:23).

Por causa da idolatria, do pecado, e da imoralidade existentes na terra de Canaã, Moisés deu as seguintes instruções aos hebreus libertados do Egito: “Quando o Senhor teu Deus te houver introduzido na terra a que vais, a fim de possuí-la, e tiver lançado fora de diante de ti muitas nações, a saber, os heteus, os girgaseus, os amorreus, os cananeus, os perizeus, os heveus e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e quando o Senhor teu Deus as tiver entregue a ti, e as ferires, totalmente as destruirás; não farás com elas pacto algum, nem terás piedade delas; não contrairás com elas matri-

mónios; não darás tuas filhas a seus filhos, e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam teus filhos desviarem-se de mim para servirem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria.” (cf. Dt 7:1-4). Como observamos, o Senhor ordenou a destruição daqueles povos devido ao seu pecado, e ao risco que daí adviria ao seu povo eleito.

Também ditou um aviso acerca dos falsos profetas que, por desviarem as pessoas do caminho correcto, deveriam morrer: “E aquele profeta, ou aquele sonhador, morrerá, pois falou rebeldia contra o Senhor vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito e vos resgatou da casa da servidão, para vos desviar do caminho em que o Senhor vosso Deus vos ordenou que andásseis; assim exterminareis o mal do meio vós.” (Dt 13:5).

A mesma sorte foi ditada para os familiares que tentassem desviar algum dos caminhos do Senhor. Deuterónimo 13:6-11 narra o seguinte: “Quando teu irmão, filho da tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu seio, ou teu amigo que te é como a tua alma, te incitar em segredo, dizendo: Vamos e sirvamos a outros deuses! - deuses que nunca conhecestes, nem tu nem teus pais, dentre os deuses dos povos que estão em redor de ti, perto ou longe de ti, desde uma extremidade da terra até a outra, não consentirás com ele, nem o ouvirás, nem o teu olho terá piedade dele, nem o pouparás, nem o esconderás, mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra ele para o matar, e depois a mão de todo o povo; e o apedrejará até que morra, pois procurou apartar-te do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Todo o Israel o ouvirá, e temerá, e não se tornará a praticar semelhante iniquidade no meio de ti.”

A Sagrada Escritura narra, ainda, um episódio especial, em que Deus pede a Abraão algo muito difícil para um pai extremo. E, mais difícil ainda, visto que lhe pediu para sacrificar o seu filho Isaque, o qual recebera por

cumprimento da promessa divina, a fim de ser o seu herdeiro legal. Esse relato completo encontra-se em Génesis capítulo vinte e dois. Abraão não hesitou em imolar o seu filho sobre um altar de pedra no monte Moriá. Porém, quando tudo estava preparado para o sacrifício, um anjo bradou céu dizendo: “Abraão... não estendas a mão sobre o mancebo e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste teu filho, o teu único filho. Nisso levantou Abraão os olhos e olhou, e eis atrás de si um carneiro embaraçado pelos chifres no mato; e foi Abraão, tomou o carneiro e o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho.” (Gn 22:12,13).

Se Abraão negasse sacrificar o seu filho por ordem do Soberano Deus, ficaria em desvantagem aos idólatras da região, que ofereciam seus filhos em sacrifício aos falsos deuses. Ao obedecer ao pedido do Senhor, Abraão provou que Deus tinha a primazia na sua vida e, sobretudo, acreditava que Deus era poderoso para lhe restituir o filho. Por isso foi abençoado com o retorno.

Muitos outros exemplos de morte são narrados nas Sagradas Escrituras, e todos devido ao pecado de idolatria, causador de apostasia, porque o salário do pecado é a morte, como diz Paulo: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor.” (Rm 6:23).

Enquanto Isaque teve um cordeiro do rebanho, fornecido por Deus, como substituto da sua morte, nós tivemos a substituir-nos o Cordeiro de Deus, fornecido pelo próprio Pai, a fim de não sofrermos a morte, mas termos a possibilidade de usufruir a vida eterna.

De facto, em João 3:16,17 está escrito: “que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” Deus, na sua grande miseri-

córdia, entregou o seu único filho nas mãos de pecadores a fim de ser morto em dos pecadores.

Conclusão

Por causa da desobediência e do pecado, todos somos réus de morte, mas Deus, no infinito amor, transferiu a nossa culpa e o nosso castigo para seu filho, o Senhor Jesus, o qual sofreu a morte em nosso lugar. Agora, quem crê nele não será condenado, mas quem não crê permanece na condenação que lhe foi imputada. Como está escrito: “Quem crê nele não é condenado; mas, quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus.” (Jo 3:18).

A SARÇA EM FOGO

Êxodo 3:2

“E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia.”

Questão

É estranho que um pequeno arbusto estivesse envolvido em chamas sem se consumir. O que teria acontecido de anormal, e como aconteceu? Sabemos que esse facto atraiu Moisés a aproximar-se para observar melhor e, como resultado, ouviu a voz de Deus. Porém, não o viu em lado algum. Então, por que motivo Deus se revelou por meio do fogo?

Contexto bíblico

Quando Deus fez um pacto com Abrão, Ele confirmou essa aliança fazendo passar pelo meio daquelas metades expostas perante o Senhor uma tocha de fogo, conforme está escrito: “Quando o sol já estava posto, e era escuro, eis um fogo fumegante e uma tocha de fogo, que passaram por entre aquelas metades.” (Gn 15:17). Este facto foi a comprovação de que o Senhor cumpriria o acordo feito entre Ele e Abrão.

Quando Deus quis chamar Moisés à sua presença atraiu-o com uma sarça envolta em fogo, mas sem ser queimada, conforme o trecho supra. Da mesma forma, quando Deus quis demonstrar a sua superioridade sobre o deus solar do Egipto ‘Ra’, provocou trevas em todas as suas habitações; porém, o seu povo tinha luz nas suas casas, como prova que Deus estava com eles: “Não se viram uns aos outros, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias; mas para todos os filhos de Israel havia luz nas suas habitações” (Êx 10:23).

Após terem saído do Egipto, os hebreus foram acompanhados por uma nuvem e uma chama de fogo comprovando que eram acompanhados por Deus: “E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna e os dois para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite.” (Êx 13:21). E mais adiante narra: “Na vigília da manhã, o Senhor, na coluna do fogo e da nuvem, olhou para o campo dos egípcios e alvoroçou o campo dos egípcios” (Êx 14:24).

Havendo chagado ao Sinai, o Senhor manifestou-se igualmente ali em forma de fogo: “Nisso todo o monte Sinai fumegava porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia fortemente.” (Êx 19:18). E o povo temia pela presença do Senhor porque “a aparência da

glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel.” (Êx 24:17).

Quando o Tabernáculo foi levantado e consagrado, este foi cheio da glória do Senhor e “a nuvem do Senhor estava de dia sobre o tabernáculo, e o fogo estava de noite sobre ele, perante os olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas.” (Êx 40:38). Deus manifestava sempre a sua presença mediante a nuvem e o fogo.

Moisés ordenou que o fogo no altar dos sacrifícios não devia apagar-se, como sinal da presença constante de Deus, de acordo com o trecho de Levítico: “O fogo sobre o altar se conservará aceso; não se apagará. O sacerdote acenderá lenha nele todos os dias pela manhã, e sobre ele porá em ordem o holocausto, e queimará a gordura das ofertas pacíficas.” (Lv 6:12). Outro relato informa que dois filhos de Arão procederam aleivosamente perante o Senhor: “Ora, Nadabe, e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário e, pondo nele fogo e deitando incenso sobre ele, ofereceram fogo estranho perante o Senhor, o que ele não lhes ordenara.” (Lv 10:1). O fogo para adoração deve ser proveniente do altar, da presença do Senhor, e não doutro sitio qualquer.

Em Deuteronomio, Moisés recorda ao povo a experiência no Sinai desta forma: “E o Senhor vos falou do meio do fogo; ouvistes o som de palavras, mas não vistes forma alguma; tão-somente ouvistes uma voz... Porque o Senhor vosso Deus é um fogo consumidor, um Deus zeloso (ciumento).” (Dt 4:12,24). Também, quando distribuía as bênçãos ao povo, abençoou José desta maneira: “com as coisas excelentes da terra, e com a sua plenitude, e com a benevolência daquele que habitava na sarça; venha tudo isso sobre a cabeça de José, sobre o alto da cabeça daquele que é príncipe entre seus irmãos.” (Dt 33:16).

As Escrituras narram a experiência de Elias com os falsos profetas apoiados por Jezabel, comprovando que Deus estava com ele: “Então invocai o nome do vosso

deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por meio de fogo, esse será Deus. E todo o povo respondeu, dizendo: É boa esta palavra... Então caiu fogo do Senhor e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego.” (1 Rs 18:24,38).

Quando Salomão, que consagrava o Templo edificado para o Senhor, acabou de orar “todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do Senhor sobre a casa, prostraram-se com o rosto em terra sobre o pavimento, adoraram ao Senhor e deram-lhe graças, dizendo: Porque ele é bom, porque a sua benignidade dura para sempre.” (2 Cr 7:3).

O livro de Ezequiel conta-nos a sua experiência no tempo do cativo na Babilónia: “Sucedeu pois, no sexto ano, no mês sexto, no quinto dia do mês, estando eu assentado na minha casa, e os anciãos de Judá assentados diante de mim, que ali a mão do Senhor Deus caiu sobre mim. Então olhei, e eis uma semelhança como aparência de fogo. Desde a aparência dos seus lombos, e para baixo, era fogo; e dos seus lombos, e para cima, como aspecto de resplendor, como e brilho de âmbar.” (Ez 8:1,2).

E Malaquias narra-nos a sua visão do dia da vinda do Senhor desta forma: “Mas quem suportará o dia da sua vinda? e quem subsistirá, quando ele aparecer? Pois ele será como o fogo de fundidor e como o sabão de lavandeiros.” (Ml 3:2).

E João, enquanto se encontrava cativo em Patmos, também teve uma visão semelhante que narra desta maneira: “E voltei-me para ver quem falava comigo. E, ao voltar-me, vi sete candeeiros de ouro, e no meio dos candeeiros um semelhante a filho de homem, vestido de uma roupa talar, e cingido à altura do peito com um cinto de ouro; e a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve; e os seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes a latão reluzente que fora refinado

numa fornalha; e a sua voz como a voz de muitas águas.” (Ap 1:12-15).

“Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes a latão reluzente: Conheço as tuas obras, e o teu amor, e a tua fé, e o teu serviço, e a tua perseverança... Mas tenho contra ti que toleras a mulher Jezabel, que se diz profetisa... mas o que tendes, retende-o até que eu venha.” (Ap 2:18,9,20,25).

Falta mencionar aqui a comparação entre o cumprimento do primeiro pentecostes, no Sinai e o pentecostes em Jerusalém. No Sinai, o Senhor “disse a Moisés: Sobe a mim, ao monte, e espera ali; e dar-te-ei tábuas de pedra, e a lei, e os mandamentos que tenho escrito, para lhos ensinares.” (Êx 24:12). “E me farão um santuário para que eu habite no meio deles. Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis.” (Êx 25:8,9). No Sinai, Deus entregou a Lei ao povo rebelde; mas em Jerusalém, o Senhor doou o Espírito Santo ao povo crente. No Sinai ordenou a construção de uma Tenda para habitar no meio do povo; em Jerusalém veio habitar no povo crente por intermédio do Espírito Santo.

O livro de Levítico fornece-nos a fórmula para encontrar o dia festivo do pentecostes, deste modo: “Contareis para vós, desde o dia depois do sábado, isto é, desde o dia em que houverdes trazido o molho da oferta de movimento (na páscoa), sete semanas inteiras; até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de cereais ao Senhor.” (Lv 23:15,16). O Pentecostes era, por conseguinte, uma festa judaica celebrada cinquenta dias após o sábado da Páscoa, o qual caía no primeiro dia da semana, que é para os cristãos o domingo.

Então, após a ascensão de Cristo, e “ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo

lugar. De repente veio do céu um ruído, como um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram-lhes umas línguas repartidas como fogo, e sobre cada um deles pousou uma.” (At 2:1-3). Este sinal foi a confirmação que Deus tinha cumprido a sua promessa de enviar o Seu Espírito sobre as pessoas, conforme proclamou Pedro aos seus ouvintes pasmados pelo acontecimento: “isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, os vossos anciãos terão sonhos; e sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.” (At 2:16-18).

Conclusão

Pelo exposto concluímos que Deus tem usado o fogo, em todas as gerações, como símbolo da Sua presença no meio do povo. Inferimos também que esse fogo jamais deverá extinguir-se, sob pena de não desfrutarmos da Sua presença, apesar dos esforços feitos nesse sentido. Não importa a assiduidade na assistência aos cultos, nem os sacrifícios efectuados para agradar a Deus, se não existir com Ele uma comunhão íntima e constante. Se o Senhor estiver em nós, como estava na sarça, jamais seremos consumidos, mas teremos a vida eterna, como disse o Senhor Jesus: “Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira; vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.” (Jo 15:4,5). O Espírito Santo veio para ficar connosco para sempre; por isso, conservemo-lo connosco para sempre. Assim seja.

O NOME DE DEUS

Êxodo 3:13,14

“Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Respondeu Deus a Moisés: Eu Sou O Que Sou.”

Questão

Se entre os hebreus todos os nomes tinham um significado especial, qual é o significado do nome que Deus atribuiu a si mesmo? Como poderiam eles reconhecer o novo Deus de Moisés, visto ele ter sido educado entre o paganismo do Egito?

Contexto bíblico

Havia quatrocentos anos que o povo Hebreu era escravo no Egito. No meio da aflição clamaram por livramento. Então, em resposta ao clamor do povo, o Senhor apareceu a Moisés e convidou-o a convencer Faraó a libertar o seu povo. Moisés quis saber o nome do Deus que lhe falava e ouviu esta resposta: “Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós”. Vamos, então, conhecer este Deus pelo seu nome, mencionado no Antigo Testamento mais de 6.500 vezes.

Primeiramente temos de admitir que toda a criação prova que existe um criador, seja ele qual for. O grande universo não poderia ser uma excepção. Este Grande Universo teve um Grande Criador. E Esse Criador é Espírito, Santo, Eterno e Soberano. Este Deus soberano inspirou

homens santos a escrever as Sagradas Escrituras, donde extraímos o conhecimento acerca do nome de Deus.

O nome que Deus revelou a Moisés provém duma forma indefinida do verbo ser, que pode significar: Eu Era, Eu Sou, Eu Serei. Isto significa eternidade, que não teve princípio nem terá fim; Ele existe desde sempre e para sempre. O nome de Deus provém da forma mais antiga do verbo ser hebraico (הוה) ‘ava’ e é escrito com quatro sinais hebraicos (יהוה) que significam em português (YHWH), de vocalização difícil, por isso é preferível não pronunciá-lo. Este nome revela estabilidade, firmeza, imutabilidade, eternidade.

Este nome significa que o detentor, Deus, é como uma rocha firme, amovível, conforme a experiência e o testemunho de Moisés: “Ele é a Rocha; suas obras são perfeitas porque todos os seus caminhos são justos; Deus é fiel e sem iniquidade; justo e recto é ele” (Dt 32:4). Ana, após receber o seu filho Samuel, cantou com gratidão que não há ROCHA como YHWH (1 Sm 2:2). Após o livramento das mãos de Saul, David cantou que YHWH é o seu ROCHEDO, o seu escudo, o seu lugar forte (2 Sm 22:1-3). O próprio Deus diz que não há outra ROCHA que Ele conheça (Is 44:8).

Jesus afirmou existir antes de Abraão, e curioso é o facto de ter usado a forma ‘Eu Sou’ (Jo 8:58). Além disso é definido pelo autor de Hebreus como aquele que é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13:8). Paulo e Pedro identificam Jesus como a Rocha, base da edificação da Igreja universal (cf. Ef 2:20; 1 Pd 2:6,7).

Isaías identificou-o profeticamente como Rocha esconderijo: “Eis que reinará um rei com justiça, e com recidão governarão príncipes. um varão servirá de abrigo contra o vento, e um refúgio contra a tempestade, como ribeiros de águas em lugares secos, e como a sombra duma grande penha em terra sedenta.” (Is 32:1,2). E Paulo

também testemunha que a vida dos cristãos está escondida com Cristo: “Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra, porque morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.” (Cl 3:2,3).

O Novo Testamento identifica Jesus como a Rocha que os seguia no deserto, conforme a narrativa de João: “Ora, no seu último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva.” (Jo 7:37,38). Jesus estava na celebração da festa dos tabernáculos, e aproveitou a circunstância para se identificar com a rocha ferida, que brotou água para todos beberem. E o apóstolo Paulo confirma que era uma pedra espiritual que os acompanhava: “e beberam todos da mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os acompanhava; e a pedra era Cristo.” (1 Co 10:4).

Conclusão

Por conseguinte, o nome do único Deus, que se revelou a Moisés, significa que Ele existe eternamente, é Espírito, Santo, Eterno e Soberano. Ele é a Rocha da nossa salvação e o esconderijo das nossas vidas em Jesus Cristo. Isto também significa que nele temos protecção e podemos viver descansados se confiarmos na sua fidelidade. Como podemos ler na epístola aos hebreus: “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam.” (Hb 11:6).

A ALMA DA CARNE

Levítico 17:11

“Porque a alma da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar para fazer expiação pelas vossas almas, porquanto é o sangue que faz expiação pela alma.”

Questão

Algumas versões traduzem por ‘alma da carne’ outras traduzem por ‘vida da carne’. Se primeira versão está correcta, como é que a alma está no sangue? E por que razão é proibido comer o sangue?

Contexto bíblico

O vocábulo hebraico traduzido por alma ‘nefesh’, equivalente ao grego ‘psico’, pode significar, de acordo com o contexto, alma, vida, espírito, fôlego, eu mesmo, pessoa, ser vivo.

Começamos o nosso estudo na maneira de Deus criar o primeiro homem. “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gn 1:26,27). “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.” (Gn 2:7). Primeiro Deus moldou o pó, depois juntou-lhe o ar da respiração, então tornou-se ‘alma’ e começou como ser vivo.

Quando Abrão estava no Egipto foi tentado a dizer que sua mulher, Sara, era sua irmã, para salvar a sua vida da

morte, e pediu que ela dissesse o mesmo perante Faraó: “Dize, peço-te, que és minha irmã, para que me vá bem por tua causa e que viva a minha alma em atenção a ti.” (cf. Gn 12:10-17). Era costume o rei mandar matar o marido quando queria tomar para si a sua mulher bonita. Ora, visto que Abrão queria salvar a sua vida da morte, disse ‘para que a minha alma viva’.

Outro exemplo temo-lo na narrativa do amor de Siquém por Diná, filha de Jacó: “Assim se apegou a sua alma a Diná, filha de Jacó, e, amando a donzela, falou-lhe afectuosamente.” (Gn 34:3). A alma de Siquém ficou enamorada por Diná, isto é, todo ele ficou encantado pela rapariga de forma a fazer tudo para conquistá-la.

Temos ainda o caso de da morte de Raquel, cuja narrativa é como segue: “Então Raquel, ao sair-lhe a alma (porque morreu), chamou ao filho Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamim.” (Gn 35:18). Quando o espírito saiu do corpo, este ficou sem vida. Quando deixou de respirar o corpo perdeu a vida que tinha recebido de Deus.

Quando José quis reter consigo o seu irmão Benjamim, Judá interveio a seu favor com estas palavras, correspondentes ao afecto existente entre pai e filho: “Agora, pois, se eu for ter com o teu servo, meu pai, e o menino não estiver connosco, como a sua alma está ligada com a alma dele, acontecerá que, vindo ele que o menino não está ali, morrerá;” (Gn 44:30).

Sentindo falta de pão, e enfatiados com o maná, o povo hebreu queixou-se perante Moisés desta maneira: “Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos.” (Nm 11:6). Ora, a alma não mirra, o corpo é que emagrece por falta de alimento. Eles revelaram cansaço de comerem a mesma coisa durante tanto tempo. Ao transmitir as leis de Deus, Moisés proibiu a todas as pessoas qualquer trabalho no dia consagrado ao descanso, usando a palavra ‘alma’: “Tam-

bém toda a alma que nesse dia fizer algum trabalho, eu a destruirei do meio do seu povo.” (Lv 23:30).

Mais uma vez o povo perdeu a paciência com as voltas que tinham de fazer na sua peregrinação até à terra prometida: “Então partiram do monte Hor, pelo caminho que vai ao Mar Vermelho, para rodearem a terra de Edom; e a alma do povo impacientou-se por causa do caminho.” (Nm 21:4). A ‘alma’ do povo representa, aqui, o desânimo colectivo porque esperavam, naquela aventura, um decorrer mais fácil.

A palavra ‘alma’ com significado de pessoa encontra-se também no relato do ofício sacerdotal perante Deus: “E o sacerdote fará perante o Senhor expiação pela alma que peca, quando pecar sem querer; e, feita a expiação por ela, será perdoada.” (Nm 15:28). Foi por este motivo que o Senhor interditou o sangue na comida dos hebreus. Assim como a vida depende do sangue, que leva oxigénio a todas as partes do corpo, também o pagamento pelo pecado devia ser efectuado com sangue animal, em substituição do pecador. O valor da expiação era o valor do animal oferecido e imolado no altar dos sacrifícios.

A carne da vítima substituta podia ser comida, porém o seu sangue não era comido porque tinha sido destinado para ser espargido sobre e à volta do altar do sacrifício em expiação pelo pecado, conforme o relato de Êxodo: “E Moisés tomou a metade do sangue, e a pôs em bacias; e a outra metade do sangue espargiu sobre o altar.” (Êx 24:6). “Então tomou Moisés aquele sangue e espargiu-o sobre o povo e disse: Eis aqui o sangue do pacto que o Senhor tem feito convosco no tocante a todas estas coisas.” (Êx 24:8). “Tão-somente guarda-te de comeres o sangue porque o sangue é a vida; por isso não comerás a vida com a carne.” (Dt 12:23). Todos sabemos que quando há perda de sangue no corpo, há necessidade repor alguma quantidade para revigorar a energia, que é a vida no corpo.

Ainda temos a referência à dedicação devida ao Senhor por todos aqueles que são expiados pelo sangue da vítima substituta: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.” (Dt 6:5). “Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor teu Deus requer de ti, senão que temas o Senhor teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma” (Dt 10:12). Isto é, todo o nosso ser deve estar disposto a servir Deus, com amor, dedicação e energia.

Agora observemos alguns trechos do Novo Testamento provando que aquele sangue derramado era simbólico, pois apontava profeticamente para o sacrifício do Cordeiro de Deus que veio para expiar os pecados do mundo. A este respeito disse Jesus: “pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados.” (Mt 26:28). “Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados; porque, se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados.” (Jo 8:24). E os apóstolos Pedro e Paulo escreveram: “A ele todos os profetas dão testemunho de que todo o que nele crê receberá a remissão dos pecados pelo seu nome.” (At 10:43). “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Co 15:3).

Também na epístola aos Hebreus, que contém muita leitura importante a este respeito, encontramos o seguinte referente ao Senhor Jesus: “Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo.” (Hb 2:17).

“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus, que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente

por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo.” (Hb 7:26,27). “É nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre. Ora, todo o sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus, (Hb 10:10-12).

Conclusão

Pelo exposto concluímos que a palavra hebraica ‘ne-fesh’, representada pelo grego ‘psico’, tem o significado de ‘alma, vida, espírito, fôlego, eu mesmo, pessoa, e ser vivo’. Aprendemos também que não é a alma que está no sangue, mas sim a vida, cujo sangue, a circular constantemente no corpo, lhe fornece o oxigênio necessário para viver. Ainda descobrimos que o sangue do sacrifício foi proibido na comida porque tinha sido consagrado para fazer expiação pelos nossos pecados. E que o cumprimento dessa simbólica profecia teve o seu pleno cumprimento no sacrifício do Senhor Jesus, que veio como o Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo.

PROVADO DEZ VEZES

Números 14:22,23

“...nenhum de todos os homens que viram a minha glória e os sinais que fiz no Egito e no deserto, e todavia me tentaram estas dez vezes, não obedecendo à minha voz, nenhum deles verá a terra que com juramento prometi a seus pais; nenhum daqueles que me desprezaram a verá.”

Questão

Quais são essas provações que o povo fez a Deus na forma de murmuração e quais as relacionadas directamente com Cristo?

Contexto bíblico

Havia pouco tempo que os hebreus tinham deixado as suas casas. Mas, quando observaram que tinham o mar pela frente e o exército egípcio na retaguarda temeram por sua vida. Então clamaram a Deus e a Moisés dizendo: “Foi porque não havia sepulcros no Egito que de lá nos tiraste para morrermos neste deserto? Por que nos fizeste isto, tirando-nos do Egito? Não é isto o que te dissemos no Egito: Deixa que sirvamos aos egípcios? Pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto.” (Êx 14:11,12). “Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que ele hoje vos fará; porque aos egípcios que hoje vistes nunca mais tornareis a ver” (Êx 14:13). Esta foi a primeira murmuração contra Deus na pessoa de Moisés, que foi chamado e comissionado por Ele.

Logo em seguida, querendo beber, depararam com água salobra, imprópria para beber, e murmuraram novamente contra o Senhor: “E chegaram a Mara, mas não podiam beber das suas águas, porque eram amargas; por isso chamou-se o lugar Mara. E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? O servo de Deus só tinha uma hipótese: levar o problema a Deus: Então clamou Moisés ao Senhor, e o Senhor mostrou-lhe uma árvore, e Moisés lançou-a nas águas, as quais se tornaram doces.” (Êx 15:23-25). Foi a segunda murmuração contra Deus e seu servo Moisés porque não tiveram paciência para esperar pelo milagre.

Após quarenta e cinco dias de viagem, encontram-se no deserto de Sim, e aí murmuram novamente contra Deus

e seu servo, a terceira vez, agora por faltar o alimento: “E toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão no deserto. Quem nos dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egípto, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! porque nos tendes tirado para este deserto para matardes de fome toda esta multidão. Então disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover pão do céu e sairá o povo e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu o prove se anda em minha lei ou não.” (Êx 16:3,4). Deus concedeu-lhes maná do céu.

Partindo dali dirigiram-se para Refidim e acamparam ali. Porém, não havia água para beber, e novamente murmuraram contra Deus e seu servo. “Então o povo contendeu com Moisés, dizendo: Dá-nos água para beber. Respondeu-lhes Moisés: Por que contendeis comigo? por que tentais ao Senhor? Mas o povo, tendo sede ali, murmurou contra Moisés, dizendo: Por que nos fizeste subir do Egípto para nos matares de sede, a nós e aos nossos filhos e ao nosso gado? (Êx 17:2,3). Mais uma vez, Moisés só tem uma saída: clamar ao Senhor: “Pelo que Moisés, clamando ao Senhor, disse: Que hei de fazer a este povo? daqui a pouco me apedrejará. Então disse o Senhor a Moisés: Passa adiante do povo e leva contigo alguns dos anciãos de Israel; toma na mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai-te. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe; ferirás a rocha e dela sairá água para que o povo possa beber. Assim, pois, fez Moisés à vista dos anciãos de Israel.” (Êx 17:4-6). Esta foi a quarta murmuração do povo por não saber esperar pela intervenção divina.

Tendo Moisés subido ao monte para falar com Deus, e passados quarenta dias, o povo voltou a murmurar, pela quinta vez, agora devido à demora de Moisés, e: “vendo que Moisés tardava em descer do monte, acercou-se de Arão e disse-lhe: Levanta-te, faze-nos um deus que vá

adiante de nós porque, quanto a esse Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egípto, não sabemos o que lhe aconteceu.” (Êx 32:1). Havendo concedido o ouro trazido do Egípto, fizeram com ele um bezerro e começaram a festejar. Então disse o Senhor a Moisés: Vai, desce porque o teu povo, que fizeste subir da terra do Egípto, se corrompeu; depressa se desviou do caminho que eu lhe ordenei; eles fizeram para si um bezerro de fundição e adoraram-no, e ofereceram-lhe sacrifícios, e disseram: Eis aqui, ó Israel, o teu deus, que te tirou da terra do Egípto.” (Êx 32:7,8).

Mais tarde, “o povo tornou-se queixoso, falando o que era mau aos ouvidos do Senhor; e quando o Senhor o ouviu, acendeu-se a sua ira; o fogo do Senhor irrompeu entre eles e devorou as extremidades do arraial. Então o povo clamou a Moisés, e Moisés orou ao Senhor, e o fogo se apagou.” (Nm 11:1,2). “Ora, o vulgo que estava no meio deles veio a ter grande desejo, pelo que os filhos de Israel também tornaram a chorar e disseram: Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que no Egípto comíamos de graça, e dos pepinos, dos melões, dos alhos porros, das cebolas e dos alhos. Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos.” (Nm 11:4-6).

Moisés alega perante Deus que o seu fardo é demasiado pesado e recebeu esta mensagem para o povo descontente: “o Senhor vos dará carne e comereis. Não comereis um dia, nem dois dias, nem cinco dias, nem dez dias, nem vinte dias; mas um mês inteiro, até vos sair pelas narinas, até que se vos torne coisa nojenta; porquanto rejeitastes ao Senhor, que está no meio de vós, e chorastes diante dele, dizendo: Por que saímos do Egípto? (Nm 11:19,20). E a resposta não demorou: “Soprou, então, um vento da parte do Senhor e, do lado do mar, trouxe codornizes que deixou cair junto ao arraial quase caminho de um dia de um e de outro lado, à roda do arraial, a cerca de dois côvados da

terra. Então o povo, levantando-se, colheu as codornizes por todo aquele dia e toda aquela noite, e por todo o dia seguinte; o que colheu menos, colheu dez omeres. E as estenderam para si ao redor do arraial.” (Nm 11:31,32). Esta foi a sexta vez que a impaciência do povo provocou a ira de Deus.

Na sétima murmuração, Arão e Miriam contestaram a autoridade de Moisés e disseram: “Porventura falou o Senhor somente por Moisés? Não falou também por nós? E o Senhor o ouviu.” (Nm 12:2). E Deus chama os dois e diz-lhes: “Por que, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?” (Nm 12:8). Visto que Deus o tinha comissionado para o servir, toda a afronta era dirigida contra Si mesmo. “Assim se acendeu a ira do Senhor contra eles e ele se retirou; também a nuvem se retirou de sobre a tenda; e eis que Miriã se tornara leprosa, branca como a neve; e olhou Arão para Miriã e eis que estava leprosa.” (Nm 12:9,10). Aquilo que Deus faz ninguém pode contestar, porque Ele é soberano jamais alguém deverá fazê-lo. Então os dois irmãos rogaram ao Senhor pela cura da sua irmã, mas Deus ordenou que estivesse fora do arraial durante sete dias até à purificação total.

Quando Moisés ordenou que espiassem a terra prometida e os espias regressaram com a notícia, dez deles atemorizaram o povo com o relato da existência de gigantes perigosos naquela terra, pelo que o povo murmurou novamente. “E todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e Arão; e toda a congregação lhes disse: Antes tivéssemos morrido na terra do Egito, ou tivéssemos morrido neste deserto.” (Nm 14:2). “E diziam uns aos outros: Constituamos um por chefe o voltemos para o Egito.” (Nm 14:4). Esta foi a oitava murmuração pela qual provocaram Deus.

Finalmente, alguém tinha uma boa notícia para entregar. Josué e Calebe eram mais confiantes e animaram o povo com as seguintes palavras: “A terra, pela qual pas-

sámos para a espiar, é terra muitíssimo boa. Se o Senhor se agradar de nós, então nos introduzirá nesta terra e no-la dará, terra que mana leite e mel. Tão somente não sejais rebeldes contra o Senhor e não temais o povo desta terra, porquanto eles são o nosso pão. Retirou-se deles a sua defesa e o Senhor está connosco; não os temais.” (Nm 14:7-9). Porém, apesar da boa notícia, o povo permaneceu rebelde, pelo que “Disse então o Senhor a Moisés: Até quando me desprezará este povo e até quando não crerá em mim, apesar de todos os sinais que tenho feito no meio dele?” (Nm 14:11). Como lemos na epístola aos Hebreus: “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam.” (Hb 11:6).

A nona vez ficou marcada pela contestação à liderança de Moisés e Arão por três homens ambiciosos que ajuntaram outros “e ajuntando-se contra Moisés e contra Arão, disseram-lhes: Demais é o que vos arrogais a vós, visto que toda a congregação é santa, todos eles são santos, e o Senhor está no meio deles; por que, pois, vos elevais sobre a assembleia do Senhor?” (Nm 16:3). Desta forma provocaram grande descontentamento entre o povo e irritaram novamente o Senhor que os libertara da escravatura egípcia. Seria óptimo ler o referido trecho a fim de recordar a totalidade do sucedido. Moisés teve novamente que intervir perante Deus e o povo “e aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra que estava debaixo deles se fendeu; e a terra abriu a boca e os tragou com as suas famílias, como também a todos os homens que pertenciam a Corá, e a toda a sua fazenda.” (Nm 16:31,32). Qualquer murmuração, rebelião, ou contestação dos desígnios de Deus receberão a justa retribuição.

A décima murmuração foi participada pela totalidade dos hebreus, descontentes pelo morticínio havido por causa da rebelião no dia anterior. “Mas no dia seguinte toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés

e Arão, dizendo: Vós matastes o povo do Senhor.” (Nm 16:41). Observemos a naturalidade com que se atribuem culpas a outros por causa dos próprios erros. Mas Deus não pode ficar indiferente a rebeliões, muito menos enquanto peregrinavam no deserto rumo à terra prometida sob liderança de Moisés, a quem ele comissionara para o efeito. “Ora, os que morreram da praga foram catorze mil e setecentos, além dos que morreram no caso de Corá.” (Nm 16:49).

Conclusão

À guisa de conclusão reproduzo a advertência milenar do apóstolo Paulo: “Pois não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar; e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés e todos comeram do mesmo alimento espiritual; e beberam todos da mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os acompanhava; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles; pelo que foram prostrados no deserto. Ora, estas coisas nos foram feitas para exemplo, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos torneis, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar. Nem nos prostituamos, como alguns deles fizeram e caíram num só dia vinte e três mil. E não tentemos o Senhor, como alguns deles o tentaram e pereceram pelas serpentes. E não murmureis, como alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor. Ora, tudo isto lhes acontecia como exemplo e foi escrito para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos.” (1 Co 10:1-11).

O OCULTISMO

Deuteronómio 18:9-11

“Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te dá, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos.”

Questão

Por que motivo Deus proíbe o ocultismo, visto que ele existe entre os povos desde a antiguidade remota?

Contexto bíblico

O ocultismo é um sistema de práticas ocultas somente conhecidas por alguns estudiosos dessa ciência diabólica milenar. Depois que o pecado entrou no mundo, as pessoas ficaram separadas de Deus. Por este motivo procuravam compreender as circunstâncias que as rodeavam estudando a posição dos astros, o voo das aves, o estado das entranhas dalguns animais, e outras práticas. Além de não ser uma ciência digna de confiança é, também, uma ofensa a Deus procurar tais ajudas ignorando-o a Ele. Observemos o que a Bíblia a dizer-nos sobre essas práticas perniciosas.

Digamos, primeiramente, que o ocultismo consta de práticas abomináveis que ofendem Deus. Visto que, por causa do pecado, as criaturas perderam Deus e a sua orientação, arranjaram substitutos e começaram a procurar di-

recção noutras coisas indignas de crédito. Encontramos essas práticas ocultas na Babilónia desde muito cedo na História da Humanidade. Essas práticas detestáveis espedalharam-se gradualmente pelos continentes e, presentemente, toda a terra está cheia desta vil a falsa ciência que desagrada e ofende o Criador que disse: “E sereis santos para mim; porque eu, o Senhor, sou santo, e vos separei dos povos para serdes meus.” (Lv 20:26). E porque Deus quer um povo santo, Ele proibiu à sua gente o uso dos costumes odiosos que houvesse à sua volta sob pena de morte: “O homem ou a mulher que consultar os mortos ou for feiticeiro, certamente será morto. Serão apedrejados e o seu sangue será sobre eles.” (Lv 20:27)).

Observemos o que é dito sobre a Babilónia devido às suas práticas ocultas: “Desce e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilónia; assenta-te no chão sem trono, ó filha dos caldeus, porque nunca mais serás chamada a mimosa nem a delicada.” (Is 47:1). “Mas ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, perda de filhos e viuvez; em toda a sua plenitude virão sobre ti, apesar da multidão das tuas feitiçarias e da grande abundância dos teus encantamentos” (Is 47:9). “Cansaste-te na multidão dos teus conselhos; levantem-se pois agora e salvem-te os astrólogos, que contemplam os astros, e os que nas luas novas prognosticam o que há de vir sobre ti” (Is 47:13).

Acerca destas práticas consideremos a experiência de Nabucodonosor com os seus conselheiros: “Então o rei mandou chamar os magos, os encantadores, os adivinhadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei os seus sonhos; eles vieram, pois, e se apresentaram diante do rei. E o rei disse-lhes: Tive um sonho, e para saber o sonho está perturbado o meu espírito.” (Dn 2:2,3). Ao que os conselheiros responderam: “dize o sonho a teus servos e daremos a interpretação”. Todavia, isso era impossível para eles, e o rei, desiludido e furioso, mandou matar esses sábios em Babilónia (cf. Dn 2:12).

Entretanto, havia no seu reino um homem capaz de revelar o significado do sonho chamado Daniel. Este, que também servia o rei, impediu a matança e ofereceu-se para revelar o segredo ao rei. Após algum tempo de oração com seus companheiros, Daniel recebeu de Deus a revelação e foi propô-la ao rei. Quando recebeu a revelação do seu sonho, “o rei respondeu a Daniel e disse: Verdadeiramente o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos mistérios, pois pudeste revelar este mistério. Então o rei engrandeceu Daniel, e deu-lhe muitas e grandes dádivas, e o pôs por governador sobre toda a província de Babilónia, como também o fez chefe principal de todos os sábios de Babilónia.” (Dn 2:47,48). Enquanto o rei confiava nos seus sábios astrólogos, Daniel confiava plenamente no seu Deus, que sabe todos os segredos e pode revelá-los a quem Ele quer.

O ocultismo contém práticas ofensivas a Deus e, por este motivo, ordenou que não fossem permitidas entre o seu povo, como está escrito: “Não vos voltareis para os que consultam os mortos nem para os feiticeiros; não os busqueis para não ficardes contaminados por eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.” (Lv 19:31). Manassés, que era um rei hebreu, é acusado de proceder levemente e provocar a ira de Deus com essas práticas odiosas: “Além disso queimou seus filhos como sacrifício no vale do filho de Hinom; e usou de augúrios e de encantamentos, e dava-se a artes mágicas, e instituiu adivinhos e feiticeiros; sim, fez muito mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira.” (2 Cr 33:6).

A astrologia é dominada pela crença nos velhos deuses da antiguidade, como Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão, representados pelos planetas descobertos que receberam os seus nomes. Presentemente, os deuses do passado remoto cederam lugar aos planetas do presente, e alguns astutos fazem negócio vendendo os seus oráculos de nenhum valor. Ora, quem

colocou os astros no firmamento? Não foi o Soberano Criador? Se Ele pôde fazer isso, poderá igualmente responder às interrogações humanas como fez com Daniel.

O ocultismo certamente será punido por Deus, de acordo com as Escrituras. “Quanto àquele que se voltar para os que consultam os mortos e para os feiticeiros, prostituindo-se após eles, porei o meu rosto contra aquele homem e o extirparei do meio do seu povo.” (Lv 20:6). Paulo adverte os cristãos que há um certo número de práticas que impedem fazer parte do reino de Deus. “Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, contendas, ciúmes, iras, facções, dissensões, partidos, invejas, bebedices, orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus.” (Gl 5:19-21).

Tudo isto é considerado fruto da natureza carnal, pecaminosa, em nada compatível com o fruto da natureza espiritual, santificada. E se alguém não revela o espírito de Cristo, o tal não lhe pertence. Em consequência Jesus revelou a João que os tais serão lançados no lago de fogo: “Mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.” (Ap 21:8).

Os cristãos devem sempre consultar a Palavra de Deus, não os astrólogos ou outras magias: “Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondi: Acaso não consultará um povo a seu Deus? Acaso a favor dos vivos consultará os mortos?” (Is 8:19). Eis o que Lucas escreveu acerca dos praticantes do ocultismo convertidos ao cristianismo: “Muitos também dos que tinham praticado artes mágicas ajuntaram os seus livros e queimaram-

nos na presença de todos; e calculando o valor deles, acharam que montava a cinquenta mil moedas de prata.” (At 19:19).

Seria óptimo que todos seguissem este sábio conselho do salmista visto incluir uma valiosa promessa àqueles que seguirem esta regra: “Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores; antes tem seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e noite. Pois será como a árvore plantada junto às correntes de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cuja folha não cai; e tudo quanto fizer prosperará.” (Sl 1:1-3). Os cristãos encontram nas Sagradas Escrituras uma luz para o seu caminho.

Conclusão

Em virtude do exposto, concluímos que o cultismo é diabólico, não é digno de confiança, e arrasta para a condenação aqueles que nele confiam. Seja sábio e confie sobretudo em Deus e na Sua Palavra. Não consulte astrólogo, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem consulte os mortos. Cultive o hábito salutar de consultar as Escrituras Sagradas, o próprio Deus, em oração, ou os piedosos servos de Deus, que a/o aconselharão à luz da Palavra de Deus.

AS VESTES UNISSEXO

Deuterónimo 22:5

“Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher, porque qualquer que faz isto é abominação ao Senhor teu Deus.”

Questão

Durante muito tempo se pensou que as calças seriam a veste própria masculina, enquanto os vestidos seriam a veste própria feminina. Onde está o verdadeiro sentido no trecho supra?

Contexto bíblico

As vestes eram semelhantes para ambos os sexos entre os hebreus. Ambos usavam vestidos e túnicas, embora de cores diferentes para distinguir os sexos. Em Deuteronômio 22:5 há uma advertência quanto ao uso de roupas entre os israelitas: "A mulher não usará roupa de homem, nem o homem veste peculiar à mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao Senhor teu Deus". O termo hebraico que aqui aparece para roupa ou veste é "simlâh" que se encontra também em Gn 9:23 para referenciar a capa com que os filhos de Noé o cobriram, e em Dt 22:17 para mencionar a roupa com que a moça se cobriu, e serviria de prova da sua virgindade. O que aqui se diz na realidade é que não usará o homem a capa da mulher, nem esta a do homem. Ou literalmente: "Não haverá objectos masculinos sobre uma mulher, e, não vestirá o homem manto feminino..."

A diferença no tecido e nas cores deve ter sido notável para que não houvesse engano provável. Ainda que fossem semelhantes, as vestes não serviam para ambos os sexos, como actualmente parece acontecer. Cremos que se pode seguir a mesma regra em todos os tempos. Verificamos neste costume bíblico alguma instrução para os homens de hoje usarem vestidos? Da mesma forma não vemos nele algum impedimento para a modificação das vestes femininas desde que se distingam das masculinas. A mulher veste a sua roupa, e o homem a sua, respectivamente.

E quantas modificações têm sofrido as nossas roupas na história do vestuário? Se assim não fora, andaríamos ainda de pano enrolado ao tronco à espera da última moda, ou até mesmo com as peles como o homem primitivo. Jesus não falou da maneira de vestir a quem quer que fosse. Há, porém, uma referência a roupas, quando Ele aconselha a que não haja inquietação pelo que temos de vestir (Mt 6:31), mas isto é uma chamada de atenção para a abundância do Seu Reino.

S. Paulo aconselha as mulheres cristãs a trajar com modéstia e decência (1 Tm 2:9). A ênfase é dada ao conjunto da apresentação da mulher que, embora com bom gosto, não deve fazer-se notar pelos vestidos luxuosos ou pelas jóias que ostenta, mas sim por obras de justiça. O mesmo conselho lhes dá o apóstolo Pedro (1 Pd 3:3). Em ambas referências não é proibido o adorno, visto que a ênfase, no contexto, vai para o comportamento moral da mulher. Claro que se alguém se apresenta na congregação extravagantemente adornado, será um insulto aos mais pobres.

Os véus que as mulheres hebreias usavam exigem que nos debrucemos um pouco sobre eles. Numa concordância hebraica encontramos três véus nomeados por termos diferentes, que passamos a expor:

a) "Mitpahath" é o manto que a viúva Rute usou para carregar seis medidas de cevada (Rt 3:15). Era semelhante à toga romana que cobria a cabeça e grande parte do corpo.

b) "Tsaiyph" foi usado pela donzela Rebeca quando se encontrou com Isaque e ainda pela viúva Tamar para enganar seu sogro fazendo-se passar por prostituta (Gn 24:65 e 38:14,19). Este véu cobria-lhe o rosto e de tal forma que Judá não a reconheceu.

c) “Radiyd” era um véu de grandes dimensões, de tecido fino, usado pelas senhoras, e encontra-se mencionado em Cantares 5:7 e Isaías 3:23. Na Arménia as mulheres solteiras cobriam somente o queixo, as casadas metade das suas faces, e isto, na sua maioria, como um sinal de sujeição. Supõe-se ser este o véu mencionado por S. Paulo aos coríntios em virtude de sua grafia e som serem bastante semelhantes ao verbo “ter domínio sobre”. Levantar o véu a uma virgem tomava-se um grande insulto, enquanto tirar o véu a uma mulher casada era uma das maiores indignidades que se podia receber. E, realmente, as palavras do apóstolo em I Co 11 revelam este sentido.

Conclusão

Jamais descuremos a realidade de muitos costumes serem próprios de povos específicos, sujeitos a alterações ao longo dos séculos, de acordo com o desenvolvimento da sua própria cultura e condição social. Não há, por conseguinte, motivo para serem usados por outros povos com outras culturas. Os próprios povos bíblicos abandonaram muitas práticas ancestrais, inserindo-se no contexto social contemporâneo. É mister, portanto, extrair o ensino espiritual e moral da mensagem bíblica e não ficar escravo da letra.

CONQUISTAR A CIDADE

Josué 1:3,4

“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo dei, como eu disse a Moisés.”

Questão

A promessa que Deus fez a Josué: “Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés” tem sido comentado de forma não bíblica, sem observação alguma pelas elementares regras hermenêuticas. Visto que a melhor hermenêutica encontra-se nas Sagradas Escrituras, observe-se como Deus fez a promessa a Moisés, lendo o próprio contexto juntamente com Deuterónimo 11.22-25, inserido abaixo.

Contexto bíblico

Primeiro, Deus enviou esta mensagem ao povo de Israel através de Moisés. Então, prometeu tirar as nações daquela terra. Depois, delimitou as fronteiras dos seus termos. Em quarto lugar, assegurou que a terra que pisassem seria deles. Historicamente, estes factores não aconteceram na totalidade, provavelmente devido à desobediência do povo. E, presentemente, constatamos a tremenda luta por causa dum pedaço de terra, muito menor do que o prometido.

“Porque, se diligentemente guardardes todos estes mandamentos que eu vos ordeno, se amardes ao Senhor vosso Deus, e andardes em todos os seus caminhos, e a ele vos apegardes, também o Senhor lançará fora de diante de vós todas estas nações, e possuireis nações maiores e mais poderosas do que vós. Todo lugar que pisar a planta do vosso pé será vosso; o vosso termo se estenderá do deserto ao Líbano, e do rio, o rio Eufrates, até o mar ocidental. Ninguém vos poderá resistir; o Senhor vosso Deus porá o medo e o terror de vós sobre toda a terra que pisardes, assim como vos disse. Vede que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição.”

Posto isto, seria ridículo afirmar que Deus nos anima a conquistar cidades com a mesma promessa. Pois, temos que distinguir entre promessa específica e promessa geral. A promessa feita a Moisés e a Josué é especificamente

dirigida ao povo de Israel, que teriam de conquistar a terra pela força. É que eles, tendo saído do Egito, procuravam uma terra onde pudessem habitar e servir a Deus em liberdade. Ora, isto não acontece connosco, que já temos a nossa terra, onde podemos habitar, embora ainda busquemos uma pátria, mas essa é celestial e muito mais excelente, a qual não podemos conquistar, mas devemos herdar.

Porém, o referido texto tem uma mensagem para os nossos dias, a qual devemos extrair com sabedoria e fidelidade às regras da hermenêutica. Primeiro, o texto convida-nos a confiar em Deus para alcançarmos suprimento para as nossas necessidades contemporâneas. Compare-se com Hebreus 11.6: “Ora, sem fé é impossível agradecer-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que é galardoador dos que o buscam”. Segundo, o texto dá-nos a esperança de que Deus estará connosco enquanto estivermos dispostos a obedecer à sua Palavra. Terceiro, o texto assegura-nos que se dermos o primeiro lugar à Palavra de Deus seremos bem sucedidos.

Mas, não poderemos conquistar uma cidade com o evangelho à semelhança da conquista de Jericó? Talvez. Todavia, isso jamais aconteceu na história da Igreja, e também esses cristãos eram assistidos pelo Espírito Santo. O pastor só poderá pastorear as ovelhas que o Senhor lhe conceder, “o que vem a mim” mais nenhuma. O próprio Senhor Jesus disse acerca dos judeus: “vós não credes porque não sois das minhas ovelhas... as minhas ovelhas ouvem a minha voz... e elas me seguem”. De nada servirá o número de voltas que sejam dadas ao redor da cidade, se o povo não for convencido que vale a pena ser cristão.

Conclusão

A ordem dada a Josué tinha um aspecto militar, e visava conquistar a terra prometida, que, embora prometida, tinha de ser conquistada através da luta de soldados esfor-

çados. Isto jamais significa conquistar qualquer cidade no aspecto evangelístico. Quando muito, veremos sucesso em nossos esforços pessoais ou colectivos como luzeiros brilhantes no reino de Deus. Deste modo seremos influentes sobre o mundo, sem tentar, de algum modo, dominá-lo. Pois também Pedro ensina os presbíteros a cuidar do rebanho de Deus, sem força nem violência, mas com exemplo. O que devemos ser neste mundo para conquistá-lo é: a luz do mundo e o sal da terra, como nos ensina o Senhor Jesus, nosso capitão.

RELACIONAMENTO COM DEUS

Josué 22:5

“Tão-somente tende cuidado de guardar com diligência o mandamento e a lei que Moisés, servo do Senhor, vos ordenou: que ameis ao Senhor vosso Deus, andeis em todos os seus caminhos, guardeis os seus mandamentos, e vos apegueis a ele e o servais com todo o vosso coração e com toda a vossa alma.”

Questão

Qual a norma para mantermos um bom relacionamento com Deus? O que podemos encontrar nas Escrituras que nos indique a maneira correcta de manter calorosa comunhão com Deus?

Contexto bíblico

O bom relacionamento existente entre as pessoas é motivo de paz e felicidade para todos. Então, visto Deus desejar manter óptimo relacionamento com os seus filhos,

convém que em nós haja esse interesse primordial de forma a vivermos em paz e felicidade. Consideremos, então, as maneiras básicas para manter um óptimo relacionamento com Deus.

O elementar requisito para haver bom relacionamento com Deus é o amor. Sem o factor amor não há qualquer hipótese de manter algum relacionamento são com quem quer que seja. Além disso, este é o mandamento capital entregue pelo Senhor aos seus filhos. O salmista canta desta maneira: “Amai ao Senhor, vós todos os que sois seus santos; o Senhor guarda os fiéis e retribui abundantemente ao que usa de soberba. (Sl 31:23). “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.” (Dt 6:5). Amarás, pois, ao Senhor teu Deus e guardarás as suas ordenanças, os seus estatutos, os seus preceitos e os seus mandamentos todos os dias.” (Dt 11:1). O amor exige demonstração prática, e esta consta de submissão às ordenanças do soberano Senhor sem reclamar.

Jesus, quando foi interrogado acerca do grande mandamento da lei, respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lc 10:27). Ele estava em condições de falar assim porque cumpria todos os requisitos expostos. O Pai ama o Filho e o Filho ama o Pai igualmente. E acerca dos deus discípulos diz: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele.” (Jo 14:21). Então, o amor é motivo da revelação de Deus e de comunhão trinitária, entre o Pai, o Filho, e os irmãos. O próprio Deus Pai deu o grande exemplo amando os pecadores, e João assevera que nós amamos porque Ele amou primeiro (cf. 1 Jo 4:19).

Todavia, Tiago, irmão do Senhor, assegura que o amor ao mundo é inimizado contra Deus (cf. Tg 4:9). Como

também ensina João: “Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.” (1 Jo 2:15). Jesus tinha ensinado que ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Ou servimos os interesses de Deus, ou seguimos os ditames do mundo; nisto não existe meio termo. O mesmo Senhor deixou-nos este testemunho acerca do amor do Pai: “Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou” (Jo 10:17,18). É por este motivo que João pede também aos cristãos para amarem igualmente: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos irmãos.” (1 Jo 3:16). Porém, aquele que diz: “Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade” (1 Jo 2:4).

O amor é a prova prática da existência de Deus vivendo em seus filhos e que estes o conhecem realmente, porque Deus é amor, como ensina o apóstolo João: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece Deus. Aquele que não ama não conhece Deus, porque Deus é amor.” (1 Jo 4:7,8). Se alguém não ama, não conhece Deus, e, não conhecendo Deus é impossível manter relacionamento com Ele. João ainda disse mais: “Jamais alguém viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é em nós aperfeiçoado.” (1 Jo 4:12). Esta é a prática que desenvolve um bom relacionamento com Deus, isto é, manter boa comunhão com os irmãos: “Se alguém diz: Eu amo Deus, e odeia o seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama o seu irmão, ao qual viu, não pode amar Deus, a quem não viu. E dele temos este mandamento, que quem ama Deus ame também o seu irmão.” (1 Jo 4:20,21).

Outro requisito importante para o relacionamento com Deus é crer que Ele existe. Se alguém duvida disto, como poderá ter comunhão com Deus?! Assim escreveu o autor

da epístola aos Hebreus: “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam.” (Hb 11.6). Então, cheguemo-nos a Ele com sincero coração e completa certeza (cf. Hb 10:22). Visto que acreditamos na existência de Deus, podemos confiar que Ele possui recompensa para aqueles que O amam e buscam de todo o coração.

O amor deve ser extensivo a todas as pessoas, inclusive os inimigos, de acordo com o ensino do Senhor: “Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus. Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais? não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial.” Mt 5:44-48). Continua o mesmo Senhor instruindo: “E aquele que der até mesmo um copo de água fresca a um destes pequeninos, na qualidade de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa.” (Mt 10:42). Sobretudo, devemos buscar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, a fazer todas as coisas visando a glória de Deus.

Conclusão

Por conseguinte, examinemos se a nossa relação com Deus está de acordo com o exposto à luz das Sagradas Escrituras. Então, procuremos melhorá-la de acordo com modelo bíblico. Amar de todo o coração e com todas as capacidades inerentes ao homem. Procurar sempre servir em seu nome, fazendo todas as coisas para glorificá-lo, somente a Ele. Amar os irmãos e, ainda os inimigos, em demonstração prática que somos filhos de Deus. Ao mesmo tempo, devemos suprir as necessidades quotidianas, ainda que seja somente dar um copo de água fresca a um

sedento. O Senhor promete que tudo isto será recompensado segundo a sua riqueza. Porém, é preciso desenvolver a fé e guardar a esperança, virtudes que agradam a Deus.

CAPÍTULO II

SALMOS E PROVÉRBIOS

LUZ PARA O CAMINHO

Salmo 119:105

“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para o meu caminho”

Questão

Como é que a Palavra de Deus é uma lâmpada para os meus pés e uma luz para o meu caminho? Qual o benefício da Palavra de Deus para mim?

Contexto bíblico

O salmista usa a ilustração das antigas lanternas, que alumiam durante a noite quem viajasse por caminhos perigosos, mostrando os locais de perigo e aconselhando os locais seguros. Deus procede igualmente através da sua Palavra para nos advertir dos perigos que encontraremos nos caminhos da vida e, do mesmo modo, aconselhar-nos a seguir pelo caminho seguro da salvação. Como fez escrever concernente a Israel: “Se guardares o mandamento que eu hoje te ordeno de amar ao Senhor teu Deus, de andar nos seus caminhos, e de guardar os seus mandamentos, os seus estatutos e os seus preceitos, então viverás, e

te multiplicarás, e o Senhor teu Deus te abençoará na terra em que estás entrando para a possuíres.” (Dt 30:16).

O Senhor até lhes propôs dois caminhos, dando-lhes liberdade de escolha: “O céu e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti de que pus diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida para que vivas, tu e a tua descendência” (Dt 30:19). Tudo depende das escolhas que fizermos na vida, o bem ou o mal acontecerá. Josué, que foi o substituo de Moisés na liderança de Israel na conquista da terra prometida, recebeu este sábio conselho: “Não se aparte da tua boca o livro desta lei, antes medita nele dia e noite para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito, porque então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido.” (Js 1:8).

O salmista compôs, também, alguns dos seus cânticos sob o tema da Palavra de Deus, a qual era para ele como uma luz que alumia em lugares escuros porque revela a vontade de Deus: “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração.” (Sl 40:8). Ele até apresenta uma questão e a resposta adequada: “Como purificará o jovem o seu caminho? Observando-o de acordo com a tua palavra. (Sl 119:9). Quem determina observar a Palavra de Deus tem a possibilidade de evitar cair no pecado, o qual ofende Deus, lesa o próximo e prejudica o próprio. Por isso ele canta: “Escondi a tua palavra no meu coração, para não pecar contra ti.” (v. 11).

O poeta salmista ainda canta lamentando a sua situação e pedindo alento: “A minha alma apega-se ao pó; vivifica-me segundo a tua palavra. A minha alma se consome de tristeza; fortalece-me segundo a tua palavra.” (Sl 119:25,28). Ele sabe que a palavra de Deus tem mais importância que muito ouro e muita prata e, por isso, é a sua meditação constante: “Melhor é para mim a lei da tua boca do que milhares de ouro e prata. Oh! quanto amo a tua lei! ela é a minha meditação o dia todo.” (Sl 119:72,97). “A

exposição das tuas palavras dá luz, dá entendimento aos simples.” (Sl 119:130).

Os humildes que lêem, meditam e observam a palavra de Deus, seguindo os seus conselhos, recebem iluminação do Espírito Santo e sabedoria para agir correctamente. “Muita paz têm os que amam a tua lei e não há nada que os faça tropeçar.” (Sl 119:165). Ele até clama por compreensão à luz da sua palavra: “Chegue a ti o meu clamor, ó Senhor; dá-me entendimento conforme a tua palavra.” (Sl 119:169). “Porque o mandamento é uma lâmpada, e a instrução uma luz, e as repreensões da disciplina são o caminho da vida” (Pv 6:23). E Jesus assegurou que os praticantes do ensino da palavra de Deus são extremamente felizes, como está escrito: “Mas ele respondeu: Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a observam.” (Lc 11:28).

A Sagradas Escrituras narram que a vida de Jesus era uma luz entre os homens. O princípio do evangelho de João apresenta-nos Jesus como o Verbo (Logos) de Deus, ou Palavra de Deus. E que esta mesma Palavra tomou a forma humana e habitou entre nós (v. 14). E que “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1:4). E “o povo que estava sentado em trevas viu uma grande luz; sim, aos que estavam sentados na região da sombra da morte, a estes a luz raiou.” (Mt 4:16). “Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andaré em trevas, mas terá a luz da vida.” (Jo 8:12). A Palavra que imite luz para todos incarnou e tornou-se pessoa a fim de irradiar ainda mais luz.

Após a sua ascensão ficámos novamente com a luz da Palavra de Deus, a qual nos esclarece e capacita para sermos também uma luz brilhante no meio das trevas espirituais deste mundo, de acordo com Paulo: “Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados, no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual

resplandeceis como luminares no mundo” (Fl 2:14,15). Agora observamos a Palavra de Deus diariamente a fim de obtermos a sua luz para irradiarmos luz no mundo, conforme O Senhor afirmou: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mt 5:14,16).

O perigo de rejeitar a luz da Palavra de Deus foi esclarecido pelo Senhor quando disse: “E o julgamento é este: A luz veio ao mundo, e os homens amaram antes as trevas que a luz porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz a fim de que seja manifesto que as suas obras são feitas em Deus” (Jo 3:19-21). E Paulo confessa que também nós “outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.” (Ef 5:8).

O apóstolo João dá testemunho de Deus como sendo a luz: “E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz e nele não há trevas nenhuma.” (1 Jo 1:5). Por isso na futura morada dos santos “A cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela resplandeçam; porém a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. As nações andarão à sua luz e os reis da terra trarão para ela a sua glória.” (Ap 21:23,24). “E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de luz de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumiará e reinarão pelos séculos dos séculos.” (Ap 22:5).

Conclusão

A mensagem central da Bíblia irradia luz para a nossa salvação. Os efeitos naturais dessa mensagem, quando obedecida, é uma nova civilização com novas criaturas que agem para glória de Deus. Como escreveu o salmista

para cantar: “Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores; antes tem seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e noite. Pois será como a árvore plantada junto às correntes de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cuja folha não cai; e tudo quanto fizer prosperará. Não são assim os ímpios, mas são semelhantes à moinha que o vento espalha. Pelo que os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos porque o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios conduz à ruína.” (Salmo 1).

EXPRESSÕES DE LOUVOR

Salmo 150:1

“Louvai ao Senhor! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento do seu poder.”

Questão

Geralmente, usamos três expressões de louvor a Deus: Aleluia, Amén, e Glória a Deus. E quantas vezes ouvimos estas expressões fora do contexto! Observemos pela Bíblia a sua aplicação correcta.

Contexto bíblico

Aleluia vem do verbo hebraico “allal” que significa brilhar, louvar, elogiar.

- a) A primeira vez aparece em Lv 19:24; “para dar louvores a Yahweh”.
- b) Os pagãos também elogiavam os seus deuses, Jz 16:24.

- c) David nomeou 4.000 músicos para louvarem a Yahweh, 1 Cr 23:5
- d) Os Salmos são abundantes em louvores porque Deus é bom, Sl 106:1; os Salmos 111, 112, 113 começam com a palavra “Aleluia” – louvai a Yah. E o Salmo 117 começa com a expressão completa “louvai a Yahweh”; mas termina com a palavra “Aleluia”. Os Salmos 146 a 150 começam e terminam com a palavra “Aleluia”.
- e) Por conseguinte, os cristãos devem acompanhar o culto com a expressão “Aleluia” no devido momento de louvor a Deus.

Améns vem do verbo hebraico “amán” que significa confirmar, concordar.

- a) A primeira vez aparece para confirmar a maldição da desobediência, Nm 5:22; Dt 27:15-18.
- b) Aparece a confirmar a bênção da obediência, 1 Rs 1:35,36; 1 Cr 16:36
- c) Então, é abundante para confirmar os louvores a Deus; Ne 8.6; Sl 41:13; 72:19; 89:52; 106:48.
- d) O N. T. tem esta palavra, transliterada para o grego, 126 vezes. Jesus usou-a: “porque na verdade vos digo”, ou expressão semelhante, Mt 5:18; Jo 10:32.
- e) O Criador que é bendito eternamente; Amén. Rm. 1:25; 9:5. Glória, pois, a Ele eternamente; Amén. Rm 11:36.
- f) Portanto, os cristãos devem acompanhar a mensagem do pregador com a expressão “Amén” no momento certo confirmando o que ouvem.

Glória a Deus é uma expressão de louvor muito corrente no culto ao Senhor.

- a) Convite a cantar glória a Deus, Lv 10:3; Sl 66:2; os anjos cantaram glória a Deus nas alturas, Lc 2:14.
- b) E não houve quem voltasse para dar glória a Deus, Lc 17:18; feriu-o o anjo do Senhor porque não deu glória a Deus, At 12:23;
- c) Alguém foi fortalecido na fé dando glória a Deus, Rm 4:20; no céu dão glória a Deus e ao Cordeiro, Ap 4:9,11.

Conclusão: Em vista do exposto, é aconselhável usar correctamente estas expressões no louvor a Deus, e não em qualquer momento fora do contexto. Deus aprecia os louvores, mas devem ser proferidos conscientemente e no momento apropriado. Amém.

A EDUCAÇÃO HEBRAICA

Provérbios 22.6

“Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele.”

Questão

Habitados a usar o trecho unicamente no sentido religioso, verificamos haver muitos afastados do caminho. Qual será o verdadeiro sentido do trecho?

Se lermos o versículo anterior em conjunto com o seis encontraremos outro sentido além do tradicional, que nos parece mais correcto: vv. 5,6, Espinhos e laços há no caminho do perverso; o que guarda a sua alma retira-se para longe deles. Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele.

Literalmente:

Instrui a criança de acordo com o seu caminho, ainda quando for velho não se apartará dele.

Nos tempos primitivos as mães não desmamavam as suas crianças senão entre os trinta meses e os três anos de idade; e o dia da desmama era considerado um dia festivo, Gn 21:8, Êx 2:7,9, 1 Sm 1:22-24, Mt 21:16. Aos cinco anos, as crianças começavam a aprender as artes e os deveres da vida sob o cuidado de seus pais, Dt 6:6,7, 20-25; 11:19. José era chamado uma criança quando provavelmente teria dezasseis anos de idade, Gn 37:3.

Contexto social

A princípio, a educação hebraica era informal, assegurada pelos pais aos filhos no lar, e muito poucos tinham esse privilégio, por nem todos os pais saberem ler. A educação religiosa era também da responsabilidade dos pais: “ao levantar, ao deitar e ao caminhar” (Dt 11:19; 32:46). Timóteo aprendeu as sagradas letras na sua meninice (2 Tm 3:15).

No templo havia escola de sacerdotes (1 Sm 1:23-25). E Samuel fundou uma escola de profetas em Ramá (1 Sm 19:18,19). Nos tempos de Elias e Eliseu havia escola de profetas (2 Rs 2:3; 4:38; 6:6).

Nas sinagogas, foi provavelmente a partir do cativeiro babilónico que os hebreus se viram obrigados a fundar escolas. E nos tempos do Novo Testamento estavam em funcionamento.

O modelo de ensino do professor judeu era extraído do exemplo dado pelo Mestre divino, na Bíblia: “Este é o caminho, andai nele” (Isaías 30:20,21).

O professor sentava-se num estrado, de pernas cruzadas, tendo à sua frente os rolos da Torá, e os alunos igualmente sentados à sua frente.

Os primários deviam dominar várias passagens das Escrituras:

1. Shema – Dt 6:4,5
2. Submissão – Dt 11:13-21
3. Vestes – Nm 15:37-41
4. Hallel – Salmos 113 a118
5. Criação – Gn 1 a 5
6. Sacrifícios – Lv 1 a 8; Levítico avançado era destinado a inteligências especiais.
7. Lições sabáticas – Quando os rapazes atingiam a idade adequada reuniam-se na “Casa do Livro” na Sinagoga. Aos pés do “Hazzan” o bibliotecário, e sob a sua supervisão, preparavam as lições.

Os **secundários** podiam discutir, mais tarde, a Lei com os “Rabis” (Lc 2:41-47).

1. Saulo de Tarso aprendeu aos pés de Gamaliel, At 22:3.
2. Timóteo devia conservar o que aprendeu aos pés de Saulo (2 Tm 1:13).

A **disciplina** era uma componente do ensino. “A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (Pv 29:15).

Conclusão

Um sábio judeu afirmou que “aquele que não ensina a seu filho uma profissão útil faz dele um ladrão”. E este princípio concorda muito bem com o de Pv 18:24, que vem a seguir.

MUITOS AMIGOS

Provérbios 18:24

“Um homem que tem muitos amigos pode congratular-se, mas há um amigo mais chegado do que um irmão.”

Questão

Qual o verdadeiro sentido do trecho? Muitos amigos serão de regozijo, ou de aflição?

Contexto bíblico

Observando o versículo literalmente com o contexto anterior, o v. 23: “Um pobre fala com súplicas, mas um rico responde com dureza. Um homem de companheiros é para ruína, mas há um amigo mais chegado que um irmão.”

Vamos decompor a frase hebraica com a tradução por baixo. Se compararmos as partes sublinhadas concluímos que o autor jogou com vocábulos de fonética semelhante para ensinar um princípio importante:

לְהַתְּרַעַע רְעִים אִישׁ Pr 18:24

é para a ruína de companheiros um homem

וְיֵשׁ אָהֵב דְּבַק מֵאָח

que um irmão mais chegado um amigo mas há

Juntemos os contextos:

18:23 – Um pobre fala com súplicas, mas um rico responde com dureza. 24 Um homem de companheiros é para ruína, mas há amigo mais chegado que um irmão.

19:1 – Melhor é o pobre que anda na sua integridade, do que o perverso de lábios e tolo.

v. 2 – Não é bom agir sem reflectir, e o que se apressa com os pés erra o caminho.

v. 3 – A estultícia do homem perverte o seu caminho, e o seu coração se irrita contra o Senhor.

v. 4 – As riquezas granjeiam muitos amigos (רְעִים) pl. camaradas ou companheiros), mas do pobre o seu pró-

prio amigo se separa (רע sg. camarada ou companheiro).

Note-se a semelhança da raiz hebraica de companheiros e ruína. Note-se também a semelhança da raiz hebraica de amigo e irmão. E mais importantes são o vocábulo hebraico אהב 'amigo' que é semelhante ao do 'amor' אהב 'ahav'; ambos são compostos pelos mesmos caracteres, só se distinguindo pelo acréscimo dos sinais vocálicos.

Devemos ainda considerar que o texto foi escrito no ambiente cultural não-cristão. Por isso não pode referir-se aos nossos amigos cristãos.

Então, um homem não tem muitos amigos, mas muitos camaradas que o usam em seu benefício próprio. Se ele chegar à ruína desprezam-no imediatamente. Isso aconteceu com o filho pródigo, narrado por Lucas, que, tendo chegado à ruína, foi desprezado pelo seu próprio irmão. Mas teve um verdadeiro amigo, o seu pai.

O verdadeiro amigo é aquele cujo amor 'ahav' nunca falha, como diz Paulo aos coríntios. O hebraico 'Ahav', em grego 'Agápe' é nome e característica de Deus, e este amor nunca falha. Nunca cai, permanece no mesmo nível apesar das circunstâncias, como se traduz do grego em 1 Co 13:4-8.

O princípio é: Sê sábio a escolher o teu leal amigo. Isto concorda com o de Provérbios 22:6.

DIA DO SENHOR

“Tocai a trombeta em Sião e dai o alarme no meu santo monte. Tremam todos os moradores da terra porque vem vindo o dia do Senhor, já está perto; dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de negrume! Como a alva, está espalhado sobre os montes um povo grande e poderoso, qual nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. Diante dele um fogo consume, e atrás dele uma chama abrasa; a terra diante dele é como o jardim do Édem mas atrás dele um desolado deserto; sim, nada lhe escapa. (Jl 2:1-3)...

Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça.

O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há-de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; pois no monte Sião e em Jerusalém estarão os que escaparem, como disse o Senhor, e entre os sobreviventes aqueles que o Senhor chamar.” (Jl 2:28-32).

CAPÍTULO III

PROFECIA

O DIA DO SENHOR

Isaías 13:9

“Eis que o dia do Senhor vem, horrendo, com furor e ardente ira, para pôr a terra em assolação e para destruir do meio dela os seus pecadores.”

Questão

A expressão ‘dia do Senhor’ aparece vinte e cinco vezes desde Isaías até ao Apocalipse. Importa saber o significado real em todas essas narrativas. Para isso, observemos as diversas narrativas bíblicas relacionadas com a dita expressão.

Contexto bíblico

Ao examinar as referidas citações bíblicas, concluímos que a dita expressão ‘dia do Senhor’ tem pelo menos quatro sentidos diferentes, cujos exemplos seguem abaixo. Primeiramente, digamos que ‘o dia do Senhor’ representa duas opções e dois destinos. Tanto significa dia de salvação, como dia de condenação. Isto é, o tempo de castigo para uns é, ao mesmo tempo, de salvação para outros, tal como aconteceu no tempo de Noé. Houve condenação e destruição para os desobedientes, e, ao mesmo tempo,

salvação e vida para os obedientes. No mesmo dia uns entrarão no céu, enquanto outros serão rejeitados ali, conforme a narrativa de Mateus: “Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Posuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;” (Mt 25:34). “Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos;” (Mt 25:41). “E irão eles para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna.” (Mt 25:46). Eis alguns exemplos bíblicos:

1. Dia de castigo para Babilónia, que oprimia o povo de Deus: “Uivai, porque o dia do Senhor está perto; virá do Todo-Poderoso como assolação... Eis que o dia do Senhor vem, horrendo, com furor e ira ardente para pôr a terra em assolação e para destruir do meio dela os seus pecadores.” (Is 13:6,9).
2. No mesmo dia do Senhor haverá salvação para Israel: “Naquele dia o Senhor padejará o seu trigo desde as correntes do Rio, até o ribeiro do Egipto; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. E naquele dia se tocará uma grande trombeta; e os que andavam perdidos pela terra da Assíria, e os que foram desterrados para a terra do Egipto tornarão a vir; e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém.” (Is 27:12,13).
3. O dia do Senhor é também conotado com o dia de vinte e quatro horas, o Sábado para os hebreus no AT. “Se desviares do sábado o teu pé, e deixares de prosseguir nas tuas empresas no meu santo dia; se ao sábado chamares deleitoso, ao santo dia do Senhor, digno de honra; se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem te ocupando nas tuas empresas, nem falando palavras vãs”... (Is 58:13).

4. O dia do Senhor é também usado com referência à comemoração da ressurreição de Jesus:
- a. “E, no primeiro dia da semana foram ao sepulcro muito cedo, ao levantar do sol... Ora, havendo Jesus ressurgido cedo, no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demónios.” (Mc 16:2,9). “Chegada, pois, a tarde, naquele dia, o primeiro da semana, e estando os discípulos reunidos com as portas cerradas por medo dos judeus, chegou Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco.” (Jo 20:19).
 - b. No primeiro dia da semana, os discípulos perseveraram em reunir-se em memória da ressurreição do Senhor: “No primeiro dia da semana, tendo-nos reunido a fim de partir o pão, Paulo, que havia de sair no dia seguinte, falava com eles, e prolongou o seu discurso até a meia-noite.” (At 20:7). “No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder, conforme tiver prosperado, guardando-o, para que se não façam colectas quando eu chegar.” (1 Co 16:2).
 - c. Quando estava cativo em Patmos, João teve uma visão que se crê ter sido no primeiro dia da semana: “Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor e ouvi por detrás de mim uma grande voz, como de trombeta” (Ap 1:10).
5. O dia do Senhor relacionado com a profecia de Joel acerca da primeira vinda do Senhor: “O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.” (Joel

2:31). E seu o cumprimento confirmado por Pedro no dia de Pentecostes: “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: ...O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor; e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” (At 2:16,20,21).

6. O dia do Senhor está também relacionado com o tempo da segunda vinda do Senhor: “porque vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como vem o ladrão de noite;” (1Ts 5:2). “Virá, pois, como ladrão o dia do Senhor, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão descobertas.” (2 Pd 3:10).

Contexto histórico

A Didaquê, um velho documento do segundo século, dá este testemunho acerca do primeiro dia da semana: “Reunidos no dia do Senhor, parti o pão e dai graças, após confessardes os vossos pecados, a fim de que seja puro o vosso sacrifício. Se alguém tiver qualquer contenda com seu companheiro, não se reuna convosco enquanto não se reconciliar para que não seja profanado o vosso sacrifício.”

O Apologista Justino, que viveu no século II, cerca de 150 d. C., ao narrar a prática do culto cristão, menciona que os cristãos reuniam-se no primeiro dia da semana, desta forma: “Reunimo-nos no dia do sol por ser o primeiro dia da semana, dia em que Deus, afugentando as trevas e o caos (matéria), criou o mundo, neste dia também nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou dentre os mortos, pois crucificaram-no na véspera do dia de Saturno (inglês, Saturday, português, Sábado), e no dia posterior ao dia de Saturno, ou seja, no dia do Sol, Cristo apareceu aos após-

tolos e discípulos, ensinando-lhes estas coisas que, para vossa consideração, vos tenho transmitido.”

O reconhecimento oficial do primeiro dia da semana como descanso semanal cabe ao imperador romano Constantino I, decreto de 7 de Março do ano 321, como segue: “Constantino a Elpídio. Todos os juízes, cidadãos e artesãos descansarão no venerando dia do sol. Os camponeses poderão, porém, atender à agricultura, por ser este o dia apropriado para fazer a sementeira...” Assim como Constantino reconheceu a liberdade de culto aos cristãos, reconheceu-lhes também o direito de se reunirem no primeiro dia da semana, como era tradição entre eles desde que Cristo ressuscitara. E, como o sétimo dia tinha o nome de Saturno, o primeiro dia recebeu o nome de ‘dia do Senhor’, ou em latim ‘Domini’, Domingo em português.

Conclusão

Em vista do exposto, consideremos que o dia do Senhor sempre teve dois significados: condenação ou salvação. Por isso, e visto que Ele virá como vem o ladrão para assaltar a casa, devemos estar preparados constantemente, afim de podermos acompanhá-lo e não sermos ‘deixados para trás’. Como está escrito: “Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.” (1 Ts 4:17). De acordo com a sua promessa: “Porque o Filho do homem há-de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então retribuirá a cada um segundo as suas obras.” (Mt 16:27). Assim seja.

A EXISTÊNCIA DO MAL

Isaías 45:1-7

“Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal;”

Questão

Deus cria mesmo o mal que há no mundo? Ou o trecho terá outro significado? Que mal é que ele cria?

Contexto

Tanto Israel como Judá enveredaram pela idolatria que Deus lhes tinha proibido. Por isso, O Senhor mandou-lhes dizer que seriam levados para terras distantes por setenta anos. Então foram levados para a Assíria e Babilónia. Passados os setenta anos levantou Ciro, rei da Pérsia, para fazer regressar o povo à sua terra e para que se saiba que não há outro deus além de Jeová.

Para entender o verso sete devemos tomar em consideração a cultura persa. Predominava ali a ideia dualista da luta entre dois deuses. Aura Mazda era o deus da luz, enquanto Arimã era o deus das trevas.

Jeová quer provar que é único para ambas as coisas e disse: “Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal.” Is 45:7. Este mal deve ser compreendido à luz do contexto histórico.

Deus criou esse mal a Israel por causa do seu pecado. Moisés avisou-os que se adoptassem a idolatria da terra o Senhor os tiraria dali e levaria para terras distantes, Dt 4:23-29. “Guardai-vos de que vos esqueçais do pacto do Senhor vosso Deus, que ele fez convosco, e não façais

para vós nenhuma imagem esculpida, semelhança de alguma coisa que o Senhor vosso Deus vos proibiu. Porque o Senhor vosso Deus é um fogo consumidor, um Deus zeloso (isto é, ciumento). Dt 4:23,24.

Jeremias escreveu que Deus retribuiu o seu pecado permitindo que reis vizinhos os levassem cativos. “Quando jejuarem não ouvirei o seu clamor, e quando oferecerem holocaustos e oblações não me agradarei deles; antes eu os consumirei pela espada, pela fome e pela peste.” Jr 14:10-12. Este foi o mal que Deus criou a Israel, e significa que o Senhor permite que os adversários castiguem o seu povo retirando a sua protecção. Portanto, Deus não cria o mal na generalidade, mas cria a adversidade aos idólatras.

Deus escolheu Ciro para fazer bem a Israel motivado pela conversão. Assim como Deus levantava alguns para castigar o povo, também levantava outros para repatriá-lo. “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater nações diante de sua face, e descingir os lombos dos reis; para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão.” Is 45:1.

Esdras escreveu que Deus o encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, Ed 1:1-4. Ele dá-nos a lista dos primeiros retornados à sua terra. Ed 2:1. Os restantes ajudaram-nos com ofertas, e Ciro devolveu o que Nabucodonosor tinha roubado do Templo, Ed 1:6,7.

Conclusão

Por conseguinte, Deus não cria o mal em sentido genérico, mas cria a adversidade para castigo por causa do pecado até à conversão.

FERIDAS SARADAS

Isaías 53:4

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas dores;”

Questão

À luz daquele trecho devemos perguntar: Por que motivo grandes homens e mulheres dedicados de Deus não têm desfrutado a bênção daquelas palavras, sofrendo a morte por doença incurável? De quem foi a falta?

Contexto anterior

Is 1:4-6 “Ah, nação pecadora, povo carregado de iniquidade, descendência de malfeitores, filhos que praticam a corrupção! Deixaram o Senhor, desprezaram o Santo de Israel, voltaram para trás. Por que seríeis ainda castigados, se persistis na rebeldia? Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã; há só feridas, contusões e chagas vivas, não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo.” Era este o estado nacional de Israel.

Is 1.12-14 “Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto de vós, que viésseis pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação. As luas novas, os sábados, e a convocação de assembleias ... não posso suportar a iniquidade e o ajuntamento solene! As vossas luas novas, e as vossas festas fixas, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer.” Injustiça não!

Vocábulos explicados

Is 53.4 – “Verdadeiramente (1), ele tomou sobre si as nossas enfermidades (2) e as nossas dores (3) levou sobre si; e nós o reputámos por aflito, ferido de Deus e oprimido.” (Almeida).

“Surely he hath borne our griefs, and carried our sorrows: yet we did esteem him stricken, smitten of God, and afflicted.” (King James)

Hebraico relativo aos números acima

- 1 ‘aken = verdadeiramente, certamente
- 2 chalah = dor, pesar, aflição
- 3 ka’ab = tristeza, mágoa, aflição

Is 53.5 – “Mas ele foi ferido (1) pelas nossas transgressões (2) e moído pelas nossas iniquidades (3); o castigo que nos traz a paz (4) estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras fomos sarados (5). (Almeida).

“But he was wounded for our transgressions, he was bruised for our iniquities: the chastisement of our peace was upon him; and with his stripes we are healed. (King James)

Hebraico relativo aos números acima

- 1 chalal = profanado, desonrar, quebrantar, ferir,
- 2 ‘avon = perversidade, depravação, iniquidade,
- 3 shalom = paz, prosperidade, bem-estar, honrar,
- 4 chabbuwrah = magoar, chicotear, ferir, espancar,
- 5 raphah = cura, reparação de feridas nacionais envolvendo restauração.

Is 53.6 – “Todos nós andámos desgarrados (1) como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade (2) de nós todos.

Hebraico relativo aos números acima

1 ta‘ah = extraviados, deambulando, desencaminhados, fora do caminho

2 ‘avon = perversidade, depravação, iniquidade, culpa.

Contexto posterior

Is 58:7-8 – “Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desamparados? que vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará. e a tua justiça irá adiante de ti; e a glória do Senhor será a tua retaguarda.” E Jr 6.13-15 “Porque desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à avareza; e desde o profeta até ao sacerdote, cada um procede perfidamente. Também se ocupam em curar superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz. Porventura se envergonharam por terem cometido abominação?”

Por conseguinte, devido ao pecado de idolatria, e falta de arrependimento, Israel ficou destinada ao cativo. O profeta manifesta antecipadamente a sua dor, assim como a promessa de livramento, restauração e retorno à terra prometida, sarando-os de todas as suas aflições e consequências devido ao pecado. Isto esclarece muito bem a visão de Ezequiel, dos ossos secos restaurados. Jesus veio cumprir aquela profecia, mas foi rejeitado; porém curou espiritual e fisicamente os doentes que o procuravam, em sinal de que o reino de Deus tinha chegado.

Pedro, escrevendo aos dispersos pela perseguição, refere este trecho de Isaías quando diz o seguinte: “levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo, sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados. Porque éreis desgarrados, como ovelhas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas” (1 Pd 2:24, 25).

Comparar este trecho de Pedro com o de Isaías 58:8, mencionado acima: “Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará. e a tua justiça irá adiante de ti; e a glória do Senhor será a tua retaguarda.” Deus aprecia a prática da justiça

Conclusão

Então, assim como a nação de Israel foi sarada e restaurada, e regressou à terra prometida pela graça de Deus, também os cristãos chegarão à morada prometida sarados e restaurados, e sem pecado pela mesma graça de Deus.

NENHUMA BELEZA

Isaías 53:2

“Pois foi crescendo como renovo perante ele e como raiz que sai duma terra seca; não tinha formosura nem beleza; e quando olhávamos para ele nenhuma beleza víamos para que o desejássemos.”

Questão

Poderemos afirmar que o filho de Deus não tinha beleza alguma para que o desejássemos? Se sim, em que trechos encontraremos apoio para esta afirmação?

Contexto bíblico

Ninguém sabe como era a fisionomia do Senhor antes de ter celebrado a sua última páscoa com os discípulos. Mas, quando se dirigiu para o Getsêmani e aí esteve em oração e agonia, já podemos imaginar o seu estado fisionómico devido ao sofrimento infligido pelo peso dos nossos pecados. As Escrituras atestam que ali começou o seu

grande sofrimento, de maneira que do seu corpo jorram gotas de suor com sangue. “E, posto em agonia, orava mais intensamente; e o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue, que caíam sobre o chão.” (Lc 22:44). Não estaria já desfigurado o seu semblante devido à sua imensa angústia?!

Depois de ser preso e levado a julgamento, começou o interrogatório que, segundo o costume, era feito sob aplicação de agressões físicas, como foi escrito por Lucas: “Os homens que detinham Jesus zombavam dele, e feriam-no; e, vendando-lhe os olhos, perguntavam, dizendo: Profetiza, quem foi que te bateu?” (Lc 22:63,64). Após este juízo preliminar levaram-no a Herodes, que troçou dele e remeteu a Pilatos para continuar a sua árdua missão: “Herodes, porém, com os seus soldados, desprezou-o e, escarnecendo dele, vestiu-o com uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos.” (Lc 23:11). Haveria nele alguma beleza para que o desejássemos?!

Após regressar ao governante, Pilatos queria soltá-lo mas o povo, instigado pelos sacerdotes, pediu a sua crucificação. “Mais uma vez, pois, falou-lhes Pilatos, querendo soltar Jesus. Eles, porém, bradavam dizendo: Crucifica-o! crucifica-o! Falou-lhes, então, pela terceira vez: Pois, que mal fez ele? Não achei nele nenhuma culpa digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei. (Lc 23:20-22). Mas o povo clamava ainda mais pela sua crucificação. Enquanto escutava estas palavras do povo, não estaria o seu espírito angustiado a ponto de sua fisionomia estar desfigurando?! “Então soltou-lhes Barrabás; mas a Jesus mandou açoitar e entregou-o para ser crucificado... E, despindo-o, vestiram-lhe um manto escarlate; e tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e na mão direita uma cana, e ajoelhando-se diante dele, escarneciam-no, dizendo: Salve, rei dos judeus.” (Mt 27:26-29). Que beleza poderíamos achar neste homem de dores e sendo troçado por todos?!

João conta-nos que “tomaram, pois, a Jesus; e ele, carregando a sua própria cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.” (Jo 19:17,18). Quando ele manifestou que tinha sede embeberam uma esponja em vinagre e chegaram-lhe aquela mistela para aliviá-lo. “Então Jesus, depois de ter tomado o vinagre, disse: está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.” (Jo 19:30). Perante este cenário tão triste, esperaríamos ver um homem com a beleza de quem não é troçado, que goza saúde, que não sente dores, e sabe que vai morrer brevemente?! Simplesmente teremos que dizer: não, ele não tinha beleza alguma para ser desejado.

Conclusão

O Filho de Deus, enquanto sofria pelos nossos pecados, perdeu a beleza com a qual fora dotado pelo Pai de modo a não ser desejado. Naquele tempo foi desprezado por todos, até pelos seus amigos. Somente uns poucos permaneceram junto dele para procederem às últimas ações devidas aos mortos. Contudo, ainda que assim tenha acontecido com o Filho de Deus, o profeta Isaías escreveu que “Ele verá o fruto do trabalho da sua alma e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo justo justificará a muitos, e as iniquidades deles levará sobre si.” (Is 53:11). Agora temos motivo para desejá-lo e seguir o seu exemplo, porque lhe proporcionará alegria suprema ao ver o resultado do seu sofrimento, milhões em todo o mundo que lhe dedicaram suas vidas para servirem no seu propósito.

A MARCA DA SALVAÇÃO

Ezequiel 9:4

“Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela.”

Questão

Que sinal é esse que Deus mandou colocar na testa dos homens?

Contexto bíblico

Deus mandou marcar os homens que demonstrassem dor pelo estado de Israel. Essa marca era o Tav, ט, e o vocábulo do verbo marcar é Tavit, (טוֹיֵט).

O alfabeto hebraico começa com alef ‘א’ e termina com Tav ‘ט’. O pecado de Aleph a Tav é total e carece de reparação total de Aleph a Tav ‘אָט’.

Quem tiver o sinal Tav ‘ט’ fica livre da condenação. Um nome para Deus é ‘Verdade’, em hebraico ‘Emet’, da direita para a esquerda, תמא, primeira, mediana e última letras do alfabeto hebraico. מ = M, inicial da palavra Mashiah, Messias, que se refere a Cristo, o Ungido.

Jesus é o Cordeiro de Deus que veio para tirar o pecado do mundo de Aleph a Tav, ‘אָט’ primeira e última letras do alfabeto hebraico, respectivamente. Portanto, Jesus é o sacrifício perfeito para satisfazer a exigência total pelo pecado. A ideia vem de Êxodo 12:23. A marca do sangue do cordeiro os livraria da morte. Essa marca foi transformada em Aleph e Tav, ‘אָט’.

E em Apocalipse 7:3-5 lemos de 144 mil assinalados de todas as tribos de Israel. Ap 9:4 ordena que não façam mal aos que têm o selo de Deus, em grego (*sfragida tou Theou*). Ap 14:1 demonstra que os marcados estarão com o Cordeiro sobre o monte de Sião porque têm na testa o nome dele e de seu Pai.

Conclusão

Esse nome é o selo de Deus para garantir a sua propriedade: No AT é *alef e tav*, 'אָת', no NT é *alfa e omega* 'ΑΩ'. Pois, Ap 14:4 indica que aqueles marcados foram comprados para Deus e para o Cordeiro. Ap 22:4 assegura que estes verão o seu rosto, e na sua testa estará o seu nome. Mas, em Ef 1:13,14 e 4:30 diz que os crentes estão selados (*esfragisthete*) para o dia da redenção. Em Ap 3:12 informa também os vencedores da igreja de Filadélfia que receberão a marca do seu nome. Ora, Jesus apresentou-se como o Alfa e o Omega, 'ΑΩ', em Ap 1:8,17; 2:8; 21:6; 22:13. Ap 1:17 condiz com Isaías 41:4, e 44:6, o primeiro e o último: ΑΩ = אָת.

Ao lado: Um anel de selar com alfa e omega encontrado em Roma. Retirado de www.JewishEncyclopedia.com



ADORNOS NAS MÃOS

Ezequiel 13:18

“Assim diz o Senhor Jeová: Ai das que cosem almofadas para todos os sovacos e que fazem travesseiros para ca-

beça de toda estátua para caçarem as almas.” (Almeida Revista e Corrigida).

Outras versões

“Assim diz o Senhor Deus: Ai das que cosem pulseiras mágicas para todos os braços, e que fazem véus para as cabeças de pessoas de toda estatura para caçarem as almas!” (Almeida Atualizada).

“Y di: Así ha dicho el Señor Jehová: Ay de aquellas que cosen almohadillas á todos codos de manos, y hacen veletes sobre la cabeza de toda edad para cazar las almas!” (Castelhana, de Reina e Valera).

“Thus sayth the Lorde God, Woe vnto the women that sowe pillowes vnder al arme holes, and make vailes vpon the head of euery one that standeth vp, to hunt soules.” (inglês antigo, versão de Geneva).

Questão

Onde está a verdade nestas versões? São pulseiras, almofadas, rendas, ou véus?

Contexto bíblico

Comparando o texto de Ezequiel 13:3,4 com o de Jeremias 23:1,2 chegamos à conclusão que Ezequiel usou uma profecia bem conhecida para enfatizar a sua mensagem e aplicá-la aos seus companheiros no exílio:

1. “Assim diz o Senhor Deus: Ai dos profetas insensatos, que seguem o seu próprio coração. Os teus profetas, ó Israel, têm sido como raposas nos desertos” (Ezequiel).

2. “Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto, diz o Senhor. Portanto assim diz o Senhor, o Deus de Israel, acerca dos pastores que apascen-

tam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes, e não as visitastes. Eis que visitarei sobre vós a maldade das vossas acções, diz o Senhor” (Jr 23:1,2)

3. “Portanto, sim, porquanto desviaram o meu povo, dizendo: Paz, paz; e não há paz; e quando se edifica uma parede, eis que a rebocam com argamassa fraca” (Ez 13:10)

4. “Assim diz o Senhor Deus: Ai das que cosem pulseiras mágicas para todos os braços, e que fazem véus para as cabeças de pessoas de toda estatura para caçarem as almas!” (Ez 13:18).

Conclusão

Primeiramente há uma acusação aos líderes de Israel, assim como aos falsos profetas, porque não protegem o povo, antes descuidam a sua missão protectora, exemplificado com a edificação sem argamassa forte para unir as pedras. Desta forma o edifício depressa ruirá.

Depois refere-se às profetisas, que fabricavam utensílios de adorno para os punhos das mangas e para a cabeça de toda a gente, a fim de agradarem e atraírem as mulheres a seguir a sua mensagem enganosa. Dessa forma o povo era desviado do verdadeiro caminho traçado por Deus.

Tanto eles como elas diziam que ouviam e viam a mensagem de Deus, mas o Senhor diz através do profeta que Ele não os tinha chamado para tal função e que não ouviam nem viam nada da Sua parte. Eram somente imaginações do seu pensamento. Por isso considerava-os falsos profetas e mentirosos.

Somente o profeta que vive de acordo com o Coração de Deus fala conforme com a Palavra de Deus. Esse é o verdadeiro profeta, o mensageiro enviado e inspirado pelo Senhor para transmitir o seu recado ao povo necessitado.

Além disso, o povo deve, também, examinar tanto o carácter como o ambiente em que se move o profeta a fim de reconhecer o seu real interesse.

OSSOS SECOS

Ezequiel 37:1-3

“Veio sobre mim a mão do Senhor; e ele me levou no Espírito do Senhor, e me pôs no meio do vale que estava cheio de ossos; e me fez andar ao redor deles. E eis que eram muito numerosos sobre a face do vale; e eis que estavam sequíssimos. Ele me perguntou: Filho do homem, poderão viver estes ossos? Respondi: Senhor Deus, tu o sabes.”

Questão

Aqueles ossos na visão de Ezequiel falam a respeito de quem? Da restauração de Israel, ou da ressurreição dos cristãos?

Israel como nação livre deixara de existir, após ser levada para o cativeiro por Assíria e Babilónia. Estava moribunda nacionalmente. Seria possível esses ossos secos voltarem a ter vida? O profeta afirmou que Deus sabia essa possibilidade.

Contexto

De acordo com Ez 36:16-21, o pecado da idolatria maculou Israel e afastou a nação de Deus. Israel perdeu a nacionalidade por causa do seu próprio pecado. A idolatria foi o princípio da rebelião, e Deus não podia tolerar semelhante atitude. Israel perdeu a terra prometida por causa da sua desobediência ao pacto feito no Sinai.

Todavia, Deus prometeu limpá-los e restaurá-los, conforme narrado em Ez 36:22-38. Então, deu também ao profeta a visão da restauração de Israel com o seu regresso à terra prometida, na Palestina, de acordo com Ez 37:1-14. “Profetizei, pois, como se me deu ordem. Ora enquanto eu profetizava, houve um ruído; e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se achegaram, osso ao seu osso.” Ez 37:7. ...“Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que eles dizem: Os nossos ossos secaram-se, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo cortados.” Ez 37:11.

Mas Deus é fiel à sua promessa. E, a fim de atingir o seu alvo, levantou Ciro como governante com o propósito de permitir e preparar o regresso do povo à sua terra, conforme está registado em Isaías 45. Ciro foi inspirado a agir em conformidade com o plano de Deus. Pois Ele pode servir-se de quem quer, mesmo que não lhe esteja dedicado, como está escrito: “Por amor de meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamo pelo teu nome; ponho-te o teu sobrenome, ainda que não me conheças.” Is 45:4.

É neste contexto que Deus diz que pode fazer o bem e o mal. Isto é, tanto pode ser favorável ao povo, quando obediente, como desfavorável, quando desobediente, conforme o relato de Isaías: “Para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu sou o Senhor, que faço todas estas coisas.” Is 45:6,7.

Ora, sabemos pelas Sagradas Escrituras que o regresso aconteceu da mesma forma como saíram cativos. Se saíram por três vezes, regressaram também por três vezes. Isso aconteceu sob o comando de Zorobabel, Esdras e Neemias.

Deus prometeu também a Israel um rei da descendência de David como pastor do povo. 37:15-28. “Também o meu servo Davi reinará sobre eles, e todos eles terão um

pastor só; andarão nos meus juízos e guardarão os meus estatutos e os observarão.” Ez 37:24.

Isso cumpriu-se em Jesus, apresentado pelo Pai como rei eterno: “Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.” Lc 1:32,33.

O próprio Senhor Jesus confessou ser o bom pastor e “vendo ele as multidões, compadeceu-se delas porque andavam desgarradas e errantes, como ovelhas que não têm pastor.” Mt 9:36. E dizia: “Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas.” Jo 10:11.

Porém, Jesus, o descendente de David, foi rejeitado como pastor e rei, como ele mesmo declarou: “Mas primeiro é necessário que ele padeça muitas coisas, e que seja rejeitado por esta geração. Lc 17:25. Os dirigentes não queriam um rei manso e humilde, ambicionavam um guerreiro, agitador de massas, um semelhante a Barrabás.

Mais tarde, após a ressurreição de Jesus, os apóstolos diziam: “O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro; sim, Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados.” At 5:30,31.

Conclusão

Apesar da rejeição do seu Messias, Israel recuperou a nacionalidade em 1948. Mas têm sofrido aflições e padeirão até que digam: “Bendito o que vem em nome do Senhor”, segundo a sua profecia: “Eis aí, abandonada vos é a vossa casa. E eu vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.” Lc 13:35.

SECÇÃO II

NOVO TESTAMENTO

A PREGAÇÃO DE JESUS

“Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei- vos porque é chegado o reino dos céus. E Jesus, andando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos - Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, os quais lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

Eles, pois, deixando imediatamente as redes, seguiram-no. E, passando mais adiante, viu outros dois irmãos - Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, no barco com seu pai Zebedeu, consertando as redes; e chamou-os. Estes, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no.

E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo. Assim a sua fama correu por toda a Síria; e traziam-lhe todos os que padeciam, acometidos de várias doenças e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos, e os parálíticos, e ele os curou. De sorte que o seguiam grandes multidões da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia, e dalém do Jordão.” (Mt 4:17-25).

CAPÍTULO IV

EVANGELHOS

BAPTISMO DE FOGO

Mateus 3:7-12

“Eu, na verdade, vos baptizo em água, na base do arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alparcas; ele vos baptizará no Espírito Santo e em fogo.”

Questão

O baptismo de fogo tem sido interpretado de várias maneiras pelos Pais da Igreja. Alguns dizem que significa tribulações e aflições que os crentes em Cristo são chamados a passar. O autor de “Opus Imperfectum”, sobre Mateus, diz que há três espécies de baptismo: da água, do Espírito Santo, e do fogo, o qual representa tribulações e aflições. Então, observa que Jesus passou por estes três baptismos: O da água, pelas mãos de João. O do Espírito, recebeu do Pai. E o do Sofrimento, na luta com Satanás no deserto.

João Crisóstomo disse que significa as superabundantes graças do Espírito. Basílio e Teófilo dizem ser o fogo do inferno. Cirilo e Jerónimo dizem ser a descida do Espírito Santo no Pentecostes. Ilário diz que significa o fogo pelo qual os justos passarão no dia do Juízo para purificá-los das coisas que os impediriam de entrar na glória.

Ambrósio diz que este baptismo será administrado à porta do paraíso por João, e pensa que isto significa a espada inflamada de Gn 3:24. Orígenes e Lactâncio dizem ser um rio de fogo, à porta do céu, mas observam que quando os justos passarem, as chamas líquidas dividir-se-ão para dar-lhes passagem. (Godbey’s W. B. New Testament Commentary – Mateus).

Contexto bíblico

O mais certo é significar o fogo da geenna, onde serão lançados os ímpios. Senão, vejamos o contexto de Mateus 3. No contexto anterior de Mt 3:7-10 fala aos fariseus hipócritas dizendo-lhes que as árvores que não produzem bom fruto serão lançadas no fogo – isto é na geenna. No contexto posterior do verso doze diz-lhes que com a pá na sua mão limpará a eira, e recolherá o trigo no celeiro, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará – isto é na geenna. Compare-se com Mateus 7:15-20 e 13:30, 40-42. O mesmo se passa em Lucas 3:9 e 17. Compare-se com Marcos 9:42-49. Alguns serão lançados na geenna, onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga. E ainda Apocalipse 20:13,15: aqueles que não estiverem inscritos no livro da vida serão lançados no lago de fogo. Isto é a geenna.

João assemelhou os saduceus e fariseus às serpentes que fugiam das areias escaldantes e procuravam refúgio fresco à beira do Jordão. Assim estavam eles a fazer para escapar à condenação ao fogo. Portanto, uns para o celeiro, no céu, outros para o fogo, na geenna.

Agora vejamos o contraste entre publicanos e fariseus: Lc 7:29,30 “E todo o povo que o ouviu, e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, recebendo o baptismo de João. Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus quando a si mesmos, não sendo baptizados por ele.”

Conclusão

O baptismo de fogo foi mencionado por João em contraste com o baptismo no Espírito porque estava falando a duas classes de ouvintes: os sinceros receberiam o baptismo no Espírito Santo, enquanto os hipócritas seriam lançados na Geenna, onde sofreriam o baptismo de fogo.

Além disso, Lucas, no livro de Actos, usa somente a expressão ‘baptismo no Espírito Santo’ conforme segue: “Porque, na verdade, João baptizou em água, mas vós se-reis baptizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias.” (At 1:5). (Cf. 1:6,8,16: 2:4; etc.).

História da Geenna

Geenna, em hebraico, Gê Hinnon, era a terra de Hinnom, a sudoeste de Jerusalém que:

1. Manassés usou para lugar de sacrifício a Moloque, 2 Cr. 33:6;
2. Josias destruiu reformando o culto ao Senhor, 2 Rs 23:10;
3. Foi transformada em lugar de matança e lixeira da cidade, Jr. 7:31-34; Jr. 19.
4. Jesus usou como figura do castigo eterno, onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga, Mc. 9:43-47.
5. É referida no Apocalipse quando, no juízo final, a morte e o hades darão os seus mortos e serão lançados no lago de fogo, Ap. 20:13-15; 21:8.
6. Só Deus, pai e filho, tem poder para lançar no fogo da geenna, Lc 12:5; Mt 25:41.

HADES – SHEOL

Lucas 16:23

“No Hades ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe a Abraão, e a Lázaro no seu seio.”

Questão

Qual o significado de Hades, e o que é o abismo intransponível mencionado no trecho?

Mitologia

Segundo a mitologia grega, Hades era o deus dos mortos. Era filho dos Titãs Crono e Reia, e irmão de Zeus e Poseidon. Quando os três irmãos dividiram o mundo entre si, depuseram o pai, Crono, e a Hades coube o mundo inferior, que recebeu o seu nome. Zeus ficou com o domínio dos céus, e Poseidon foi senhor dos mares.

Hades estava dividido em duas regiões: Erebus, para onde os mortos passavam logo após a morte, e o Tártaro, a região mais profunda, onde os Titãs tinham sido aprisionados. Era lugar de cavernas e grutas no canto mais terrível de Erebus, o mundo dos mortos, para onde todos os inimigos do Olimpo eram enviados e onde eram castigados por seus crimes.

Rios sinistros separavam o mundo inferior do mundo superior e o velho barqueiro Charonte carregava as almas dos mortos através dessas águas.

O Hades era representado como um lugar sombrio, tenebroso e de muitas portas.

Em lendas tardias, o submundo é descrito como um lugar onde os bons são recompensados e os maus castigados.

Bíblia

Hades (gr) é o lugar dos mortos, onde existe um grande abismo entre duas regiões, conforme está escrito: “E além disso, entre nós e vós está posto um grande abismo, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem os de lá passar para nós.” (Lc 16:26).

Comparemos com **2 Pd 2:4**: “Porque se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno (o grego e a vulgata têm tártaro), e os entregou ao abismo da escuridão, reservando-os para o juízo” – O Tártaro é a parte mais funda do Hades com abismo pelo meio.

Seol é o equivalente hebraico para o grego Hades. É o lugar onde Jacó esperava encontrar-se com seu filho José, como está escrito: “ele, porém, recusou ser consolado e disse: Na verdade, com choro hei-de descer para meu filho até ao Seol. Assim o chorou seu pai.” (Gn 37:35) não no tártaro. A versão da Septuaginta traduz por Hades: Gn 37:35; Is 5:14; 14:9,11,15; Pv 15:24.

Geenna (gr) – Em hebraico, Guê Hinnon, era a terra de Hinnom, a sudoeste de Jerusalém, mencionado acima. Simboliza o verdadeiro inferno. É o lugar onde há fogo inextinguível, conforme os trechos seguintes: “Eu, porém, vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo; e quem disser a seu irmão, Raca, será réu diante do sinédrio; e quem lhe disser, Tolo, será réu do fogo do inferno.” (Mt 5:22). “E, se teu olho te fizer tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; melhor te é entrar na vida com um só olho, do que, tendo dois olhos, ser lançado no inferno de fogo.” (18:9).

“E se a tua mão te fizer tropeçar, corta-a; melhor é entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. [onde o seu

verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu pé te fizer tropeçar, corta-o; melhor é entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno. [onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga.” (Mc 9:43-48).

Observemos o relato de Apocalipse 20:13: “O mar entregou os mortos que nele havia; e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e foram julgados, cada um segundo as suas obras.” E nos versículos 14 e 15: “E a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.”

PROCURAR SINAIS

Mateus 12:38,39

“Então alguns dos escribas e dos fariseus, tomando a palavra, disseram: Mestre, queremos ver da tua parte algum sinal. Mas ele respondeu-lhes: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal se lhe dará, senão o do profeta Jonas.”

Questão

Serão os sinais dignos de crédito para que sejam procurados avidamente por pessoas necessitadas da intervenção divina nas suas vidas? Não serão, alguns deles, uma fraude exercida por pessoas sem escrúpulos, que lesa os incautos?

Contexto bíblico

O próprio Senhor Jesus começou o seu ministério com milagres, como está escrito por João: “Assim deu Jesus início aos seus sinais em Caná da Galileia e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele.” (Jo 2:11). “Ora, estando ele em Jerusalém pela festa da páscoa, muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome.” (Jo 2:23). “Então Jesus lhe disse: Se não virdes sinais e prodígios, de modo algum creereis.” (Jo 4:48). “E seguia-o uma grande multidão porque via os sinais que operava sobre os enfermos.” (Jo 6:2).

E ficou escrito que sinais e maravilhas acompanhariam os que nele cressem: Observemos alguns trechos a este respeito: “E estes sinais acompanharão aos que crerem: em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e se beberem alguma coisa mortífera não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos e estes serão curados. Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à direita de Deus. Eles, pois, saindo, pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que os acompanhavam.] (Mc 16:17-20). “E Deus pelas mãos de Paulo fazia milagres extraordinários” (At 19:11).

Todavia, os milagres, embora sejam sinais da operação poderosa de Deus, nem sempre levam ao arrependimento, conforme a crítica de Jesus a duas cidades: “Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se operaram, há muito elas se teriam arrependido em cilício e em cinza.” (Mt 11:21). Noutra ocasião, “respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que me buscais, não porque vistes sinais, mas porque comestes do pão e vos saciastes.” (Jo 6:26). “E embora tivesse operado tantos sinais diante deles, não criam nele.” (Jo 12:37).

Mas, o Senhor também nos deixou um aviso sério para que o povo de Deus se não deixasse enganar por falsos milagres, como está escrito: “Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis. Porque hão-de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão sinais e prodígios para enganar, se possível, até os escolhidos. Ficai vós, pois, de sobreaviso; eis que de antemão vos tenho dito tudo.” (Mc 13:22,23). “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demónios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” (Mt 7:22,23).

Que resposta tão séria como justa! Embora tenham acontecido operações milagrosas, o facto não ficou a dever-se aos agentes, mas à misericórdia de Deus com os necessitados da sua intervenção. Eles buscam, em primeiro lugar, os seus interesses e a sua fama, e Jesus, considerando isso, despreza-os igualmente.

Todos aqueles falsos milagreiros são preparadores do caminho para a chegada do anticristo, grande operador de sinais, como encontramos narrado na carta aos tessalonicenses e em Apocalipse: “e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda; a esse iníquo cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira” (2 Ts 2:9). “E operava grandes sinais, de maneira que fazia até descer fogo do céu à terra, à vista dos homens; Pois são espíritos de demónios, que operam sinais; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso.” (Ap 16:13,14). “E a besta foi presa, e com ela o falso profeta que fizera diante dela os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e os que adoraram a sua imagem. Estes dois

foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.” (Ap 19:20).

Conclusão

O maior sinal dado pelo Senhor é o facto comprovado da sua ressurreição, como ele disse: “pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.” (Mt 12:40). Mas, no final dos três dias saiu do seio da terra e apareceu vivo aos discípulos. Por este motivo, não é seguro o povo de Deus andar à procura de milagres porque pode ser enganado. O mais certo é confiar na ressurreição do Senhor e descansar na sua promessa de estar connosco em espírito. Por este motivo somos o seu corpo, como Paulo escreveu: “Ora, vós sois corpo de Cristo e, individualmente, seus membros.” (1 Co 12:27). “E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1 Ts 5:23).

PARÁBOLAS DO REINO

Mateus 13

“E falou-lhes muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear, e quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram.”

Questão

É corrente ouvir apresentar as parábolas do tesouro e da pérola como ensinando acerca do esforço humano para ter direito ao reino de Deus.

Ora, se isto fosse assim, estaríamos a obter lugar no reino pelo mérito humano das nossas obras, ainda reminiscência católica, que é contra a teologia bíblica e o lema dos reformadores: só Escritura, só Graça, só Fé. Segundo as Escrituras, tudo nos é concedido de Graça por intermédio da Fé. (cf. Ef. 2:5-10). Eis o que foi proposto pelo Senhor: “Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo – anóthen – ‘de cima’ não pode ver o reino de Deus.” (Jo 3:3). Só isso.

Definição

Como é sabido, parábola é uma narração, geralmente curta, para ensinar uma verdade moral ou espiritual, através de comparação com a vida real. Mateus apresenta, no capítulo treze, sete parábolas, mais uma em conclusão, para ensinar sobre o desenvolvimento gradual do reino de Deus.

A primeira e a segunda ensinam sobre a implantação do reino: são as parábolas da sementeira e a do trigo e joio. O campo é o mundo, e nós estamos no mundo.

A terceira e a quarta instruem acerca do crescimento do reino: são as parábolas da semente da mostarda e a do fermento. O fermento faz crescer a massa que está no mundo.

A quinta e a sexta versam sobre o valor do reino: são as parábolas do tesouro e da pérola valiosa. O campo é o mundo, e no mundo estamos nós.

A sétima e a oitava ensinam sobre a missão transcultural do reino. Assim:

- a) A sétima é acerca da responsabilidade da Igreja de alcançar todas as classes de pessoas com a evangelho.

- b) A oitava conclui sobre a sabedoria da Igreja para atingir todas as classes em todas as épocas com o mesmo evangelho.

Solução

Quem se privou de tudo para nós termos tudo, foi nosso Senhor Jesus Cristo, que pagou com sua vida e seu sangue – o valor do reino –, de acordo com 1 Pd 1:17-21 conforme expresso abaixo:

“E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor durante o tempo da vossa peregrinação, sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo, o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifesto no fim dos tempos por amor de vós, que por ele credes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de modo que a vossa fé e esperança estivessem em Deus.”

1 Pd 2:9 – “Mas vós sois a geração eleita, o reino sacerdotal (no grego) a nação santa, o povo adquirido”... 1 Co 6:20 – “Porque fostes comprados por valioso preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo. 1 Co 7:23 – Por preço fostes comprados; mas vos façais escravos de homens.”

Ap 14:3 ... “e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil, aqueles que foram comprados da terra.” Ap 14:4 ...”Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes foram comprados dentre os homens para serem as primícias para Deus e para o Cordeiro.”

At 4:12 – “E em nenhum outro há salvação porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos. Rm 10:10 – “pois é

com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Tt 2:11 – “Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens.

Conclusão

Então, as parábolas são classificadas em três pares, mais uma conclusiva, e seguem todas o tema do desenvolvimento do reino de Deus: Implantação, crescimento, Valor, e a Missão da Igreja no mundo.

O FERMENTO NA MASSA

Mateus 13:33

“Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha até ficar tudo levedado.”

Questão

Embora saibamos que o fermento é símbolo da corrupção e da maldade, deveremos, por isso, considerá-lo, também, como o mesmo símbolo no versículo supra? Nesse caso, a mulher estaria juntando corrupção à farinha, o que não é o facto. A mulher adiciona fermento à farinha a fim de esta fermentar e crescer, tornando o pão mais fofo e próprio para comer.

Contexto bíblico

A Bíblia começa a falar de fermento quando, no Egito, Deus ordena aos hebreus que durante sete dias devem privar-se dele nas suas casas: “Por sete dias comereis pães ázimos; logo ao primeiro dia tirareis o fermento das vos-

sas casas porque qualquer que comer pão levedado, entre o primeiro e o sétimo dia, esse será cortado de Israel.” (Êx:12.15).

Visto que os hebreus estariam deixando a vida velha de escravidão, rumo a uma vida nova de liberdade, essa transição devia ser marcada por um sinal forte que fosse recordado pelos séculos. Comer anualmente, na Páscoa, pão sem fermento, é recordar, comemorar e ensinar aos descendentes como Deus libertou Israel da terra da escravidão e os levou à terra da liberdade a fim de servirem a Deus como povo livre.

Muitos anos se passaram, e Jesus, certa vez, falou-lhes sobre o cuidado a ter com o fermento dos fariseus e dos saduceus. “E Jesus lhes disse: Olhai, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. (Mt 16:6). Tendo eles associado o discurso ao pão da Páscoa, Jesus teve de explicar: “Como não compreendeis que não nos falei a respeito de pães? Mas guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. Então entenderam que não dissera que se guardassem do fermento dos pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.” (Mt 16:6,11).

As doutrinas erradas, essas sim, corrompem as ideias, os bons costumes, as boas acções, etc. Por essa causa, também Paulo se dirige aos cristãos coríntios desta maneira: “Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Expurgai o fermento velho, para que sejais massa nova, assim como sois sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, já foi sacrificado. Pelo que celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade.” (1 Co 5:6-8).

Conclusão

No caso supra, de Mateus 13:33, de acordo com o contexto imediato, o fermento significa simplesmente causa de crescimento do reino, à semelhança da pequenina se-

mente de mostarda que se desenvolve até chegar a grande planta, de modo que até as aves encontram abrigo nela. Os cristãos, à semelhança do sal, estão misturados na massa humana desta terra e causam o crescimento do reino de Deus até à sua consumação total.

A IGREJA DE CRISTO

Mateus 16:18

Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela.

Questão

Como poderemos identificar a Igreja fundada por Cristo? Quais são as suas características reconhecíveis?

Contexto bíblico

O reconhecimento de pessoas e coisas é feito segundo as características observadas nos primeiros encontros. Assim, também a identificação da Igreja de Cristo obedece à observação de certos aspectos identificáveis à luz de padrões bíblicos revelados por Deus. Consideremos então os factores fundamentais para identificar a Igreja de Cristo segundo as Escrituras Sagradas.

Cristo pregou a necessidade de arrependimento e novo nascimento para as pessoas fazerem parte do seu reino (cf. Jo 3.3,7). A sua igreja é formada por pecadores perdoados, purificados e libertados de prisões espirituais, para servirem unicamente àquele que os libertou da escravidão. Os apóstolos pregaram a necessidade de arrependimento seguido do baptismo: “E, ouvindo eles isto, compungiram-se

em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (At 2:37,38).

Identificamos a Igreja de Cristo considerando o início da sua formação. Jesus é o seu fundador e director supremo. Ele é o sumo pastor (cf. 1 Pd 5:4). E de acordo com o ensino universal de Pedro: “Porque éreis desgarrados como ovelhas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas.” (1 Pd 2:25). “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina” (Ef 2:20). Quando Paulo e Silas foram libertos pelo carcereiro em Filipos, houve uma pergunta importante seguida de resposta importantíssima: “Senhores, que me é necessário fazer para me salvar? “Responderam eles: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.” (At 16:31). Arrependimento e fé em Cristo são imprescindíveis para pertencer à sua Igreja.

A Igreja de Cristo é identificada pela novidade de vida em contraste com a dos demais habitantes da terra. Como está escrito: “se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” (2 Co 5:17). Ser nova criação significa distinguir-se dos outros, no carácter, na moral e nos costumes, resignando à velha natureza que dominava até ali. Essa mudança deve ser distinguida por um marco histórico através do baptismo em água, como símbolo de sepultura para o velho homem, que morreu para o mundo de pecado. De acordo com o ensino de Paulo: “Pois fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.” (Rm 6:4). Vida nova e baptismo em água são essenciais para pertencer à Igreja de Cristo.

Identificamos a Igreja de Cristo considerando a comunhão existente entre os seus membros como corpo unido, e a sua fidelidade à doutrina dos apóstolos, conforme está escrito: “Da multidão dos que criam, era um só o coração e uma só a alma, e ninguém dizia que coisa alguma das que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns.” (At 4:32). “e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). Até “o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhando-se da doutrina do Senhor.” (At 13:12).

A Igreja de Cristo é identificada pela comunhão trinitária: “sim, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que vós também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.” (1 Jo 1:3). E “em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos pelos apóstolos. Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum” (At 2:43,44). A Igreja de Cristo é também marcada por sinais e maravilhas operados pelo Espírito Santo.

Identificamos a Igreja de Cristo considerando o seu serviço social. No início da sua existência, os apóstolos, sentindo a necessidade de eleger homens dotados para assistirem às carências sociais, ordenaram: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço.” (At 6:3). As igrejas da Macedónia deixaram-nos um excelente exemplo de serviço social testemunhado por Paulo: “Porque lhes dou testemunho que, segundo as suas posses, e ainda acima das suas posses, deram voluntariamente, pedindo-nos enfaticamente o privilégio de participarem neste serviço a favor dos santos” (2 Co 8:3,4). “Porque a administração deste serviço não só supre as necessidades dos santos, mas também transborda em muitas acções de graças a Deus” (2 Co 9:12).

Identificamos a Igreja de Cristo pelo seu exemplo, procurando glorificar a Deus em todas as ações conforme o ensinamento do apóstolo: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3:23). “Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbedos, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. (1 Co 6:9,10). “Portanto, quer comais quer bebais, ou fazeis, qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1 Co 10:31). Se outros não reflectem a glória de Deus, que sejam os discípulos de Cristo a fazê-lo, porque para isso fomos restaurados à sua imagem.

Identificamos a Igreja de Cristo mediante o seu serviço missionário para edificação do reino dos céus, conforme o mandamento do Senhor. Após ter lançado as bases o Senhor ordenou: “Portanto, indo fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos.” (Mt 28:19,20). Os discípulos obedeceram à grande comissão e indo, encheram a terra do conhecimento do Senhor: “Mas, quando creram em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus e do nome de Jesus, baptizavam-se homens e mulheres.” (At 8:12). “Paulo, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, discutindo e persuadindo acerca do reino de Deus.” (At 19:8). Lucas dá-nos o testemunho do aconteceu quando Paulo e Silas chegaram a Tessalónica: “Assaltando a casa de Jason, procuravam-nos (os apóstolos) para entregá-los ao povo. Porém, não os achando, arrastaram Jason e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade, clamando: Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui” (At 17:6).

Foi reconhecido por eles que a Igreja tinha já atingido o mundo com a mensagem do reino.

Identificamos a Igreja de Cristo, também, pelos ministérios que ele mesmo lhe conferiu a fim de cumprir a sua missão eficazmente: “E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:11,12). Houve ainda necessidade de outros ministérios para os ajudarem na sua função: “E, havendo-lhes feito eleger presbíteros em cada igreja e orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido” (At 14:23). E no início da epístola aos filipenses lemos esta saudação: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos, graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Fl 1:1).

Além disso, podemos ainda identificar a Igreja de Cristo através do exemplo dos seus ministros, como está escrito: “Por esta causa te deixei em Creta para que puseses em boa ordem o que ainda não o está, e que em cada cidade estabelecesses anciãos, como já te mandei; alguém que seja irrepreensível, marido de uma mulher, tendo filhos crentes que não sejam acusados de dissolução, nem sejam desobedientes. Pois é necessário que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro de Deus, não soberbo, nem irascível, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, moderado; retendo firme a palavra fiel, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para exortar na sã doutrina como para convencer os contradizentes.” (Tt 1:5-9). Esta norma moral é válida para todos.

Conclusão

Por conseguinte, a Igreja de Cristo pode ser identificada na sua constituição; isto é, ela é composta de pessoas arrependidas do pecado e nascidas de novo por obra do Espírito Santo para manterem uma comunhão trinitária, com o Pai, o Filho e os irmãos. Pode ser identificada, também, no seu serviço social em benefício dos mais necessitados. E ainda nos ministérios conferidos por Cristo para sua edificação, a fim de cumprir a Grande Comissão evangelística na edificação do reino dos céus.

DOIS OU TRÊS REUNIDOS

Mateus 18:19,20

“Ainda vos digo mais: Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.”

Questão

O Senhor terá insinuado que dois ou três reunidos em seu nome já são uma igreja? Ou terá outro significado? Temos de considerar o contexto bíblico próximo para responder a esta questão.

Contexto bíblico

Começamos pelo texto base deste assunto: “Assim, também não é da vontade de vosso Pai que está nos céus, que venha a perecer um só destes pequeninos. Ora, se teu irmão pecar, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda con-

tigo um ou dois para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada.” (Mt 18:14-16).

“Se recusar ouvi-los, di-lo à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu. Ainda vos digo mais: Se dois de vós na terra concordarem acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” (Mt 18:17-20).

Quando alguém comete pecado fica sujeito à condenação e permanece sob o juízo divino por causa da sua rebeldia. É por este motivo que um irmão deve procurar o seu irmão para salvá-lo da condenação a que está sujeito. Foi neste contexto que o Senhor deu a respectiva instrução: “Que vos parece? Se alguém tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará as noventa e nove nos montes para ir buscar a que se extraviou?” (Mt 18:12).

Primeiro, consideremos que o Senhor ensinou quatro passos para conciliar irmãos desavindos, a fim de um, ou os dois, não se perderem:

1. Realizar uma reunião conciliatória entre as pessoas envolvidas.
2. Realizar segunda reunião na presença de testemunhas.
3. Considerar o caso em assembleia geral da igreja.
4. Excluir a parte obstinada da comunhão da igreja.

O ofendido pode tomar a iniciativa, no caso de o ofensor a não tomar. Isto é, quem ficou ofendido com o procedimento de algum irmão, deve considerar que Deus também poderá estar ofendido. Neste caso, a melhor atitude é procurar o referido irmão e esclarecê-lo do perigo existente devido ao seu pecado. Porém, se não der crédito a esse aviso, deve ser tomada outra solução: chamar uma ou duas testemunhas para confirmação do sucedido. E, finalmente,

após esgotadas todas as hipóteses de conciliação, a assunto é levado à assembleia geral para decisão final. Conforme ensinou o Senhor: “Se recusar ouvi-los, di-lo à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano.” (Mt 18:17).

Depois diz que “tudo o que ligardes na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra será desligado nos céus” parece significar que Deus só agirá depois de nós agirmos, o que não pode corresponder à verdade. Deus não pode depender dos nossos caprichos, nem corroborar todas as nossas acções. Tudo deverá obedecer aos padrões entregues por Jesus, o Soberano.

Além disso, temos de considerar gramaticalmente os vocábulos gregos usados em ‘ligar’ e ‘desligar’ para recebermos mais luz. Ambas expressões estão no futuro perfeito perifrástico passivo, formado pelo futuro do verbo ser e o perfeito passivo dos verbos ligar ou desligar (*estai dedemena* e *estai lelumena*), respectivamente, cujo significado mais correcto seria: terá sido ligado, ou, terá sido desligado. Por este motivo, seria mais lógico concluir que quando alguém for ligado ou desligado, na terra, já o terá sido por Deus no céu. Ele não espera pela nossa acção, muitas vezes falível. Quando um pecador se arrepende é imediatamente recebido por Deus, devido à sua fé, conforme foi dito ao carcereiro de Filipos: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua casa.” (At 16:31). Assim como quando alguém peca também fica sujeito à condenação divina, ‘porque o salário do pecado é a morte’.

Em seguida, Jesus contou uma parábola sobre certo rei que perdoou a dívida a dois de seus servos. Porém, um deles, recusou-se a perdoar ao seu companheiro e foi condenado por isso. A lição ensina que assim como recebemos o perdão de Deus, também devemos concedê-lo aos outros, sob pena de sermos excluídos do seu reino. Uma sociedade perdoada não pode existir se não estiver pronta a perdoar.

E Jesus continua o seu discurso: “Ainda vos digo mais: Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” (Mt 18.19,20). Esta declaração refere-se a outro assunto, respeitante aos pedidos feitos a Deus sob o acordo de, pelo menos, duas pessoas. Ou seja: Se dois ou três chegarem à conciliação através do perdão, também Deus perdoará. “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas”, diz o Senhor em Mateus 6:14,15. Se concordarem noutros assuntos importantes, conforme o plano de Deus, também o Senhor aprovará.

Reunidos em meu nome – Isto é, agindo sob minha autoridade. Sobre este tema examinemos João 10:25 e 16:23,24, respectivamente: “As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim.... Em verdade, em verdade vos digo que tudo quanto pedirdes ao Pai, ele vo-lo concederá em meu nome. Até agora nada pedistes em meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo seja completo.” Isto pode significar:

- a) ao meu serviço;
- b) no tempo de oração;
- c) reunidos em obediência ao meu mandamento;
- d) com desejo de promover a minha glória.

Conclusão

Ali estou eu no meio deles significa que nada poderia mais claramente provar que Jesus é omnipresente e, sem dúvida, que é Deus. Todos os dias, onde estiverem dois ou três reunidos em nome de Jesus, o Emanuel, ele está no meio deles como Salvador e Senhor para ajudar na solução. Todavia, dois ou três reunidos não são uma igreja, como já tem sido opinado. A palavra igreja, em grego,

significa assembleia, e nenhuma assembleia pode ser realizada somente com três pessoas.

Eis uma resposta possível: A Bíblia contém o número dez muito repetido, e, talvez por isso, os judeus, apreciando-o como número perfeito, o tenham considerado número mínimo para uma reunião em sinagoga. Observemos alguns exemplos: “Disse ainda Abraão: Ora, não se ire o Senhor, pois só mais esta vez falarei. Se porventura se acharem ali dez? Ainda assentiu o Senhor: Por causa dos dez não a destruirei.” (Gn 18:32). “...e escolheu Moisés homens capazes dentre todo o Israel, e os pôs por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez.” (Êx 18:25). “Assim diz o Senhor dos exércitos: Naquele dia sucederá que dez homens, de nações de todas as línguas, pegarão na orla das vestes de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco.” (Zc 8:23).

REINO DE DEUS OU REINO DOS CÉUS

Mateus 19:23,24

“Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.”

Questão

Tendo já ouvido pregar sobre reino de Deus e reino dos céus como coisas distintas: que o reino de Deus acontece na terra e o reino dos céus tem lugar no céu, tomei a

decisão de estudar o assunto e ensinar de acordo com a Bíblia.

Contexto bíblico

Considerações sobre reino de Deus e reino dos céus:

- a) Marcos e Lucas usam reino de Deus, enquanto Mateus usa reino dos céus,
- b) ou simplesmente reino, e também reino de Deus.
- c) Comparemos relatos semelhantes com expressões diferentes:

Mt. 4:17; é chegado o reino dos céus = Mc. 1:15; ... o reino de Deus está próximo.

Mt. 10:7 ; é chegado o reino dos céus = Lc. 10:11; é chegado o reino de Deus.

Mt. 11:11; o menor no reino dos céus = Lc. 7:28; o menor no reino de Deus.

Mt. 13:11; os mistérios do reino dos céus = Lc. 8:10; os mistérios do reino de Deus.

Mt. 19:14; dos tais é o reino dos céus = Mc. 10:14; dos tais é o reino de Deus.

Mt. 22:2; o reino dos céus é semelhante = Lc. 14:15; comer pão no reino de Deus.

Agora, observemos as duas expressões no mesmo trecho de Mateus como sinónimos:

Mt. 19:23; um rico no reino dos céus = **Mt. 19:24;** um rico no reino de Deus

Comparações de expressões gregas de suprema importância

- a) 1 Co. 1:2 diz Ekklessia tou theou = igreja de Deus
- b) Rm. 14:17 : Basileia tou theou = reino de Deus
- c) Mt. 23:13 : Basileia toun ouranoun = reino dos céus

- d) Ef. 5:5 diz Basileia tou Cristou kai theou = reino de Cristo e Deus

Conclusão

O reino é um só, embora seja constituído por duas fases, a terrena e a celestial. Portanto, convém empenharmos no reino durante a fase terrena para que desfrutemos dele na celestial, de acordo com a Bíblia.

O CAMELO E A AGULHA

Mateus 19:24

“E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.”

Questão

Como será possível um camelo passar pelo buraco duma agulha? E os ricos, não têm lugar no reino de Deus?

Contexto bíblico

Mt 19:16-24 “E eis que se aproximou dele um jovem, e lhe disse:

- Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?
- Respondeu-lhe ele: Por que me perguntas sobre o que é bom? Um só é bom; mas se é que queres entrar na vida, guarda os mandamentos.
- Perguntou-lhe ele: Quais?
- Respondeu Jesus: Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

- Disse-lhe o jovem: Tudo isso tenho guardado; que me falta ainda?
- Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me.
- Mas o jovem, ouvindo essa palavra, retirou-se triste; porque possuía muitos bens.”
- Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.

Harmonia dos Evangelhos

Mt 19:23-30; Mc 10:23-31; Lc 18:24-30

Várias hipóteses foram sugeridas sobre o significado da ilustração ‘o camelo e a agulha’. Alguns sugerem que pode ter havido um erro textual, visto que uma simples vogal pode fazer a diferença entre ‘camelon e camilon’ sendo esta cordel, no grego. Esta hipótese está fora de questão porque seria possível um cordel passar pelo buraco duma agulha larga.

Outros sugerem que o buraco da agulha se refere a uma das duas portas estreitas da entrada na cidade de Jerusalém. Ora, estas portas são suficientemente largas para um camelo passar.

Visto aquelas portas serem muito pesadas para manobrar, terá sido talhada nelas outra muito pequena e estreita para o movimento normal das pessoas. Esta porta estreita, pelo seu formato, terá sido referida pelo Senhor como o ‘buraco da agulha’. Mas, também esta ideia não tem muito suporte. Além disso, a porta pequena jamais foi referida pelos israelitas como o ‘buraco’ duma agulha. Esta teoria não apareceu antes do nono século.

Os guias turísticos de Israel dizem que o referido buraco diz respeito às estreitas vigias existentes, em forma

de agulha, como vemos na frontaria da porta dourada, onde se vêem quatro dessas vigias em forma de agulha, semelhantes às das muralhas em nosso país.

Conclusão

Quem tem maior amor à riqueza do que à sua própria alma jamais será salvo. A salvação é realmente um milagre que acontece somente pela graça de Deus e mediante a fé.

CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO

Mateus 25:31-34,41

“Pois, quando vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória, e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda.”

“Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos.”

Questão

Se há céu e inferno, não haverá também purgatório? Onde será ele? E de onde proveio a ideia de purgatório?

Contexto bíblico

O CÉU

O Senhor Jesus prometeu àqueles que O recebam a preparação de um lugar ‘na casa do Pai’, na qual havia muitas moradas (Jo 14:1). É nesse lugar que se encontra o trono de Deus (Is 66:1), sendo daí que o Senhor estende a Sua soberania, faz conhecer o Seu poder, a Sua glória e a Sua sabedoria.

O céu é um lugar eterno (2 Co 5:1, Salmos 45:6; 145:13), um alto e santo lugar (Is 57:15), onde se manifesta a paz, onde não haverá choro, tristeza ou dor (Ap 7:16,17). Como tal, não é simbólico nem mero estado de espírito. Enoque e Elias foram elevados para esse lugar, assim como o Senhor Jesus também ascendeu (At 1:11). O Senhor foi para um lugar real, onde foi visto por Estêvão, à mão direita do Pai (At 7:56), e também por Paulo (2 Co 12) e por João (Ap 1:10-18). Aqui está a explicação de Mateus 3:12^a que diz: “Em sua mão tem a pá e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo...”

O INFERNO

O Senhor Jesus alertou igualmente para o inferno, um lugar onde o bicho não morre nem o fogo se apaga. Assegurou que os que praticarem a iniquidade serão lançados no lago de fogo e enxofre, onde haverá choro e ranger de dentes (Mt 13:42). Um dia, Ele dirá a esses: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos” (Mt 25:41. Cf. Ap 20:10 e 21:8). Aqui temos a explicação de Mateus 3:12b que diz: “e queimará a palha com fogo que nunca se apaga.”

O céu e o inferno são lugares reais que providenciarão prazer ou sofrimento eternos. Jesus asseverou que entre o inferno e o céu existe um tal abismo que é impossível transpor (Lc 16:26). O inferno é um lugar de tormento (Lc 16:23), de vergonha e desprezo eterno (Dn 12:2) onde existe separação absoluta e eterna de Deus, e o desprezo eterno de todos os que lá se encontram. “A fumaça do seu

tormento sobe para todo o sempre, e não têm repouso nem de dia nem de noite” (Ap 14:11).

O PURGATÓRIO

O purgatório, como local de purificação após a morte, não existe. Trata-se de uma invenção da Religião Romana, concretamente do papa Gregório I, em 593, que foi aprovada no Concílio de Florença em 1439 e confirmada no de Trento em 1563, apoiando-se na passagem do livro apócrifo de II Macabeus 12:39-46, narrativa das guerras macabeias, conforme o relato abaixo incluso:

“No dia seguinte, Judas e os seus companheiros foram levantar os corpos dos mortos, como era necessário, para os depositar na sepultura, ao lado de seus pais. Então, sob a túnica dos que tinham tombado, encontraram objectos consagrados aos ídolos de Jâmnia, proibidos aos judeus pela lei, e todos reconheceram que fora esta a causa da sua morte. Bendisseram, pois, a mão do Senhor justo juiz, que faz aparecer as coisas ocultas, e puseram-se em oração para lhe implorar perdão completo do pecado cometido. O nobre Judas convocou a multidão e exortava-a a evitar qualquer transgressão, tendo diante dos olhos o mal que havia sucedido aos que foram mortos por causa dos pecados. E mandou fazer uma colecta, recolhendo cerca de dez mil dracmas, que enviou a Jerusalém para que se oferecesse um sacrifício pelo pecado, obra digna e santa, inspirada na sua crença na ressurreição, porque se não esperasse que os mortos ressuscitariam teria sido vão e supérfluo rezar por eles. E acreditava que uma bela recompensa aguarda os que morrem piamente. Era este um pensamento santo e piedoso. Por isso, pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas.”

Algo deve ser dito a respeito deste relato. Em lado algum das Escrituras canónicas encontramos prática semelhante, mesmo em tempo de guerra com os povos vizinhos, ou conquistadores. Os soldados mortos na batalha

pela defesa da sua terra, doada por Deus, só precisavam de confiar na misericórdia divina. Quanto ao pecado da idolatria que tinham cometido, não havia outra solução senão a justa punição segundo a lei. E quando os relatos discordam, o discordante da maioria deve ser rejeitado.

A Bíblia é muito clara ao afirmar em Mt 25:46 que os ímpios irão para o tormento eterno e os justos para a vida eterna. Não há outro lugar ou outro destino. O malfeitor que foi crucificado ao lado do Senhor Jesus, apesar dos seus muitos pecados, não teve de ir para um lugar de purificação, antes o Senhor Jesus lhe assegurou: “em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23:43).

Lemos igualmente em 1 Jo 1:7 que “o sangue de Jesus Cristo, nos purifica de todo o pecado”. Só pela graça do Senhor Jesus somos salvos, por meio da fé, e nunca pelas obras de justiça que possamos fazer (Efésios 2:8,9; Romanos 10:9-13; 3:20-28 e 5:1-10). Só desta forma podemos alcançar a paz com Deus.

Mas, como local de purificação antes da morte, o purgatório existe. A Bíblia aconselha a nossa purificação enquanto vivemos nesta terra. O apóstolo Paulo diz a este respeito: “Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.” “2 Co 7:1). Isto implica levar uma vida de purificação constante até ao momento da morte.

Jesus aconselhou um leproso curado a oferecer pela sua purificação, mas ainda vivia: “Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou para lhes servir de testemunho.” (Mc 1:44).

Apoio de textos bíblicos

“...quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purifica-

rá das obras mortas a vossa consciência para servirdes ao Deus vivo?” (Hb 9:14).

“...nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade e purificar para si um povo especial, zeloso de boas obras.” (Tt 2:13,14).

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. (1 Jo 1:9).

“Se, pois, alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e útil ao Senhor, preparado para toda boa obra.” (2 Tm 2:21).

Conclusão

Por conseguinte, concluímos que existe céu para os justos e inferno para os injusto; e ainda um lugar e o tempo apropriados para cada pecador se purificar de seus pecados, aqui na terra e antes da morte.

SALGADO COM FOGO

Marcos 9:49,50

“Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos e guardai a paz uns com os outros”

Questão

Como é possível ser salgado com fogo? Somente o sal pode salgar, nada mais. Para compreender essa frase, primeiro teremos de observar o contexto:

“Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demónios, e nós lho proibimos porque não nos seguia. Jesus, porém, respondeu: Não lho proibais, porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim” (Mc 9:39)... “... se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga. Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal; mas se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos e guardai a paz uns com os outros” (Mc 9:43-50).

Principal objectivo

A leitura supra mostra-nos que o problema residia na proibição de alguém que expulsava demónios sem andar na comitiva de Jesus. Então, o Senhor quis ensinar os discípulos que não deviam tomar tal atitude porque o homem estava fazendo uma boa obra. E isto devemos também nós observar como bons discípulos. Eis alguns factores de ensino do mestre Jesus:

1. que outros homens, mesmo não estando com eles, poderiam ser cristãos, Mc.38-39.
2. que deviam estar dispostos a olhar favoravelmente à mínima evidência de que eles poderiam ser verdadeiros cristãos, Mc 9:41.
3. que deviam evitar ofender tão fracos e obscuros cristãos, Mc 9:42.
4. que tudo aquilo que provoca ofensa ou desonra à religião, deve ser evitado, Mc 9:43.
5. que tudo que faz perigar a sua salvação deve ser sacrificado.
6. que eles devem negar-se a si mesmos em todos os aspectos de modo a obter a vida eterna.
7. e que deste modo preservariam a vida eterna.

Salgado com fogo

Aqueles que se afastarem dos seus ensinamentos deixam de ser o sal da terra, conforme Ele nos declarou: “Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, com que se há-de restaurar-lhe o sabor? para nada mais presta, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens” (Mt 5:13).

Ora, se tal pessoa não é prestável como sal, se não dá sabor à vida neste mundo, se não é visto como um discípulo de Cristo, e provoca escândalos para vergonha do evangelho, terá o seu fim no lago de fogo, cuja figura foi extraída da geenna, lugar da lixeira ao sul de Jerusalém, “onde o bicho não morre e o fogo não se apaga” a qual serviu de ilustração para mencionar o castigo eterno. Assim como o sal mantém a carne sadia, também o fogo mantém o castigo na eternidade.

O VINHO NOVO

Marcos 14:25

“E digo-vos que desde agora não beberei deste fruto da vide até àquele dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai.” (Almeida R. C.)

Questão

Sobre o tema em epígrafe, algumas traduções trazem ‘beber de novo’, porém o grego usa ‘kainon’ que significa ‘novo’. Jesus quer dizer que beberá novamente, ou que beberá vinho novo outra vez? Jesus, não somente beberá outra vez, mas beberá vinho novo.

Examinando o texto

Mt 26:29 – “Mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste fruto da videira até àquele dia em que o beba convosco novo (kainon), no reino de meu Pai.”

Mr 14:25 – “Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até àquele dia em que o beber, novo, (kainon) no reino de Deus. – Jesus refere-se ao quarto copo que tinham para beber segundo a tradição. Esse é o cálice da esperança e espera o seu cumprimento.”

Lc 22:17 “Então, havendo tomado um cálice (porque havia mais), e tendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós, porque vos digo que desde agora jamais beberei do fruto da videira até que venha o reino de Deus.”

Lc 22:20 “Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice (o mesmo), dizendo: Este cálice é o novo (kaine) pacto em meu sangue, que é derramado por vós. – Este era o terceiro copo, o cálice da redenção, que estava em cumprimento.”

Agora comparemos

Se Cristo tem vinho novo e novo pacto, tem também um novo mandamento para os seus discípulos. “Um novo (kaine) mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vos ameis uns aos outros” (Jo 15:9). “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor” (Jo 13:34).

Jesus amou-nos com o amor do Pai, que é ‘agape’, o qual tudo suporta sem falhar, conforme 1 Co 13.4-8. O significado completo do vocábulo hebraico é: amar, querer, desejar, enamorar-se, afeiçoar-se, enternecer-se, sentir amor, carinho, afecto, afeição, inclinação, atracção, paixão, ser leal, ser fiel. Este é o amor perfeito, aconselhado pelo Senhor aos seus discípulos, e por Paulo à Igreja Universal.

Todavia, Jesus lamenta o estado da igreja de Éfeso, porque tinha perdido o primeiro amor, e convida-a ao arrependimento sob pena de perder o seu lugar, conforme João escreveu: “Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; e se não, brevemente virei a ti e removerei do seu lugar o teu candeeiro, se não te arreperderes” (Ap 2.4,5).

Conclusão

O amor é a luz irradiada pelos cristãos que alumia nas trevas deste mundo. Se não tivermos luz, se nossas vidas não brilharem, tal como os astros resplandecem no céu, como contribuiremos para a edificação do reino de Deus, no qual Jesus espera beber novamente com os seus discípulos?! Portanto, mantenhamos a esperança que nos foi legada a fim de estarmos com Ele e celebrar na eternidade.

USO DE LOGOS E REMA

Lucas 1:36-38

“Eis que também Isabel, tua parente, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril, porque para Deus nada será impossível. Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra.”

Questão

Alguns têm o costume de atribuir certa diferença ao sentido dos vocábulos gregos ‘logos’ e ‘rema’ alegando que ‘rema’ é mais forte do que ‘logos’ pelo facto de exprimir a mensagem falada e ‘logos’ a mensagem escrita.

Para descobrir a verdade é necessário investigar algumas citações bíblicas e comparar os dois sentidos.

Contexto no AT

Em hebraico é usado sempre o vocábulo ‘devar’ para palavra. Os tradutores da Septuaginta, grega, usam os sinónimos ‘rema e logos’. Mas o uso de ‘logos’ é muito maior. Comparemos os dois.

Trechos com ‘rema’

Gn 15:4 – Ao que lhe veio a palavra (rema) do Senhor, dizendo: Este não será o teu herdeiro; mas aquele que sair das tuas entranhas, esse será o teu herdeiro.

Êx 9:20 – Quem dos servos de Faraó temia a palavra (rema) do Senhor, fez fugir os seus servos e o seu gado para as casas;

Êx 9:21 – mas aquele que não se importava com a palavra (rema) do Senhor, deixou os seus servos e o seu gado no campo.

Nm 15:31 – por haver desprezado a palavra (rema) do Senhor, e quebrado o seu mandamento; essa alma certamente será extirpada, e sobre ela recairá a sua iniquidade.

Dt 5:5 – (estava eu nesse tempo entre o Senhor e vós, para vos anunciar a palavra (rema) do Senhor; porque tivestes medo por causa do fogo, e não subistes ao monte) dizendo ele:

Dt 18:22 – Quando o profeta falar em nome do Senhor e tal palavra (rema) não se cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra (rema) que o Senhor não falou; com presunção a falou o profeta; não o temerás.

2 Sm 7:4 – Mas naquela mesma noite a palavra (rema) do Senhor veio a Natã, dizendo:

2 Sm 22:31 – Quanto a Deus, o seu caminho é perfeito, e a palavra (rema) do Senhor é fiel; é ele o escudo de todos os que nele se refugiam.

Trechos com ‘logos’

Nm 11:23 – Pelo que replicou o Senhor a Moisés: Porventura tem-se encurtado a mão do Senhor? agora mesmo verás se a minha palavra (logos) se há-de cumprir ou não.

2 Sm 12:9 – Por que desprezaste a palavra (logos) do Senhor, fazendo o mal diante de seus olhos? A Urias, o heteu, mataste à espada, e a sua mulher tomaste para ser tua mulher; sim, a ele mataste com a espada dos amonitas.

2 Sm 14:17 – Dizia mais a tua serva: Que a palavra (logos) do rei meu senhor me dê um descanso; porque como o anjo de Deus é o rei, meu senhor, para discernir o bem e o mal; e o Senhor teu Deus seja contigo.

2 Sm 14:22 – Então Joabe se prostrou com o rosto em terra e, fazendo uma reverência, abençoou o rei; e disse Joabe: Hoje conhece o teu servo que achei graça aos teus olhos, ó rei meu senhor, porque o rei fez segundo a palavra (logos) do teu servo.

2 Sm 23:2 – O Espírito do Senhor fala por mim, e a sua palavra (logos) está na minha língua.

2 Sm 24:11 – Quando, pois, Davi se levantou pela manhã, veio a palavra (logos) do Senhor ao profeta Gade, vidente de Davi, dizendo:

Is 1:10 – Ouvi a palavra (logos) do Senhor, governadores de Sodoma; dai ouvidos à lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra.

Is 28:14 – Ouvi, pois, a palavra (logos) do Senhor, homens escarnecedores, que dominais este povo que está em Jerusalém.

Is 39:5 – Então disse Isaías a Ezequias: Ouve a palavra (logos) do Senhor dos exércitos:

Jr 9:20 – Contudo ouvi, vós, mulheres, a palavra (logos) do Senhor, e recebam os vossos ouvidos a palavra (logos) da sua boca; e ensinai a vossas filhas o pranto, e cada uma à sua vizinha a lamentação.

Jr 13:2 - E comprei o cinto, conforme a palavra (logos) do Senhor, e o pus sobre os meus lombos.

Jr 17:20 – E dize-lhes: Ouvi a palavra (logos) do Senhor, vós, reis de Judá e todo o Judá, e todos os moradores de Jerusalém, que entrais por estas portas;

Ez 1:3 – veio expressamente a palavra (logos) do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote,

Ez 6:3 – E dize: Montes de Israel, ouvi a palavra (logos) do Senhor Deus. Assim diz o Senhor.

Os 1:1 – A palavra (logos) do Senhor, que veio a Oséias, filho de Beerí, nos dias de Uzias, Jotão,

Os 4:1 – Ouvi a palavra (logos) do Senhor, vós, filhos de Israel;

Trechos com ‘rema e logos’

1 Rs 12:24 – Assim diz o Senhor: Não subireis, nem pelejareis contra vossos irmãos, os filhos de Israel; volte cada um para a sua casa, porque de mim proveio isto ‘esta palavra’ (no hebraico: esta devar) (no grego: esta rema). E ouviram a palavra do Senhor, (no grego, logos) e voltaram segundo o seu mandado.

1 Rs 16:1 – Então veio a palavra (logos) do Senhor a Jeú, filho de Hanâni, contra Baasa, dizendo: Comparemos com o versículo anterior 1 Rs 17:2: Depois veio a Elias a palavra (rema) do Senhor, dizendo:

2 Rs 20:9 – Respondeu Isaías: Isto te será sinal, da parte do Senhor, de que o Senhor cumprirá a palavra (logos) que disse: Adiantar-se-á a sombra dez graus, ou voltará dez graus atrás?

Jr 1:1 – As palavras (pl. de rema) de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim;

Jr 1:2 – ao qual veio a palavra (logos) do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado;

Contexto no NT

Observemos vocábulos gregos usados como sinónimos pelo mesmo autor. O médico Lucas conhecia muito bem o grego, e Jerónimo, tradutor da Vulgata latina, também. É digno de nota que o vocábulo latino ‘verbum’ é substantivo, significando ‘palavra’ e não ‘verbo’ como pode parecer.

Trechos com Logos

Lc 1:2 – segundo no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra, (logos).

Lc 1:29 – Ela, porém, ao ouvir estas palavras, (pl. logos) turbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria essa. Comparar com Lc 1.37,38, abaixo, com rema.

Lc 4:32 – ...e maravilharam-se da sua doutrina, porque a sua palavra (logos) era com autoridade.

Lc 4:36 – E veio espanto sobre todos, e falavam entre si, perguntando uns aos outros: Que palavra (logos) é esta, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos imundos, e eles saem?

Lc 5:1 – Certa vez, quando a multidão apertava Jesus para ouvir a palavra (logos) de Deus, ele estava junto ao lago de Genezaré;

Lc 6:47 – Todo aquele que vem a mim, e ouve as minhas palavras, (pl. de logos) e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante:

Lc 7:7 - por isso nem ainda me julguei digno de ir à tua presença; dize, porém, uma palavra, (logos) e seja o meu servo curado. Comparar com Mc 1:41 que contém: “quero, sê limpo.” Em grego, ‘sê limpo’ é uma só palavra: katharistheti.

Lc 8:11 – É, pois, esta a parábola: A semente é a palavra (logos) de Deus. A Vulgata latina usa ‘verbum’.

Lc 8:12 – Os que estão à beira do caminho são os que ouvem; mas logo vem o Diabo e tira-lhe do coração a pa-

lavra, (logos) (Lt. verbum) para que não suceda que, crendo, sejam salvos.

Lc 8:13 – Os que estão sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, (logos) a recebem com alegria; mas estes não têm raiz, apenas crêem por algum tempo, mas na hora da prova se desviam.

Lc 8:15 – Mas a que caiu em boa terra são os que, ouvindo a palavra (logos) com coração recto e bom, a retêm e dão fruto com perseverança.

Lc 10:39 – Tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, sentando-se aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra (logos).

Lc 12:10 – E a todo aquele que proferir uma palavra (logos) contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado.

Lc 22:61 – Virando-se o Senhor, olhou para Pedro; e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Hoje, antes que o galo cante, três vezes me negarás.

Lc 24:44 – Depois lhe disse: São estas as palavras (logos) que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.

Observemos ainda o trecho de João 1:1,14: – No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... e o Verbo incarnou e habitou entre nós. A versão grega contém quatro vezes ‘Logos’ e a versão latina contém igualmente quatro vezes ‘Verbum’.

Agora comparar Ef 6:17, que usa ‘rema’, (lat. verbum) com Hb 4:12, que usa ‘logos’ (lat. sermonis = conversação, assunto).

Trechos com Rema

Lc 1:37,38 – ...porque para Deus nada será impossível (toda a palavra). Disse então Maria. Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. A Vul-

gata latina usa aqui ‘verbum’, assim como noutros lugares ‘logos’.

Lc 1:65 – Então veio temor sobre todos os seus vizinhos; e em toda a região montanhosa da Judeia foram divulgadas todas estas coisas (palavras; de remata, pl. de rema).

Lc 2:29 – Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra (rema).

Lc 3:2 – Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio a palavra (rema) de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto.

Lc 5:5 – Ao que disse Simão: Mestre, trabalhamos a noite toda, e nada apanhamos; mas, sobre a tua palavra, (rema) lançarei as redes.

Conclusão

Em vista do exposto, concluímos que ‘logos’ e ‘rema’ são usados pelos escritores da Bíblia como sinónimos. Mas também descobrimos que ‘logos’ representa o nosso Senhor Jesus Cristo como aquele que estava no princípio com Deus, e que era Deus e Criador de todas as coisas juntamente com o Pai. E que o Verbo (Logos) incarnou e habitou entre nós, e o seu nome é ‘Verbo de Deus’ ou, Logos de Deus; Ap 19:13.

A UNÇÃO E SEUS USOS

Lucas 7:45,46

“Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não tem cessado de beijar-me os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo; mas esta com bálsamo ungiu-me os pés.”

Questão

Quantas espécies de unção havia nos tempos bíblicos? Segundo os trechos bíblicos existia a unção sagrada e a unção secular. A sagrada era dedicada aos utensílios do templo e seus ministros, e a profetas e reis. A secular era usada por e em pessoas que não fossem sacerdotes, profetas ou reis.

A unção sagrada

a) A unção dos ministros do culto

Êx 28:41 “E vestirás com eles a Arão, teu irmão, e também a seus filhos, e os ungirás e consagrarás, e os santificarás para que me administrem o sacerdócio. O vocábulo futuro ungirás é no grego ‘chriseis’ que é o futuro de ‘chrio’ ungir, cujo adjectivo é ‘christos’ ungido.

Êx 40:15 “e os ungirás como ungiste a seu pai, para que me administrem o sacerdócio, e a sua unção (chrisma) lhes será por sacerdócio perpétuo pelas suas gerações. Lv 4:5 “Então o sacerdote ungido (christos) tomará do sangue do novilho e o trará à tenda da revelação;”

b) A unção do Templo

Êx 40:9 “Então tomarás o óleo da unção (chrismatos) e ungirás (chriseis) o tabernáculo, e tudo o que há nele;” Jesus comparou este santuário como símbolo do seu corpo, quando disse: “Derribai este santuário, e em três dias o levantarei.” (Jo 2:19).

c) A unção do Messias

Pedro, cheio do Espírito Santo, mencionou a profecia referente ao ungido do Senhor, narrada no Salmo 2.2: “Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos conspiram contra o Senhor e contra o seu ungido”, e identificou o seu cumprimento no Senhor Jesus, narrado em At 4:26: “Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma, contra o Senhor e contra o seu ungido” (Christos).

d) A unção dos cristãos como templo de Deus

1 Jo 2.20 “Ora, vós tendes a unção (chrisma) do Santo e sabeis tudo.” A nossa unção provém de Cristo e sabemos tudo acerca da nossa salvação.

A unção secular

a) A unção do visitante

Lc 7:46 “Não me ungieste (gr. aleipho) a cabeça com óleo (gr. elaió, extraído da azeitona); mas esta com bálsamo (gr. myro) mungiu-me (aleipho) os pés.” Embora o visitante fosse Cristo, que, afinal, merecia honras, não foi usado o óleo especial da unção sagrada. Neste caso o óleo era o mais caro perfume, composto com mirra, que ofereciam como prenda de casamento. Por isso o seu valor era duplo: tinha valor monetário e valor sentimental.

b) A unção para a saúde

“Está doente algum de vós? Chame os anciãos da igreja, e estes orem sobre ele, ungiendo-o (aleipho) com óleo (elaió) em nome do Senhor.” (Tg 5:14). Este era o simples suco da azeitona, o qual contém propriedades medicinais, mas a oração é de suprema importância. E, é digno de nota o facto de o verbo ungiere ser ‘aleipho’ que significa esfregar, e não ‘chrio’ que quer dizer derramar sobre.

Sobre a prática da unção dos doentes com óleo fabricado conforme a receita narrada em Êxodo, importado de Israel, segundo dizem, o trecho bíblico afirma que: “Não se ungirá (chrio) com ele carne de homem; nem fareis outro de semelhante composição; sagrado é, e para vós será sagrado” (Êx 30:32).

Por conseguinte, não era permitido usar aquele óleo sagrado, usado somente para ungiere indivíduos e utensílios para o serviço do templo, para outros fins.

c) A unção para morte

Jesus respondeu em defesa da mulher que o ungiu: “ela fez o que pôde; antecipou-se a ungiere (myrizo, vb) o meu corpo para a sepultura” (Mr 14:8). Ela antecipou-se à morte do Senhor para cumprir a tradição, perfumando o corpo do Senhor com mirra (myron, sb).

Conclusão

Em vista do exposto, concluímos que havia duas classes de unção: uma para indivíduos e utensílios sagrados e outra secular, para visitantes, incluído aqui o caso da unção do visitante Jesus, e para doentes.

SATANÁS CAÍDO

Lucas 10:18

“Eu via Satanás a cair do céu como um raio.”

Lc 10:17,18 – Os setenta e dois discípulos voltaram muito contentes e diziam: “Senhor, até os espíritos maus nos obedecem quando falamos em teu nome.” Jesus respondeu-lhes: “Eu via Satanás a cair do céu como um raio.”

Questão

Jesus via Satanás caindo ou caído? O que diz a versão grega? Eis o grego transliterado do versículo 18: “eipen de autois etheôrun ton satanan ôs astrapan ek tou ouranou pesonta.”

Gramática

Jesus via “etheôrun” ou estava observando a queda de satanás. Ele no passado e o reino no presente. O aoristo grego “pesonta” é caracterizado pela ênfase na acção pontiliar; isto é, o conceito do verbo é considerado sem olhar

a passado, presente, ou futuro. Somente refere a qualidade da acção. Neste trecho o aoristo é constativo e pontiliar. Marca a queda instantânea como raio: “*Eu via satanás como relâmpago caído do céu*”.

John Wesley comenta sobre o v 18: *Eu observava satanás* – Isto é, quando vocês foram eu via o reino de satanás, que estava altamente exaltado, veloz e instantaneamente derrubado.

Godet diz: “Enquanto vocês expulsavam os *subordinados*, eu *contemplava* a queda do Mestre.”

Marvin R. Vincent comenta: Eu contemplava (*etheôrun*). O verbo denota contemplação contínua dum objecto que permanece diante do espectador.”

Isaías 14:12 – “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra tu que prostravas as nações!”

Ezequiel 28:15 – “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que em ti se achou iniquidade. 16 Pela abundância do teu comércio o teu coração se encheu de violência, e pecaste; pelo que te lancei, profanado, fora do monte de Deus, e o querubim da guarda te expulsou do meio das pedras afogueadas. 17 Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei; diante dos reis te pus, para que te contemples.”

Mathew Henry – Comentário ao texto de Lucas 10:17-24: “Todas as vitórias sobre satanás são obtidas pelo poder derivado de Jesus Cristo, e ele deve receber todo o louvor. Por isso, acautelemo-nos de orgulho espiritual, o qual tem sido a destruição de muitos. Nosso Senhor regozijava-se na expectativa de salvação de muitas almas... nessa hora em que via a queda de satanás e ouvia do grande sucesso dos seus ministros, nessa hora Jesus regozijava-se. Ele sempre resistiu aos orgulhosos e deu graça aos humildes.”

Conclusão: Jesus via em cada demónio expulso a comprovação real da queda de satanás e a edificação do reino de Deus.

CRISTO NA CRUZ

Lucas 23:33,34

Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfetores, um à direita e outro à esquerda. Jesus, porém, dizia: Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem. Então repartiram as vestes dele, deitando sortes sobre elas.

Questão

Como é possível demonstrar tanto altruísmo em momentos de tão grande sofrimento como o suportado por Jesus enquanto estava contorcendo-se com dores na cruz?

Contexto bíblico

Geralmente, as pessoas revelam melhor o seu estado de espírito em momento de sofrimento. É nessa ocasião que melhor expressa os seus sentimentos íntimos. Aquilo que sente na alma é demonstrado espontaneamente e todos podem apreender com facilidade. Vejamos como Cristo revelou o seu altruísmo ímpar perante amigos e inimigos. Primeiramente, Jesus teve capacidade para demonstrar altruísmo porque tinha o amor que jamais acaba. E este amor é reconhecido no seu interesse pelos outros, apesar de Ele estar sofrendo atrocemente. Há uma série de factores observados na cruz que exprimem a capacidade do altruísmo de Jesus.

Cristo, na cruz, pediu perdão para os seus carrascos, dizendo: dizendo: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.” (Lc 23:34). É preciso ter muita graça de Deus para conceder perdão a criminosos como aqueles que prenderam, troçaram, açoitaram, e crucificaram um santo como Jesus. A esta graça podemos chamar ‘amor ilimitado’ o qual é expresso em grego por ‘agape’, aquele que, no dizer do apóstolo Paulo, jamais cai, jamais diminui, jamais falha, jamais acaba, apesar das circunstâncias. E Paulo disse que este mesmo amor está também “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (Rm 5:5).

O Seu silêncio perante o desafio dum condenado numa cruz ao seu lado, revela domínio próprio. Ainda, Cristo concedeu o paraíso a um pecador que estava na cruz como ele dizendo-lhe: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.” (v. 43). Embora condenado pelas autoridades com justiça, como ele mesmo reconheceu, Jesus não lhe negou o perdão, mas concedeu-lhe o paraíso, que não merecia. Aqui, só podemos ver puro altruísmo como expressão viva do amor divino concedido pelo Espírito Santo.

Apesar de estar suportando dores atrozes, Jesus não descurou o cuidado de sua extremosa mãe, entregando-a aos cuidados do discípulo amado: “Então disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.” (Jo 19:27). Igualmente, tinha dito a sua mãe: “Mulher, eis aí o teu filho”. O seu grande sofrimento jamais o tornou insensível ao sofrimento futuro da mãe, por isso, entregou-a aos cuidados daquele que poderia velar por ela. Deste modo, consideramos que o altruísmo de Cristo na cruz resulta da presença contínua do Espírito Santo.

Certa ocasião, estando com febre, na cruz, manifestou ter sede e logo lhe chegaram uma esponja embebida em vinagre para aliviá-lo com esse entorpecente (cf. Jo

19:27,28). Depois disto, sentindo aproximar-se o fim, exclamou ao Pai: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc 15:34). Esta lamentação foi extraída do Salmo vinte e dois, cuja profecia foi integralmente cumprida por Jesus. Por conseguinte, o altruísmo de Cristo é conhecido no seu sacrifício pelos outros devido à assistência contínua do Espírito Santo. Sem essa poderosa ajuda não é possível tal façanha. Observamos, também, que Ele foi desamparado naquele momento para que nós sejamos amparados presentemente.

Após isso, o Senhor declarou a sua obra cumprida com estas palavras de supremo valor: “está consumado”, cujo significado é: ‘a tua dívida está completamente satisfeita’; está liquidada e não há mais dívida (cf. Jo 19:30). Finalizamos com as esclarecedoras e valiosas palavras do autor da epístola aos Hebreus: “Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados não me lembrarei mais.” (Hb 8:12). “Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis em seus corações e as escreverei em seu entendimento, acrescenta: E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades. Ora, onde há remissão destes, não há mais oferta pelo pecado. (Hb 10:16-18).

Conclusão

Por conseguinte, o altruísmo de Cristo fê-lo sofrer pelos pecadores a fim de sermos perdoados e libertos da condenação mediante a fé no seu sacrifício. Ele demonstrou capacidade para suportar todo aquele sofrimento porque o Espírito Santo o assistiu e fortaleceu constantemente. Concernente a nós, os cristãos, o Senhor prometeu que nos concederia o Espírito Santo a fim de termos poder para seguir o seu exemplo: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.” (At 1:8). E João diz que “ele deu a

vida por nós, nós devemos dar vida pelos irmãos” (1 Jo 3.16). Somente assistidos pelo Espírito Santo poderemos seguir o seu exemplo e suportar tais provações.

CRISTO VIVE

Lucas 24:35,36

“Então os dois contaram o que acontecera no caminho e como se lhes fizera conhecer no partir do pão. Enquanto ainda falavam nisso, o próprio Jesus se apresentou no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco.”

Questão

Alguns afirmam que Jesus foi morto e que permanece morto. Mas o grande pregador Billy Graham disse: “Como é que Deus pode estar morto? Falei com Ele esta manhã. Ele está connosco, Ele é Emanuel.” Ora, o nome Emanuel foi atribuído a Jesus profeticamente e revelado a José quando ele projectava abandonar Maria pelo facto de estar grávida.

Contexto bíblico

A preocupação dos dois amigos no caminho de Emaús foi aliviada pelo aparecimento de Cristo e o seu consequente esclarecimento acerca da profecia a seu respeito. O trecho supra e outras Escrituras revelam factores probatórios que Cristo vive em sociedade connosco, os quais vamos considerar procurando responder à questão. Visto que Cristo foi morto segundo as Escrituras, Ele tinha também de ressuscitar segundo as mesmas Escrituras. Um profecia tem sempre cumprimento total, ainda que em épocas distantes.

Existem nas Escrituras Sagradas alguns comprovativos da ressurreição de Cristo, os quais examinaremos em seguida. “Disse-lhes Pilatos: Tendes uma guarda; ide, tornai-o seguro, como entendeis. Foram, pois, e tornaram seguro o sepulcro, selando a pedra, e deixando ali a guarda” (cf. Mt 27:65,66). Quando, no primeiro dia da semana, de madrugada, algumas mulheres visitaram o sepulcro, depararam surpresas que a pesada pedra que vedava a entrada já estava retirada, como que por milagre (Mt 28:1,2). Que os guardas tinham desaparecido e a tumba estava vazia. Os soldados tinham de manter-se no cumprimento da sua missão sob pena de castigo severo. Porém, eles, pasmados, saíram apressadamente para contar o sucedido aos superiores.

Além disso, Deus colocou ali dois seres celestiais para esclarecê-las da referida ocorrência: “Mas o anjo disse às mulheres: Não temais vós; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Não está aqui, porque ressurgiu, como ele disse. Vinde, vede o lugar onde jazia” (Mt 28:5,6). Tendo elas entrado, observaram espantadas que somente o lençol de seu corpo e o lençol de sua cabeça estavam ali. Apressadamente, retiraram-se e foram relatar o facto aos outros discípulos, que estavam reunidos magicando na morte do Senhor.

Entretanto, o mesmo Senhor apareceu-lhes e falou com elas: “E eis que Jesus lhes veio ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então lhes disse Jesus: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galileia; ali me verão” (Mt 28:9,10). E ali foi visto pelos onze discípulos que foram ao seu encontro. Foi nessa ocasião que lhes entregou a chamada Grande Comissão Missionária de ir por todo o mundo e pregar o evangelho do reino (cf. Mt 28:19,20).

Entrementes, os guardas do sepulcro foram coagidos a testemunhar falsamente acerca da ocorrência no túmulo, a fim de desacreditar o testemunho dos discípulos. “Então

eles, tendo recebido o dinheiro, fizeram como foram instruídos. E essa história tem-se divulgado entre os judeus até ao dia de hoje” (Mt 28:15). João, no seu capítulo vinte e um, conta que Pedro e João, extremamente curiosos, dirigiram-se rapidamente para o local a fim de confirmar com seus próprios olhos a maravilhosa ocorrência e viram “os panos de linho ali deixados, e que o lenço, que estivera sobre a cabeça de Jesus, não estava com os panos, mas enrolado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu” (Jo 20:6-8).

Nesse mesmo dia, dois dos discípulos caminhavam na direcção de Emaús quando, inesperadamente, um ser estranho se aproxima deles e entra na sua conversa acompanhando-os por algum tempo. Tendo chegado à localidade, convidaram-no a entrar em casa e a comer com eles. O Senhor acedeu e ficou para comer. Se durante o caminho o não reconheceram, o mesmo não aconteceu enquanto estavam à mesa. Pois Cristo demonstrou o mesmo costume de estar à mesa a que estavam habituados, de agradecer os alimentos ao Pai, e foi reconhecido por eles, conforme a narrativa de Lucas: “Estando com eles à mesa, tomou o pão e o abençoou; e, partindo-o, lho dava. Abriram-se-lhes então os olhos e reconheceram-no; nisto ele desapareceu de diante deles. E disseram um para o outro: Porventura não se nos abrasava o coração quando pelo caminho nos falava, e quando nos abria as Escrituras?” (Lc 24:30-32). Esta foi outra forma de ser reconhecido como vivo, a maneira como o ouviram expor as Escrituras.

Aqueles dois de Emaús voltaram para os seus irmãos em Jerusalém e narraram a sua experiência no caminho e em casa enquanto comiam. Inesperadamente pareceu também o Senhor entre eles, mas pensavam estar vendo um espírito qualquer, ao que o Senhor retorquiu: “Por que estais perturbados? e por que surgem dúvidas em vossos corações? Olhai as minhas mãos e os meus pés, que sou eu

mesmo; apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho” (Lc 24:38,39).

Todavia, um dos doze, chamado Tomé, que não estava presente naquela ocasião, manifestou incredulidade no relato dos companheiros. Então, passados oito dias, aquele que tinha sido morto, mas estava vivo, apareceu entre eles e fez um sério convite comprovativo ao descrente: “Tomé, chega aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20:28). E o Senhor louvou a fé daqueles que crêem desta forma: “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20:29). Ora, a dúvida de Tomé é, de facto, mais um dos valiosos comprovativos da ressurreição de Cristo.

Noutra ocasião, decidiram ir pescar durante a noite. De madrugada, aparece-lhes o ressurrecto e pergunta por comer. Como não tinham ainda apanhado peixe, ele ordenou que lançassem a rede para o lado direito. Tendo obedecido à sua palavra apanharam grande quantidade de peixes, dos quais assaram e comeram. “Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor” (Jo 21:12). Mais um facto demonstrativo que o Senhor morto na cruz estava realmente vivo. O apóstolo Paulo conta-nos ainda que, certa vez, o Senhor ressurrecto foi visto por mais de quinhentos irmãos, provavelmente naquela experiência na Galileia com os onze (1 Co 15:6).

Durante o seu ministério, e já perto da sua morte, o Senhor tinha feito a seguinte promessa aos discípulos: “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudante para que fique convosco para sempre; o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei a vós. (Jo 14:16-

18). Como era da sua vontade estar connosco, ele está e vive connosco conforme a sua promessa. Isto é facto comprovado pela experiência de cada cristão experimentado.

Finalmente, após dar as últimas instruções, confirmou a última promessa: “eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder. Então, levou-os fora até Betânia e levantando as mãos abençoou-os. E aconteceu que, enquanto os abençoava, apartou-se deles e foi elevado ao céu” (Lc 24:49-51). Então, enquanto todos em Jerusalém estavam celebrando a festa do Pentecostes, aconteceu o cumprimento da promessa: O Espírito Santo desceu sobre todos que estavam reunidos conforme lhes havia sido indicado pelo Senhor (cf. Actos 2).

Conclusão

Toda a experiência de vida de Jesus foi um milagre. O seu nascimento foi milagroso, de uma virgem conforme a promessa profética. A sua vida ministerial foi um milagre porque só ele poderia ter resistido a semelhantes provações. A sua morte foi marcada pelo milagre porque só ele poderia suportar tamanho sofrimento até ao fim. A sua ressurreição ficou marcada pelo milagre porque, embora tenham acontecido outras ressurreições, a sua foi singular. Visto que Deus é Espírito, semelhantemente, Cristo vive entre nós em Espírito.

Apesar de ter sido morto por causa de nossos pecados, Cristo realmente vive. Ainda que tenha subido e viva no céu junto do Pai, vive também na terra porque está com aqueles que aceitam seu Espírito e permitem que viva neles. Como está escrito: “Se alguém não tem o Espírito de Cristo esse tal não é dele” (Rm 8:9). Porque ele vive nós vivemos, e porque nós vivemos ele vive em nós. Cristo é um ser social que quer viver entre nós, conviver connosco; que está interessado nas pessoas e espera ser convidado para terem uma experiência viva com ele. Cristo é um ser

social que aprecia quando testemunhamos dele aos outros, porque deseja relacionar-se com todos.

NASCER DA ÁGUA

João 3:5

“Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo.”

Questão

A dificuldade encontra-se em “nascer da água e do espírito”. As ideias são diversas, e convém adoptar uma conscientemente.

Contexto bíblico

Começamos pelo relato de Marcos acerca do baptismo de João: “assim apareceu João, o Baptista, no deserto, pregando o baptismo de arrependimento para remissão dos pecados. E saíam a ter com ele toda a terra da Judeia, e todos os moradores de Jerusalém; e eram por ele baptizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.” (Mc 1:4,5). As pessoas sinceras que se aproximavam, confessavam os seus pecados com a finalidade de se libertarem deles através do baptismo. Isto é, esperavam iniciar um novo ciclo na sua vida, agora isenta de pecado, de forma a estarem preparados para receberem o Messias prometido.

Paulo encontrou alguns em Éfeso, que tinham recebido o baptismo de João, e esclareceu-os que: “João administrou o baptismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que após ele havia de vir, isto é, em

Jesus.” (At 19:4). E, após instruídos foram batizados em nome de Jesus. O batismo de João era a preparação para receber o Messias, o batismo em nome de Jesus era o sinal comprovativo de terem recebido o Messias. Era o início duma nova etapa na sua vida.

Acerca disso nos ensina Paulo na sua carta aos romanos: “Pois, fomos sepultados com ele pelo batismo na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.” (Rm 6:4). No processo do batismo, é sepultado alguém que se considera morto para o pecado e levanta-se ressurrecto como nova criatura para servir a Deus. Isto é corroborado pelo mesmo apóstolo, quando diz: “Pelo que, se alguém está em Cristo nova criatura é; as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo.” (2 Co 5:17). E aos colossenses escreve: “tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.” (Cl 2:12).

Basicamente, e de acordo com Paulo, isto é o que acontece: “Mas vós não aprendestes assim a Cristo. se é que o ouvistes, e nele fostes instruídos, conforme é a verdade em Jesus, a despojar-vos, quanto ao procedimento anterior, do velho homem, que se corrompe pela cobiça do engano; a vos renovar no espírito da vossa mente, e a revestir-vos do novo homem que, segundo Deus, foi criado em verdadeira justiça e santidade.” (Ef 4:20-24). Durante o batismo, o candidato confessa renunciar às velhas práticas pecaminosas e adoptar novas práticas de santidade. Por consequência, o batismo representa o marco histórico do nascimento para uma vida nova, o qual jamais esquecerá.

É necessário, ainda, esclarecer o significado de “nascer de novo” à luz da gramática grega. Literalmente, o texto grego deve ser traduzido assim: ‘se alguém não nascer de cima’ não pode ver o reino de Deus. A carne, pro-

veniente de Adão, vem de baixo, enquanto o espírito, proveniente de Deus, vem de cima, onde Deus habita.

Embora Nicodemos tenha pensado no ventre materno, Jesus retirou essa hipótese respondendo-lhe que: “se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.” Observemos como o seu ensino é gradual: No versículo três diz que ‘se alguém não nascer de cima não pode ver o reino de Deus’. Isto é, se não decidir renunciar às normas de vida terrenas. Mas no versículo cinco diz que ‘se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus’. Isto é, se não renunciar à velha vida e recomeçar uma vida nova marcando o seu início pelo batismo em água, verdadeira figura do sepultamento da velha e da ressurreição da nova, pelo poder de Deus mediante o exercício da fé.

E Jesus finaliza desta maneira: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de cima.” (Jo 3:6). E a primitiva Igreja ensinava que a ordenança do Senhor é: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.” (Mc 16:15,16). Para a salvação é preciso crer e ser batizado, mas para ser condenado basta não crer.

Após a pregação de Pedro, no dia de Pentecostes, os ouvintes perguntaram o que deveriam fazer, e o apóstolo respondeu: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (At 2:37,38). E, naquela ocasião, cerca de três mil nasceram do espírito pelo arrependimento, e da água pelo batismo. Outra experiência importante é o acontecimento na casa de Cornélio, um comandante do exército romano. Enquanto ouviam a mensagem de Pedro, o Espírito Santo veio sobre eles provando o seu nascimento espiritual e, imediatamente, foi ordenado o seu batismo em água comprova-

tivo do início da sua nova vida (cf. At 10:44-48). Outro exemplo semelhante é a resposta dada ao carcereiro de Paulo e Silas, que perguntou: “Senhores, que é necessário fazer para ser salvo? Responderam eles: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa. Então lhe pregaram a palavra de Deus, e a todos os que estavam em sua casa. Tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes as feridas; e foi logo baptizado, ele e todos os seus.” (At 16:30-33). Note-se que, após breve instrução, o baptismo foi imediatamente administrado a um gentio.

São três os que testemunham de Cristo: o Espírito, a água e o sangue (1 Jo 5:8). O Espírito testemunhou no baptismo e durante o seu ministério. A água testemunhou, no baptismo, a sua pureza de carácter e o início do seu ministério. E o sangue testemunhou o seu sacrifício e a realidade da sua morte. Há também três que testemunham a respeito do cristão: O Espírito, que nos regenera e mantém a vida nova. A água do baptismo, na qual confessamos abandonar a velha e começar a nova. O sangue, apresentando os corpos em sacrifício vivo na obediência à ordem do Espírito: “E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” (Rm 12:2).

Conclusão

Nascer da água e do espírito é, portanto, renovação mental mediante o arrependimento e a conversão e, ao mesmo tempo, assinalar esse facto pelo baptismo em água, onde, simbolicamente, o candidato deixa a velha natureza carnal e assume a nova natureza espiritual.

NÃO SOMOS DEUSES

João 10:34-36

“Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses? Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), àquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas; porque eu disse: Sou Filho de Deus?”

Questão

Em virtude duma interpretação demasiado literal do verso trinta e quatro, sem examinar o contexto bíblico, está circulando a ideia de que somos pequenos deuses. Valem-se daquilo que o trecho diz, corroborando ainda essa ideia pelo facto de sermos filhos de Deus e de Jesus o ter usado com o mesmo sentido. Ora, isso obriga-nos a examinar o contexto bíblico para encontrar o verdadeiro sentido do referido trecho.

Contexto bíblico

O trecho supra não pode significar que somos deuses porque não pode haver outro deus além de Jeová, conforme Êxodo 20:2,3 que diz: “Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egipto, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.”

Após o grande milagre de Elias, o povo exclamou que só Jeová é Deus; cf. 1 Rs 18:39. Os judeus nem sequer aceitavam que Jesus fosse filho de Deus, como poderia Ele referir-se a nós como sendo pequenos deuses?! De acordo com Jo 10.33: “Responderam-lhe os judeus: Não é

por nenhuma obra boa que vamos apedrejar-te, mas por blasfêmia; e porque, sendo tu homem, te fazes Deus.”

Os seres criados por Deus não podem ser deuses, mas primícias das suas criaturas, como está escrito: “Segundo a sua própria vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.” (Tg 1:18).

Certa vez, Paulo e Barnabé rejeitaram a ideia de serem tratados como deuses. Observemos o referido trecho: “As multidões, vendo o que Paulo fizera, levantaram a voz, dizendo em língua licaónica: Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens e desceram até nós. A Barnabé chamavam Júpiter e a Paulo, Mercúrio, porque era ele o que dirigia a palavra. O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trouxe para as portas touros e grinaldas e, juntamente com as multidões, queria oferecer-lhes sacrifícios. Porém, quando, os apóstolos Barnabé e Paulo ouviram isto, rasgaram as suas vestes e saltaram para o meio da multidão, clamando e dizendo: Senhores, por que fazeis estas coisas? Nós também somos homens, de natureza semelhante à vossa, e vos anunciamos o evangelho para que destas práticas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar, e tudo quanto há neles.” (At 14:11-15).

Esta ideia foi criada por Satanás, quando usou astúcia para tentar Eva a desobedecer a Deus: “Disse a serpente à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.” (Gn 3:4,5). Pelo contexto posterior sabemos que aconteceu o oposto: perderam a imagem de Deus, que lhes havia sido transmitida.

A narração de Isaías acerca da profecia contra o rei da Babilónia conta o seguinte: “E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, nas ex-

tremidades do norte. Contudo levado serás ao Seol, ao mais profundo do abismo.” (14:13-15).

O trecho não pode significar que somos deuses porque o contexto no Salmo 82, reproduzido aqui integralmente, e sem numeração, aponta serem os juizes de Israel:

“Deus está na assembleia divina; julga no meio dos deuses. Até quando julgareis injustamente e tereis respeito às pessoas dos ímpios? Fazei justiça ao pobre e ao órfão, procedei rectamente com o aflito e o desamparado. Livrai o pobre e o necessitado, livrai-os das mãos dos ímpios. Eles nada sabem, nem entendem; andam vagueando às escuras; abalam-se todos os fundamentos da terra. Eu disse: Vós sois deuses, e filhos do Altíssimo todos vós. Todavia, como homens, haveis de morrer e, como qualquer dos príncipes, haveis de cair. Levanta-te, ó Deus, julga a terra; pois a ti pertencem todas as nações.”

Como observamos acima, os líderes de Israel são acusados de fazer acepção de pessoas e de não julgarem justamente os pobres e os órfãos. (cf. vv 2,3). O trecho recorda-lhes que são representantes de Deus para julgarem com justiça, (cf. vv 6,7). A palavra hebraica usada nos versos 1 e 6 é ‘Elohim’ deuses, isto é representantes de Deus. Eles são os poderosos que receberam o poder de representar Deus no juízo.

O trecho não pode significar que somos deuses porque o contexto bíblico aponta serem os juizes de Israel. Deus estabeleceu juizes em todas as cidades de Israel para julgarem com justiça, e são apresentados na Bíblia como ‘Eloim’, o plural de Deus. Observemos o trecho de Êxodo 22:8,9, onde os juizes são referidos três vezes como ‘Eloim’: “Se o ladrão não for achado, então o dono da casa irá à presença dos juizes para se verificar se não meteu a mão nos bens do seu próximo. Em todo o caso de transgressão, seja a respeito de boi, ou de jumento, ou de ovelhas, ou de vestidos, ou de qualquer coisa perdida de que alguém disser que é sua, a causa de ambas as partes

será levada perante os juízes; aquele a quem os juízes condenarem pagará o dobro ao seu próximo.”

Este foi o conselho dado por Moisés aos juizes: “Não fareis acepção de pessoas em juízo; de um mesmo modo ouvireis o pequeno e o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; e a causa que vos for difícil demais, a trareis a mim, e eu a ouvirei.” (Dt 1:17). E isto é o que Deus diz acerca de Si mesmo: “Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria; eu sou o entendimento; minha é a fortaleza. Por mim reinam os reis, e os príncipes decretam o que é justo. Por mim governam os príncipes e os nobres, sim, todos os juízes da terra.” (Pv 8:14-16).

Eis o que Deus diz acerca da autoridade delegada: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus.” (Rm 13:1). “porquanto ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador em ira contra aquele que pratica o mal.” (Rm 13:4).

Deus aconselhou Jeremias a falar ao rei de Judá o seguinte: “Ouve a palavra do Senhor, ó rei de Judá, que te assentas no trono de Davi; ouvi, tu, e os teus servos, e o teu povo, que entrais por estas portas. Assim diz o Senhor: Exercei o juízo e a justiça, e livrai o espoliado da mão do opressor. Não façais nenhum mal ou violência ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não derrameis sangue inocente neste lugar.” (Jr 22:2,3).

Conclusão

Por conseguinte, o trecho não pode significar que somos deuses porque o contexto bíblico e histórico-cultural aponta serem os juizes de Israel. Na antiguidade reis e imperadores consideravam-se filhos dos deuses, ou deuses incarnados para serem obedecidos e cultuados. Aquele

trecho não pode significar que somos deuses porque não se refere a nós. Ser filhos de Deus é o máximo grau que recebemos pela fé em Cristo, conforme expresso João 1:12: “Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; Gálatas 3.26: “Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus.” E Gl 4.5-7: “mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei, para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. Portanto já não és mais servo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo.”

O LAVA-PÉS

João 13:14,15

“Ora, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”

Questão

Segundo o trecho acima, teremos nós obrigados pelo Senhor a lavar os pés uns aos outros, até mesmo por ritual, ou aquela ordenança poderá ser cumprida doutra forma?

Contexto bíblico

Concernente à recepção dos hóspedes, os hebreus tinham um costume muito característico. Quando alguém chegava, era saudado com um beijo, era trazida uma bacia com água e uma toalha para lavar os pés e, ao mesmo

tempo, era derramado óleo perfumado sobre a cabeça: “E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta com suas lágrimas os regou e com seus cabelos os enxugou. Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não tem cessado de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo; mas esta com bálsamo ungiu-me os pés.” (Lc 7:44-46). Jesus repreendeu Simão porque não praticara tal acto em sinal de amizade e hospitalidade. A respeito do lava-pés, encontramos essa prática em Gn 24:32, quando Labão recebeu o servo de Abraão e exerceu esse costume cultural: “Então veio o homem à casa, e desarreou os camelos; deram palha e forragem para os camelos e água para lavar os pés dele e dos homens que estavam com ele. Depois puseram comida diante dele.”

O apóstolo João menciona no seu evangelho que Jesus lavou os pés aos seus discípulos e ordenou que fizessem o mesmo uns aos outros, conforme trecho supra. E Paulo recomenda que só devem ser inscritas na beneficência da igreja as viúvas que tenham lavado os pés aos santos (1 Tm 5:10), o que prova ter sido o costume entre os cristãos primitivos.

Sabendo que os caminhos eram poeirentos e o calçado simples sandálias, havia necessidade de providenciar esta higiene e, além disso, refrescar e revigorar os pés cansados da caminhada. Jesus, ao praticar este acto, dá-nos uma lição de humildade e, ao mesmo tempo, de amizade. Sendo Senhor, curva-se perante os discípulos e serve-os como escravo. Igualmente, prova-lhes a Sua amizade pela maneira como os serve, praticando o gesto de um bom hospedeiro, mesmo sem o ser na realidade. Ele supriu a falha do verdadeiro anfitrião.

Hoje não sentimos mais a necessidade de lavar os pés uns aos outros, a menos que estejamos, nós mesmos, incapazes de o fazer; mas podemos encontrar outras maneiras de manifestar a nossa humildade e amizade, servindo-nos uns aos outros de acordo com as

uns aos outros de acordo com as necessidades da época, sobretudo sendo bons hospitaleiros. Poderemos estar atentos e suprir as necessidades dos irmãos.

Em referência ao beijo da saudação teremos a dizer que este era um sinal de afeição, amizade, reverência e submissão. O beijo poderia ser dado na boca, na face ou na mão, conforme a intenção. Reverência e submissão seriam manifestadas pelo beijo na mão, enquanto a amizade era declarada pelo beijo na face. Esta prática e recomendada aos cristãos, conforme se lê em: (Rm 16:16; 1 Co 16:20; 2 Co 13:12; 1 Ts 5:26; 1 Pd 5:14).

Em todas as suas passagens, Paulo ordena que se saúdem com o beijo santo, e Pedro manda que se saúdem com o beijo do amor. Crê-se que por causa dos abusos, homens beijavam homens e mulheres beijavam mulheres. Hoje, no ocidente as mulheres saúdam-se com o tradicional beijo, enquanto os homens apertam a mão, sendo esta a prática entre os cristãos. O que importa é que se manifeste verdadeira fraternidade e amizade.

Quanto à prática da oração, observamos pela Bíblia que naqueles tempos levantavam os olhos e as mãos para o Céu. Jesus, tomando os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao Céu e abençoou-os (Mt 14.19). O apóstolo Paulo aconselha os homens a orar levantando mãos santas (1 Tm 2:8). Todavia, a ênfase está na isenção da ira e da contenda e não nas mãos levantadas. O que importa é orar e ser ouvido por Deus.

Conclusão

Estes apontamentos servem para chamar a atenção para a realidade de que muitos costumes são próprios de um povo e de uma época, sujeitos a mudanças de acordo com o desenvolvimento da cultura e da condição social, não havendo, por isso, motivo para se imporem a outros povos e de outras condições. Os próprios povos bíblicos abandonaram muitas práticas ancestrais, inserindo-se no

contexto social contemporâneo. É mister, portanto, extrair o ensino espiritual e moral da mensagem bíblica e não ficar escravo da letra.

LEVANTAR A VARA

João 15:1,2

“Toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta”

Questão

Jesus quer dizer cortar a vara para lançá-la no fogo? ou levantar a vara para que dê o fruto desejado?

Examinando o texto

Existem dois verbos gregos muitos semelhantes na grafia e no significado: *aireô* e *airô*. O verbo *aireô* pode significar: tomar, podar, capturar, conquistar, surpreender em flagrante. O verbo *airô* pode significar: levantar, oferecer, recrutar, engrandecer, içar, suscitar. A forma verbal existente neste verso é o indicativo presente *airei*.

Agora é preciso descobrir a que verbo pertence e ainda temos de considerar o contexto para descobrir o significado do verbo no referido texto. Porque não tem sinal de contracção sobre o ditongo final, esta forma verbal pertence ao verbo *airô*, que podemos usar neste texto como *levantar, içar, engrandecer*.

Jerónimo usa na Vulgata latina ‘tollet’ = tomar, levantar, erguer, e também retirar.

Conclusão

Assim sendo, digamos que a vara em Cristo que não dá fruto não é rejeitada, mas levantada, tratada e cuidada a

fim de vir a dar o fruto desejado pelo Lavrador. Quanto às varas que dão fruto, o lavrador as limpa das partes inconvenientes para darem ainda mais fruto. E note-se que o instrumento usado pelo Lavrador para limpar a sua vinha é sempre a sua Palavra (Jo 15:3), adequada às nossas necessidades.

Além disso, o Senhor assegurou que todo aquele que o Pai lhe deu, de modo algum o lançará fora (Jo 6:37). E acerca das ovelhas disse que aquelas que vêm a Ele ninguém as arrebatará da sua mão, nem de seu Pai (Jo 10:28,29).

Unicamente as varas que não permanecem na videira (Cristo), primeiro secam, depois serão apanhadas e guardadas para o fogo (Jo 15:6). Neste capítulo quinze de João existem onze formas do verbo grego *menô* – estar, habitar, ou permanecer. É, portanto, a palavra chave deste texto e a qual não devemos menosprezar.

O Senhor aconselha que é preciso permanecer nele, na sua palavra, no seu amor, nos seus mandamentos, e Ele permanecer em nós para que haja fruto permanente (cf. Gl 5:22-24).

Ora, sabemos que os escritos de João apareceram para combater as doutrinas gnósticas, que retiravam os méritos ao sacrifício de Cristo em favor da sua gnose, ou o conhecimento das suas doutrinas mescladas de judaísmo, filosofia grega e religiões orientais. Estes afastaram-se de Cristo e estavam secando e destinados ao fogo.

É por este motivo que João diz aos cristãos que já sabem tudo (a respeito da salvação) e não têm necessidade que alguém (hereges gnósticos) os ensine, mas que permaneçam nele (1 Jo 2:27).

A mensagem daqueles ensinadores era racional e filosófica, dirigida ao intelecto, provinha do mundo e era aceite pelo mundo (cf. 1 Jo 4:5). A mensagem dos apóstolos era uma mensagem que apelava à fé e à união a Cristo. Outra vez João usa o verbo grego *menô* – convidando os

cristãos a permanecer em Cristo como salvador do mundo (cf. 1 Jo 4:14-16).

A parábola da figueira em Lucas 13:6-9 é uma boa comprovação da doutrina da graça nestes trechos. É essencial permanecer em Cristo para garantir a vida eterna.

FRUTO PERMANENTE

João 15:2-16

“Toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta; e toda vara que dá fruto, ele a limpa, para que dê mais fruto.”

Questão

Qual é a característica do fruto desejado pelo Lavrador?

Examinando texto e contexto

O vocábulo grego *karpos* – fruto” aparece neste trecho oito vezes: vv. 2, 4, 5, 8, 16. Vamos examinar outras passagens da Bíblia com o mesmo vocábulo para definir o seu significado correcto:

Lc 3:8-11 – Dizia, pois, João à multidão que saía para ser baptizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão. E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo.

Conferir com Mt 3:10 e 7.19, Rm 11:22-24, onde o verbo cortar é ‘ekkopto’, e não ‘airo’ como em João 15.

Jo 6:37 – “Todo o que o Pai me dá virá a mim, e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” promete o Senhor.

A ausência de bom fruto é referida por Paulo aos Gálatas como as obras da natureza carnal de quem não assimila o alimento da seiva espiritual, de Cristo.

Lc 3:10-14 – “E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois? E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira. E chegaram também uns publicanos, para serem baptizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer? E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado. E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo.” Este é o fruto que, primeiramente, os cristãos têm de manifestar como prova de arrependimento sincero.

Lc 6:43-45 – “Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto. Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abro-lhos. E por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?”

Mt 7:17-21 – “Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. Toda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demónios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca

vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.”

Aquele trecho refere-se à vida moral. Sem Cristo e sem o seu Espírito, não pode haver bom fruto, então fica reservado para o fogo. O verbo cortar, no verso dezanove, é mesmo cortar a árvore, no último dia, enquanto o verbo usado em João 15 é outro e significa erguer, içar, levantar, referindo-se àquele que está nele, para que tenha possibilidade de dar fruto.

Rm 1:20-22 – “Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. E que fruto tínheis então das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte. Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.”

Gl 5:22 – “Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, Invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Tais encontramos um fruto desagradável e outro agradável, cujos frutos distinguem as árvores como boas ou más. Ou estamos em Cristo, ou não estamos em Cristo. Não existe meio termo.

Ef 5:8-10 – “Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz, (porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade) aprovando o que é agradável ao Senhor.”

Fl 1:9-11 – “E peço isto: que o vosso amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo; Cheios do fruto

de justiça, que é por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus. Comparar com Rm 14:17,18.

Conclusão

A seiva que alimenta a videira produz fruto agradável para louvor do Lavrador. O bom fruto atrai as pessoas e, tomando-o, recebem a vida de Cristo. Esse é o fruto que deve permanecer. Porque o reino de Deus é justiça e paz.

O AMOR O QUE É

João 15:12

“O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”

Questão

Qual a característica do amor que Jesus devotou a seus discípulos para que sigamos o seu exemplo?

João dá-nos o seu testemunho: “Antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, e havendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13:1).

E o que significa isso ‘amar até ao fim’?

Jesus dá o seu próprio testemunho: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vos mando” (Jo 15.13,14).

Então, o que é que Ele nos manda?

Ele mesmo diz o que é: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor

uns aos outros.” (Jo 13.34,35). Agora convém interrogar: Qual a forma prática de exercitar este amor?

Ensino apostólico

João esclarece os cristãos acerca disso: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Pois, quem tiver bens do mundo, e vendo o seu irmão em necessidade lhe fechar o seu coração, como permanece nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas por obras e em verdade” (1 Jo 3.16-18).

Paulo fornece a característica desse amor: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba” (1 Co 13.4-8).

O Amor referido por Cristo é apresentado em todos os trechos mencionados acima, na versão grega, como ‘agápe’, o qual é, também, referido por João como a característica divina, conforme diz: “Amados, amemo-nos uns aos outros porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus porque Deus é amor” (1 Jo 4.7,8). É este o amor que jamais acaba porque nunca cai, não diminui, nem esfria; permanece inalterável por mais adversas que sejam as circunstâncias.

Pergunta capital: Quem é Deus? – Resposta essencial: Deus é Amor. Ora, “o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” e quem ama neste grau está demonstrando ser um verdadeiro discípulo de Cristo porque aprendeu e exercita o preceito diariamente.

O significado completo deste amor é: Amar, querer, desejar, enamorar-se, afeiçoar-se, enternecer-se, sentir

amor, carinho, afecto, afeição, inclinação, atracção, paixão, ser leal, ser fiel.

Onde existir este amor, aí está Deus, e onde estiver Deus, aí se manifesta este amor. Esta é a maior prova da presença do Espírito Santo nos crentes e confirma que somos seus fieis discípulos.

Testemunhos infantis

O amor foi tema de pesquisa feita por profissionais de educação e psicologia a um grupo de crianças entre 4 e 8 anos.

Respostas:

"Amor é quando alguém te magoa, e você, mesmo muito magoado não grita porque sabe que isso fere seus sentimentos" (Mathew, 6 anos).

"Quando minha avó pegou artrite, ela não podia se debruçar para pintar as unhas dos dedos do pé. Meu avô, desde então, pinta as unhas a ela mesmo quando ele tem artrite" (Rebecca, 8 anos).

"Quando alguém te ama, a forma de falar seu nome é diferente" (Billy, 4 anos).

"Amor é quando você sai para comer e oferece suas batatinhas fritas, sem esperar que a outra pessoa te ofereça as batatinhas dela" (Chrissy, 6 anos).

"Amor é quando minha mãe faz café para o meu pai e toma um gole antes para ter certeza que está ao gosto dele" (Danny, 6 anos).

"Se você quer aprender a amar melhor, você deve começar com um amigo que você não gosta" (Nikka, 6 anos).

"Quando você fala para alguém algo ruim sobre você mesmo e sente medo que essa pessoa não venha a te amar por causa disso, aí você se surpreende, já que não só continuam te amando, como agora te amam ainda mais" (Samantha, 7 anos).

"Há dois tipos de amor: o nosso amor e o amor de Deus, mas o amor de Deus junta os dois" (Jenny, 4 anos).

"Amor é quando mamãe vê o papai suado e mal cheiroso e ainda fala que ele é mais bonito que o Robert Redford" (Chris, 8 anos).

"Durante minha apresentação de piano, eu vi meu pai na plateia me acenando e sorrindo. Era a única pessoa fazendo isso e eu já não sentia medo" (Cindy, 8 anos).

"Amor é quando você fala para um garoto: que linda camisa você está vestindo! e aí ele a veste todo dia" (Noelle, 7 anos).

"Não deveríamos dizer eu te amo a não ser quando realmente o sintamos. E se sentimos, então deveríamos expressá-lo muitas vezes. As pessoas esquecem de dizê-lo" (Jéssica, 8 anos).

"Amor é quando seu cachorro lambe sua cara, mesmo depois que você deixa ele sozinho o dia inteiro" (Mary Ann, 4 anos).

"Eu sei que minha irmã mais velha me ama porque ela me dá todas as suas roupas velhas e tem que sair para comprar outras" (Lauren, 4 anos).

"Deus poderia ter dito palavras mágicas para que os pregos caíssem do crucifixo, mas ele não disse. Isso é amor" (Max, 5 anos).¹

Conclusão

Se crianças desta idade dão este testemunho do amor, por que não deveríamos nós, pessoas maduras, compreender e viver o amor diariamente como forma prática de servir e glorificar a Deus?!

NA VIA DOLOROSA

João 19:17

"Tomaram, pois, a Jesus, e ele, carregando a sua própria cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota."

Questão

Por que Jesus teve de carregar a sua própria cruz, quais os eventos daquela ocasião e os benefícios para nós?

Há cerca de 1970 anos estava governando na Palestina o poderoso império romano com mão implacável. Trinta e três anos antes havia nascido ali, na cidade de Belém, uma criança, em cumprimento da promessa de Deus, a quem foi dado o nome de Jesus porque viera para ser o nosso salvador. Era o próprio Filho de Deus, enviado para expiar as nossas culpas. Foi criado com o maior carinho, tornou-se adulto à nossa imagem física e experimentou todas as vicissitudes humanas como nós. Durante três anos e meio cumpriu a nobre missão de convidar as pessoas a voltarem-se para Deus a fim de termos um mundo melhor, com

¹ www.comunidadeshalom.org.br

mais amos, justiça e paz. Ele veio anunciar a chegada do Reino de Deus e a convidar as pessoas a entrar nele. Mas, apesar de múltiplos sinais evidentes da sua origem divina, foi rejeitado, tanto uns como outros, religiosos, políticos e povo. Ao aproximar-se o final de seu ministério, caminha na direcção de Jerusalém a fim de satisfazer a última parte da profecia.

Era o primeiro dia da semana. Depois de ser hospedado pelas irmãs Marta e Maria, em Betânia, encaminha-se com os discípulos para Jerusalém a fim de celebrarem a páscoa judaica. Como estaria ansioso por cumprir tudo o que estava escrito a seu respeito. Tendo chegado ao Monte das Oliveiras, Jesus ordenou a dois discípulos para que lhe trouxessem um jumentinho. Lançando as vestes sobre ele, Jesus montou e prosseguiram rumo a Jerusalém. Ao observar este cortejo, muita gente começou a saudá-lo dizendo: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor”. Dirigindo-se ao Templo, observou que os vendedores de animais para o sacrifício e os cambistas para trocar o dinheiro pelo usado no Templo estavam no lugar errado e expulsou esses negociantes da casa de Seu Pai. Se muitos já estavam contra ele, agora as coisas agravaram-se ainda mais porque foi prejudicar o seu lucrativo negócio.

No final da semana, quando se aproximava o tempo de celebrar a páscoa, Jesus enviou outros dois discípulos a fim de prepararem a celebração da sua páscoa. Eles assim fizeram e sentaram-se, conforme seu costume, para comemorar a saída vitoriosa do Egipto. Na mesa havia ervas amargas, um cordeiro e pão ázimo, para recordar a amargura sofrida na escravidão egípcia, o sinal da libertação, e a prontidão para a fuga, respectivamente. Estando já à mesa, o Senhor observou que ninguém tinha lavado os pés conforme o costume hebreu. Levantou-se, tomou uma bacia e uma toalha e foi lavar os pés aos discípulos dando um grande exemplo de humildade, serviço e respeito por certas tradições. Após haverem ceado, Jesus tomou o pão

e dando graças partiu-o e repartiu por todos. Depois, tomando um cálice abençoou-o e repartiu-o igualmente por todos ordenando que fizessem o mesmo quando reunissem em recordação do seu sacrifício. Pois, aquele pão e aquele cálice serviriam para memória da sua morte até à sua volta.

Enquanto estavam à mesa, Jesus declarou que um deles o haveria de entregar para ser condenado. Embora todos interrogassem quem seria, o Senhor dirigiu-se a Judas e disse-lhe que agisse depressa. Naquele instante, Judas saiu apressadamente e foi negociar com os sacerdotes a melhor maneira de lho entregar. Entretanto, Jesus e os discípulos cantaram o último cântico e saíram com destino ao Getsêmani. Ali, Jesus deixou os discípulos e avançou para ficar a sós em oração. Após algum tempo de angústia, saindo já dos seus poros sangue juntamente com suor, ouve-se um clamor pedindo a seu Pai para retirar dele aquele cálice. Mas não era possível tal acção. O Pai tinha dado o Filho para ser sacrificado pelos nossos pecados ao mesmo tempo que o cordeiro pascal no altar do sacrifício no Templo.

Perto da meia noite vêem-se luzes cintilando ao longe, algumas vozes começam a soar através dos campos, e passos apressados são ouvidos na direcção do Cordeiro de Deus. Judas era conhecedor daquele lugar, onde o Senhor passava tempo em conversa íntima com Seu Pai, e guiou para lá os sacerdotes com alguns soldados para prenderem Jesus – o malfeitor. Judas não hesitou a usar o símbolo do amor como sinal para reconhecerem Jesus na escuridão e beijou o Senhor. Ao observar aquele aparato, o Senhor replicou: “Se me buscais a mim deixai ir estes”. Não se escondeu nem fugiu, entregou-se voluntariamente ao juízo dos homens e foi levado à casa do sumo sacerdote Anás onde começou a ser julgado. O Santo ia ser julgado por pecadores, tinha dito que não veio para condenar o mundo, mas para salvá-lo.

O julgamento de Cristo foi totalmente noturno e, portanto, ilegal; pois, o tempo que medeia entre a prisão e a crucificação é de nove horas. Durante essas nove horas compareceu a julgamento religioso perante Anás, Caifás, e perante os membros do Sinédrio. E a julgamento civil perante Pilatos, Herodes e novamente Pilatos. Daí a expressão portuguesa de “andar de Herodes para Pilatos”. Eis alguns erros cometidos pelo Sinédrio: Julgamento noturno, fora do lugar apropriado, testemunhos simultâneos, testemunhos discordantes, testemunhos dispensados, falta de exame imparcial da resposta do réu. Observemos as acusações de que foi alvo o Senhor que tanto nos amou: que destruiria o Templo, que se fazia filho de Deus, que se fazia rei dos judeus, que pervertia o povo com o seu ensino, que proibia pagar o imposto a Roma, que era um malfeitor a tirar da terra.

Durante todo aquele tempo foi maltratado, troçado, chicoteado, até desfalecer. Quanto sofrimento o do meu salvador! Quando se aproximavam as nove horas da manhã puseram-lhe o pesado madeiro e conduziram-no até ao Gólgota para ali ser crucificado. Enquanto caminhava ladeado pela multidão expectante, contorcendo-se com dores horríveis, ouvia-se aqui e ali alguém a lamentar a sua sorte. Mas Ele respondia que lamentassem por eles e por seus filhos porque viriam dias de juízo para eles. Enquanto caminhava, as dores, a febre e a sede aumentavam de modo a não poder mais transportar o madeiro do seu suplício. Então convidaram um africano de Cirene para o ajudar. Mas nós, presentemente, contamos com Ele para nos ajudar a levar a nossa cruz enquanto o seguimos. Logo que atingiram o local começaram os preparativos da crucificação de Jesus entre dois malfeitores.

Colocaram as suas mãos sobre a trave e ainda podemos ouvir as marteladas e mais marteladas. Depois martelaram nos seus pés. Colocaram uma coroa de grandes espinhos na Sua cabeça fazendo dele um rei fantoche. Ain-

da, por cima da sua cabeça puseram um cartaz que dizia: O REI DOS JUDEUS. O sangue jorrava por todos os poros. A Sua dor era insuportável. Quanto sofreu o meu Senhor em meu lugar! O Justo estava morrendo pelos injustos, o Santo pelos pecadores. Tudo isto para que os injustos sejam justificados e os pecadores sejam santificados pela fé nele.

Apesar do enorme sofrimento o Senhor ainda pode fazer ouvir a Sua voz, embora abafada, a suplicar ao Pai o perdão para aqueles ignorantes: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”. Também teve o cuidado de entregar sua extremosa mãe aos cuidados do seu amigo João. A um dos malfeitores condenados disse que naquele dia estaria com ele no Paraíso. Ao meio dia o sol deixou de brilhar sobre a terra e as trevas envolveram-na até às quinze horas. Após nove horas de julgamento mais três se passaram naquele sofrimento atroz.

Por conseguinte, desde a prisão à meia noite até ao meio dia são doze horas. Somando as três de trevas são quinze horas de sofrimento. Mas ainda teve energia para ser ouvido a dizer: “Está consumado. Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito”. E, inclinando a cabeça expirou. Ali estava o Senhor da Vida, o Criador, exposto para ser troçado por quem passava e servir de exemplo a outros malfeitores. Quando o dia declinava uns amigos foram tirá-lo da cruz e colocaram-no num sepulcro novo. Todavia, não podia ser retido pela pedra. No primeiro dia da semana, assim como tinha entrado em Jerusalém, também saiu do túmulo vencendo a morte com muitas e infalíveis provas.

Conclusão

Jesus veio do céu à terra com a finalidade de substituir-nos na morte e cumpriu integralmente essa intenção. Aquele que nunca pecou tomou os nossos pecados e foi cravá-los no madeiro para que ficássemos livres da con-

denação à morte por causa do pecado. Porém, tendo sido morto, ressuscitou e obteve a vitória sobre a morte, e agora podemos dizer como Paulo: “Onde está ó morte a tua vitória?” Como Cristo, todos os que nele crêem também ressuscitarão e viverão eternamente com Ele.

RECEBEI O ESPÍRITO SANTO

João 20:22,23

“E havendo dito isso, assoprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes são retidos.”

Questão

Se Jesus concedeu o Espírito Santo quando soprou sobre os discípulos, por que motivo o receberam também no dia de Pentecostes?

Contexto bíblico

Primeiro, recordemos o relato da acção de Deus após ter criado o homem. Ele assoprou sobre a figura criada e começou a viver: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.” (Gn 2:7). O vento soprado pelo Criador teve a finalidade de conceder vida àquela figura inerte para formar a sociedade humana. Da mesma forma, o vento soprado pelo Filho serviu para iniciar uma nova sociedade com os discípulos a fim de cumprirem o seu ministério no mundo pecaminoso. O referido trecho simplesmente enfatiza o perdão dos pecados. Eles recebe-

ram a capacidade do Espírito para perdoar, o que nós também recebemos quando aceitamos Jesus como salvador.

O prometido baptismo no Espírito Santo aconteceu somente no dia de Pentecostes, como está escrito: “Logo que eu comecei a falar, desceu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós no princípio. Lembrei-me então da palavra do Senhor, como disse: João, na verdade, baptizou em água; mas vós sereis baptizados no Espírito Santo.” (At 11:15,16). Quando Jesus soprou sobre eles estava ensinando por figura conhecida acerca da nova vida que precisavam para servir no seu reino.

Agora comparemos três trechos importantes: Acerca do novo nascimento, espiritual, disse Jesus a Nicodemos: “O vento sopra onde quer e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.” (Jo 3:8). E Lucas escreveu o seguinte: “Estando com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João baptizou em água, mas vós sereis baptizados no Espírito Santo dentro de poucos dias.” (At 1:4,5). Jesus disse que este baptismo concedia poder para serem testemunhas eficazes no mundo inteiro: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.” (At 1:8).

E, acerca da recepção do baptismo no Espírito Santo, escreveu Lucas: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados... “E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito lhes concedia que falassem. (At 2:1,2,4). Quando Pedro se levantou para explicar o sucedido perante cerca de três mil pessoas pasmadas, referiu o seguinte: “De sorte que, exaltado pela dextra de Deus, e

tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, deram isto que vós agora vedes e ouvis.” (At 2:33).

Experiências semelhantes continuaram após o Pentecostes, embora sem o som do vento e da visão das chamas sobre as cabeças. Quando Pedro e João, que haviam sido presos, foram libertados, dirigiram-se para os seus e relataram o sucedido acontecendo o seguinte: “E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus.” (At 4:31). Depois vem a experiência de Pedro na casa do capitão romano Cornélio: “Os crentes que eram de circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo, porque os ouviam falar línguas e magnificar a Deus.” (At 10:45, 46).

Quando Paulo chegou a Éfeso encontrou ali alguns crentes que desconheciam o Espírito Santo, perguntou-lhes: Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes? Responderam-lhe eles: Não, nem sequer ouvimos que haja Espírito Santo.” (At 19:2). Como observamos, o facto de crer não concede o baptismo no Espírito Santo, mas somente o espírito de nova vida em Cristo. E, “Havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em línguas e profetizavam.” (At 19:6). A esses crentes escreveu mais tarde que eles tinham recebido a marca do dono, o selo da casa, o Espírito Santo da promessa: “com o fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo; no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória.” (Ef 1:12-14). E continua: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.” (Ef 4:30).

Finalizando, meditemos nestas palavras do livro aos hebreus: “como escaparemos nós, se descuidarmos de tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi- nos depois confirmada pelos que a ouviram, testificando Deus juntamente com eles, por sinais e prodígios, e por múltiplos milagres e dons do Espírito Santo, distribuídos segundo a sua vontade.” (Hb 2:3,4).

Conclusão

Quando Jesus soprou sobre os discípulos receberam o Espírito Santo para uma vida nova, mas não o baptismo no Espírito Santo para o ministério. Este só mais tarde aconteceu, no dia de Pentecostes. Assim como, após cinquenta dias de viagem, o Pai concedeu a Lei no Sinai, também o Filho concedeu o Espírito Santo, da parte do Pai, cinquenta dias após a sua ressurreição. A Lei serviu para orientá-los como aio até ao cumprimento da promessa do Espírito. Quando este foi concedido e entrou em função, passou a orientar a vida dos redimidos pelo sangue do Cordeiro e selados pelo Espírito do Pai.

CAPÍTULO V

ACTOS DO ESPÍRITO

JESUS VOLTARÁ

Actos 1:10,11

“Estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles apareceram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, porque ficais aí olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi elevado para o céu, há-de vir assim como para o céu o vistes ir.”

Questão

Visto que Jesus disse que viria como o ladrão, e os primeiros discípulos o esperavam em seu tempo, como poderemos nós, após cerca de dois mil anos, continuar a esperá-lo sem desfalecer na fé?

Contexto bíblico

A questão posta acima já tinha sido feita há muitos anos antes, e foi mencionada por Pedro na sua segunda epístola universal: “...nos últimos dias virão escarnecedores com zombaria andando segundo as suas próprias concupiscências e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.” (2 Pd 3:3,4).

O Senhor Jesus avisou os seus discípulos para se não deixarem enganar desta maneira: “Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor; sabeis, porém, isto: se o dono da casa soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos, porque numa hora em que não penseis virá o Filho do homem.” (Mt 24:42-44). E Marcos escreveu desta maneira: “Vigiai, pois; porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã.” (Mc 13:35).

Ele mesmo confirmou a sua promessa deste modo: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também.” (Jo 14:2,3). “Porém, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai.” (Mt 24:36).

Mas também advertiu que deveria haver muito cuidado com os falsos profetas, ou pregadores, que, a pretexto de grandes sinais, enganariam até os escolhidos, dizendo: “Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto; não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do filho do homem.” (Mt 24:26,27).

Todavia, deixou alguns sinais importantes, que nos ajudarão a reconhecer a proximidade da sua vinda, com estas palavras, para os quais devemos atentar cuidadosamente: “Logo depois da tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu com poder e grande glória.” (Mt 24:29,30).

E o Senhor continua alertando: “Pois como foi dito nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos; assim será também a vinda do Filho do homem.” (Mt 24:37-39).

Em virtude do perigo, o mesmo Senhor aconselha vivamente a vigilância constante: “Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: Se o dono da casa soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos; porque numa hora em que não penseis virá o Filho do homem.” (Mt 24:42-44).

O livro de Apocalipse expressa a sua volta da seguinte maneira: “Lembra-te, portanto, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. Pois se não vigiares, virei como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.” (Ap 3:3). Venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.” (Ap 3:11). “Eis que cedo venho; bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.” (Ap 22:7). “Eis que cedo venho e está comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo a sua obra.” (Ap 22:12). “Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém; vem, Senhor Jesus” (Ap 22:20).

Ninguém sabe quando um ladrão visitará a sua casa, ele aparece num instante, rápido, num ápice. As palavras traduzidas ‘sem demora’ e ‘cedo’ provêm do grego ‘taxy’, donde vem também a nossa palavra ‘taxi’, cujo significado é ‘rápido’. Portanto, o que Jesus queria dizer era que ele viria rápido, mas sem que alguém o esperasse.

E o apóstolo Paulo instrui também os cristãos da seguinte maneira: “Mas, irmãos, acerca dos tempos e das épocas não necessitais que se vos escreva porque vós

mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como vem o ladrão de noite; pois quando estiverem dizendo: Paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão.” (1 Ts 5:1-3).

E ele também nos fornece alguns sinais da proximidade da vinda do Senhor: “Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamo-vos irmãos... Ninguém de modo algum vos engane, porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição...” (2 Ts 2:1-3). “Pois o mistério da injustiça já opera; somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado, e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus desfará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda; a esse iníquo cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira.” (2 Ts 2:7-9).

Paulo está dizendo que, já no seu tempo, a iniquidade era abundante e havia ambiente propício para a manifestação do anticristo; somente uma resistência há a impedir o seu aparecimento, isto é, o poder imperial de Roma, segundo alguns comentadores. Ora, sabemos que quando a governação é frouxa, a iniquidade manifesta-se mais facilmente. Será isto o que acontecerá imediatamente antes da vinda de Cristo.

Quando o apóstolo João estava cativo na ilha de Patmos teve uma visão na qual via uma confederação empenhada a lutar contra o Cordeiro de Deus, conforme o relato de Apocalipse: “Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade como reis, por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta. Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos

senhores e o Rei dos reis; vencerão também os que estão com ele, os chamados, e eleitos, e fiéis.” (Ap 17:12-14).

E continua a narrativa da visão celestial: “E vi a besta e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos para fazerem guerra àquele que estava montado no cavalo e ao seu exército. E a besta foi presa e com ela o falso profeta que fizera diante dela os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e os que adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.” (Ap 19:19,20).

O Senhor, naquela visão, deixou também um aviso importante para todos: “Lembra-te, portanto, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. Pois, se não vigiares virei como um ladrão, e não saberás a que hora virei sobre ti.” (Ap 3:3).

E esta era a grande esperança dos apóstolos, cujo ensinamento foi entregue aos cristãos de todos os tempos e lugares: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” Paulo. (2 Tm 4:8). “Porque não seguimos fábulas engenhosas quando vos fizemos conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, pois nós fomos testemunhas oculares da sua majestade.” Pedro. (2 Pd 1:16). “E agora, filhinhos, permaneço nele; para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e não fiquemos confundidos diante dele na sua vinda.” João. (1 Jo 2:28).

Conclusão

De acordo com a promessa do Senhor, os sinais indicados, e a esperança ensinada pelos apóstolos, que conviveram com Ele, não cessamos de esperar o Seu regresso a fim de cumprir o que ainda resta da mensagem dos profetas, que falaram e escreveram acerca do reino de Deus e do Seu Messias. Porém, é certo que ele virá rápido como um ladrão, mas sem ser esperado.

BAPTISMO PARA REMISSÃO

Actos 2:38

“Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.”

Questão

Pedro respondeu que o baptismo em nome de Jesus Cristo serve para remissão dos pecados? Então, quem não for baptizado não é remido? O que aconteceu ao malfeitor condenado com Cristo?

Gramática

Existem no trecho três palavras que devemos examinar para entendermos o seu real significado. Elas são: arrependei-vos, baptizado, e remissão, as quais são representadas pelos vocábulos gregos: *metanoeo*, *baptizo*, e *afesis*, respectivamente.

Ao usar o verbo ‘*metanoeo*’ o apóstolo está convocando os seus ouvintes, e todos os demais, a mudar de atitude em relação ao pecado; isto é, deve tomar a decisão de dar meia volta e seguir em sentido oposto, com o rosto voltado para Deus. Aquele que isso fizer deve submeter-se ao baptismo em nome de Jesus Cristo. Este facto é o primeiro sinal prático e público da sua conversão. Quando aconselha o baptismo usa o verbo grego ‘*baptizo*’ que tem o significado de submergir na água. Este acto representa o sepultamento e o desaparecimento do velho homem, dominado pelo pecado, e, acto contínuo, levantar-se e aparecer o novo homem, submisso ao Senhor. Aquele que isto

cumprir tem garantido o perdão dos seus pecados. O perdão é representado pelo grego *'afesis'* que significa libertar a pessoa da consequência do pecado. A redenção, propriamente dita, que é representada pelo verbo grego *'lutron'* aconteceu quando Cristo morreu em seu lugar. Mas o perdão, representado por *'afesis'* é recebido pela fé na obediência ao batismo, como primeira ordenança importante do Senhor.

Contexto bíblico

Quem não desejar o batismo, ou não se preparar para ele, está incorrendo na desobediência e perdendo a bênção do perdão. Porque, como asseverou o irmão e servo de Cristo, Tiago: “Que proveito há, meus irmãos, se alguém disser que tem fé e não tiver obras? Porventura essa fé pode salvá-lo?” (Tg 2:14). Embora ele se esteja referindo à obra social como prova prática da fé, cabe incluir aqui, também, a obediência ao batismo como prova básica da fé submissa. Ou, no dizer do Senhor: “mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca mais terá perdão, mas será réu de pecado eterno.” (Mc 3:29). Aprendemos que esta blasfêmia pode ser a resistência contínua ao Espírito Santo, a desobediência deliberada do indivíduo ao plano de Deus.

O malfeitor que morreu ao lado de Cristo é um figura viva daqueles que, por algum motivo, como ele, não tiveram a possibilidade de se submeterem fisicamente ao acto, ainda que o tenham feito mentalmente. Para os tais está assegurado o perdão, segundo as palavras do Senhor: “Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.” (Lc 23:43).

A pregação de João tinha três componentes importantes que são: arrependimento, batismo e perdão. Isto é, mudança de atitude em relação ao pecado, batismo como sinal de fé submissa, com vista ao perdão dos pecados, como está escrito: “assim, apareceu João, o Baptista, no

deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados.” “e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.” (Mc 1:4; Mt 3:6). Consideremos que o batismo está virado para o perdão, de acordo com a preposição grega *'eis'* que significa ‘na direcção de’; e que, nessa ocasião, o candidato fazia confissão de ter sido pecador.

Alguns podem até alegar que, uma vez recebido o batismo no Espírito Santo, não há necessidade do batismo em água. Mas, contrapomos a esta ideia o relato claro de Actos 10:47: “Respondeu então Pedro: Pode alguém porventura recusar a água para que não sejam batizados estes que também, como nós, receberam o Espírito Santo?”

O apóstolo das gentes confirma a necessidade do batismo em água, em nome de Jesus, quando respondeu aos primeiros cristãos de Éfeso, que ainda não tinham recebido o batismo em nome de Jesus: “João administrou o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que após ele havia de vir, isto é, em Jesus. Quando ouviram isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus. (At 19:4,5).

Paulo considera o batismo em água como uma sepultura onde o velho homem do pecado é deixado para sempre, e o novo homem de Cristo ressurgue para a vida nova, como narra a Escritura: “Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.” (Rm 6:4). E, aos colossenses diz: “tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos;” (Cl 2:12).

Conclusão

Seria óptimo terminar com a narração de 1 Pd 3:18: “Porque também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo, na

verdade, morto na carne, mas vivificado no espírito; 19 no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; 20 os quais noutra tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava, nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas, isto é, oito almas se salvaram através da água, 21 que também agora, por uma verdadeira figura - o baptismo, vos salva, o qual não é o despojamento da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo, 22 que está à destra de Deus, tendo subido ao céu; havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potestades.”

Isto é, assim como a água, que serviu de condenação para muitos, e Noé foi salvo com a família, através da mesma água, também o baptismo nos salva à semelhança daquela experiência. Isso não significa limpeza pela lavagem da carne, mas purificação do espírito pela lavagem mediante a fé e a obediência conscientes à Palavra de Deus.

SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

Actos 13:22

“E tendo deposto a este, levantou-lhes como rei a Davi, ao qual também, dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.”

Questão

Considerando as suas falhas, terá sido David um homem conforme o coração de Deus? Por que motivo Deus

dá testemunho de David como homem à imagem do seu coração?

Contexto bíblico

Começamos pela experiência com Saul, narrada no capítulo treze de 1 Samuel. Tendo ele sido eleito para reinar sobre Israel, recebeu instruções de Samuel para o esperar em Gilgal. Porém, visto que Samuel demorava, ousoou ele próprio, fazer o que não devia, e ofereceu sacrifícios sobre o altar. “Então disse Samuel a Saul: Procedeste nesciamente; não guardaste o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou. O Senhor teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre; agora, porém, não subsistirá o teu reino; já tem o Senhor buscado para si um homem segundo o seu coração, e já o tem destinado para ser príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou.” (1 Sm 13:13,14).

Pelo que observamos, Saul não se adaptou ao coração de Deus, motivo pelo qual foi rejeitado. Não foi obediente a ordem tão simples como ‘esperar’. Há um provérbio português que diz: “As cadelas apressadas produzem filhos aleijados.” A pressa de Saul ocasionou-lhe a perda do reino. Então, Deus encontrou um substituto no pequeno pastor, que acompanhava e guardava o rebanho de seu pai, David. Ele mesmo escreveu o seguinte acerca do assunto: “Ainda que o Senhor é excelso, contudo atenta para o humilde; mas ao soberbo, conhece-o de longe.” (Sl 138:6).

Em cinco dos provérbios de Salomão encontramos o seguinte: “O temor do Senhor é a instrução da sabedoria; e adiante da honra vai a humildade.” (Pv 15:33). “Melhor é ser humilde de espírito com os mansos, do que repartir o despojo com os soberbos.” (Pv 16:19). “Antes da ruína eleva-se o coração do homem; e adiante da honra vai a humildade.” (Pv 18:12). “O galardão da humildade e do temor do Senhor é riqueza, e honra e vida.” (Pv 22:4). “A soberba do homem o abaterá; mas o humilde de espírito

obterá honra.” (Pv 29:23). Obviamente, Salomão, que conhecia muito bem seu pai, podia escrever, ou compilar, ditos populares adequados ao carácter de David.

Quando Daniel foi convidado a interpretar o sonho de Nabucodozor, respondeu desta maneira: “Esta sentença é por decreto dos vigias e por mandado dos santos, a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer, e até o mais humilde dos homens constitui sobre eles.” (Dn 4:17). Como observamos isto é segundo o coração de Deus, o que David satisfazia plenamente.

A dificuldade encontra-se no facto de ele ter pecado mandando matar um soldado para tomar a sua mulher. Mas o rei foi notificado do acontecimento pelo profeta: “Então a ira de Davi se acendeu em grande maneira contra aquele homem; e disse a Natã: Vive o Senhor, que digno de morte é o homem que fez isso.” (2 Sm 12:5). “Então disse Natã a Davi: Esse homem és tu! Assim diz o Senhor Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel, livre-te da mão de Saul... Porque desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o mal diante de seus olhos? A Urias, o heteu, mataste à espada, e a sua mulher tomaste para ser tua mulher; sim, a ele mataste com a espada dos amonitas.” (2 Sm 12:7). Neste caso, David, embora fosse rei, aceitou humildemente a acusação e: “disse Davi a Natã: Pequei contra o Senhor. Respondeu Natã a Davi: Também o Senhor perdoou o teu pecado; não morrerás.” (2 Sm 12:13). Este é o coração de Deus, e o homem David é segundo o coração de Deus.

Além disso, David testemunha o seu arrependimento e clama por purificação nos salmos seguintes: “Confessei-te o meu pecado, e a minha iniquidade não encobri. Disse eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a culpa do meu pecado. (Sl 32:5). “Confesso a minha iniquidade; entristeço-me por causa do meu pecado.” (Sl 38:18). “Contra ti, contra ti somente, pequei, e fiz

o que é mau diante dos teus olhos; de sorte que és justificado em falares, e inculpável em julgares.” (Sl 51:4). “Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.” (Sl 51:2). Que o rei agiu conforme o coração de Deus foi testemunhado por Paulo em Romanos 10:10: “pois é com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação.”

O Senhor prometeu a Israel, através do profeta Jeremias, que lhes daria: “pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência.” (Jr 3:15).

Encontramos ainda um grande exemplo de humildade, segundo o coração de Deus, na profecia de Ezequiel, que narra o seguinte sobre o menino que nasceria em Belém para entrar vitorioso em Jerusalém: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei; ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta.” (Zc 9:9). O próprio Jesus fez este maravilhoso convite: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas.” (Mt 11:28,29).

O Senhor não provou somente humildade, mas também obediência; ele estava sempre disposto a fazer a vontade de seu Pai, como ficou escrito por João: “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.” (Jo 5:30). No final do seu ministério profético e salvífico, dirigiu-se para o Getsêmani e ali orou ao Pai dizendo: “Pai, se queres afasta de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.” (Lc 22:42).

Conclusão

Pelo exposto concluímos que um homem segundo o coração de Deus é aquele que reúne as seguintes características: Ele deve ser humilde, reconhecer as suas faltas e confessá-las, e pronto a obedecer à soberana vontade de Deus. Tudo isto encontrou Deus em David, apesar de ter sido eleito o rei de Israel.

PERMANECER NA FÉ

Actos 14:21,22

“E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, Icônio e Antioquia, confirmando as almas dos discípulos, exortando-os a perseverarem na fé, dizendo que por muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus.”

Questão

Então como é? Para entrar no reino de Deus é preciso sofrer tribulações? Não basta a graça de Deus e a fé do crente? Será preciso sofrer por causa da fé e da obediência à palavra de Deus?

Contexto bíblico

Sim, é verdade estar escrito que somos salvos pela graça e mediante a fé, como ensinou S. Paulo: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras para que ninguém se glorie.” (Ef 2:8,9). Deus, por sua infinita graça, ofereceu-nos a entrada no seu reino, a qual aceitamos pela fé, e isto acontece por Sua infinita misericórdia. Contudo, há um preço a pagar, não exigido por Deus, mas por aqueles

que nos rodeiam, que estão dispostos a fazer-nos sofrer por não pactuarmos nos seus caminhos ímpios. O Senhor deixou-nos este aviso acerca do assunto em questão: “Tenho-vos dito estas coisas para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.” (Jo 16:33).

Jesus sabia perfeitamente o que nos esperava, pois primeiro sofreu ele mesmo pelo facto de ser obediente à vontade de seu Pai. E com os seus seguidores não seria diferente; “porque se isto se faz ao lenho verde, o que acontecerá ao seco?” Questiona o Senhor, referindo-se aos seus discípulos de todas as épocas. E disse mais: “Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas; ainda mais, vem a hora em que qualquer que vos matar julgará prestar um serviço a Deus. E isto vos farão porque não conheceram ao Pai nem a mim.” (Jo 16:1-3). A razão dos maus tratos é devido ao desconhecimento de Deus e de Seu Filho.

Logo no princípio da igreja, os apóstolos Pedro e João foram presos pelo simples facto de ensinarem acerca de Jesus, sendo após pouco tempo libertados; eles, porém, “retiraram-se pois da presença do sinédrio, regozijando-se de terem sido julgados dignos de sofrer afronta pelo nome de Jesus.” (At 5:41). O sofrimento pode ser considerado um teste à fidelidade, trazendo consigo a sua recompensa; pelo menos, assim reconheceu Estêvão quando, em sua defesa, recordou perante a assembleia do sinédrio a dolorosa experiência de José: “Os patriarcas, movidos de inveja, venderam José para o Egipto; mas Deus era com ele e o livrou de todas as suas tribulações, e deu-lhe graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egipto, que o constituiu governador sobre o Egipto e toda a sua casa.” (At 7:9,10).

Enquanto Ananias estava receoso de se encontrar com Paulo, o Senhor revela-se-lhe com uma mensagem de ânimo e ordem: “Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome

perante os gentios, e os reis, e os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto lhe cumpre padecer pelo meu nome.” (At 9:15,16). E a ele mesmo ia sendo revelado o que lhe aconteceria por causa do seu ministério: “Agora, eis que eu, constrangido no meu espírito, vou a Jerusalém, não sabendo o que ali acontecerá, senão o que o Espírito Santo me testifica, de cidade em cidade, dizendo que me esperam prisões e tribulações.” (At 20:23).

O apóstolo sofredor expressa-se neste maravilhoso tom consolador em suas epístolas: “E não somente isso, mas também gloriemo-nos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, e a perseverança a experiência, e a experiência a esperança” (Rm 5:3,4). E mais: “Grande é a minha franqueza perante vós, e muito me glorio a respeito de vós; estou cheio de consolação, transbordo de gozo em todas as nossas tribulações.” (2 Co 7:4). “Portanto peço-vos que não desfaleçais perante as minhas tribulações por vós, as quais são a vossa glória.” (Ef 3:13). “Agora regozijo-me no meio dos meus sofrimentos por vós e cumpro na minha carne o que resta das aflições de Cristo por amor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1:24). Para quê mais comentários sobre isto?! Completamente desnecessários.

Aos cristãos de Tessalónica, que estavam sofrendo por causa da Palavra de Deus, o mesmo apóstolo envia Timóteo e uma carta igualmente animadora: “...enviamos Timóteo, nosso irmão e ministro de Deus no evangelho de Cristo, para vos fortalecer e vos exortar acerca da vossa fé, para que ninguém seja abalado por estas tribulações, porque vós mesmo sabeis que para isto fomos destinados; pois, quando estávamos ainda convosco, de antemão vos declarávamos que havíamos de padecer tribulações, como sucedeu, e vós o sabeis.” (1 Ts 3:2-4).

E, ao seu discípulo e companheiro Timóteo, Paulo encoraja desta maneira: “Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisio-

neiro seu; antes participa comigo dos sofrimentos do evangelho segundo o poder de Deus” (2 Tm 1:8). Ele próprio confessara o mesmo na epístola aos romanos “estou pronto para anunciar o evangelho também a vós, que estais em Roma. Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego.” (Rm 1:15,16).

A epístola aos Hebreus contém uma advertência, a qual convém recordar a fim de recebermos ânimo necessário para suportar as nossas aflições por servir o Senhor que nos resgatou. “Lembrai-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições; pois por um lado fostes feitos espetáculo, tanto por vitupérios como por tribulações, e por outro vos tornastes companheiros dos que assim foram tratados.” (Hb 10:32,33). Quem foram alguns desses?

Abel, por ser justo, foi assassinado pelo seu irmão Caim, por ser injusto. José, por receber a revelação de Deus, foi rejeitado e vendido pelos irmãos, por serem invejosos. Elias, por falar de acordo com Deus, foi perseguido por Jezabel, por ser devota dos ídolos. Isaías, por ser fiel à palavra de Deus, terá sido serrado pelo meio, no tempo de Manassés, por ser rei ímpio e pagão. Jeremias, por ser fiel às visões de Deus, foi lançado no calabouço, no reinado de Zedequias, por este não dar crédito à palavra de Deus. João Baptista, por defender a moral, foi decapitado, no reinado de Herodes, por este não temer ao Senhor.

A epístola aos Hebreus continua a narrar uma galeria de sofredores incógnitos, dos quais o mundo não era digno: “outros experimentaram escárnio e açoites, e ainda cadeias e prisões. Foram apedrejados e tentados; foram serrados ao meio; morreram ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno),

errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e cavernas da terra.” (Hb 11:36-38). E Tiago, o irmão do Senhor, chama a nossa atenção para o exemplo dos profetas: “Irmãos, tomai como exemplo de sofrimento e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor.” (Tg 5:10).

O apóstolo Pedro enviou este importante apelo à Igreja Universal: “Sede sóbrios, vigiai. O Diabo, vosso adversário, anda em derredor rugindo como leão, procurando a quem possa tragar, ao qual resisti firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos estão-se cumprindo entre os vossos irmãos no mundo.” (1 Pd 5:8,9).

Conclusão

À luz do exposto acima, e segundo a experiência dos grandes heróis da fé, as tribulações são motivadas pelo facto de sermos obedientes a Deus e de outros acharem estranho que não vivamos à maneira deles. Todavia, as tribulações por esta causa produzem paciência e fortaleza para conservar a fé, e serão maravilhosamente recompensadas, de acordo com Paulo: “O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos para que também com ele sejamos glorificados. Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há-de ser revelada.” (Rm 8:16-18).

MAIOR NOBREZA

Actos 17:11

“Ora, estes eram mais nobres do que os de Tessalónica porque receberam a palavra com toda a avidez, examinando diariamente as Escrituras para ver se estas coisas eram assim.”

Questão

Em que consiste a maior nobreza dos bereanos? O que eles tinham a mais do que os tessalonicenses? Afinal, os de Tessalónica também se tornaram crentes no Senhor Jesus!

Contexto bíblico

Nobreza, neste contexto quer dizer distinção, honra, devido ao elevado sentimento acerca da Palavra de Deus. Enquanto os de Tessalónica rejeitaram, em princípio, a Palavra de Deus, os de Bereia examinavam diariamente se aquilo que ouviam correspondia às Sagradas Escrituras. Acerca disto, o Senhor Jesus disse o seguinte aos líderes judeus do seu tempo: “Examinai as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas que dão testemunho de mim;” (Jo 5:39). A maior nobreza encontra-se no facto de alguém se interessar especialmente em conhecer quem é aquele de quem as Escrituras testificam.

Após o seu baptismo, Jesus dirigiu-se para o deserto da Judeia, e ali foi tentado a transformar pedras em pão para saciar a sua fome, “Mas Jesus respondeu: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.” (Mt 4:4). Para nos alimentarmos

da palavra de Deus é necessário ler e meditar nela, como aconselha o apóstolo Pedro: “desejai, como meninos recém-nascidos, o puro leite espiritual, a fim de por ele crescerdes para a salvação, se já provastes que o Senhor é gracioso.” (1 Pd 2:2,3).

A palavra de Deus é qual semente incorruptível pela qual recebemos vida nova, espiritual, que deve ser alimentada com o mesmo alimento que lhe deu origem, como refere o apóstolo: “Visto que tendes purificado as vossas almas na obediência à verdade, que leva ao amor fraternal não fingido, amai-vos ardentemente uns aos outros de coração, tendo renascido, não de semente corruptível, mas incorruptível pela palavra de Deus, a qual vive e permanece para sempre.” (1 Pd 1:22). O Senhor Jesus disse que são bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam, isto é, que lhe obedecem, que seguem a sua orientação.

E como alguém seguirá a palavra de Deus sem a conhecer? Para conhecê-la é preciso ler, ouvir ler, estudar e meditar nas Sagradas Escrituras diariamente. Quem conhecer a palavra de Deus jamais se deixará arrastar por tradições contrárias aos planos de Deus, como asseverou Jesus aos seus contemporâneos: “por causa da vossa tradição invalidastes a palavra de Deus.” (Mt 15:6). Assim escreveu Paulo acerca da educação de Timóteo: “trazendo à memória a fé não fingida que há em ti, a qual habitou primeiro em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo que também habita em ti.” (2 Tm 1:5). Isto acontece porque a fé vem por ouvir a palavra de Deus, conforme Paulo ensina em Rm 10:17.

Como alguém refutará a mentira se desconhecer a verdade pela palavra de Deus? Por este motivo é que Paulo aconselha Timóteo desta forma: “Procura apresentar-te diante de Deus aprovado, como obreiro que não tem de envergonhar-se, que maneja bem a palavra da verdade.” (2 Tm 2:15). Ele próprio tinha por costume discutir nas sina-

gogas sobre as Sagradas Escrituras para esclarecer os judeus acerca do Messias: “Ora, Paulo, segundo o seu costume, foi ter com eles; e por três sábados discutiu com eles as Escrituras.” (At 17:2). E o mesmo acontecia com Apolo, grande mestre das Escrituras: “Ora, chegou a Éfeso certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, homem eloquente e poderoso nas Escrituras... Pois com grande poder refutava publicamente os judeus, demonstrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo. (At 18:24).

Como alguém terá esperança se não se firmar nas promessas das Escrituras Sagradas? “Porquanto, tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que, pela constância e pela consolação provenientes das Escrituras, tenhamos esperança.” (Rm 15:4). Como alguém saberá a verdade acerca de Cristo e da ressurreição se não observar as Escrituras? Assim comunicou Paulo aos coríntios: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras; e que foi sepultado, e que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras.” (1 Co 15:3,4).

Como alguém saberá acerca do seu destino se desprezar as Sagradas Escrituras? “Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Pois como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados. Cada um, porém, na sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo na sua vinda.” (1 Co 15:21-23).

Conclusão

Em virtude do exposto, a verdadeira nobreza está no facto de aceitar e examinar a palavra de Deus, conferindo-a com aquilo que geralmente se ouve, para verificar se realmente as coisas são como dizem. Sejamos nobres de coração, de pensamento, e de vontade, ajustando-nos à bitola divina conforme a Palavra de Deus.

O DEUS DESCONHECIDO

Actos 17:23

“Porque, passando eu e observando os objectos do vosso culto, encontrei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais sem o conhecer, é o que vos anuncio.”

Questão

Visto que os gregos conheciam tantos deuses, por que motivo não tinham conhecimento do Deus de Israel? E que Deus tão especial era ele para dever ser conhecido e adorado por todos? Como é possível conhecer esse Deus tão especial?

Contexto bíblico

Embora os gregos tivessem conhecimento da existência de miríades de deuses, que deuses não eram, mas representavam simplesmente as forças da natureza. Cada deus tinha a sua especialidade e pontificava nessa área específica. Nenhum se metia nas actividades de outro. O Deus dos hebreus, porém, era especial devido ao facto de Ele ser especializado em todas as áreas da criação. Pois no princípio Deus criou os céus e a terra. Além disso, aqueles deuses precisavam que lhes construíssem casas para nelas colocarem as suas estátuas. O Deus desconhecido não carece dessas habitações construídas pelos homens porque Ele mesmo tratou de arranjar uma habitação especial para Si mesmo, como está escrito: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens.” E, “sendo

nós, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida pela arte e imaginação do homem.” (At 17:24,29).

Esse Deus único, especial e supremo, só pode ser realmente conhecido através das Sagradas Escrituras, onde se revela de forma compreensível à mente humana. Para isso devemos estudá-las com o interesse primário de conhecê-lo, assim como a Seu Filho Jesus Cristo, a quem enviou para o tornar conhecido. Enquanto aos deuses falsos eram atribuídos poderes especiais, o Deus verdadeiro revela-se a Abraão como detentor de todo o poder: “Quando Abrão tinha noventa e nove anos, apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito.” (Gn 17:1).

Como já foi dito anteriormente na primeira secção, sobre Êxodo, quando Moisés estava guardando o rebanho de seu sogro, no monte Horebe, foi atraído por uma chama ardendo numa sarça e dali ouviu uma voz que dizia: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó.” Então, O Senhor convidou Moisés a ir ao Egito para libertar o seu povo da escravidão. Aí, Moisés quis saber o seu nome a fim de apresentá-lo aos seus irmãos no Egito e Deus respondeu-lhe: “Assim dirás aos olhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.” (Êx 3:14).

Este ‘EU SOU’ provém do antigo verbo hebraico ‘ava’ que significa ser. Mais precisamente, Deus apresentou-se a Moisés como aquele que era, é, e será, eternamente o mesmo. Na epístola aos hebreus encontramos a mesma expressão com referência ao Senhor, dizendo que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.” (Hb 13:8). Ele é, por conseguinte, a verdadeira revelação do Pai; e respondeu a Filipe, que queria ver o Pai, desta maneira: “Não crês tu que eu estou no pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem

faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.” (Jo 14:10,11).

Este Deus único, que se revelou primeiramente a Abraão, a Isaque e a Jacó, porém, não era conhecido deles pelo nome pessoal, em hebraico ‘YHWH’, que vocalizado aparece como Yehowah, aportuguesado para Jeová: “Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso, mas pelo meu nome Jeová, não lhes fui conhecido.” (Êx 6:3). Só mais tarde esse nome foi revelado a Moisés, a seu pedido, para ser acreditado entre seus irmãos no Egito. Após a libertação da escravidão egípcia fez deles um povo especial para levar o seu conhecimento a todas as pessoas, como está escrito: “Agora, pois, se atentamente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu pacto, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.” (Êx 19:5,6).

Este Deus poderoso vive realmente e atende as necessidades do seu povo quando este se encontra em aflição. Tomemos a experiência de Josué relatada no capítulo três do seu livro. Havendo chegado ao Jordão, Josué deu algumas ordens importantes para a travessia do rio, “e acrescentou: Nisto conhecereis que o Deus vivo está no meio de vós e que certamente expulsará de diante de vós os cananeus, os heteus, os heveus, os perizeus, os girgaseus, os amorreus e os jebuseus.” (Js 3:10). O sinal da presença do Deus vivo era o milagre da separação da água do rio. Quando os pés dos sacerdotes que transportavam a arca do concerto pisaram a água do Jordão, esta separou-se e deixou passar o povo por terra firme.

Consideremos também a experiência de Sansão entre os filisteus. Eles tinham tomado a arca do templo de Jeová e colocaram-na na casa do seu deus Dagom. Na madrugada seguinte observaram espantados que o seu deus estava

caído. Recolocaram-no no seu lugar, mas na manhã seguinte estava novamente no chão em pedaços: “E, levantando-se eles de madrugada no dia seguinte, eis que Dagom estava caído com o rosto em terra diante da arca do Senhor; e a cabeça de Dagom e ambas as suas mãos estavam cortadas sobre o limiar; somente o tronco ficou a Dagom.” (1 Sm 5:4). “O que tendo visto os homens de Asdode, disseram: Não fique conosco a arca do Deus de Israel, pois a sua mão é dura sobre nós, e sobre Dagom, nosso deus.” (1 Sm 5:7). O Deus único e verdadeiro não tolera rivais.

Outro exemplo da superioridade do Deus de Abraão, é a experiência de Elias com os profetas de Baal. Enquanto os quatrocentos profetas de Baal clamavam e não eram atendidos, Elias, o único profeta de Jeová, troçava deles: “Ah Baal, responde-nos! Porém não houve voz, ninguém respondeu. E saltavam em volta do altar que tinham feito.” (1 Rs 18:26). “Sucedeu que, ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; talvez esteja dormindo e necessite que o acordem.” (1 Rs 18:27). Quando chegou a sua hora, Elias dirigiu a sua voz a Deus Jeová e Ele respondeu poderosamente: “Então caiu fogo do Senhor e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. Quando o povo viu isto, prostraram-se todos com o rosto em terra e disseram: O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” Transcrevemos a expressão hebraica transliterada por revelar maior significado: Yehowah Elohim, Yehowah Elohim. (1 Rs 18:38,39).

Certa vez o rei de Judá, que estava sendo invadido pelo exercito Etíope, mais numeroso, clamou ao seu Deus e foi ajudado, conforme o relato bíblico: “E Asa clamou ao Senhor seu Deus, dizendo: ó Senhor, nada para ti é ajudar, quer o poderoso quer o de nenhuma força. Acuda-

nos, pois, o Senhor nosso Deus, porque em ti confiamos, e no teu nome viemos contra esta multidão. Ó Senhor, tu és nosso Deus, não prevaleça contra ti o homem. E o Senhor desbaratou os etíopes diante de Asa e diante de Judá, e os etíopes fugiram.” (2 Cr 14:11,12).

Atentemos ainda na visão que Isaías teve quando Deus quis chamá-lo para o ministério profético: “No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as orlas do seu manto enchiam o templo. Ao seu redor havia serafins; cada um tinha seis asas; com duas cobria o rosto e com duas cobria os pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos; a terra toda está cheia da sua glória.” (Is 6:1-3).

O salmista usa a seguinte, e bela expressão, num de seus cânticos: “A minha alma suspira! sim, desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo.” (Sl 84:2). E o profeta Jeremias usa esta expressão para referir o seu Deus: “Mas o Senhor (Yehowah) é o verdadeiro Deus; ele é o Deus vivo e o Rei eterno.” (Jr 10:10). Igualmente, Ezequiel usa a mesma expressão quando convida o povo à conversão. O Deus que vive, quer que o povo também viva e mandou anunciar: “Dize-lhes: Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim que o ímpio se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que morrereis, ó casa de Israel?” (Ez 33:11).

Este foi o motivo da vinda de Jesus e pelo qual dirigiu as seguintes palavras aos seus ouvintes: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia.” (Jo 6:37-39). E apresenta as suas cre-

denciais comprovativas de o Pai estar com Ele: “Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.” (Jo 14:10,11). E disse mais: “e tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei para que o Pai seja glorificado no Filho.” (Jo 14:13).

Conclusão

O Deus desconhecido é Deus vivo e tem um coração cheio de amor para amar sem fim: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” (Jo 3:16,17). Semelhantemente, o Filho amou até ao fim, até mesmo ao último suspiro na sua morte: “Antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, e havendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.” (Jo 13:1). Isto aconteceu porque DEUS É AMOR. Onde está Deus aí há amor, e onde houver amor aí estará Deus. Na experiência deste amor podemos conhecer o Deus desconhecido porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Finalizamos com as palavras do apóstolo do amor: “Amados, amemo-nos uns aos outros porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece Deus... Ninguém jamais viu Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é em nós aperfeiçoado.” (1 Jo 4:7,12).

A MISSÃO DOS BISPOS

Actos 20:28

“Cuidai pois de vós mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus que ele adquiriu com seu próprio sangue.”

Questão

Qual é a origem dos bispos? Quem é um bispo e qual a sua função? Quais os nossos deveres em relação aos bispos?

Contexto bíblico

Logo no início a igreja seguiu o costume hebraico, à semelhança da sinagoga, de eleger anciãos para dirigir as suas comunidades locais, conforme Actos 14:23: “E, havendo-lhes ordenado anciãos em cada igreja, e orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido.” Quando houve necessidade de resolver a questão da circuncisão dos gentios, Paulo e Barnabé tiveram que deslocar-se a Jerusalém para serem ouvidos em concílio. Ora, esse primeiro concílio era formado por apóstolos, profetas e anciãos, de acordo com o capítulo quinze.

Cabe esclarecer, aqui, que a denominação portuguesa ‘ancião’ provém do latim ‘antianu’ que significa homem velho e venerado. Achamos curioso o facto de a Vulgata Latina manter na sua tradução, no versículo dois, tal como no vinte e três do capítulo catorze, o vocábulo grego transliterado ‘presbyteros’; mas nos seguintes consta ‘seniores’. Então, conhecemos três sinónimos que representam a mesma pessoa: antianu, seniore, e presbyteros.

Numa das suas viagens missionárias, enquanto Paulo estava em Mileto, mandou chamar os anciãos (presbíteros) da igreja em Éfeso para conferenciar com eles, conforme o relato de Actos 20:17. E tendo eles chegado, compartilhou as suas preocupações, seus planos, e advertiu-os da sua tríplice missão, conforme o trecho supra: deviam cuidar de si mesmos, alimentar os cristãos com a doutrina correcta e defendê-los dos falsos mestres. Foi a estes ‘antianus’, ou ‘presbyteros’, que o Espírito Santo constituiu bispos para vigiar o rebanho do Senhor. Pois a palavra grega equivalente a bispo é ‘episkopos’ e significa ‘aquele que olha sobre’.

Paulo teve o cuidado de revelar as características do presbítero a investir no ofício de bispo desta maneira: “É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, apto para ensinar;” etc. (1 Tm 3:2). O ancião deve ter maturidade suficiente para assumir o cargo de vigiar pelas almas do povo do Senhor. Isto é, deve estar acima do povo que Deus colocou ao seu cuidado. E a Tito revela algo mais, igualmente de suprema importância: “Por esta causa te deixei em Creta para que pusesses em boa ordem o que ainda não o está, e em cada cidade estabelecesses anciãos, como já te mandei; alguém que seja irrepreensível, marido de uma mulher, tendo filhos crentes que não sejam acusados de dissolução, nem sejam desobedientes. Pois é necessário que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus, não soberbo, nem irascível, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, temperado; conservando o ensino segundo a palavra da fé, para que seja poderoso, tanto para exortar na sã doutrina como para convencer os contradizentes.” (Tt 1:5-9).

Pedro esclarece a função do bispo na referência que faz ao cuidado que o Senhor Jesus tem pelos cristãos: “Porque éreis desgarrados, como ovelhas, mas agora ten-

des voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas.” (1 Pd 2:25). Isto é, Jesus como pastor vigia pelas nossas almas. Ele até disse que: “aquele que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (Jo 6:37). E mais: “Enquanto estava com eles eu guardava-os em teu nome; guardei aqueles que me deste e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição para que se cumprisse a Escritura.” (Jo 17:12). (referência a Judas Iscariotes, que o entregou à morte).

Embora apóstolo eleito pelo Senhor, Pedro considerase presbítero em igualdade com os outros na igreja universal, conforme a sua confissão: “Aos anciãos, pois, que há entre vós, rogo eu, que sou ancião com eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e participante da glória que se há-de revelar: Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, não por força, mas espontaneamente segundo a vontade de Deus; nem por torpe ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores sobre os que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho.” (1 Pd 5:1-3).

Acontece o mesmo com o apóstolo João, segundo o seu testemunho: “O ancião (presbítero) à senhora eleita, e a seus filhos, aos quais eu amo em verdade, e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade.” (2 Jo 1:1). “O ancião (presbítero) ao amado Gaio, a quem eu amo de verdade.” (3 Jo 1:1).

Consideremos agora algumas instruções acerca dos deveres do povo em relação aos presbíteros: Primeiro, submissão: “Obedecei e submetei-vos aos vossos líderes porque velam por vossas almas, como quem há-de prestar contas delas, para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil.” (Hb 13:17). Segundo, confiança: “Está algum de vós doente? Chame os anciãos da igreja e orem sobre ele unguendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados ser-lhe-ão perdoados.” (Tg 5:14,5). Esclareça-se que esta unção não tem

semelhança alguma com a unção do Templo ou dos ministros de culto. É simplesmente um toque com óleo, usado como símbolo despertador de fé na oração feita pelo presbítero. E, ainda, o trecho enfatiza a oração da fé, não o óleo usado. Terceiro, os presbíteros bons governantes devem receber honra duplicada: “Os anciãos que governam bem sejam tidos por dignos de duplicada honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino.” (1 Tm 5:17).

Conclusão

Os bispos, ou presbíteros, da igreja tiveram origem nos anciãos da sinagoga em Israel, homens maduros que recebem a função de pastorear, alimentando e vigiando o rebanho do Senhor. Os versículos dezassete e o vinte e oito do capítulo vinte de Actos contêm as três definições do bispo, que são na sua ordem lógica: presbítero-bispo-pastor. Isto é, o presbítero é ordenado bispo a fim de pastorear o rebanho do Senhor. Ele conserva a sã doutrina segundo as Sagradas Escrituras e defende o povo dos falsos ensinamentos. Deve manter uma vida exemplar, tanto no lar como fora dele, e servir o povo sem avareza. Os cristãos devem reconhecer o seu ofício e submeter-se à sua orientação. Quando houver alguma enfermidade podem chamá-lo a fim de orar pela cura. Devem ainda tributar-lhe a devida honra, como ensinado nas Escrituras Sagradas: A quem honra, honra.

A ESPERANÇA DE ISRAEL

Actos 28:20,28

“Por esta causa, pois, vos convidei para vos ver e falar, porque pela esperança de Israel estou preso com esta cadeia.”

Questão

Qual é essa esperança de Israel pela qual Paulo está preso, e por que motivo quer ele falar com os anciãos?

Contexto bíblico

A primeira menção feita à esperança de Israel encontra-se em Génesis, capítulo três, versículo quinze, que diz: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” E no final da Bíblia encontramos a última referência ao mesmo assunto: “E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.” (Ap 13:8). A primeira referência é a previsão da luta de Satanás, ao longo da História da Humanidade, para contrariar o cumprimento do plano divino. A última é a narrativa do plano divino concretizado.

Entre a História Bíblica, há uma promessa feita ao amigo de Deus, Abrão, respeitante à sua descendência como herdeira daquela terra e uma bênção para todas as famílias do mundo: “Apareceu, porém, o Senhor a Abrão, e disse: à tua semente darei esta terra. Abrão, pois, edificou ali um altar ao Senhor que lhe aparecera.” (Gn 12:7). E no versículo três diz: “e em ti serão benditas todas as

famílias da terra.” Depois Deus faz um pacto com ele comprometendo-se desta maneira: “Estabelecerei o meu pacto contigo e com a tua descendência depois de ti em suas gerações, como pacto perpétuo, para te ser por Deus a ti e à tua descendência depois de ti. Dar-te-ei a ti e à tua descendência depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em perpétua possessão e serei o seu Deus.” (Gn 17:7,8).

Pelo facto de Abraão e Sara serem já velhos duvidaram daquela promessa e interrogaram-se rindo da mesma: “Ao que se prostrou Abraão com o rosto em terra, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há de nascer um filho? Dará Sara à luz, que tem noventa anos?” (Gn 17:17). Aconteceu, porém, que Sara recebeu milagrosamente um filho a quem chamaram Isaque. (cf. Gn 21:2,3). Este seria, por conseguinte, a esperança de Abraão ver o cumprimento da promessa. Quando Isaque já era adolescente, Abrão foi convidado a sacrificá-lo no monte Moriá, ao que ele obedeceu sem questionar (cf. Gn 22.2). Mas, quando parecia que a esperança estaria desaparecendo, eis que o Senhor supriu um cordeiro para substituir Isaque, e aquele foi sacrificado em lugar do filho. Esta substituição pelo cordeiro suprido é uma figura do Cordeiro de Deus que viria para substituir a humanidade no sacrifício por causa do pecado. Jesus, sem pecado, tomou o nosso pecado e levou-o até ao Calvário, na terra de Moriá, e ali foi sacrificado em nosso lugar.

Quando Jesus nasceu, seus pais foram ao templo adorar: “Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor.” (Lc 2:25,26). E o velho Simeão, que estava ali, ao vê-lo, reconheceu o cumprimento da esperança de Israel e louvou a Deus dizendo: “Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a

tua palavra, pois os meus olhos já viram a tua salvação” (Lc 2:29,30).

Enquanto João estava batizando no rio Jordão, apareceu Jesus e ele exclamou para todos: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” (Jo 1:29). A esperança de Israel tinha aparecido: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3:16). Durante o seu ministério, Jesus percorria todos os lugares, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todas as enfermidades entre o povo, e dizia: “Também vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e reclinar-se-ão à mesa de Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus” (Mt 8:11). E Tiago, seu irmão, dizia: “Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os pobres do mundo para serem ricos em fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2:5).

O Senhor tinha confirmado a Moisés que levantaria um profeta semelhante a ele, e que diria somente o que tivesse ouvido de Deus, ao qual ouviriam atentamente: “Do meio de seus irmãos lhes suscitarei um profeta semelhante a ti; e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.” (Dt 18:18). Enquanto Jesus estava ministrando disse acerca deste assunto: “Porque eu não falei por mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, esse me deu mandamento quanto ao que dizer e como falar.” (Jo 12:49). E disse mais: “Já não vos chamo servos porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer.” (Jo 15:15). Quando Jesus ressuscitou o filho duma viúva de Naim, “O temor se apoderou de todos e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós e Deus visitou o seu povo.” (Lc 7:16).

O apóstolo Paulo menciona na sua carta aos colossenses que a pregação do evangelho é a esperança proclama-

da a todas as pessoas debaixo do céu: “se é que permanecemos na fé, fundados e firmes, não vos deixando apartar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, fui constituído ministro.” (Cl 1:23). E identifica Jesus com a nossa esperança: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, esperança nossa.” (1 Tm 1:1). E continua: “aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2:13). “retenhamos inabalável a confissão da nossa esperança porque fiel é aquele que fez a promessa” (Hb 10:23).

Paulo, em sua defesa, referiu-se ao cumprimento da promessa de Deus, nestes termos: “E nós vos anunciamos as boas novas da promessa feita aos pais, a qual Deus nos tem cumprido, a nós, filhos deles, levantando a Jesus, como também está escrito no salmo segundo: Tu és meu Filho, hoje te gerei.” (At 13:32,33). E continua: “E agora estou aqui para ser julgado por causa da esperança da promessa feita por Deus a nossos pais, a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente noite e dia, esperam alcançar; é por causa desta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus.” (At 26:6).

Os apóstolos Pedro e João referem-se também a esta esperança na seguinte forma: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pd 1:3). “E todo o que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro.” (1 Jo 3:3).

Conclusão

Então, a esperança de Israel, pela qual Paulo estava preso, era o cumprimento da promessa de Deus feita a Abraão, Isaque e Jacó, e renovada constantemente através

dos profetas. Era a promessa da semente da mulher, que viria trazendo a bênção de Deus para toda a humanidade. Essa semente da mulher é Jesus, nascido da virgem Maria por ação milagrosa do Espírito Santo. A sua proclamação foi a boa nova da esperança para todos, a sua vida foi exemplo para todos, e a sua morte foi em substituição de todos. Quem crer nele não é condenado porque ele veio para salvar o mundo da condenação. Além disso, Ele continua a ser a nossa esperança porque ressuscitou dos mortos, ascendeu ao céu e voltará para cumprir a esperança de Israel.

O apóstolo queria falar com os anciãos para esclarecê-los acerca da sua própria esperança, que era a vinda do messias e com ele o reino de Deus. Era por este motivo que Paulo estava preso, e foi por este motivo que, segundo a tradição, foi sacrificado, porque a sua mensagem foi rejeitada. Contudo, Israel continua esperando o messias, que voltará para instaurar o seu reino eterno.

Encontramos a visão profética desse cumprimento no livro de Apocalipse como segue: “E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo e língua, e povo e nação; e para o nosso Deus os fizeste reino e sacerdotes e eles reinarão sobre a terra.” (Ap 5:9,10). “E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.” (Ap 11:15).

A VOCAÇÃO DOS CRISTÃOS

“Ora, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas ignóbeis do mundo, e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são; para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus.

Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor. (1 Co 1:26-31).

CAPÍTULO VI

EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

OS PREDESTINADOS

Romanos 8:29,30

“Porque os que dantes conheceu, também predestinou para serem conforme a imagem de seu Filho, a fim de ele ser o primogênito entre muitos irmãos.”

Questão

Não conhece Deus todas as pessoas criadas por Ele? Como é possível que Deus tenha escolhido antecipadamente somente alguns?

Contexto bíblico

Começamos por dizer que Deus é justo e não faz acepção de pessoas, como está escrito: “Pois o Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas nem recebe suborno” (Dt 10:17). E Pedro, na casa de Cornélio, afirmou: “Na verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é aceitável aquele que, em qualquer nação, o teme e pratica o que é justo.” (At 10:34).

Deus escolheu, porém, um casal para formar com ele um povo especial que servisse no seu propósito, conforme Paulo relembra numa assembleia de sinagoga: “O Deus

deste povo de Israel escolheu a nossos pais e exaltou o povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito, de onde os tirou com braço poderoso” (At 13:17). De acordo com a palavra de Deus escrita em Êxodo 19:5,6: “Agora, pois, se atentamente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu pacto, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.”

Aquele povo eleito é Israel, que Jesus repreendeu por ter falhado no cumprimento da sua missão. Ele contou até uma parábola sobre um lavrador a quem tirou a sua vinha para entregar a outros mais fieis. Deus tinha o plano B desde o princípio, e accionou-o enviando por todo o mundo a convidar as pessoas para o seu reino. S. Paulo faz referência a isto quando escreve: “como também nos elegeu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou para sermos filhos de adopção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito da sua vontade” (Ef 1:4,5) “no qual também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade” (Ef 1:11).

O Senhor não quer que alguém se perca. Ele deseja intensamente que todos sejam salvos, “pois isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tm 2:3,4). Contudo, nem todos desejam a salvação, e é aqui que está a diferença. Enquanto uns aceitam o convite, outros rejeitam-no deliberadamente; e Deus, que é antecipadamente conhecedor dessa deliberação pessoal, não conta com eles no número dos eleitos. Embora tenham sido também eleitos, rejeitam a eleição e ficam privados de fazer parte da comunidade dos santos.

Toda a eleição é feita com um propósito definido, e com Deus não seria diferente. Paulo fornece-nos os graus da ascensão dos eleitos que aceitam tomar parte no propósito de Deus: “aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou.” (Rm 8:30). Os pecadores são eleitos e chamados para a justificação, e logo que justificados ficam em paz com Deus (Rm 5:1). E os justificados serão glorificados junto do Senhor que os salvou, como está escrito: “e, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” (Rm 8:17).

Deus determinou previamente a salvação dos pecadores porque não deseja que alguém se perca. Quando é aceite essa determinação, o pecador é perdoado e declarado justo pelos méritos de Cristo. Imediatamente recebe o direito de se chamar filho de Deus. Logo, como filho torna-se herdeiro do Pai, cujas bênçãos são eternas. Finalmente, aqueles que aceitam a eleição prévia de Deus serão glorificados à semelhança de Cristo, de acordo com as suas palavras. Aos doze disse: “Em verdade vos digo, a vós que me seguistes que, na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, sentar-vos-eis também vós sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.” (Mt 19:28). E acerca de todos o Senhor orou:

“Pai, desejo que onde eu estou, estejam comigo também aqueles que me tens dado, para verem a minha glória, a qual me deste; pois que me amaste antes da fundação do mundo.” (Jo 17:24). Paulo confirmou: “Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há de ser revelada.” (Rm 8:18). ...“na esperança de que também a própria criação há-de ser liberta do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus.” (Rm 8:21) ...“para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos

vasos de misericórdia, que de antemão preparou para a glória, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios” (Rm 9:23,24). “Mas todos nós, com rosto descoberto, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” (2 Co 3:18). “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.” (Cl 3:4).

Deus, que criou o homem à sua semelhança, predeterminou que os pecadores fossem restaurados conforme a imagem de seu Filho, como escreveu Paulo: “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo.” (Ef 4:13). Os outros rejeitam esta eleição, da mesma forma que alguém pode rejeitar a eleição para ser director duma grande Companhia. De acordo com Paulo, os pecadores são eleitos para a comunhão: “Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor.” (1 Co 1:9). Foram eleitos para a santificação: “Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos, amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a santificação do espírito e a fé na verdade” (2 Ts 2:13). Foram eleitos para enriquecer na fé: “Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que são pobres quanto ao mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2:5).

Quando Jesus separou doze dos seus discípulos para lhes entregar a liderança da Igreja, ele orou e chamou os que ele quis dentre os demais discípulos. Observemos alguns trechos onde Jesus refere aos discípulos a sua eleição: “Respondeu-lhes Jesus: Não vos escolhi a vós os doze? Contudo um de vós é o diabo.” (Jo 6:70). “Não falo de todos vós; eu conheço aqueles que escolhi; mas para que se cumprisse a escritura, o que comia do meu pão le-

vantou contra mim o seu calcanhar.” (Jo 13:18). “Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.” (Jo 15:16). “Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia.” (Jo 15:19). Aqui está sempre referindo-se aos que chamou para a missão apostólica.

Quando chegar o tempo determinado “logo enviará os seus anjos, e ajuntará os seus eleitos, desde os quatro ventos, desde a extremidade da terra até a extremidade do céu.” (Mc 13:27). “Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade, como reis, por uma hora, juntamente com a besta.” (Ap 17:12). “Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os que estão com ele, os chamados, eleitos, e fiéis.” (Ap 17:14). Esses eleitos chamados serão aqueles que aceitaram o convite e, por consequência, seus nomes foram inscritos no livro da vida. Eis um testemunho de Paulo: “E peço também a ti, meu verdadeiro companheiro, que as ajudes, porque trabalharam comigo no evangelho e com Clemente, e com os outros meus cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida.” (Fl 4:3).

Conclusão

Deus predestinou o homem que criou para ser a sua imagem, porém, por causa do pecado essa semelhança desapareceu. Contudo, o Senhor onisciente tinha também preparado a solução para esse facto que, no tempo determinado enviou a fim de restaurar o homem caído, de acordo com as Escrituras: “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a

lei, para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.” (Gl 4:4,5).

Ora, assim como o nascimento biológico obriga ao registo do nascido, a adoção, ou nascimento espiritual, exige igualmente o registo dos adoptados em livro especial. Estes têm direitos especiais porque acataram ordens especiais do Soberano Pai. Eis algumas Escrituras comprovativas: “O que vencer será assim vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; antes confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.” (Ap 3:5). “E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono; e abriram-se uns livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.” (Ap 20:12). Acerca da nova Jerusalém está escrito: “E não entrará nela coisa alguma impura, nem o que pratica abominação ou mentira; mas somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.” (Ap 21:27).

O sofrimento no lago de fogo não foi criado para o homem, mas para o Diabo e seus anjos perversos, segundo as próprias palavras de Jesus: “e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25:33,34). “Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos.” (Mt 25:41). “A besta que viste era e já não é; todavia está para subir do abismo e vai para a perdição; e os que habitam sobre a terra e cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo se admirarão, quando virem a besta que era e que tornará a vir.” (Ap 17:8). “E todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.” (Ap 20:15).

A SOBERBA

Romanos 12:3

“Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não tenha de si mesmo mais alto conceito do que convém; mas que pense de si sobriamente, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um.”

Questão

Devido à interpretação errada desta frase, existente ainda nalgumas Bíblias, foi, durante muito tempo, desencorajado o estudo, e até o muito saber, porque podia ensoberbecer as pessoas.

A frase “não saiba mais do que convém” é melhor traduzida “não exagere no conceito que faz de si próprio”. O contexto posterior confirma que esta era a ideia do apóstolo. Ler Romanos 12:1-8. Ali diz que cada cristão tem a sua função específica no reino de Deus, como membros do mesmo corpo. E, os membros do corpo são de valor semelhante conforme está escrito.

O verbo grego “*yperfronein*” no versículo três significa: exagerar no conceito que alguém faz de si próprio; possuir sentimento elevado da sua dignidade pessoal.

Contexto bíblico

1 Co 12:18 – “Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis.” Por isso, ninguém se deve julgar superior ao seu irmão, porque faz parte do mesmo corpo. Assim como não deve dispensar o seu irmão pelo facto de não precisar dele, como está escrito em 1 Co 12:21: “E o olho não pode dizer à mão: Não tenho

necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós.”

“Antes, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os membros do corpo que reputamos serem menos honrados, a esses revestimos com muito mais honra; e os que em nós não são decorosos têm muito mais decoro, ao passo que os decorosos não têm necessidade disso. Mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela para que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igual cuidado uns dos outros.” (1 Co 12:22-25).

“Por esta razão, também nós, desde o dia em que ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual;” (Cl 1:9). Segundo este trecho, ninguém deve gloriar-se da sua própria sabedoria, em contraste com a ignorância do seu irmão, mas deve gloriar-se no seu irmão como membro do mesmo corpo, não o comparando a si mesmo.

“A palavra de Cristo habite em vós ricamente em toda a sabedoria;” (Cl 3:16). O conhecimento da palavra de Deus faz de nós pessoas sábias e moderadas em todos os aspectos da vida espiritual e social.

Aprendamos com o exemplo de nosso Senhor, que disse: “Quem fala por si mesmo busca a sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro e não há nele injustiça.” (Jo 7:18). Eu não busco a minha glória; há quem a busque e julgue. (Jo 8:50). Por isso Ele está exaltado, porque primeiro humilhou-se até à forma de escravo.

O apóstolo Pedro aconselha desta forma os cristãos: “Honrai a todos. Amai aos irmãos. Temei a Deus. Honrai o rei.” (1 Pd 2:17).

Conclusão

Por conseguinte, a verdade a este respeito é que ninguém exagere no conceito que faz de si mesmo. É conveniente pensar nisso com moderação, porque aquele que se exalta será humilhado, mas aquele que se humilha será exaltado.

OS MINISTROS DE DEUS

Romanos 13:3,4

“Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela; porquanto ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada, porque é ministro de Deus e vingador em ira contra aquele que pratica o mal.”

Questão

Como é possível que as autoridades sejam chamadas ministros de Deus? Ministros de Deus não serão somente aqueles que servem a Deus segundo os moldes religiosos como celebrar cultos, pregar, baptizar, e afins?

Contexto bíblico

Para responder a esta questão observaremos algumas formas substantivas de vocábulos gregos usados para representar todos os ministros, ou alguém que ministra um serviço a outros.

$\Delta\iota\alpha\kappa\omicron\nu\omicron\varsigma$ = *diáconos* – É o ministro, escravo ou livre, do ponto de vista do serviço que efectua. Exemplo de Mt 22:13: “Ordenou então o rei aos servos ‘*diáconos*’: Amar-

rai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.”

Exemplo de Lc 22:27: “Pois qual é maior, quem está à mesa, ou quem serve? ‘*diaconeo*’ Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, estou entre vós como quem serve ‘*diaconeo*’. Jesus é o *diácono-mor*.”

Exemplo do trecho em epígrafe, Rm 13:3,4: “porquanto ela é ministro ‘*diácono*’ de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada, porque é ministro ‘*diácono*’ de Deus e vingador em ira contra aquele que pratica o mal.” Exemplo de 1 Co 3:5: “Pois, que é Apolo, e que é Paulo, senão ministros ‘*diáconos*’ pelos quais crestes, e isso conforme o que o Senhor concedeu a cada um?”

$\Delta\omicron\upsilon\lambda\omicron\varsigma$ = *dulos* – É o escravo sujeito ao amo ou mestre em permanente servidão. Usualmente, relacionado com a sua condição social. Exemplo de Mt 8:9: “Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo ‘*diácono*’: Faze isto, e ele o faz.”

$\omicron\iota\kappa\epsilon\tau\eta\varsigma$ = *oiketes* – É o escravo, às vezes equivalente ao anterior, *dulos*. Usualmente, como a etimologia indica, significa escravo como membro da casa, mas sem a severidade da sua condição social. Exemplo de Lc 16:13: “Nenhum servo ‘*oiketes*’ pode servir ‘*duleuo*’ dois senhores; porque ou há-de odiar a um e amar ao outro, o há-de odiar a um e amar ao outro, ou há-de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir ‘*duleuo*’ a Deus e às riquezas.”

$\theta\epsilon\rho\alpha\pi\omega\nu$ = *therapoun* – É o ministro, escravo ou livre, servindo em tempo particular, por amor ou dever, do pon-

to de vista da relação pessoal. Exemplo de Hb 3:5: “Moisés, na verdade, foi fiel em toda a casa de Deus, como servo *‘therapoun’*, (donde provém a nossa palavra ‘terapeuta’) para testemunho das coisas que se haviam de anunciar.”

υπηρετης = *uperetes* – é, literalmente, o remador de galé de guerra. É o que remava na parte de baixo da galé ao compasso dado por tambor. Também era homem livre que servia subordinado a um superior; assistente, guarda. Exemplo de Mt 5:25: “Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda *‘uperetes’* e sejas lançado na prisão.”

Exemplo de Mc 14:54: “E Pedro o seguiu de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava sentado com os guardas *‘uperetes’* aquecendo-se ao fogo.” Exemplo de Mc 14:65: “E alguns começaram a cuspir nele, e a cobrir-lhe o rosto, e a dar-lhe socos, e a dizer-lhe: Profetiza. E os guardas *‘uperetes’* receberam-no a bofetadas.”

Exemplo de Lc 4:20: “E (Jesus) fechando o livro, devolveu-o ao assistente *‘uperetes’* e sentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.” Exemplo de 1 Co 4:1; “Que os homens nos considerem, pois, como ministros *‘uperetes’* de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.”

λειτουργος = *leiturgos* – É, literalmente, o ministro ao serviço do povo. Ministro, ou funcionário público, conforme em Rm 13:6: “Por esta razão também pagais tributo, porque são ministros *‘leiturgos’* de Deus para atenderem a isso mesmo.” Exemplo de Fl 2:25: “Julguei, contudo, necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão e coope-

rador, e companheiro nas lutas, e vosso enviado para me socorrer *‘leiturgeuo’* nas minhas necessidades;”

Exemplo de Hb 8:2: “Temos um sumo sacerdote tal, que se assentou nos céus à direita do trono da Majestade, ministro *‘leiturgos’* do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, e não o homem. Este trecho refere-se a Cristo como sumo sacerdote.

ιεροουργος = *ierurgos* – É, literalmente, o sacerdote sacrificial, o que oferecia sacrifícios. Exemplo de Rm 15:16; “para ser ministro *‘leiturgos’* de Cristo Jesus entre os gentios, ministrando *‘ierurgonta’* (verbo proveniente do substantivo *ierurgos*) o evangelho de Deus para que os gentios sejam aceitáveis como oferta santificada pelo Espírito Santo.”

Conclusão

Como observamos, existe uma vasta gama de ministros, cada qual com a sua função. Como cristãos, cada um de nós está incluído numa destas classes ministeriais. Qual será? Encontremos a denominação adequada mediante os serviços que prestamos no reino de Deus. Porém, o que primordialmente importa é que sirvamos de coração o Senhor que nos resgatou, santificou, e elegeu a fim de estarmos com ele para sempre. Assim seja.

OS ADORNOS CRISTÃOS

1 Coríntios 11:4,5

“Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça. Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça, porque é a mesma coisa como se estivesse rapada.”

Questão

Qual é, na realidade, o sentido deste trecho bíblico para os nossos tempos? Onde está a honra e a desonra, quer para o homem, quer para a mulher?

Contexto bíblico

Entre os gregos somente as prostitutas, tão numerosas em Corinto, saíam desveladas pelas ruas; as escravas usavam a cabeça rapada, o que era também a punição por adultério. Os gregos, homens e mulheres, permaneciam descobertos na oração pública, e este costume Paulo recomenda aos homens. Quanto às mulheres, diz que orar ou profetizar sem véu era a mesma vergonha como se estivesse rapada (v. 5). Por que motivo este incidente aconteceu não se sabe ao certo.

Devemos ter em conta que Corinto era uma cidade grega, com outros costumes, onde existia o culto da prostituição sagrada à deusa Afrodite, que era visitada por muitos marinheiros em busca de satisfação sexual. Uma mulher tinha de ir ali pelo menos uma vez na vida prestar culto, havendo ainda as "sacerdotisas" nesse serviço perverso.

É muito provável que se tenham convertido algumas gregas que, segundo os seus costumes, frequentavam as reuniões cristãs, o que levantou polémica entre as mulheres hebreias. Também é possível que algumas mulheres cristãs tentassem pôr em prática o costume grego de orarem descobertas. Notamos que existe aqui um choque de costumes diferentes. Sempre que alguém tentou alterar costumes houve um choque social.

Um caso semelhante, mas ao inverso, encontramos em At 16:20,21 que diz: “Estes homens sendo judeus, perturbam a nossa cidade propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos”. A respeito do problema de Corinto o que observamos à luz dos originais é o seguinte: Paulo defende o uso do tradicional véu hebreu para não ofender as mulheres judias que não queriam identificar-se com as prostitutas do templo. O verdadeiro sentido das suas palavras é este: “Se alguma mulher não quer ocultar-se com o véu, então deve tosquiarse. Mas se é vergonhoso tosquiarse ou raparse, então deve cobrir-se (cf. v. 6). Nas expressões referentes a “cortar o cabelo” são usados dois vocábulos: “*keirastho*” e “*xurasthai*”. O primeiro tem um sentido vasto de cortar o cabelo, tosquiar as ovelhas, podar, etc. O segundo significa barbear-se. Portanto, se a mulher não se oculta, tosquie-se.

Concernente à cabeça descoberta ou coberta observemos as expressões originais: No v. 5 observamos a expressão “*akatakalyptoi tei kephalei*”, literalmente “com a cabeça descoberta”. No v. 6 estão as formas verbais “*katakalyptetai*” - cobrir-se - e “*katakalyptestho*” o qual está no presente imperativo médio, ordenando: cubra-se, oculte-se. Estes verbos são compostos com a raiz do substantivo “*kaluma*” (véu) e a preposição “*kata*” (para baixo) sendo, portanto, um véu da cabeça para baixo, que oculta a mulher. Nos versos 13 a 15 lemos: “Julgai entre vós mesmos: é próprio a mulher orar a Deus descoberta? Ou

não vos ensina a mesma natureza que se o homem tem cabeleira é desonra para ele? Mas se a mulher tem cabeleira é glória para ela, pois a cabeleira em lugar de mantilha lhe foi dada”.

Primeiramente, o apóstolo parece dar a escolher. Ou usa o véu, ou corta o cabelo. No final diz que o cabelo está no lugar do véu, parecendo haver contradição. Mas, deste modo, Paulo está defendendo a cabeleira e o uso do véu ao mesmo tempo. E procura convencer as crentes coríntias que, conforme o costume e a natureza da mulher, é mais próprio e belo o cabelo crescido. E, de facto, achamos mais bela uma mulher com cabeleira do que “tosquiada”. Porém, nas palavras bíblicas nada encontramos que interdite cortar os cabelos e usá-los como entender, desde que seja a bom gosto e mantenha o aspecto feminino.

O problema reside entre o verso 6 e o 15: Aquele que diz que deve usar véu, este diz que o cabelo está em lugar do véu. A dificuldade está em que nós só possuímos um vocábulo para exprimir véu e os hebreus vários, e com o sentido de mantilha, como observamos. No original, a raiz das palavras nos versos 5 e 6 é “*kaluma*” véu, enquanto no v. 15 diz que cabeleira lhe foi dada em lugar de “*peribolaiou*”. Este era um véu fino, enquanto aquele era mais espesso e servia de mantilha para cobrir a face. Embora a mulher coríntia tivesse um véu permanente em sua cabeça, era aconselhada a cobrir-se com uma mantilha para não ser confundida com as adoradoras de Afrodite. Porém, hoje não existe este problema e não vemos necessidade que a mulher cristã use qualquer véu para adorar. Basta o natural.

O apóstolo resolve a situação com o versículo dezasseis, que reproduzimos: “Porém, se alguém intenta ser contencioso, nós não temos tal costume nem as igrejas de Deus”. Reparemos bem na construção da frase e verificaremos que o costume que eles não tinham era “contender”,

pois o adjectivo ‘tal’ refere-se à contenda. Isto é, não haja contenda sobre os costumes dos povos.

O adorno das mulheres tem de igual modo a advertência dos apóstolos Paulo e Pedro, conforme está escrito: “Do mesmo modo, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém, com boas obras” (1 Tm 2:9) “Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior incorruptível com um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus”. (1 Pd 3:3,4).

Ao atentarmos naquela leitura descobrimos que os escritores enfatizam a ideia de que a mulher cristã deve tornar-se notória pela nova vida, testemunhada pelas boas obras. Note-se que “do mesmo modo” refere-se ao modo da oração em público, mencionada anteriormente, e ambos se dirigem às esposas, pois usam igualmente o vocábulo “*gunaicas*”. Naturalmente, não deverão ser excluídas desta advertência pelo motivo que adiante se dirá. Quando os apóstolos mencionam os cabelos frisados, ouro e pérolas, referem-se a tranças ornamentadas com ouro e pérolas à volta da cabeça. A palavra traduzida frisados é “*em-plokes*” ou “*plegmasin*”, ambas derivadas de “*pleko*” que significa tecer, entrelaçar ou entrançar. É este mesmo verbo que aparece nos evangelhos para mencionar a coroa de espinhos que teceram para o Senhor. A expressão de S. Pedro “adereços de ouro” vem de “*peritheseos xrusion*” que literalmente significa pôr ouro em redor. Ora, as mulheres orientais faziam tranças do seu cabelo (lembramos as sete tranças de Sansão) e ornamentavam-nas com ouro e pérolas à volta da cabeça. Punham ainda uma redezinha a segurá-la, e usavam jóias nos dedos, nos braços e nos artelhos.

Examinemos Isaías 3:16-24: “Diz ainda mais o Senhor: Porquanto as filhas de Sião são altivas e andam de

pescoço emproado, lançando olhares impudentes; e, ao andarem, vão de passos curtos, fazendo tinar os ornamentos dos seus pés; o Senhor fará tihosa a cabeça das filhas de Sião, e o Senhor porá a descoberto a sua nudez. Naquele dia lhes trará o Senhor o ornamento dos pés, e as coifas, e as lunetas; os pendentos, e os braceletes, e os véus; os diademas, as cadeias dos artelhos, os cintos, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os anéis, e as jóias pendentos do nariz; os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e os bolsos; os vestidos diáfanos, e as capinhas de linho, e os turbantes, e os véus. E será que em lugar de perfume haverá mau cheiro, e por cinto uma corda; em lugar de encrespadura de cabelos calvície; e em lugar de veste luxuosa cinto de cilício; e queimadura em lugar de formosura.”

Parece que estes adornos eram uma cópia dos usados pela deusa babilônica Istar e, portanto, símbolo de paganismo. É este exagero pagão que os apóstolos aconselhavam a evitar para que as cristãs se não identificassem com as mulheres pagãs e prostitutas do templo. De modo algum eles desaconselham o arranjo decente da mulher cristã. Ambos usam termos derivados de “*kosmos*” que, além de significar mundo, tem o sentido de ordem, bem arranjado. Senão, vejamos como a ordem da criação tem beleza. O que se dá é maior ênfase à beleza interior de santidade, mansidão e submissão ao marido. E, o apóstolo Pedro refere-se ao bom testemunho para conquistar os maridos descrentes para Cristo. A sua expressão “pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram outrora as santas mulheres” não significa que elas não possuíam jóias, e a prová-lo temos a oferta de Isaque a Rebeca (Gn 24:22,53). É mister que haja decência e ordem, e então haverá maior beleza.

Falando de modas e costumes não omitiremos as barbas masculinas e a gravata. Não seria, naqueles tempos, honroso ao homem possuir barbas? (Cf. 2 Sm 10:4,5). Contudo, nós cortamo-la por exigência da moda. É certo

que não há nada no N.T. que nos oriente sobre o assunto, e, por esse motivo, cada qual usa conforme o seu gosto.

Façamos referência a um adorno masculino mais recente. A gravata não será um luxo desnecessário, e por vezes incómodo, exigido pela moda? Falemos um bocadinho da sua história. No século XVII muitos croatas serviram a França como mercenários. Eles usavam uns lenços de vários formatos ao pescoço que ganharam a simpatia dos franceses e começaram também a usá-los, dando-lhes o nome de “*cravate*”, de croata. A partir daí espalhou-se pela Europa e outros continentes, e teve a sua evolução até chegar à gravata actual. Afinal, andamos todos na moda!

Conclusão

Deste modo, procuramos chamar a atenção para a realidade de muitos costumes serem próprios de povos específicos, sujeitos a mudanças de acordo com o desenvolvimento da cultura e da condição social. Não há, por conseguinte, motivo para se imporem a outros povos e outras culturas. Os próprios povos bíblicos abandonaram muitas práticas ancestrais, inserindo-se no contexto social contemporâneo. É mister, portanto, extrair o ensino espiritual e moral da mensagem bíblica e não ficar escravo da letra.

O PERFEITO QUEM É

1 Coríntios 13:9,10

“... porque em parte conhecemos e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.”

Questão

A quem se refere o trecho supra acerca do perfeito. Quem é o perfeito? Será a pessoa de Cristo, a quem esperamos? Será um homem perfeito, sem defeito algum? Ou será a maturidade do cristão atingida ao longo dos anos como resultado da sua experiência com Cristo?

Contexto bíblico

Visto que a hermenêutica perfeita é histórica e gramatical, teremos de recorrer a ambos os factores a fim de chegarmos a uma conclusão credível.

Começemos por considerar alguns trechos do Antigo Testamento onde aparece o vocábulo perfeito. Em Gn 6:9 está escrito: “Estas são as gerações de Noé. Era homem justo e perfeito em suas gerações e andava com Deus.” A Septuaginta, versão grega do AT, traduz a palavra hebraica ‘shalem’ por ‘*teleios*’ que é masculino, e significa homem completo nos aspectos físico, mental e moral.

“Quando Abrão tinha noventa e nove anos apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença, e sê perfeito;” (Gn 17:1). O vocábulo perfeito, aqui, é ‘*amemptos*’, também masculino, que significa homem sem defeito.

Aquando da consagração do Templo em Jerusalém, Salomão conclamou o povo e rogou que “seja o vosso coração perfeito (*teleios*) diante do Senhor nosso Deus para andardes nos seus estatutos e guardardes os seus mandamentos como hoje o fazeis.” (1 Rs 8:61). Porém, passados alguns anos, Salomão já não era o mesmo homem: “Pois sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e seu coração já não era perfeito (*teleios*) para com o Senhor seu Deus como fora o de Davi, seu pai;” (1 Rs 11:4).

O autor de Provérbios diz que “a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser

dia perfeito.” (Pv 4:18). O vocábulo hebraico aqui é ‘*kun*’ que significa estabelecido, fixo; enquanto o grego da Septuaginta traduz por ‘*kathôse*’ cujo significado é estar direito, neste caso o sol estar a pino, ao meio dia, o dia perfeito.

Quanto ao Novo Testamento iniciamos com o relato de Mateus 5:48 que diz: “Portanto, sede vós perfeitos (*teleioi*) como é perfeito (*teleios*) o vosso Pai celestial.” E noutra ocasião “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, (*teleios*) vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me.” (Mt 19:21). Neste caso, a perfeição está concentrada, não na venda dos bens, mas no facto de estar disposto a deixar tudo para seguir Jesus.

Agora chegamos ao versículo supra escrito pelo Apóstolo Paulo: “mas, quando vier o perfeito, então o que é em parte será aniquilado.” (1 Co 13:10). Nesta frase ‘o perfeito’ no grego ‘*to teleion*’ são artigo e adjectivo neutros, o que implica considerar, não uma pessoa, mas a qualidade dessa pessoa, que é a perfeição. Isto é, a maturidade atingida mediante os anos e a experiência diária. Paulo quer dizer que, no início da carreira cristã, o nosso conhecimento e o nosso dom profético são imperfeitos, mas, quando atingirmos a maturidade não haverá mais imperfeição. Será tal como o sol, quando está a pino e alumia mais claramente, e quando é dia perfeito. Assim, também os cristãos desenvolvem os talentos e dons espirituais até atingirem a maturidade, como nos aconselha Paulo: “Irmãos, não sejais meninos no entendimento; na malícia sede criancinhas, mas tornai-vos adultos no entendimento. (1 Co 14:20). E dá-nos o seu exemplo pessoal: “Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.” (1 Co 13:11).

Isto quer dizer que os cristãos devem desenvolver as suas capacidades cognitivas e sensitivas de modo a vive-

rem como homens e mulheres maduros, com uma mente exercitada na Palavra de Deus. Assim como o apóstolo escreve aos cristãos de Éfeso: “E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não mais sejamos meninos inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro;” (Ef 4:11-14).

Conclusão

Paulo confessa reconhecer que, não tendo ainda atingido a perfeição, se esforçava para conseguí-la, e aconselha os cristãos a seguir o seu exemplo, deste modo: “Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas vou prosseguindo, para ver se poderei alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus... Mas, naquela medida de perfeição a que já chegámos, nela prossigamos.” (Fl 3:12,16). E o apóstolo continua aconselhando os colossenses: “Cristo em vós, a esperança da glória, o qual nós anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo;... E, sobre tudo isto, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição.” (Cl 1:27,28; 3:14).

Terminamos com o trecho de Paulo enviado a Timóteo: “Toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda a boa obra.” (2 Tm 3:16,17).

FALANDO LÍNGUAS

1 Coríntios 14:5

“Ora, quero que todos vós faleis línguas, mas muito mais que profetizeis; pois quem profetiza é maior do que aquele que fala línguas, a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação.”

Questão

Um dos sinais apontados, que acompanham os crentes, é falar outras línguas, como está escrito em Marcos: “E estes sinais acompanharão aos que crerem: em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas.” (Mc 16:17). Como poderemos saber se alguém está falando inspirado pelo Espírito ou não, tanto no falar línguas, como no profetizar?

Contexto bíblico

Para responder a esta questão teremos de examinar o contexto bíblico, incluindo mesmo os referidos trechos. Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, e reunidos no lugar do costume, os discípulos foram visitados por um ruído estranho “e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito lhes concedia que falassem.” (At 2:4).

Entretanto, uma grande multidão juntou-se à porta daquela casa, confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua, e interrogaram-se: “Como é, pois, que os ouvimos falar cada um na própria língua em que nascemos? Nós, partos, medos, e elamitas; e os que habitamos a Mesopotâmia, a Judeia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a

Frígia e a Panfília, o Egipto e as partes da Líbia próximas a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, ouvimo-los em nossas línguas falar das grandezas de Deus.” (At 2:9-11).

O testemunho dos visitantes é prova concludente que aqueles cristãos estavam falando inspirados pelo Espírito Santo. Pois, sendo todos eles galileus, desconheciam todas aquelas línguas em que se expressavam. O mesmo aconteceu na casa do centurião Cornélio. Enquanto Pedro expunha a mensagem da salvação, o Espírito Santo desceu sobre todos, de forma a ficarem maravilhados, porque os ouviam falar línguas e magnificar a Deus. (At 10.45,46). Se a acção de falar línguas tem a função de glorificar a Deus, não haja dúvida que o Espírito Santo está agindo. Se, porventura, o agente falador procurar a sua glória, é o seu espírito que está agindo, e não o de Deus.

Igualmente, o apóstolo Paulo não duvidou que os cristãos em Éfeso tinham recebido o Espírito Santo, porque “havendo Paulo imposto as suas mãos, veio sobre eles o Espírito Santo e falavam línguas e profetizavam.” (At 19:6). Chamo a atenção para o facto de em todas as referências sobre as línguas não existe no grego a preposição “*em*” para ser traduzido ‘falar em línguas’, o que é português incorrecto. Por isso deve ler-se ‘falar línguas’ ou, diversas línguas.

Porém, há uma condição para o correcto uso das línguas em assembleia: é a interpretação. Se esta não existir, não há edificação para os ouvintes e, por conseguinte, a aquela acção tornou-se nula. Seria melhor, para o tal, falar somente entre si e Deus, que a todos entende. Neste caso, o apóstolo ensina que “se não houver intérprete esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo e com Deus.” (1 Co 14:28). O facto é que Deus, quando distribui os dons, reparte a cada um conforme a necessidade do corpo, “porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; a outro,

pelo mesmo Espírito, a fé; a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; a outro a operação de milagres; a outro a profecia; a outro o dom de discernir espíritos; a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação de línguas. Mas um só, e o mesmo Espírito, opera todas estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer.” (1 Co 12:8-11). Os agentes só têm que usar a ferramenta distribuída pelo Senhor tendo o cuidado extremo que seja para benefício de todos.

Assim como Deus colocou os membros necessários ao nosso corpo, tem, igualmente, o mesmo cuidado com o corpo de Cristo. Visto ser um corpo espiritual perfeito, não pode faltar-lhe qualquer membro com o respectivo dom espiritual para benefício de todos. Por este motivo, Paulo, o grande doutor da igreja, interroga à guisa de ensino: “Que fazer, pois, irmãos? Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.” (1 Co 14:26).

Conclusão

Por conseguinte, podemos saber quando alguém está sendo inspirado por Deus, quando reconhecemos nessa acção algum benefício espiritual para edificação do corpo de Cristo. Se naquela manifestação não existir a característica do benefício colectivo, podemos concluir que provém simplesmente do espírito humano, querendo demonstrar ser um crente espiritual tomado pelo Espírito de Deus e buscando glória para si mesmo. Além disso, concluímos também que aquele que o dom de profecia não será maior se o dom de línguas for acompanhado pela interpretação. Pois a interpretação torna o dom de línguas semelhante à profecia, visto que tem uma mensagem para edificação do corpo. Então, um serviço completo no corpo de Cristo seria onde houvesse todos os dons em manifestação, exer-

cando cada membro o seu dom conforme a necessidade e a oportunidade adequada.

“E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós. Antes, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os membros do corpo que reputamos serem menos honrados, a esses revestimos com muito mais honra; e os que em nós não são decorosos têm muito mais decoro, ao passo que os decorosos não têm necessidade disso. Mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igual cuidado uns dos outros.” (*Paulo* – 1 Co 12:21-25).

O CULTO CRISTÃO

1 Coríntios 14:26

“Que fazer, pois, irmãos? Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.”

Questão

Onde encontraremos nas Escrituras a maneira correcta para celebrar o culto ao Senhor? O que realmente significa fazer tudo para edificação?

Contexto bíblico

Precisamos de, primeiramente, pesquisar no Antigo Testamento para recordar as bases do culto cristão. Moisés ensinou o seguinte aos hebreus libertados do Egipto: “Portanto, guardareis isto por estatuto para vós e para vossos filhos para sempre. Quando, pois, tiverdes entrado na terra

que o Senhor vos dará, como tem prometido, guardareis este culto. E quando vossos filhos vos perguntarem: Que quereis dizer com este culto? Respondereis: Este é o sacrifício da páscoa do Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egipto, quando feriu os egípcios, e livrou as nossas casas. Então o povo inclinou-se e adorou.” (Êx 12:24-27).

Acerca de estrangeiros entre os Israelitas, “Disse mais o Senhor a Moisés e a Arão: Esta é a ordenança da páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela, mas todo escravo comprado por dinheiro, depois que o houveres circuncidado, comerá dela.” (Êx 12:42,43). “Também se um estrangeiro peregrinar entre vós e celebrar a páscoa ao Senhor, segundo o estatuto da páscoa e segundo a sua ordenança a celebrará; haverá um só estatuto, quer para o estrangeiro, quer para o natural da terra.” (Nm 9:14).

E teve o cuidado de preveni-los também acerca da idolatria existente na terra e proibindo o seu culto, desta forma: “Guardai, pois, com diligência as vossas almas, porque não vistes forma alguma no dia em que o Senhor vosso Deus, em Horebe, falou convosco do meio do fogo, para que não vos corrompais, fazendo para vós alguma imagem esculpida, na forma de qualquer figura, semelhança de homem ou de mulher;” ...“para que não suceda que, levantando os olhos para o céu, e vendo o sol, a lua e as estrelas, todo esse exército do céu, sejais levados a vos inclinardes perante eles, prestando culto a essas coisas que o Senhor vosso Deus repartiu a todos os povos debaixo de todo o céu.” (Dt 4:15-16,19).

Foi aquele culto da páscoa que Jesus celebrou com os discípulos antes de sofrer a morte como Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo. Os hebreus foram, mediante o cordeiro pascal, libertados da escravidão egípcia; enquanto os pecadores foram, mediante o Cordeiro de Deus, libertados da escravidão do pecado. Tanto uns como os

outros têm o direito e o dever de celebrar a Páscoa em memória da sua libertação.

Observemos os evangelhos, onde encontramos algumas informações importantes acerca do assunto no ritual da sinagoga: Logo no início de seu ministério, Jesus dirigiu-se para a sua terra e, “Chegando a Nazaré, onde fora criado; entrou na sinagoga no dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres...” (Lc 4:16-18). E fechando o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.” (Lc 4:20,21). O visitante foi convidado a ler, e comentou a sua leitura. Durante o seu ministério visitava as sinagogas: “E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.” (Mt 9:35).

No final do seu ministério procurou uma casa para celebrar a última páscoa com os discípulos: “Ora, no primeiro dia dos pães ázimos vieram os discípulos a Jesus e perguntaram: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa? Respondeu ele: Ide à cidade, a um certo homem e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a páscoa com os meus discípulos.” (Mt 26:17,18). “Foram, pois, e acharam tudo como lhes dissera e prepararam a páscoa. E chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa e os apóstolos com ele, e disse-lhes: Tenho ardentemente desejado comer convosco esta páscoa antes da minha paixão” (Lc 22:13-15). “Então, havendo recebido um cálice e tendo agradecido, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós, porque vos digo que desde agora não berei mais do fruto da videira até que venha o reino de Deus.” (Lc 22:17,18). “E tomando pão, e haven-

do dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós.” (Lc 22:19,20). “E, tendo cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras.” (Mt 26:30).

Observamos que Jesus agradeceu ao Pai pelo pão e pelo vinho, só depois o partiu e repartiu pelos discípulos. Ele fez a analogia entre o pão e o cordeiro, e entre o vinho e o sangue, para ensinar que a profecia a seu respeito estava sendo integralmente cumprida pelo Cordeiro de Deus. E aqueles que viviam em comunidade com o Senhor participaram daqueles elementos como um só corpo. É digno de nota o facto de cantarem durante a celebração.

A Páscoa comemorava a redenção do povo israelita, a sua saída do Egipto pela liderança de Moisés com a orientação de Deus. O nome provém do hebraico que significa passar por cima. O anjo do Senhor passou por cima das casas marcadas com sangue, enquanto nas outras acontecia a morte do primogénito. A liturgia da Páscoa judaica incluía pão, cordeiro, ervas amargas, copos para vinho segundo os elementos da família, acções de graças e cânticos nos Salmos 113 a 118.

No tempo de Jesus a liturgia seguia esta ordem: Na mesa eram previamente colocados todos os elementos necessários à celebração. Em seguida, todos os membros da família se sentavam reclinados à mesa para celebrar a Páscoa. Depois, enchiam-se os copos com dois terços de água e um de vinho sem lhes tocarem. Cada membro da família tinha direito a quatro copos de vinho misturado com água. Então, o chefe de família pronunciava as graças conforme iam comendo e bebendo, cujo fundamento teológico se encontra em Êxodo 6.6,7, relacionado com as promessas de Deus, que diz: “Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou Jeová; eu vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão, e vos resgatarei

com braço estendido e com grandes juízos. Eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus; e vós sabereis que eu sou Javé vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios.” O ritual da festa pascal era o seguinte:

O primeiro copo era chamado *o cálice da santidade*. A oração de abertura, feita sobre o primeiro copo de vinho, era a acção de graças pelo dia festivo da libertação. Tomando um copo nas suas mãos, o chefe de família elevava-o dizendo: “Abençoado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vide”. Lavavam as mãos, comiam ervas amargas recordando os tempos amargos passados no Egipto e bebiam o vinho.

O segundo copo era chamado *o cálice da instrução*. Nesta ocasião festiva era feita a narrativa anual aos filhos sobre os acontecimentos que libertaram o povo do Egipto pela mão de Moisés, conforme ordenado em Êxodo 12.26,27. Aí cantavam o pequeno Hallel, que é o Salmo 113. Do mesmo modo, a Santa Ceia dos cristãos deve servir de instrução sobre a obra de Cristo para nos libertar da escravidão do pecado.

O terceiro copo era chamado *o cálice da redenção*. Este foi o cálice referido pelo Senhor como símbolo do seu sangue. Neste momento da ceia o chefe tomava o pão nas mãos e dava graças dizendo: “Abençoado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que extrais o pão da terra”. Então, partiam com as mãos um pequeno pedaço de pão e comiam os elementos da ceia. Neste momento Cristo disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Depois, tomando um cálice, deu graças e deu-lho dizendo: Isto é o meu sangue, o sangue do novo pacto, fazei isto em memória de mim.

O quarto copo era chamado *o cálice da esperança*. Era o copo final, o cálice da alegria, tomado no final da refeição como nós tomamos o último copo num casamento. Foi este cálice que Jesus disse que não beberia até que venha o Reino de Deus e possa bebê-lo com a sua noiva.

Ou, doutra maneira: “Até àquele dia em que o beber novo no Reino de Deus”. No final cantavam o grande Hallel, os Salmos 114 a 118. A refeição terminava com acção de graças por um deles e o amém por todos.

Uma vez que a Igreja de Cristo foi edificada sobre fundamentos hebraicos, o seu culto foi desenvolvido segundo o ritual da páscoa hebraica, que foi a base do culto cristão em memória da morte e da ressurreição do seu Salvador. Ora, os discípulos começaram a reunir-se semanalmente para celebrar aquele importante facto: “Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé estava com eles. chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: Paz seja convosco.” (Jo 20:26). E, “ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar.” (At 2:1).

Os apóstolos visitavam igualmente as sinagogas, mas, quando se tornou insuportável manter uma disposição instável, aconteceu a separação: “Paulo, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, discutindo e persuadindo acerca do reino de Deus. Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho diante da multidão, apartou-se deles e separou os discípulos, discutindo diariamente na escola de Tirano.” (At 19:8,9). Logo a seguir temos este relato: “No primeiro dia da semana, tendo-nos reunido a fim de partir o pão, Paulo, que havia de sair no dia seguinte, falava com eles, e prolongou o seu discurso até a meia-noite.” (At 20:7).

Eis um bom exemplo de como os cultos na igreja apostólica seriam semelhantes aos da sinagoga. Lucas escreveu que “Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação ao povo, falai. Então Paulo levantou-se e, pedindo silêncio com a mão, disse: Varões israelitas, e os que temeis a Deus, ouvi:...” (At 13:15,16).

Outros dois factores importantes do culto cristão são os cânticos e a colecta para suprir necessidades da igreja: “Que fazer, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento.” (1 Co 14:15). Como vemos, existem duas formas de orar e de cantar, embora o apóstolo defenda que qualquer delas deve ser realizada com entendimento, quando for em público. “Doutra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o amém sobre a tua acção de graças aquele que ocupa o lugar de indouto, visto que não sabe o que dizes? Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado.” (1 Co 14:16,17). “Ora, quanto à colecta para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galileia. No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder, conforme tiver prosperado, guardando-o, para que se não façam colectas quando eu chegar.” (1 Co 16:2).

Agora observemos o trecho em epígrafe e discorramos sobre ele: “Que fazer, pois, irmãos? Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.” (1 Co 14:26). Encontramos nesta leitura quatro factores litúrgicos úteis na congregação cristã: cânticos, ensino, revelação, (que pode ser algum pecado, ou necessidade) e língua interpretada (o que equivale a profecia edificante). Tanto as línguas como as profecias não deverão ir além de dois ou três usuários por culto para haver ordem na liturgia. Embora Paulo aconselhe ordem na reunião, ele não proíbe, de modo algum, o uso do dom de línguas: “Portanto, irmãos, procurai com zelo o profetizar, e não proibais o falar em línguas. Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.” (1 Co 14:39,40). A liturgia do culto cristão tem a finalidade de adorar Deus e edificar a igreja do Senhor: “Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação.” (1 Co 14:3).

Toda a liturgia deve conter os ingredientes da edificação comunitária, ou é inútil.

Contexto histórico

Teremos ainda que observar um registo de Justino, do século II (c.150), sobre a liturgia cristã dos primeiros tempos, a qual compartilhamos abaixo:

“Reunimo-nos no dia do sol por ser o primeiro dia da semana, dia em que Deus, afugentando as trevas e o caos, criou o mundo, neste dia também nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou dentre os mortos, pois crucificaram-no na véspera do dia de Saturno, e no dia posterior ao dia de Saturno, ou seja, no dia do sol, Cristo apareceu aos apóstolos e discípulos, ensinando-lhes estas coisas que, para vossa consideração, vos temos transmitido. Embora seja o final do relato de Justino, coloquei-o no início devido ao facto de referir o dia do culto cristão.”

“No dia denominado dia do sol há uma reunião de todos aqueles que vivem tanto nas cidades como no campo. Ali se dá a leitura das Memórias dos apóstolos, ou das Escrituras dos Profetas até onde o tempo permite. Terminada a leitura o presidente faz uso da palavra para nos admoestar e nos exortar à imitação e prática dessas coisas admiráveis. Logo nos levantamos e oramos juntos. Terminada a oração, no modo como já foi dito, traz-se pão e vinho com água. O presidente dirige a Deus orações e acções de graça, o povo aquiesce com a aclamação: Amém. E procede-se à distribuição dos elementos eucarísticos entre todos, enviando-se também, mediante os diáconos, aos que estão ausentes. (provavelmente os doentes).”

“Chamamos este alimento de eucaristia: ninguém pode participar dele a não ser aquele que, crendo que nossas doutrinas são verdadeiras, tem sido lavado (baptizado) com a lavagem para a remissão dos pecados e para o novo nascimento, e que vive segundo os ensinamentos de Cristo.”

Note-se que a palavra eucaristia significa ‘gradidão’ a Deus.

“Os irmãos que estão na abundância e querem dar, dão cada qual conforme lhe aprouver. O dinheiro recolhido é entregue ao presidente, que o reparte entre órfãos, viúvas, doentes, indigentes, presos e transeuntes; de todos aqueles que necessitam de ajuda ele é um protector.

No final havia ainda o costume de se saudarem mutuamente com o beijo da paz, segundo o exemplo narrado das Epístolas apostólicas. Paulo aos romanos aconselha: “Saudai-vos uns aos outros com ósculo (beijo) santo. Todas as igrejas de Cristo vos saúdam.” (Rm 16:16). E aos coríntios igualmente: “Todos os irmãos vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.” (1 Co 16:20). E Pedro numa carta universal admoesta: “Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor. Paz seja com todos vós que estais em Cristo.” (1 Pd 5:14).

Conclusão

Por conseguinte, a liturgia do culto cristão deve conter todos os ingredientes necessários e úteis à edificação colectiva, mas usados sempre de forma ordeira. Deve constar de cânticos, orações, leitura bíblica, testemunhos recentes, pregação, ensino, dando sempre oportunidade aos membros do corpo de Cristo desenvolverem os dons espirituais para benefício do mesmo corpo. Ao mesmo tempo, aqueles que nos visitam ficarão impressionados pelo reconhecimento da presença do Espírito Santo entre nós.

ORAR SEM CESSAR

1 Tessalonicenses 5:17

“Orai sem cessar”

Questão

O apóstolo Paulo aconselha os cristãos a orar sem cessar, o que significa sem interrupção, sem suspensão, sem descansar. Então, põe-se a questão: como é possível estar a orar sem cessar?

Contexto bíblico

O próprio S. Paulo afirma que orava sem cessar pelos cristãos em Roma, de acordo com o texto de Romanos capítulo um: “Pois Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, me é testemunha de como incessantemente faço menção de vós, pedindo sempre em minhas orações que, afinal, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião para ir ter convosco.” (Rm 1:9,10). O que Paulo está dizendo é que não deixa de mencionar os cristãos de Roma nas suas orações.

Encontramos algo semelhante na sua primeira carta aos tessalonicenses, que diz: “...lembrando-nos sem cessar da vossa obra de fé, do vosso trabalho de amor e da vossa firmeza de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo.” (1 Ts 1:3) E na segunda carta consta: “Por isso nós, também, sem cessar damos graças a Deus.” (1 Ts 1:13). Isto quer dizer que de maneira alguma deixavam de lembrar-se da fé que eles manifestavam, e de modo nenhum cessavam de agradecer ao Senhor pela forma como tinham recebido a Palavra de Deus.

Por conseguinte, sem cessar significa ‘não omitir’ a oração, os cristãos, ou a gratidão, na ocasião apropriada para o facto. Dito doutra maneira seria: a vossa oração deve ser sem omissão na ocasião própria, no tempo determinado para o efeito.

O salmista faz confissão da sua prática constante na oração: “Sete vezes no dia te louvo pelas tuas justas ordenanças.” (Sl 119:164). Da mesma sorte os inimigos de Daniel confessam o seu costume na oração: “Então responderam ao rei, dizendo-lhe: Esse Daniel, que é dos exilados de Judá, e não tem feito caso de ti, ó rei, nem do interdito que assinaste; antes três vezes por dia faz a sua oração.” (Dn 6:13). O que notamos nestas experiências é a fidelidade no processo da oração pessoal. Deus não aprecia a quantidade de tempo nem de vocabulário usados na oração. O que Ele aprecia é a sinceridade na adoração, na manifestação de dependência e no pedido segundo a necessidade do momento. Eis o que Isaías escreveu acerca do povo de Israel: “Quando estenderdes as vossas mãos, esconderei de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei porque as vossas mãos estão cheias de sangue.” (Is 1:15). Deste modo, nem o sacrifício de gastar muito tempo em oração servirá de alguma coisa.

Recordemos o que o Senhor Jesus ensinou acerca do mesmo tema: ...“e quando orardes não sejais como os hipócritas; pois gostam de orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.” (Mt 6:5-8). Notamos ainda que a oração

que segue o trecho anterior, chamada Pai Nosso, é muito curta, mas também muito definida, a qual deve servir de modelo para as nossas orações.

Encontramos um óptimo exemplo na oração de Ezequias, quando ele estava doente e às portas da morte: “Por aquele tempo Ezequias ficou doente, à morte. O profeta Isaías, filho de Amós, veio ter com ele e disse-lhe: Assim diz, o Senhor: Põe em ordem a tua casa porque morrerás, e não viverás. Então o rei virou o rosto para a parede e orou ao Senhor, dizendo: Lembra-te agora, ó Senhor, te peço, de como tenho andado diante de ti com fidelidade e integridade de coração, e tenho feito o que era recto aos teus olhos. E Ezequias chorou muitíssimo.” (2 Rs 20:1-3).

Apesar da sua oração ser tão pequena, o Senhor ouviu-a e respondeu imediatamente conforme o relato bíblico: “E sucedeu que, não havendo Isaías ainda saído do meio do pátio, veio a ele a palavra do Senhor, dizendo: Volta e dize a Ezequias, príncipe do meu povo: Assim diz o Senhor Deus de teu pai Davi: Ouvei a tua oração e vi as tuas lágrimas. Eis que eu te sararei; ao terceiro dia subirás à casa do Senhor. Acrescentarei aos teus dias quinze anos; e das mãos do rei da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade; e defenderei esta cidade por amor de mim e por amor do meu servo Davi.” (2 Rs 20:4-6).

As bênçãos do céu não se recebem pelo muito falar diante de Deus, mas pela manifestação duma atitude correcta perante Ele, como está escrito: “se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se desviar dos seus maus caminhos, então eu ouvirei do céu, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra.” (2 Cr 7:14). Quando sabemos que Deus nos ouve não necessitamos de permanecer na oração, pois Ele já nos ouviu; o que precisamos é de confiar na possibilidade e na fidelidade de nosso Pai celestial para nos conceder o bem que lhe pedimos, como nos diz o autor de Hebreus: “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário

que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam.” (Hb 11:6).

Se na realidade cremos nisto, não permaneceremos indefinidamente na oração. Como somos ensinados em Marcos 11.22-24: “Respondede-lhes Jesus: Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, assim lhe será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebereis, e tê-lo-eis.” Literalmente, o grego contém este significado: “Tende fé proveniente de Deus”... “tudo o que pedirdes orando”... “crede que o recebestes e será vosso”. Quando recebemos a revelação da solução para a dificuldade, podemos levantar-nos e entrar em acção.

Neste aspecto, contamos com a experiência de Jesus que, por motivo especial, passou a noite em oração: “Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar, e passou a noite toda em oração a Deus. Depois do amanhecer, chamou seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos.” (Lc 6:12). É justo acreditar que, enquanto o Senhor orava estaria formando a lista dos escolhidos, mas após ter completado essa lista, cessou a oração e de madrugada executou o seu plano.

Noutra ocasião, após tomar a sua última Páscoa com os discípulos, Jesus dirigiu-se para o Jardim do Getsêmani e afastou-se para orar, levando consigo Pedro, Tiago e João. “E começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então disse-lhes: A minha alma está triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo... E adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e orou, dizendo: Meu Pai, se é possível passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres”... (Mt 26:37-39). “Retirando-se mais uma vez, orou, dizendo: Pai meu, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade...

de... Deixando-os novamente, foi orar terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Então voltou para os discípulos e disse-lhes: Dormi agora e descansai. Eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.” (Mt 26:42,44,45).

Conclusão

1, Os cristãos devem separar um lugar e tempo especiais para oração. 2, O dia deverá ser iniciado em oração, com a mente fresca, e conservar esse espírito de oração durante o dia. 3, É conveniente manter este costume de iniciar o dia em comunhão com Deus. 4, Em ocasiões de aflição e perplexidade recorramos a Deus confiando na possibilidade da solução. 5, Após receber a revelação da possível solução, levantemo-nos e executemos o plano respectivo.

HOJE TE GEREI

Hebreus 1:5

“Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?”

Questão

Primeiramente, a quem se refere este trecho na profecia? Segundo, qual o significado de ‘hoje’ também referido na geração do filho? Se o Filho de Deus foi gerado como é ele eterno?

Contexto bíblico

A palavra ‘filho’ é usada numa grande variedade de sentidos, como por exemplo: um filho físico, um descendente remoto ou próximo, um filho adoptado, um protegido, um servo nascido em casa, ou até, alguém parecido com outro. Eis alguns exemplos: Adão é chamado filho de Deus sem ter sido gerado (cf. Lc 3:38). Jesus, é filho de David sem ter sido gerado por ele. David é filho de Abraão sem ter sido gerado por Abraão (cf. Mt 1:1). A descendência do piedoso Sete: “viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram” (Gn 6:2). Os servos de Naamã trataram-no por ‘meu pai’ (cf. 2 Rs 5:13). Abraão foi declarado pai de muitas nações (cf. Gn 17:4). Acerca de Israel diz Deus: “porque sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogénito” (cf. Jr 31:9).

A profecia da geração do filho consta no Salmo dois que diz: “Eu tenho estabelecido o meu Rei sobre Sião, meu santo monte. Falarei do decreto do Senhor, ele me disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por possessão.” (Sl 2:6-8). Consideremos que a profecia pode ter dois ou mais cumprimentos, presente e futuro próximo ou remoto. Agora concentremo-nos em David que, enquanto era pastor dum pequeno rebanho de seu pai, Deus escolheu para ser o futuro rei de Israel.

“Então Samuel tomou o vaso de azeite e ungiu-o no meio de seus irmãos e, daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apoderou de David.” (1 Sm 16:13). Mais tarde, Deus ordenou ao profeta Natã que entregasse esta mensagem a David: “Agora, pois, assim dirás ao meu servo David: Assim diz o Senhor dos exércitos: Eu te tomei da malhada, de detrás das ovelhas, para que fosses príncipe sobre o meu povo, sobre Israel” (2 Sm 7:8). Naquele dia David foi adoptado por Deus como seu filho, e deste modo dele procederá o real filho de Deus. E ao profeta Gade deu a seguinte: “Naquele mesmo dia veio Gade a

Davi, e lhe disse: Sobe, levanta ao Senhor um altar na eira de Araúna, o jebuseu: Subiu, pois, Davi, conforme a palavra de Gade, como o Senhor havia ordenado.” (2 Sm 24:18,19). Essa eira estava no monte Sião, onde Deus colocou a sede do seu reino.

O salmista escreveu para cantar sobre David: “Fiz um pacto com o meu escolhido; jurei ao meu servo Davi: Estabelecerei para sempre a tua descendência e firmarei o teu trono por todas as gerações.” (Sl 89:3,4). Aqui, Deus está declarando o seu pacto eterno com David e a sua descendência, cuja semente final é Jesus, o messias prometido. Mas, a seguir vem uma referência a Salomão, o descendente próximo: “Quando teus dias forem completos e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, que sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei pai, e ele me será filho. E, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens e com açoites de filhos de homens” (2 Sm 7:12-14).

Passados muitos anos, e em tempo de cativo, Deus ordenou ao profeta Jeremias que entregasse a seguinte mensagem: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e procederá sabiamente, executando o juízo e a justiça na terra.” (Jr 23:5). É fácil apreender que se refere directamente a Jesus como rei justo e sábio. Os anos passaram-se, e um anjo foi enviado a Maria com esta mensagem: “Disse-lhe então o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó e o seu reino não terá fim.” (Lc 1:30-33). Note o que está escrito acima: ‘Ele será chamado filho do Altíssimo’ e receberá o trono de ‘David seu pai’.

Agora observemos o “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1:1). Ali consta ‘Jesus filho de David’ como descendente de David e herdeiro do trono. Quando José descobriu que Maria estava grávida projectou abandoná-la, porém, recebeu este aviso: “eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela está gerado é do Espírito Santo; ela dará à luz um filho, a quem chamarás JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.” (Mt 1:20,21). Observamos que o Espírito Santo gerou o Filho de Deus em Maria, o qual havia sido prometido muitos séculos antes. “Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, o qual será chamado EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco.” (Mt 1:22,23; cf. Is 7:14).

Quando fazia uma exposição histórica perante os judeus, em sua defesa, fez referência a David e a Jesus conforme a promessa: “E tendo deposto a este (a Saul), levantou-lhes como rei a Davi, ao qual também, dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade. Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel um Salvador, Jesus.” (At 13:22,23). E a narrativa de Lucas continua: “E nós vos anunciamos as boas novas da promessa, feita aos pais, a qual Deus nos tem cumprido, a nós, filhos deles, levantando a Jesus, como também está escrito no salmo segundo: Tu és meu Filho, hoje te gerei.” (At 13:32,33).

Na sua epístola aos romanos, Paulo manifesta Jesus como filho de David e Filho de Deus igualmente: “acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, e que foi declarado Filho de Deus em poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos - Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 1:3,4). E aos corín-

tios escreve: “Assim também está escrito: O primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante... O primeiro homem, sendo da terra, é terreno; o segundo homem é do céu.” (1 Co 15:45,47). Enquanto, através da carne, era descendente de David, era também Filho de Deus através do espírito. A parte humana provém de David, mas a parte divina provém de Deus. Porque, se Deus é espírito, o filho de Deus é igualmente espírito com características de santidade iguais às do Pai. Não resisto à tentação de incluir aqui a versão latina do versículo quatro, a qual todos podem entender perfeitamente: “qui praedestinatus est Filius Dei in virtute secundum Spiritum sanctificationis ex resurrectione mortuorum Iesu Christi Domini nostri”. Isto é, Jesus foi predestinado Filho de Deus numa impressionante atitude triunfante sobre a morte pela ressurreição dos mortos.

E o autor da epístola aos Hebreus declara que Ele foi “feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles. Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?” (Hb 1:4,5). E mais adiante acrescenta: “assim, também Cristo não se glorificou a si mesmo para se fazer sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei” (Hb 5:5).

A respeito do tempo da sua geração encontramos um bom exemplo no livro de Apocalipse, escrito por João: “com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.” (Ap 5:12). Aqui fala da sua morte vitoriosa na cruz e conseqüente glória. A seguir incluímos o versículo testemunhando da sua morte antes da fundação do mundo: “E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.” (Ap 13:8).

Se o Cordeiro de Deus foi declarado morto desde a fundação do mundo, é porque tinha sido declarado Filho antes da fundação do mundo. Isto é comprovado pela Escritura que diz: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” (Jo 1:3). E na epístola aos Hebreus consta esta declaração: “nestes últimos dias a nós falou-nos pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo” (Hb 1:2). “sendo ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu Ser, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo ele mesmo feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas” (Hb 1:3). Aquele que veio do céu viveu uma vida celestial e voltou para o céu com a promessa de voltar do céu, unindo o céu e a terra para que possamos viver com Ele eternamente no céu.

Conclusão

De acordo com o que foi escrito acima resumimos que o Messias foi predestinado Filho de Deus muito antes da fundação do mundo, visto que tudo foi feito por Ele. Concerne ao nascimento físico, essa declaração profética teve o seu cumprimento quando o mesmo foi anunciado pelo anjo a Maria e esta aceitou gerar um homem para Deus lhe chamar seu filho, de acordo com as Escrituras: “Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai” (Lc 1:31,32). Disse então Maria. Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1:38). Então, “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei para resgatar os que estavam debaixo de lei a fim de recebermos a adoção de filhos.” (Gl 4:4,5).

A PETIÇÃO DE JESUS

Hebreus 5:7,8

“O qual nos dias da sua carne, tendo oferecido, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que podia livrá-lo da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua reverência, ainda que era Filho, aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu.”

Questão

Terá Jesus rogado ao Pai, com clamor e lágrimas, que o livrasse da morte? Se ele sabia acerca do seu destino, por que motivo fez aquela oração no Getsêmani? Além disso, o trecho diz ainda que ele aprendeu a obedecer através do sofrimento. Encontramos aqui três problemas cruciais que merecem resolução acurada. 1, Súplica por livramento. 2, Foi ouvido em que sentido. 3, Obediência pelo sofrimento.

Contexto bíblico

Após a sua última ceia pascal com os discípulos, Jesus dirigiu-se com eles para o Getsêmani e, ali, afastou-se para orar, como está escrito: “Então disse-lhes: A minha alma está triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo. E, adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e orou com insistência, dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (Mt 26:38,39). Sentindo o peso dos nossos pecados começou a sofrer e a jorrar suor misturado com sangue. Não é para admirar que tenha feito aquela oração ao Pai. Jesus, ainda que filho de Deus, era homem,

e chorou debaixo do sofrimento. Porém, quando estava caminhando para o Calvário, dirigiu esta frase às mulheres que choravam: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e por vossos filhos.” (Lc 23:28).

Embora realmente conhecesse o seu destino, aquela oração foi uma expressão natural de alívio. Mas o trecho de Lucas acrescenta que um anjo chegou para confortá-lo, como está escrito: “Então lhe apareceu um anjo do céu que o confortava.” (Lc 22:43). Esta foi a resposta do Pai. Não o livrou da morte que escolhera sofrer em nosso lugar, mas aliviou-lhe o sofrimento e preparou-o para suportá-la heroicamente. Ele mesmo tinha dito anteriormente que, “por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.” (Jo 10:17,18). O facto de Jesus saber que veio expressamente para satisfazer a vontade do Pai foi o bálsamo que atenuou o seu atroz sofrimento.

A fonte principal da terminologia usada em Hebreus consta no Salmo 22:24, que narra: “Porque não desprezou nem abominou a aflição do aflito, nem dele escondeu o seu rosto; antes, quando ele clamou, o ouviu.” Notemos ainda o facto de ele ter exclamado enquanto estava sofrendo na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Alguns dos que ali estavam, ouvindo isso, diziam: Ele chama por Elias”... Os outros, porém, disseram: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo.” (Mt 27:46-49). Ainda que Jesus não tenha sido liberto da morte, foi ouvido e fortalecido em relação ao respectivo sofrimento.

O facto de ter aprendido a obediência pelo sofrimento tem também uma explicação. Jesus, propriamente, não aprendeu a obedecer, ele simplesmente, através da sua experiência, chegou ao ponto de apreciar as implicações da obediência à vontade de seu divino Pai. Como foi escri-

to por Isaías cerca de setecentos anos antes da sua morte: “Todavia, foi da vontade do Senhor esmagá-lo, fazendo-o enfermar; quando ele se puser como oferta pelo pecado verá a sua posteridade, prolongará os seus dias, e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do trabalho da sua alma e ficará satisfeito; com o seu conhecimento, o meu servo justo justificará a muitos e as iniquidades deles levará sobre si.” (Is 53:10,11). O justo foi abandonado para sofrer pelos injustos a fim de os injustos desfrutarem da justiça do justo.

Por este motivo somos justificados pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Foi através desta experiência que Jesus desenvolveu o conhecimento acerca das implicações da obediência ao plano divino. E, desta forma, também nós ficamos a conhecer as implicações da nossa obediência, conforme escreveu Paulo em Romanos 8:17: “O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.”

Conclusão

Embora não esteja claro por que motivo Jesus suplicou para ser libertado da morte, ainda que ele sabia para o que veio, sabemos, contudo, que foi ouvido e aliviado no sofrimento, e fortalecido para suportá-lo em nosso lugar. Sabemos também que foi glorificado junto do Pai e agora regozija-se pelo resultado da sua morte. Através do sofrimento deixou-nos uma grande lição acerca das implicações da obediência, a qual devemos aprender a fim de sermos também glorificados junto dele.

A FÉ VERDADEIRA

Hebreus 11:6

“Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.”

Questão

Segundo o trecho supra, qual é a verdadeira fé que agrada a Deus? Qual a sua característica à luz das Sagradas Escrituras? Como sabemos que possuímos a genuína fé que agrada a Deus?

A vida física depende de vários factores como: alimento, energia, exercício e repouso. A vida espiritual segue a mesma norma, embora conte com outros factores importantes: O cristão vive pela fé, fortalece o espírito na fé, exercita-se na fé e serve pela fé.

Solução bíblica

Primeiro, fé implica confiança no carácter de Deus. Pelas Sagradas Escrituras sabemos que Deus é santo, justo e bom. Ele é fiel às suas promessas. Por isso, a fé confiança com Deus sobre os problemas pessoais, por mais difíceis que pareçam. Certo centurião romano, que confiava no poder de Jesus, confidenciou-lhe a necessidade do seu servo e como reconhecia a Sua autoridade. “Jesus, ouvindo isso, admirou-se e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: Eu vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé.” (Lc 7:9).

Outra vez, os discípulos pediram que lhes aumentasse a fé, e o Senhor respondeu: “Se tivésseis fé como um grão

de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria.” (Lc 17:6). A figura do grão de mostarda ilustra muito bem a resposta do Senhor: não importa a quantidade da fé, mas a sua qualidade, visto a pequena semente se tornar uma grande árvore. E noutro lugar está escrito: “pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar; e nada vos será impossível.” (Mt 17:20).

Segundo, fé implica confiança na provisão de Deus. Encontramos uma ilustração exemplar no relato de Génesis 22, que apresenta a fé de Abraão na provisão de Deus: “Então disse Isaque a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. E os dois iam caminhando juntos.” (Gn 22:7,8). Na hora do sacrifício Deus impediu Abraão de imolar Isaque e supriu aquela necessidade com um cordeiro preso num arbusto ao lado. Em resultado dessa provisão, Abraão chamou àquele lugar ‘Iavé Jiré’ que significa ‘Deus proverá’.

A fé arrisca-se a coisas difíceis, assim como os constantes na Galeria dos Heróis da Fé no livro de Hebreus capítulo onze. Basta incluir aqui a experiência de dois deles. “Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, sendo temente a Deus, preparou uma arca para o salvamento da sua família; e por esta fé condenou o mundo, e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé.” (Hb 11:7). **Hb 11:8** Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, saindo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. **9** Pela fé peregrinou na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; **10** porque esperava a cidade que tem os fundamentos, da qual o arquitecto e edificador é

Deus. 11 Pela fé, até a própria Sara recebeu a virtude de conceber um filho, mesmo fora da idade, porquanto teve por fiel aquele que lho havia prometido. 12 Pelo que também de um, e esse já amortecido, descenderam tantos, em multidão como as estrelas do céu, e como a areia inumerável que está na praia do mar.”

Paulo confiava nas riquezas do seu Deus para suprir as necessidades dos crentes, como está escrito: “O meu Deus suprirá todas as vossas necessidades, segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus.” (Fl 4:19).

Terceiro, a fé implica confiança no amor de Deus. E este amor é melhor definido pelo vocábulo grego ‘agape’ porque é o amor da entrega, do sacrifício pelo outro. Isto foi demonstrado por Deus, ao entregar o Seu único Filho por nós em sacrifício para que, mediante a fé nele, possamos viver isentos de pecado e sem condenação. Como está narrado em João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” E, se nos deu o Filho, como nos não daria também todas as boas coisas?! “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas? (Rm 8:32).

A fé persevera na esperança, à semelhança da mulher cananeia, e, por esse motivo, a sua acção foi honrada pelo Senhor: “Então respondeu Jesus, e disse-lhe: ó mulher, grande é a tua fé! seja-te feito como queres. E desde aquela hora sua filha ficou sã.” (Mt 15:28).

A fé é provada na obediência aos mandamentos de Deus e qualquer coisa que lhe pedirmos dele a receberemos, como João escreveu: “e qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista.” (1 Jo 3:22).

Quarto, a fé implica servir a Deus incondicionalmente. A fé manifesta-se no serviço feito em nome de Deus e para glória de Deus. Como diz Tiago: “Que proveito há, meus irmãos, se alguém disser que tem fé e não tiver obras? Porventura essa fé pode salvá-lo? (Tg 2:14). E continua com uma ilustração muito prática: Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso? Assim também a fé, se não tiver obras é morta em si mesma.” (Tg 2:15-17).

Jesus criticou os líderes religiosos, que serviam no templo em Jerusalém, a capital da religião judaica, por não terem servido a Deus desta forma, ajudando o homem que tinha sido assaltado e maltratado no caminho de Jericó. Porém, louvou o samaritano, o qual não cultuava a Deus em Jerusalém, mas em Gerizim, segundo o rito samaritano, porque este dedicou tempo, esforço e dinheiro para ajudar o próximo em necessidade. (Cf. Lc 10:25-37).

Conclusão

Por conseguinte, podemos dizer que fé é confiar no carácter imutável de Deus, na sua provisão, no seu amor e servi-lo incondicionalmente, fazendo tudo em Seu nome e para sua glória, como prova da nossa fé. Isto agrada a Deus e é fonte de provisão contínua.

HOMENS DE DEUS MALTRATADOS

Hebreus 11:36 -38

... “e outros experimentaram escárnio e açoites, e ainda cadeias e prisões. Foram apedrejados e tentados; foram serrados ao meio; morreram ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e cavernas da terra.”

Questão

Por que motivo os servos de Deus tiveram, ou têm, de sofrer como aqueles heróis da fé? Não teria deus poder para livrá-los de tal sofrimento? Uma coisa sabemos acerca disto: Eles foram um grande exemplo de obediência e fidelidade a Deus.

Contexto bíblico

Eis uma pequena lista de indivíduos importantes mencionados na Bíblia que, por causa da sua justiça e da função ao serviço de Deus, foram rejeitados, maltratados e, alguns, mortos.

Abel foi desprezado, maltratado e morto pelo seu irmão Caim, porque era justo e o seu sacrifício agradou a Deus. “Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura. Ora, atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta...” (cf. Gn 4:4). Ele teve o verdadeiro sentimento do plano de Deus quanto ao sacrifício animal a oferecer futuramente no altar, o qual era uma figura típica do sacrifício humano de Jesus, o filho de Deus, pela humanidade. Todavia, Abel, embora morto, ainda vive, sobretudo na presença de Deus, que o recebeu junto de Si. Porque, “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho das suas oferendas, e por meio dela depois de morto, ainda fala.” (Hb 11:4).

Noé, porque era justo e amigo de Deus, foi escolhido e nomeado para anunciar o juízo divino através do dilúvio,

como está escrito: “Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida, porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é chegado perante mim, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os destruirei juntamente com a terra.” (Gn 6:12,13). Tendo pregado durante cento e vinte anos, foi tomado por louco, visionário e velho caduco, e ninguém deu crédito à sua mensagem. O resultado foi natural e conforme a lei da sementeira. Aqueles que o rejeitaram foram, por consequência, rejeitados e não puderam entrar na arca da salvação. Afinal os seus avisos estavam certos. E a sua experiência foi usada por Jesus como sinal para os últimos dias. Porquanto, pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda se não viam, sendo temente a Deus, preparou uma arca para o salvamento da sua família; e por esta fé condenou o mundo e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé.” (Hb 11:7).

José, filho de Jacó, foi rejeitado, maltratado e vendido como escravo, porque tinha visões acerca da missão que Deus preparara para ele (cf. Gn 37). Foi parar à corte de Faraó, no Egito, onde sofreu provações e até foi preso devido à sua castidade: “Então o senhor de José o tomou e o lançou no cárcere, no lugar em que os presos do rei estavam encarcerados; e ele ficou ali no cárcere.” (Gn 39:20). Apesar destas provações José tornou-se grande por causa de sua fidelidade e sabedoria, conforme o relato bíblico: “Depois disse Faraó a José: Porquanto Deus te fez saber tudo isto, ninguém há tão entendido e sábio como tu. Tu estarás sobre a minha casa, e por tua voz se governará todo o meu povo; somente no trono eu serei maior que tu.” (Gn 41:39,40). Anos mais tarde, seus irmãos, em necessidade, tiveram de procurar socorro no Egito e encontraram-se com o rejeitado, que lhes salvou a vida alimentando-os em tempo de fome (cf. Gn 42). Afinal as suas visões estavam certas porque cumpriram-se integralmente.

Moisés foi salvo e escolhido por Deus para ser criado no palácio de Faraó a fim de poder libertar o seu povo da escravidão. Ele teve, no monte Horebe, uma experiência sobrenatural com Deus. O Senhor apareceu-lhe em visões e, falando, convidava-o a entrar em acção concreta e tirar os escravos do Egipto, como está escrito: “Agora, pois, vem e eu te enviarei a Faraó para que tireis do Egipto o meu povo, os filhos de Israel.” (Êx 3:10). Quando já estavam a caminho da terra prometida, logo se levantou quem rejeitasse a sua liderança, e o movimento foi tal que até se queixou a Deus de quase o quererem apedrejar, conforme a sua lamentação: “Pelo que Moisés, clamando ao Senhor, disse: Que hei de fazer a este povo? daqui a pouco me apedrejará.” (Êx 17:4). Como resultado, sua irmã Miriam ficou leprosa, e outros foram engolidos pela terra, que abriu a sua boca para tragá-los.

David era homem escolhido por Deus para uma função específica. Todavia, começou a ser rejeitado por seus próprios irmãos. Depois, até o seu rei, Saul, sentiu ciúmes dele, chegando ao ponto de querer matá-lo. Contudo, a filosofia de David era não pagar com a mesma moeda, mas entregar o futuro nas mãos de Deus. Ele confessou que não tocaria no unguido de Deus, embora a este já tivesse sido retirado o direito ao trono. Mais tarde, até teve de fugir ao seu próprio filho Absalão para não ter de matá-lo. Em consequência, ambos os adversários perderam a vida sem glória, e a descendência de David recebeu o direito ao trono eterno. Por outro lado, quando o profeta Natã o acusou de pecado, David não se defendeu, não rejeitou nem castigou o homem de Deus. Humildemente, deixou a sua confissão escrita no livro dos salmos para toda a gente conhecer e seguir o seu exemplo: “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgres-

sões e o meu pecado está sempre diante de mim.” (Sl 51:1-3).

Elias foi convidado por Deus para falar contra a idolatria de Jezabel. Visto não estarem a cultuar de acordo com a Palavra de Deus, o seu desafio era o seguinte: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” Foi rejeitado, perseguido e maltratado. Teve de fugir e esconder-se junto ao ribeiro de Querite, sendo aí sustentado por corvos enviados por Deus (cf. 1 Rs 17:3-6). Quando apareceu para enfrentar o rei, este tratou-o como perturbador em Israel. Quanto aos profetas de Baal, esses foram todos mortos e os seus altares destruídos. Deus confirmou que Elias tinha razão, aceitando e consumindo o seu sacrifício. Porém, ele teve de esconder-se de Jezabel que prometeu matá-lo, de acordo com as suas palavras: “Respondeu ele: Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos; porque os filhos de Israel deixaram o teu pacto, derrubaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu, somente eu fiquei, e buscam a minha vida para me tirarem.” (1 Rs 19:10). No final da sua carreira profética, Elias foi chamado e recebido por Deus, no céu.

Eliseu foi o sucessor de Elias. Logo em seguida, uns rapazes loucos decidiram troçar do profeta. O trecho bíblico conta que duas ursas saíram do bosque e devoraram aqueles trocistas, conforme o relato: “Então subiu dali a Betel; e, subindo ele pelo caminho, uns rapazes saíram da cidade e zombavam dele, dizendo: Sobe, calvo; sobe, calvo! E, virando-se ele para trás, os viu, e amaldiçoou-os em nome do Senhor. Então duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois daqueles rapazes.” (2 Rs 2:23,24). Resultado: quem toca nos unguidos de Deus toca nos Seus próprios olhos.

Isaías foi nomeado para declarar o descontentamento de Deus concernente ao pecado de Judá, Israel e nações vizinhas. Ele foi enviado para tirar o povo da desobediência à Palavra de Deus a fim de evitar o desastre resultante

do castigo divino. Acima de tudo ele profetizou acerca da vinda do Messias, a qual se cumpriu somente setecentos e cinquenta anos depois. A tradição judaica afirma que Isaías foi serrado ao meio durante o reinado de Manassés. E temos um relato desta prática em Hebreus 11. Sabemos pelo trecho bíblico (2 Cr. 33) acerca da longa apostasia de Manassés, e que Deus o chamou à atenção, naturalmente pela voz profética, mas não deu crédito. Como resultado, Manassés foi levado em cadeias para Babilônia, até ao seu arrependimento.

Jeremias parece que foi o que mais sofreu. Foi chamado por Deus ao ofício profético na sua infância, no terceiro ano do reinado de Josias, considerado um bom rei. Mas Jeremias passou por cinco reinados. A Palavra de Deus e o Pacto eram quebrados levemente. Jeremias foi enviado para advertir tanto o rei como o povo, por seu pecado, apostasia, imoralidade e juízo. Mas isso custou-lhe o desprezo e o sacrifício. No capítulo onze de Jeremias lemos sobre a conspiração levantada contra ele. Eles advertiram-no desta forma: “não profetizes em nome do Senhor para que não morras às nossas mãos”. E Pasur, filho do sacerdote presidente, após ouvir Jeremias, açoitou-o e prendeu-o no cepo (cp. 20). Jeremias também se insurge contra pseudopropetas que falavam em nome de Deus coisas agradáveis aos ouvidos do povo, que não correspondiam com o sentimento de Deus (cp. 23). Após uma luta de palavras entre Jeremias e Hananias, eis que este veio a morrer (28.15-17). O rei Jeoaquim não gostou do que estava escrito no rolo, ditado por Jeremias, e, com um canivete, cortou-o e lançou-o no fogo (36.23). Depois disto, mais uma vez Jeremias foi parar à prisão por ordem de Zedequias (cp. 38). Este rei também não gostava das palavras do profeta. Contudo, as suas palavras cumpriram-se e Nabucodonosor tomou Jerusalém, libertou Jeremias e, arrancando os olhos a Zedequias, levou-o cativo para Ba-

bilônia (cp. 39). Ainda que Jeremias tenha sido desprezado e maltratado, as suas palavras cumpriram-se.

Jesus acusou os judeus de terem matado os profetas enviados por Deus, e também referiu que o matariam a Ele. Os líderes não gostavam da sua acção, nem da advertência por não observarem convenientemente a Palavra de Deus. Estavam mais preocupados com práticas externas do que com o sentido real da mensagem de Seu Pai. Até chegaram ao descaramento de atribuir ao diabo o Seu poder para expulsar demónios. Jesus respondeu-lhes que isso é blasfêmia contra o Espírito Santo. Então advertiu-os: “Ai de vós, escribas e fariseus...” E sobre a cidade: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!” (Mt 23:37). E advertiu os seus discípulos: “Ai de vós quando todos os homens falarem bem de vós, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas” (Lc 6:26). Também Ele foi rejeitado e maltratado, e o castigo veio sobre todos com a destruição da cidade.

Paulo foi chamado por Jesus para o ministério da Palavra. Também ele, o grande evangelista do primeiro século, foi rejeitado, caluniado e perseguido. Ele queixa-se de alguns que afrontavam o seu apostolado e ministério, tentando separá-lo dos crentes coríntios (cf. 2 Co 10 e 11). Paulo diz que “tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em obreiros de Cristo”. Ele queixa-se de haver estado em perigo entre falsos irmãos, conforme o seu testemunho: “dos judeus cinco vezes recebi quarenta açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha raça, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos;” (2 Co 11:24-26). A Tradição diz que foi decapitado. Contudo, foi o maior dos apóstolos.

João, é considerado o apóstolo do amor. Porém, queixa-se de Diótrefes, que o não recebia, nem aos irmãos que iam da sua parte, e expulsava da igreja quem os recebia. Eis o seu testemunho: “Escrevi alguma coisa à igreja, mas Diótrefes, que gosta de ter entre eles a primazia, não nos recebe. Pelo que, se eu aí for, trarei à memória as obras que ele faz, proferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, ele não somente deixa de receber os irmãos, mas aos que os querem receber ele proíbe de o fazerem e ainda os exclui da igreja.” (3 Jo 1:9,10). E diz que: “quem faz mal não tem visto Deus”. Finalmente, o apóstolo do amor era tão perigoso que até foi desterrado para a ilha de Patmos. Eu, João, vosso irmão e companheiro convosco na aflição, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.” (Ap 1:9). Todavia, foi recompensado com a visão pessoal de Jesus e a revelação das coisas futuras. Agora está no céu com o seu melhor amigo.

Conclusão

Pelo exposto concluímos que nem sempre Deus nos livra do sofrimento, mas fortalece-nos para suportá-lo a fim de provarmos que Ele está connosco. Pois é mais importante a prova da resistência ao sofrimento, do que o livramento do próprio sofrimento. Quando Paulo queria livrar-se de um espinho na carne ouviu de Deus: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de boa vontade antes me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que repouse sobre mim o poder de Cristo.” (2 Co 12:9). Além disso, estes exemplos podem servir-nos de alerta a fim de não cairmos nos mesmos erros dos seus contemporâneos, que os maltrataram e mataram.

AS PROVAÇÕES

1 Pedro 1:5,6

“pelo poder de Deus estais guardados, mediante a fé, para a salvação que está preparada para se revelar no último tempo, na qual exultais, ainda que agora, por um pouco de tempo, sendo necessário, estejais contristados por várias provações”...

Questão

Já somos salvos, ou esperamos a salvação? E por que motivo é necessário sermos provados com sofrimentos?

Contexto bíblico

Primeiro, é justo dizer que somos salvos logo que aceitamos Jesus como nosso salvador, de acordo com os Evangelhos. “Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão.” (Lc 19:9). “Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.” (Mc 16:16). “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” (Jo 3:17).

É ainda justo dizer que somos salvos, de acordo com os apóstolos: O centurião Cornélio ouviu, numa visão, esta ordem de Deus: “Envia homens a Jope e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras pelas quais serás salvo, tu e toda a tua casa.” (At 11:13,14). O carcereiro em Filipos ouviu esta resposta: “Responderam eles: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.” (At 16:31). Os efésios foram ensinados deste

modo: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2:8).

A salvação é um presente de Deus, concedido graciosamente aos que estenderem a mão da fé para recebê-lo. Esta salvação consta do perdão dos pecados, pelos quais todos estão condenados. Visto haver perdão, deixa de haver condenação, e isto é salvação presente.

Segundo, é correcto dizer que estamos sendo salvos para que sejamos salvos no futuro, conforme as Escrituras. Paulo alega aos tessalonicenses que “a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando nos tornámos crentes.” (Rm 13:11). O autor da epístola aos Hebreus alega que Cristo, após sofrer pelos pecados, aparecerá sem pecado aos que o esperam: “assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.” (Hb 9:28). E Paulo aconselha o seguinte: “mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação.” (1 Ts 5:8).

Esta salvação é concernente ao futuro, quando Cristo voltar para livrar os seus de perecerem às mãos dos atormentadores. Mas, até que isso aconteça, devemos vigiar para manter a salvação presente. E isto acontece mediante a fé e a obediência, como ensina Pedro: “pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para a salvação que está preparada para se revelar no último tempo” (1 Pd 1:5). “alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas.” (1 Pd 1:9). E, “desejai como meninos recém-nascidos, o puro leite espiritual, a fim de por ele crescerdes para a salvação” (1 Pd 2:2).

Esta salvação futura, para a qual estamos sendo guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, é referida em Apocalipse 12:10: “Então, ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e o poder, e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo; porque já foi

lançado fora o acusador de nossos irmãos, o qual diante do nosso Deus os acusava dia e noite.”

Acerca das várias provações da fé diremos: Assim como há certas obras que, depois de concluídas, têm que ser submetidas a testes a fim de provar a sua resistência, também os cristãos são provados com a mesma finalidade. Este é o caso das pontes sobre os rios que, antes de serem abertas ao tráfego público, são submetidas a provas de robustez para assegurar a sua segurança. Assim, também a fé dos crentes é submetida a provas duras para assegurar a sua robustez. Por isso, ninguém deve estranhar as provações porque elas são necessárias para desenvolvimento da fé, que é mais preciosa que o ouro.

Abraão resistiu ao teste de Deus quando lhe pediu para sacrificar o seu único filho. (cf. Gn 22:1,5; Hb 11:17,18). Do mesmo modo, resistiram outros referidos na Galeria da fé do livro de Hebreus. A mulher gentia de Canaã foi testada por Jesus e passou no teste, aceitando ser assemelhada aos cachorros. Cf. Mt 15:22-27). Cristo foi provado em tudo como nós, mas sempre venceu a provação. (Cf. Hb 4:15; Lc 2:28). Importa pois que a nossa fé seja provada pelo fogo, para achar honra e louvor. (Cf. Tg 1:2-4; 1 Pd 1:5-7).

Jó resistiu ao teste da sua fidelidade a Deus quando foi atingida a sua riqueza. (Cf. Jó 1:11,21,22). Resistiu ao teste da fidelidade quando foi atingido pela doença. (Jó 2:5). Resistiu ao teste quando, por estar doente, foi desprezado pela sua esposa. (Jó 2:9,19).

Os três judeus na Babilónia resistiram ao teste da sua fidelidade a Deus quando, ameaçados pelo fogo, rejeitaram adorar o grande ídolo levantado na praça pública. (Dn 3:12,15). Por causa do seu fiel testemunho, o rei reconheceu o seu Deus e exaltou-os. (Dn 3:29,30). Acerca das provações, Jesus deixou-nos esta advertência: “sereis odiados por todos por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo.” (Mt 10:22).

Por conseguinte, ninguém deve estranhar as provações; mas deve, de preferência, preparar-se para resistir-lhes e permanecer firme na fé. Os apóstolos do Senhor deixaram-nos a seguinte mensagem acerca das provações a que estamos sujeitos: “Amados, não estranheis a ardente provação que vem sobre vós para vos experimentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas regozijai-vos por serdes participantes das aflições de Cristo; para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e exulteis.” (1 Pd 4:12,13). Porque “o vosso adversário, o Diabo, anda em derredor, rugindo como leão e procurando a quem possa tragar; ao qual resisti firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos estão-se cumprindo entre os vossos irmãos no mundo.” (1 Pd 5:8).

Pedro e Paulo ensinaram que quando Deus observa fidelidade Ele dará o escape no momento adequado e, finalmente, honra e louvor: “Não vos sobreveio nenhuma tentação, senão humana; mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o meio de saída, para que a possais suportar.” (1 Co 10:13). E ainda: “alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração.” (Rm 12:12). “santificai a Cristo como Senhor em vossos corações e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1 Pd 3:15). “para que a prova da vossa fé, mais preciosa que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1 Pd 1:7).

Conclusão

Portanto, a salvação tem três tempos: passado, presente e futuro. Quando aceitamos Cristo como Salvador somos salvos. Enquanto vivemos esta salvação estamos sendo salvos. E seremos salvos, finalmente, quando formos retirados ao nosso adversário. A fé é um valor tão precioso

concedido por Deus, que devemos protegê-la a qualquer preço. A fidelidade a é tão apreciada pelo Senhor, que devemos preservá-la em todas as circunstâncias. Devemos fortalecer-nos espiritualmente de maneira que nada neste mundo possa separar-nos de Deus. Para que isto aconteça é preciso treinar a resistência constantemente resistindo às provações.

JÁ SABEIS TUDO

1 João 2:20

“Ora, vós tendes a unção da parte do Santo e sabeis tudo.”

Questão

Quem tem Cristo e a sua unção já sabe tudo e não precisa de estudar para saber mais?

Pelo facto de desprezarem o contexto apareceu uma interpretação errada dos versículos 20 e 27 que levou muitos a descurar a preparação bíblica através do estudo académico porque a unção que possuíam os ensinava e já sabiam tudo.

O facto de desprezar o contexto bíblico imediato levou ao erro de permanecer na ignorância a pretexto de saber tudo. Vejamos o que diz o apóstolo João na sua primeira carta de instrução:

1 Jo 2:21-23 – “Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Esse mesmo é o anticristo, esse que nega o Pai e o Filho. Qualquer que nega o Filho, tam-

bém não tem o Pai; aquele que confessa o Filho, tem também o Pai. “

Versões

Eis quatro traduções do mesmo versículo para comparação:

1 Jo 2.20 – E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo. (Almeida)

1 Jo 2:20 – Ora, vós tendes a unção da parte do Santo, e todos tendes conhecimento. (Almeida)

1 Jo 2:20 – But ye have an ointment from that Holy one, and know all things. (Geneva)

1 Jo 2:20 – But ye have an unction from the Holy One, and ye know all things. (King James)

1 Jo 2.20 – But you have an anointing from the Holy One and all of you know the truth. (NIV)

1 Jo 2:27 – “E quanto a vós, a unção que dele recebestes fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como vos ensinou ela, assim nele permaneci.” (Almeida)

Solução

Ao observar o contexto notaremos que João lidava com a crise gnóstica. Os versos 21,23 declaram que os cristãos sabiam a verdade acerca de Jesus como Filho de Deus e Messias (Cristo) e não tinham necessidade de receber outro ensinamento sobre o assunto.

João combatia a filosofia gnóstica, disseminada por judeus gregos influenciados pela filosofia grega, que tentava relegar Jesus para uma existência simplesmente humana, negando assim a encarnação do Messias como ele tinha ensinado e escreveu no seu evangelho.

João tinha que defender a verdade sobre Cristo alertando os crentes para o falso ensinamento em voga. De

modo semelhante temos de fazer actualmente, avisando os cristãos acerca das interpretações perniciosas por falta de preparação adequada.

Por conseguinte, convém que o leitor obtenha uma adequada preparação bíblica a fim de não ser enganado por falsas interpretações.

PECADO PARA MORTE

1 João 5:17

“Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda a injustiça é pecado; e há pecado que não é para a morte.”

Questão

Se toda a iniquidade é pecado, qual é o pecado causador de morte e o não causador de morte?

Contexto bíblico

1 Jo 5:14,15 – “E esta é a confiança que temos nele, que se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as coisas que lhe temos pedido.

1 Jo 5:16,17 – “Se alguém vir seu irmão cometer um pecado que não é para morte, pedirá, e Deus lhe dará a vida para aqueles que não pecam para a morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda injustiça é pecado; e há pecado que não é para a morte.

1 Jo 5:18 – “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive pecando; mas aquele que nasceu de Deus guarda-o e o Maligno não lhe toca.”

Solução

O Antigo Testamento informa-nos destas duas classificações de pecado através dos livros de Levítico e Números, que revelam a cultura hebraica.

Lv 6:4-7 fornece-nos uma lista do pecado cujo praticante não sofria a condenação à morte. Lv 20 fornece-nos a lista do pecado cujo praticante era condenado à morte por apedrejamento. Nm. 21:4-9 dá-nos conhecimento da acção de Moisés após o pecado de murmuração do povo. Ele orou e Deus poupou-lhes a vida. Este pecado não era para morte.

O Novo Testamento informa-nos da nova cultura cristã à luz da doutrina de Cristo. Mateus 5:7 declara bem-aventurados os misericordiosos. Mt 18:15-22 exemplifica essa mesma misericórdia através do conselho e do perdão.

Nota: Este trecho refere-se ao pecado geral, não somente a ofensas pessoais: Duas ou três testemunhas são exigidas pela lei levítica. Mas, enquanto as sob a lei levítica as testemunhas apedrejavam o pecador, sob a lei de Cristo as testemunhas cristãs conduzem o pecador ao perdão. Caso a sua acção não resulte, devem deixar essa pessoa seguir o seu próprio caminho, v. 17.

Aqueles dois ou três reunidos sobre este assunto têm prometida a assistência de Jesus, cf. v. 20. Jo 8:1-11 revela misericórdia de Jesus a uma mulher que deveria ser apedrejada até à morte, conforme Jo 8:4,5: “disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Ora, Moisés nos ordena na lei que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?”

Paulo em 1 Co 5:4,5 manifesta a sua atitude concernente ao abusador da mulher de seu pai. Tal pecado merecia a morte segundo a lei, mas o apóstolo prefere entregá-lo aos cuidados de Satanás a fim de ser açoitado e, ainda, ser salvo. 2 Co 2:5-11 deve referir-se à tristeza provocada

pela exclusão daquele pecador, o qual os cristãos deveriam agora perdoar e restaurar.

Cristo ensinou que há um só pecado sem perdão, que é resistir ao Espírito Santo. Mateus informa-nos que manter uma atitude permanente de rebeldia contra a acção do Espírito Santo é pecado sem perdão: “Portanto vos digo: Todo o pecado e blasfémia se perdoará aos homens; mas a blasfémia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro.” (Mt 12:31,32).

Conclusão

À luz da lei de Cristo o único pecado que não tem perdão é a rebelião contínua do pecador, que não demonstra qualquer hipótese de arrependimento e mudança. Rejeitar a salvação de Cristo não tem perdão.

O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO

2 Coríntios 5:18

“Mas todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação;”

Questão

O que é o ministério da reconciliação, quais as suas características, e a quem foi atribuído este ministério?

Contexto bíblico

O ministério da reconciliação é a função mais impor-

tante entregue a todos os cristãos para todos os tempos e lugares. Paulo, ao rogar aos coríntios para dizerem todos uma mesma coisa, está pedindo para restaurarem a unidade com o pensamento de que foram resgatados por Cristo, e a confissão unânime de que todos são de Cristo somente. O contexto prova isto mesmo, e não outras coisas (1 Co 1:10 e 2:23). O ministério da reconciliação visa levar todos a ficarem unidos à volta de Cristo, a origem de todas as coisas. É o ponto central da mensagem do verdadeiro apóstolo do Senhor. Quando o mensageiro se afasta da mensagem da cruz, com acréscimos desnecessários, está prejudicando a pretendida unidade de Jesus.

Será verdade que todos acreditamos na oração feita pelo Senhor acerca da unidade? Ou confiamos mais em nossas confissões de fé do que na Sua valiosa oração? As Suas palavras terão sido pronunciadas com menos fé do que as nossas para que a Sua vontade não seja realizada? Se Cristo disse que tudo o que, em Seu nome, pedirmos na Pai, Ele o fará, como não aconteceria um pedido Seu tio importante?!

Acho que uma coisa somente é necessária. Reconhecer que aqueles que o Espírito Santo introduz no corpo de Cristo passam a formar um corpo. A verdadeira unidade provém do Espírito, é espiritual, não organizacional; é colaboracional, não ritual. É mister reconhecer a necessidade e utilidade da colaboração de todos os membros do corpo para o bom funcionamento do mesmo, e para que o mundo creia que Jesus vive entre nós (Jo 17:21).

É por este motivo que o apóstolo se empenha arduamente a defender o seu ministério perante uma igreja dividida a fim de que, mediante a reconciliação, voltassem ao estado inicial da fé em Jesus. E, os factos que distinguem o seu apostolado são verificáveis na sua paciência, sinais, prodígios e milagres; nas muitas dificuldades, prisões, açoites, e perigos de morte (2 Co 12:12).

Quanto àqueles que o caluniavam considera-os falsos,

disfarçados em apóstolos de Cristo, tirando daí proveito próprio. E assevera que Satanás se disfarça em anjo de luz; é natural que os seus ministros também se disfarcem em ministros da justiça (2 Co 11:13-15). Porém, estes, em nome da justiça, oprimem o povo com regras tradicionais, o que, à luz da Bíblia, é uma grande injustiça.

Transcrevemos, para o efeito, aquilo que foi decidido no Concílio em Jerusalém: “Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação; das quais bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá” (At 15:28,29). O Apóstolo esforçara-se por alcançar esta liberdade para os gentios e estava zeloso no cumprimento da mesma. Ele demonstra que o seu interesse primário são as pessoas e não códigos opressores. Paulo ensina que onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade, Então, onde não está o Espírito do Senhor, aí há mandamentos.

Transcreve-se também o mandamento supremo, que nos proporciona viver em liberdade, porque é o cumprimento de toda a Lei: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13:34,35).

O ministério da reconciliação é um serviço apostólico prestado a Cristo, como se Ele mesmo estivesse ao serviço das pessoas. E Paulo, à semelhança do seu Mestre, gasta e deixa-se gastar para benefício do povo que Deus lhe confiou. Em tudo procura agradar ao Senhor que o comissionara com a certeza de receber a justa recompensa quando comparecer perante o infalível tribunal de Cristo (2 Co 5:10).

Esta deverá ser a atitude dos cristãos, especialmente dos ministros do evangelho. Deus deu-nos o ministério da

reconciliação, não o ministério da guerra. Se alguém quiser guerrear temos todos o mesmo adversário que nos não dá tréguas. Lúcifer, o adversário de Deus, opõe-se a tudo que esteja nos Seus planos e é aí, nesse campo, que devemos fazer a nossa guerra, unidos contra Satanás.

O exemplo do apóstolo Paulo é dos mais nobres, e deverá ser seguido por aqueles que desejam um ministério segundo o coração do seu Senhor. E, Jesus disse: “Vós sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos manda; isto vos mando. que vos ameis uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 15:14,17). Por conseguinte, o que ama o seu próximo jamais lhe faz algum mal. O amor não prejudica, só edifica. Pois o amor é o cumprimento total da lei (Rm 13:10).

O ministério apostólico da reconciliação compreende a missão de alguém que foi comissionado por Jesus para, em Seu nome, ministrar às necessidades humanas. Isto aconteceu com Saulo de Tarso, que foi conquistado pelo Senhor no caminho de Damasco. E, acerca dele foi revelado a Ananias que seria um vaso escolhido para levar a mensagem da reconciliação entre Deus e os homens, judeus e gentios, por todo o lugar. Mas, também foi declarado que esse ministério seria marcado por sofrimentos vários, (At 9:2).

À semelhança do Mestre Jesus, todo aquele que se empenhar na tarefa de representá-lo na Sua missão entre os homens passará por tais experiências, mais ou menos parecidas. Isto aconteceu em grande escala com Paulo, intrépido fundador de igrejas e defensor da Verdade e da liberdade que há em Cristo Jesus. Por não se acomodar à situação tradicional, porque em Cristo há uma renovação contínua da mente e conseqüente transformação para melhor, (Rm 12:2) foi rejeitado, caluniado e perseguido, (Gl 5:11) a fim de pôr em dúvida e destruir o seu ministério.

Paulo iniciara a sua nobre missão de proclamador do

evangelho sem consultar ou pedir credenciais em Jerusalém. Ele supunha bastante o convite que lhe fora formulado pelo seu Senhor Esta circunstância foi usada pelos seus adversários perante as próprias igrejas por ele fundadas para desacreditar a genuinidade da sua chamada, e levar os crentes a abandoná-lo, o que parcialmente conseguiram, (Gl 4:17). Ao ser informado do que estava acontecendo na igreja coríntia, e noutras, escreve uma e outra carta em sua própria defesa e da igreja, que estava sendo minada por falsos mestres em nome da verdade e da ortodoxia. Enquanto eles defendiam as tradicionais práticas rabínicas, como sendo a Lei de Moisés, Paulo proclamava o Evangelho da graça, que consiste em um novo mandamento de supremo valor (Jo 13:34,35): Amar o próximo como a nós mesmos é o cumprimento de toda a Lei (Gl 5:14).

O apóstolo das gentes, em sua defesa, apela para credenciais vivas, comprovativas da sua vocação e genuinidade da chamada divina. Esses cristãos eram as suas e melhores cartas de recomendação, mas eles estavam desvalorizando esse factor importante (2 Co 3:3). Ele estava seguro de haver sido comissionado pelo próprio Senhor Jesus, maior que todos os adversários. E, com esta certeza jamais alguém poderá ceder a pressões humanas para alterar a Verdade da palavra de Deus. O apóstolo é fiel Àquele que o comissionou e luta denodadamente para convencer uns e outros das suas razões de forma a existir unidade no corpo de Cristo.

Será bom notar que a unidade não deverá acontecer a qualquer preço, mas sim, e somente, mediante a operação do Espírito Santo, na obediência à verdade do evangelho da graça de Deus. Este é a Boa Nova da libertação. Não veio para condenar, mas para salvar. Tal como João escreveu: "Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele". A salvação é resultado da graça de Deus, recebida pela fé, tendo em vista a unidade espiritual. Paulo

diz que não vem das obras para que ninguém se glorie (Ef 2:10). É que, enquanto alguns se gloriavam no cumprimento parcial da lei e regras rabínicas, o apóstolo de Cristo gloriava-se no sacrifício do Cordeiro de Deus, o cumprimento total da Lei.

Aqueles mestres optaram pelo ministério da Lei, que consiste de letra escrita em pedras (ou papel), a qual condena à morte quem não agir conforme as exigências da mesma (2 Co 3:7). O apóstolo de Cristo cumpre o ministério da Graça, gravando o evangelho nos corações em espírito vivificante. Enquanto a Lei condena o transgressor; a Graça justifica o crente no cumprimento de Cristo. Portanto, todo aquele que for comissionado pelo Senhor deve proclamar a mensagem da Graça Libertadora. Porque, como diz Paulo, “aonde está o Espírito do Senhor aí há liberdade” (2 Co 3:17). E, ser livre é viver à sombra da cruz, não da lei, ou tradições rabínicas.

O ministério apostólico é reconciliador porque esta é a função suprema de Jesus, a qual ele concede aos seus comissionados (2 Co 5:18). Cristo é o Mediador para a reconciliação e a união com o Pai. Satanás inspira inimizade e agressão. Cristo produz reconciliação e amor. Assim, como membros do seu corpo, havemos de cumprir este ministério da reconciliação, ou não seremos servos de Cristo.

A Oração de Jesus “*para que todos sejam um*” terá o seu cumprimento, observado em todo o lugar, se não desvalorizarmos a obra da cruz, onde Cristo derribou a parede da separação para formar um só corpo. Se destruímos os muros do racismo, das culturas e tradições étnicas, se reconhecermos e estimularmos o direito à liberdade de pensamento e expressão; das diferentes formas de cultuar a Deus, conforme o Espírito Santo orientar.. Se reconhecermos que cada parte de um mesmo corpo não tem a mesma forma, será possível concluir que já somos um em Cristo.

A unidade não é observada por fazermos, usarmos ou praticarmos todas as mesmas coisas ou rituais, mas sim, porque o Espírito de Cristo pode ser visto em nós na vida diária. E, Este não é observado no cumprimento de certas regras, mas na demonstração do fruto do Espírito, como refere Paulo aos Gálatas (Gl 5:22). Outrossim, é o Espírito Santo quem nos introduz no corpo de Cristo. É Ele quem une as diferentes partes e as acciona de modo a servirem para o bem colectivo. Deus prova, com a Sua Criação, que a verdadeira unidade está na diversidade. Isto é, as diferentes naturezas, formas e cores, resultam em um cosmos.

Conclusão

É imperativo reconhecer esta lição de Deus e confessar que já somos um em Cristo, apesar das diferenças. Além disso, é mister reconhecer que o ministério da reconciliação foi entregue a todos, pelo que devemos estar envolvidos no seu cumprimento a fim de haver um só Corpo e um só Espírito, como há um só Deus.

CAPÍTULO VII

REVELAÇÃO

REIS E SACERDOTES

Apocalipse 1:6

“Àquele que nos ama e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos fez reino, sacerdotes para Deus, seu Pai, a ele seja glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém.”

Questão

O Reino de Deus será formado por reis e sacerdotes no governo? Ou seremos todos reis e sacerdotes individualmente? Ou sê-lo-emos colectivamente?

Contexto bíblico

Ap 1:6 – reis e sacerdotes é, no grego, “*basileian, iereis to Theo*” isto é: “nos fez reino, sacerdotes para Deus”. Muitos documentos gregos contêm no lugar de sacerdotes “*ierateuma*” que significa sacerdócio, e diz respeito à função sacerdotal colectiva dos filhos de Deus que temos presentemente..

Em Apocalipse 5:10 lemos: “e para o nosso Deus os fizeste reino e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.” No grego, “*basileian kai iereis*” isto é: reino e sacerdotes. Outro documento grego importante contém “*ierateian*”,

que está no singular. Portanto, somos reino sacerdotal, como representantes de Deus entre os homens.

A ideia vem de Êxodo 19:6 onde Deus revelou a Israel que seriam para Ele “reino sacerdotal e povo santo” para o representar na terra. “e vós sereis para mim reino sacerdotal (*basileion ierateuma*) e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.” A Vulgata contém: “*regnum sacerdotale et gens sancta*”.

Com isto concorda Pedro quando ensina os cristãos que são “sacerdócio real” isto é: *basileion ierateuma*” ou, reino sacerdotal. E define que as funções sacerdotais cristãs são anunciar as virtudes de Deus, 1 Pd 2:9. “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;”

1 Pd 2:5 – “vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo “*ierateuma agion*”, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.”

Conclusão

Os cristãos são considerados reino sacerdotal porque representam os interesses do Reino, aproximam as pessoas de Deus e umas das outras, tendo em vista a edificação do reino de Deus. Por conseguinte, a nossa função é colectiva, tal como os reformadores no ensinaram: o sacerdócio pertence a todos os crentes para edificação do reino de Deus.

O CAVALO BRANCO

Apocalipse 19:11

“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça.”

Questão

Qual a diferença entre o cavalo mencionado no capítulo dezanove e no capítulo seis? Não simbolizarão eles o mesmo personagem na visão profética?

Contexto bíblico

Esta visão estava num rolo selado com sete selos, um para cada símbolo respectivamente. “Vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, bem selado com sete selos” (5:1). “E vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi um dos quatro seres viventes dizer numa voz como de trovão: Vem” (6:1). Incluamos agora o segundo versículo do capítulo seis: “Olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vencendo, e para vencer.” (6:2).

O primeiro selo revela um cavalo branco, um cavaleiro que recebeu uma coroa, e saiu para vencer (v. 2). O segundo selo revela um cavalo vermelho, e o cavaleiro recebeu permissão para tirar a paz da terra, e que os homens se matassem uns aos outros (v. 4). O terceiro selo revela um cavalo preto, e o cavaleiro tinha uma balança na mão, significando fome e racionamento (v. 5). O quarto selo revela um cavalo amarelo, e o cavaleiro tinha por nome

Morte (v. 8). O quinto selo revela o resultado da acção anterior, as almas dos justos debaixo do altar (v. 9).

A visão dos quatro cavalos é simplesmente uma revelação da mesma personagem que se levantaria na disposição de dominar o mundo despoticamente. Para isso seria necessário perseguir os discípulos do Cordeiro de Deus até à morte. A esse personagem a Bíblia chama o ‘homem do pecado’, isto é, aquele que, artificialmente, se colocaria no lugar que pertence a Cristo, como advertiu o apóstolo Paulo aos tessalonicenses:

Paulo adverte os cristãos acerca da possibilidade de engano: “Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto. Ninguém de modo algum vos engane, porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição” (2 Ts 2:1-3).

E continua: “Pois o mistério da iniquidade já opera; somente há um que agora o detém até que seja posto fora e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda; a esse iníquo cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos.” (Ts 2:7-10).

O apóstolo João chama-lhe mentiroso e anticristo: “Fihinhos, esta é a última hora; e, conforme ouvistes que vem o anticristo, já muitos anticristos se têm levantado, por onde conhecemos que é a última hora... Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Esse mesmo é o anticristo, esse que nega o Pai e o Filho. (1 Jo 2:18,22). Porque já muitos enganadores saíram pelo

mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Tal é o enganador e o anticristo.” (2 Jo 1:7).

A João foi também revelada uma confederação disposta a combater contra o Cordeiro, mas o Cordeiro saiu vencedor: “Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade, como reis, por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta. Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os que estão com ele, os chamados, e eleitos, e fiéis.” (Ap 17:12-14). Os dez chifres simbolizam o poder total da confederação política, cuja autoridade seria entregue ao à besta. Esta palavra ‘besta’ foi traduzida do grego ‘therion’ que significa fera, animal selvagem e perigoso. É este o carácter daquele que ambiciona o lugar de Cristo e se dispõe a lutar contra Ele.

O sexto selo revela a ira do Soberano Senhor com catástrofes sobrenaturais em toda a terra (vv. 12-17). O sétimo selo revela a ira do Todo-Poderoso simbolizada na visão das sete trombetas (8:7-11:15). Mas a sétima trombeta revela a vitória de Cristo, conforme está escrito: “E tocou o sétimo anjo a sua trombeta e houve no céu grandes vozes que diziam: O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.” (Ap 11:15).

Entretanto, a noiva do Cordeiro é chamada para festejar as suas bodas ao lado do Noivo, de acordo com o trecho bíblico da visão: “Também ouvi uma voz como a de grande multidão, como a voz de muitas águas, e como a voz de fortes trovões, que dizia: Aleluia! porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso. Regozijemo-nos, e exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, e já a sua noiva se preparou e foi-lhe permitido vestir-se de linho fino, resplandecente e puro; pois o linho fino são as obras justas dos santos. E disse-

me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. Disse-me ainda: Estas são as verdadeiras palavras de Deus.” (Ap 19:6-9).

E João continua a descrever a sua visão: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. Os seus olhos eram como chama de fogo; sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. Estava vestido de um manto salpicado de sangue; e o nome pelo qual se chama é o Verbo² de Deus. Seguiam-no os exércitos que estão no céu, em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. Da sua boca saía uma espada afiada para ferir com ela as nações; ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. No manto, sobre a sua coxa tem escrito o nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores.” (Ap 19:11-16).

Conclusão

Descobrimos, tanto pela descrição como pelos resultados dos primeiros quatro selos, que o capítulo seis e Apocalipse revela o aparecimento e a acção dum enganador, capaz de operar maravilhas para atrair a si os incautos, com pretexto de paz, mas para tirar a paz da terra. Ainda que seja facilmente aceite por muitos, encontrará igualmente a oposição de grande número de fiéis, que foram comprados pelo sangue do Cordeiro e rejeitam pactuar com o seu adversário. A segunda visão do cavalo branco, que traria paz à terra, é descrita no capítulo dezanove, cujo cavaleiro se chama ‘Fiel e Verdadeiro’ ‘Logos de Deus’, ‘Rei dos reis’ e ‘Senhor dos senhores’. O seu reino é espiritual e eterno, e dele participa gente de todas as eras.

² A palavra Verbo é no grego ‘Logos’ ou ‘Palavra’ atribuída por João ao Senhor Jesus, no seu evangelho.

A CIDADE DE DEUS

Apocalipse 21:2

“E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo.”

Questão

Que cidade é esta que desce do céu até à terra como uma esposa? Quem é o noivo? Será uma cidade física, ou uma cidade humana?

Contexto bíblico

No princípio o Criador estabeleceu a base para uma cidade de Deus, conforme o relato de Gênesis 2:7,8: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente. Então plantou o Senhor Deus um jardim, da banda do oriente, no Éden, e pôs ali o homem que tinha formado.” Este propósito, contudo, foi alterado com a entrada do pecado, e o primeiro casal foi expulso daquele lugar. Porém, o nascimento de Sete renovou a esperança de haver uma sociedade justa porque “Foi nesse tempo que os homens começaram a invocar o nome do Senhor” (Gn 4:26).

A esperança na descendência de Sete foi também gorada porque os seus filhos misturaram-se com os ímpios descendentes de Caim, e Deus decidiu destruir aquela humanidade e estabeleceu o seu pacto com Noé: “Porque eis que eu trago o dilúvio sobre a terra para destruir, de baixo do céu, toda a carne em que há espírito de vida; tudo

o que há na terra expirará. Mas contigo estabelecerei o meu pacto; entrarás na arca, tu e contigo teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos.” E Noé fez tudo conforme o Senhor lhe ordenara. (Gn 6:17,18). Todavia, Eles decidiram edificar orgulhosamente uma cidade sua, não a de Deus. “Disseram mais: Eia, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo cume toque no céu, e façamo-nos um nome para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.” (Gn 11:4). Por este motivo o Senhor contrariou os seus propósitos e provocou a dispersão pela terra.

Depois, na mesma terra onde localizara o jardim do Édem, escolheu Abrão e chamou-o a fim de edificar a sua cidade com ele. Seria a cidade de Deus, como está escrito: “Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Eu farei de ti uma grande nação; abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu, serás uma bênção.” (Gn 12:1,2). Abrão foi obediente e rumou sem rumo certo, somente confiando na direção de Deus. Mais tarde, o Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: “estabelecerei o meu pacto contigo e com a tua descendência depois de ti em suas gerações, como pacto perpétuo, para te ser por Deus a ti e à tua descendência depois de ti. Dar-te-ei a ti e à tua descendência depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em perpétua possessão, e serei o seu Deus.” (Gn 17:7,8).

Após a sua descendência haver passado cerca de quatrocentos anos no Egípto, Deus chamou Moisés e entregou-lhe a missão de tirá-los dali para os conduzir à terra prometida. Moisés foi obediente e fez como o Senhor lhe ordenara. Quando tinham chegado ao Sinai Deus disse-lhes: “Agora, pois, se atentamente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu pacto, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.” (Êx

19:5,6). Ao que o povo respondeu: Tudo o que o Senhor tem falado faremos (cf. Êx 19:8). Infelizmente não cumpriram esta promessa, mas Deus foi misericordioso.

Entretanto Deus escolheu Judá, de cuja tribo sairia aquele que receberia o bastão para reinar com autoridade, de acordo com as Escrituras: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de autoridade dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence; e a ele obedecerão os povos.” (Gn 49:10). Essa eleição caiu sobre David, que foi ungido rei sobre todo o Israel pelo profeta Samuel: “Então disse o Senhor: Levanta-te e unge-o, porque é este mesmo. Então Samuel tomou o vaso de azeite e o ungiu no meio de seus irmãos; e daquele dia em diante o Espírito do Senhor se apoderou de David.” (1 Sm:16:13). Mais tarde, já investido no cargo, David procura conquistar a cidade dos Jebuseus: “Depois partiu o rei com os seus homens para Jerusalém, contra os jebuseus, que habitavam naquela terra, os quais disseram a Davi: Não entrarás aqui; os cegos e os coxos te repelirão; querendo dizer: Davi de maneira alguma entrará aqui. Todavia Davi tomou a fortaleza de Sião; esta é a cidade de Davi.” (2 Sm:5:6,7). Esta seria a futura cidade de Deus.

“Então o anjo do Senhor ordenou a Gade que dissesse a Davi para subir e levantar um altar ao Senhor na eira de Ornã, o jebuseu. Subiu, pois, Davi, conforme a palavra que Gade falara em nome do Senhor.” (1 Cr 21:18,19). “Então disse Davi: Esta é a casa de Senhor Deus, e este é o altar de holocausto para Israel.” (1 Cr 22:1). E teve o cuidado de ajuntar tudo o que era necessário para a construção da casa do Senhor, uma riqueza fabulosa: “Eu, pois, com todas as minhas forças tenho preparado para a casa de meu Deus o ouro para as obras de ouro, a prata para as de prata, o bronze para as de bronze, o ferro para as de ferro e a madeira para as de madeira; pedras sardônicas, pedras de engaste, pedras de ornato, pedras de várias cores, toda

sorte de pedras preciosas, e mármore em abundância.” (1 Cr 29:2).

A seguir, cabe a seu filho Salomão o privilégio de construir a morada do Senhor nesse lugar, e em redor cresceu uma cidade, que se chamaria ‘Jerusalém’, ou cidade da paz.. Uma profecia de Ezequiel refere a existência duma cidade com suas portas aos quatro ventos, cujo nome será Jeová-Samá, que significa ‘o Senhor está ali’ (cf. Ez 48:30-35). Se o Senhor está ali, a mesma será a Cidade de Deus. Fornece igualmente a característica da sua flora. “E junto do rio, à sua margem, de uma e de outra banda, nascerá toda a sorte de árvore que dá fruto para se comer. Não murchará a sua folha, nem faltará o seu fruto. Nos seus meses produzirá novos frutos porque as suas águas saem do santuário. O seu fruto servirá de alimento e a sua folha de remédio.” (Ez 47:12).

Muito antes já o salmista cantava: “Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o lugar santo das moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela, não será abalada; Deus a ajudará desde o raiar da alva.” (Sl 46:4,5). E o livro de Apocalipse revela uma cidade semelhante no futuro onde Deus habita: “Nela não vi santuário porque o seu santuário é o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro.” (Ap 21:22). “E mostrou-me o rio da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, e de ambos os lados do rio estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a cura das nações.” (Ap 22:1,2).

João foi também convidado a observar o aspecto da cidade de Deus, cuja descrição é semelhante à fornecida por Ezequiel: “e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, tendo a glória de Deus; e o seu brilho era semelhante a uma pedra

preciosíssima, como a pedra de jaspe; e tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Ao oriente havia três portas, ao norte três portas, ao sul três portas, e ao ocidente três portas. E disse: “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes [no sangue do Cordeiro] para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas.” (Ap 21:9-14). E a revelação continua: “A cidade não necessita do sol nem da lua para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. As nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão para ela a sua glória.” (Ap 21:23,24).

Acerca da luz o Senhor asseverou que Ele é a luz do mundo, e que os seus discípulos são também a luz do mundo, de acordo com as Escrituras: “Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andarão em trevas, mas terá a luz da vida.” (Jo 8:12). E, “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte.” “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mt 5:14,16). Portanto, “Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminárias no mundo” (Fl 2:15).

O autor da epístola aos Hebreus escreveu que pela fé em Cristo chegamos à cidade de Deus: “Mas tendes chegado ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, a miríades de anjos; à universal assembleia e igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12:22,23).

Conclusão

Em vista do exposto, consideramos que a cidade de Deus é formada por todos os resgatados pelo Cordeiro de Deus. Ele mesmo é o fundamento dessa cidade, de acordo com as suas palavras perante os discípulos: “sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela”. (Mt 16:18). O esposo é Jesus, que prometeu voltar para levar a sua esposa consigo para casa do Pai, e um dia regressar com ela. A Cidade de Deus será composta por pessoas salvas e santificadas, as quais recebem a luz do Senhor para a reflectirem neste mundo e alumiar a todos. Assim será agora e no futuro.

* * * * *

ÍNDICE REMISSIVO

TEXTOS	TEMAS RESPECTIVOS	Pág
Gn 2:27	O Homem Imagem de Deus	9
Gn 3:4,5	Sereis como Deus	13
Gn 6:2	Os Filhos de Deus	16
Gn 6:6	Deus arrependeu-se	20
Gn 18:1,2	Três varões com Abraão	24
Gn 22:2	Deus manda matar	26
Êx 3:2	A Sarça em Fogo	30
Êx 3:13,14	O Nome de Deus	36
Lv 17:11	A alma da carne	39
Nm 14:22,23	Provado dez vezes	43
Dt 18:9-11	O Ocultismo	50
Dt 22:5	As Vestes Unissexo	54
Js 1.3,4	Conquistar a Cidade	57
Js 22:5	Relacionamento com Deus	60
Sl 119:150	Luz para o caminho	65
Sl 150:1	Expressões de Louvor	69
Pv 22.6	A Educação Hebraica	71
Pv 18:24	Muitos Amigos	72
Is 13:9	O Dia do Senhor	77
Is 45:1-7	A existência do Mal	82
Is 53:4	Feridas Saradas	84
Is 53:2	Nenhuma Beleza	87
Ez 9:4	A Marca da Salvação	89
Ez 13:18	Adornos nas Mãos	92
Ez 37:1-3	Ossos Secos	94
Mt 3:7-12	Batismo de Fogo	99
Mt 12:38,39	Procurar Sinais	104
Mt 13	Parábolas do Reino	107
Mt 13:33	O Fermento na massa	110
Mt 16:18	A Igreja de Cristo	112
Mt 18:19,20	Dois ou três reunidos	117
Mt 19:23,24	Reino de Deus ou Reino dos Céus	121
Mt 19:24	O Camelo e a Agulha	123

Mt 25:31-34	Céu, Inferno e Purgatório	125
Mc 9:49,50	Salgado com Fogo	128
Mc 14:25	O Vinho Novo	131
Lc 1:36,38	Uso de Logos e Rema	133
Lc 7:45,46	A Unção e seus Usos	139
Lc 10:18	Satanás caído	142
Lc 16:23	Hades – Sheol	102
Lc 22:5,6	Cristo na Cruz	144
Lc 24:35,36	Cristo vive	147
Jo 3:5	Nascer da Água	152
Jo 10:34-36	Não somos deuses	156
Jo 13:14,15	O Lava-Pés ritual	160
Jo 15:1,2	Levantar a Vara	163
Jo 15:2-16	Fruto Permanente	165
Jo 15:12	O Amor, O que é	168
Jo 19:17	Na Via Dolorosa	172
Jo 20:22,23	Recebi o Espírito Santo	177
At 1:10,11	Jesus Voltará	181
At 2:38	Batismo para Remissão	186
At 13:22	Segundo o Coração de Deus	189
At 14:21,22	Permanecer na Fé	193
At 17:11	Maior Nobreza	198
At 17:23	O Deus Desconhecido	201
At 20:28	A Missão dos Bispos	207
At 28:20,28	A Esperança de Israel	211
Rm 8:29,30	Os Predestinados	217
Rm 12:3	A Soberba	223
Rm 13:3,4	Os Ministros de Deus	225
1 Co 11:4,5	Os Adornos Cristãos	229
1 Co 13:9,10	O Perfeito Quem é	234
1 Co 14:5	Falando Línguas	238
1 Co 14:26	O Culto Cristão	241
1 Ts 5:17	Orar sem Cessar	250
Hb 1:5	Hoje te gerei	254
Hb 5:7,8	A Petição de Jesus	260
Hb 11:6	A Fé verdadeira	263

Hb 11:36-38	Homens de Deus maltratados	266
1 Pd 1:5,6	As Provações	274
1 Jo 2:20	Já Sabeis tudo	278
1 Jo 5:17	Pecado para Morte	280
2 Co 5:18	O Ministério da Reconciliação	282
Ap 1:6	Reis e Sacerdotes	289
Ap 19:11	O Cavalo branco	291
Ap 21:2	A Cidade de Deus	295